

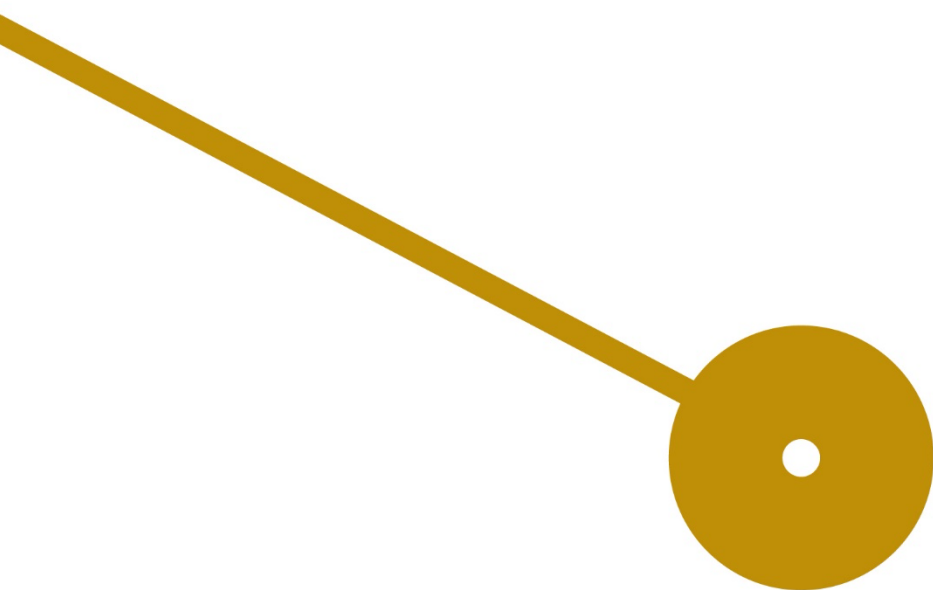


EntreLugares:

Autoetnografia Sonora entre Memória, Presença e Alteridade

José Antunes Luzia Junior

06/2025





EntreLugares:

Autoetnografia Sonora entre Memória, Presença e Alteridade

José Antunes Luzia Junior

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Artes e Tecnologias do Som

Professor(es) Orientador(es):

Bruno Pereira

Filipe Lopes

Dedico este trabalho aos afetos que me cercam.

Resumo

Esta investigação explora a fragmentação da identidade como ferramenta de resistência e integração, analisando seus impactos no sensível a partir de um conjunto autoetnográfico composto por narrativas, memórias, depoimentos, cartas, imagens e sons. EntreLugares propõe um processo de transdução, no qual sensações e memórias são convertidas em linguagem sonora, refletindo sobre os limites da expressão e da linguagem. O trabalho estabelece uma relação subjetiva entre as múltiplas dimensões que compõem a identidade e a criação de obras sonoras, promovendo uma reflexão crítica sobre alteridade, redes de afeto e práticas de escuta. A partir de uma experiência individual, a pesquisa se expande para dialogar com questões coletivas e sociais relacionadas à identidade, sexualidade e alteridade. Ao explorar a tensão entre o íntimo e o coletivo, o projeto transita entre esses espaços, materializando-se em um ensaio literário e um álbum sonoro.

Palavras-chave: fragmentação da identidade, composição sonora, sexualidade autoetnografia e alteridade.

Abstract

This research explores the fragmentation of identity as a tool for resistance and integration, analyzing its impact on the sensitive through an autoethnographic collection composed of narratives, memories, testimonies, letters, images, and sounds. *EntreLugares* proposes a process of transduction, in which sensations and memories are converted into a sonic language, reflecting on the limits of expression and language itself. The work establishes a subjective relationship between the multiple dimensions that shape identity and the creation of sound works, fostering a critical reflection on alterity, networks of affection, and listening practices. Starting from an individual experience, the research expands to engage with collective and social issues related to identity, sexuality, and otherness. By exploring the tension between the intimate and the collective, the project moves between these spaces, materializing as a literary essay and a sound album. reflection on an individual experience but expands and engages with collective and social issues related to identity, sexuality, and alterity.

Keywords: identity fragmentation, sound composition, sexuality, autoethnography and alterity.

EntreLugares

*Autoetnografia Sonora Entre
Memória, Presença e Alteridade*

EntreLugares

*Autoetnografia Sonora Entre
Memória, Presença e Alteridade*

Zeh Antunes

Autor: Zeh Antunes

Diagramação: Zeh Antunes

Design da capa: Anderson Barbosa e Zeh Antunes

ISBN: 978-65-01-47256-0

© Zeh Antunes

2025

ÍNDICE

GLOSSÁRIO:	10
ENTRE ESCUTA E LEITURA:	12
<u>CAPÍTULO 1. ESTRUTURA, CONCEITOS E PROCESSOS</u>	14
<u>CAPÍTULO 2. FRAGMENTOS DE MIM</u>	19
2.1. AS PERSONAS QUE ME HABITAM	19
2.2. CARTAS E A BUSCA PELO OUTRO EM MIM	22
2.3. AUTOETNOGRAFIA, SEXUALIDADE, INVISIBILIDADE E O CORPO QUE SE ESCONDE	26
2.4. MEMÓRIA, FICÇÃO E A IDENTIDADE EM MOVIMENTO	35
2.5. FAZER COM O QUE ME FALTA: CRIAÇÃO, DÚVIDA E RELAÇÃO.....	38
2.6. FALTA, PRIVILÉGIO, ALTERIDADE E IDENTIDADE	42
<u>CAPÍTULO 3. REFERÊNCIAS E ABERTURAS</u>	49
3.1. MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES: O CINEMA COMO ESPELHO.....	49
3.2. RELAÇÕES, AUSÊNCIAS E A LINGUAGEM NÃO-VERBAL	53
3.3. COLAGEM E COMPOSIÇÃO.....	56
3.4. SER OU NÃO SER? INTENÇÃO E SILÊNCIO	59
3.5. SER MUITOS, FAZER-SE NO ENTRE: PERFORMATIVIDADE E FRAGMENTAÇÃO	60
3.7. EDIÇÃO COMO COMPOSIÇÃO, REVISITAÇÃO E ABERTURA AO OUTRO.....	71
3.8. IMPROVISAR-SE: DESAFIO, ESCUTA, REFERÊNCIAS E PERTENCIMENTO	76
<u>CAPÍTULO 4. REAÇÃO ÀS CARTAS</u>	84
4.1. A SONHADORA.....	86
4.2. O IMPULSIVO	88

4.3. O EUGÊNIO.....	94
4.4. O PRÁTICO	97
4.5. A NÔMADA	100
4.6. A PRETINHA.....	102
4.7. A MULHER-MENINA.....	105
4.8. O PRAGMÁTICO.....	108
4.9. A INCERTA.....	110
4.10. A DOCE LEOA	111
4.11. O RESINGÃO	114
4.12. AMÉLIA DE BEAUVOIR	115
4.13. LUZ-SOMBRIA	125
4.14. O BOA-PRAÇA.....	127
4.15. O NORMATIVO	129
4.16. A ENREDADA	130
4.17. O DIPLOMATA.....	133
4.18. O CADEADO.....	137
4.19. TÍMIDE	140
4.20. O SENSATO.....	142
4.21. A OSTRAS	147
4.22. A MULTITUDO.....	151
4.23. O SABEVIVER	153
4.24. A MATERNAL	157
4.25. A PRESIDENTA	157
4.26. O GENEROSO	168
4.27. O AGRADECIDO	175
4.28. O CAÓTICO	177
4.29. O ADORADINHO	180
4.30 - A SÓSIA	187
4.31. MARIA-BONITA	201
4.32. A OBSERVADORA	203
4.33. O ESQUIVO.....	207
4.34. O FASCINADO.....	209

4.35. O SERENO	211
4.36. A ESPONTÂNEA	215
4.37. O BEMSUCEDIDO	218
4.38. O PONDERADO	225
4.39. A PARCEIRA	234
4.40. A DENSA	237
4.41 - O MAISQUETUDO.....	240
4.42. O NARRADOR	252
4.43. A DOCE-FERA.....	260
4.45. O IRREVERENTE	264
4.45. O CAMARADA	265
4.46. O ARGUTO TARDIO	267
4.47. AS AUSÊNCIAS.....	275

CAPÍTULO 5. TRANSDUÇÃO COMO GESTO:

COMPOR COM O TEMPO E O OUTRO279

5.1. INTUIÇÃO, PRESENÇA, IMPROVISACÃO E CAMADAS	280
5.2. FRAGMENTOS SONOROS: MEMÓRIA, VOZ E AFETO	283
5.3. DO EFEITO AO SIGNIFICADO: O TEMPO COMO MATÉRIA SONORA.....	286
5.4. O ACASO, EU E O OUTRO.....	288
5.5. ENTRE VOZES: POÉTICA DA ESCUTA E DO DESVIO	289
5.6. LINGUAGEM, AMBIGUIDADE E ESCUTA.....	292
5.7. CANÇÕES: VOZ, FALHA E INTIMIDADE	294
5.8. TRANSDUÇÃO: UMA LINGUAGEM FEITA DE FRAGMENTOS	296

CAPÍTULO 6. OBRAS299

6.1. CANÇÕES	299
6.1.1. ABSENCE AS MY SKIN	300
6.1.2. FICTION I WROTE.....	301
6.1.3. LAVADEIRAS II (WORKING SONG)	302

6.1.4. FADED IDENTITY	303
6.2. POEMAS	304
6.2.1. A(À) PARTIDA	305
6.2.2. FINAL(IDADE)	306
6.2.3. ONDE JAZ.....	308
6.2.4. OCO.....	309
6.2.5. ESPELHO	310
6.2.6. EUOUTRO.....	311
6.3. OBRAS SONORAS	312
6.4. OBRAS VISUAIS	313
6.4.1. SÉRIE <i>LIMITES</i> (3 IMAGENS)	313
6.4.2. SÉRIE <i>FICÇÃO DO OLHAR</i> (12 IMAGENS).....	313
6.4.3. SÉRIE <i>PERSONAS</i> (11 IMAGENS)	313
<u>CAPÍTULO 7. NOTAS FINAIS DE UM CORPO EM TRÂNSITO.....</u>	<u>315</u>
7.1. ALTERIDADE, ESCUTA E SOLIDÃO NO PROCESSO	315
7.2. CORPO, SOM E COMPOSIÇÃO	317
7.3. A ESCRITA, OS AFETOS E O TEMPO POR VIR	319
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>324</u>

*...Você mal sabe
Como chegou ali
O que você sabe
É escalar móveis
Estantes e outros
Espaços vazios
Mastigar poeira
Coçar os olhos
Ser muito silenciosa
E esperar os ossos
Crescerem centímetro
A centímetro até
Não ser mais preciso
Ficar nas pontas
Dos pés...*

Julia Medina, *Jogo Perigoso*¹

¹ Medina, Julia. (2024). deitar a cabeça no colo do tempo. Editora Patuá. pp.10-11

Glossário:

Em projetos que envolvem criação artística e reflexão teórica, é comum que certos termos ganhem significados específicos, moldados pela minha experiência e pelas necessidades do percurso investigativo. Por isso, apresento algumas definições conceituais que orientaram meu trabalho. Não são verdades absolutas, mas sim, balizas para a leitura e compreensão.

Fragmentação

Refere-se ao modo como dividimos nossa existência em múltiplas expressões de nós mesmos. No contexto deste projeto, a fragmentação não é tratada como falha ou patologia, mas como característica constitutiva da experiência contemporânea — uma forma de navegar pelas exigências externas e pela complexidade interna, compondo uma identidade em constante adaptação.

Sensorial

Relaciona-se à experiência direta através dos sentidos. Aqui, trata-se de como o som pode ativar não apenas a escuta, mas também sensações táteis, visuais e emocionais, promovendo uma percepção expandida da experiência sonora.

Fenomenologia

Abordagem que privilegia a experiência como ela se apresenta à consciência. No projeto, serve para compreender como o som é vivenciado, incorporado, e como revela aspectos da identidade que escapam à linguagem verbal.

Autoetnografia

Metodologia que parte da experiência pessoal como ponto legítimo de investigação artística e teórica. Diferente da autobiografia, a

autoetnografia analisa como a vivência individual se inscreve em contextos culturais e sociais mais amplos: o eu atravessado pelo mundo.

Sexualidade

Dimensão estruturante da identidade. Mais do que orientação, envolve modos de estar no mundo, de ser visto e de se mostrar. No projeto, a sexualidade é compreendida como eixo gerador de pertença, exclusão, representação e reconhecimento.

Transdução

Transformação de uma forma de energia ou informação em outra. Aqui, entendo transdução como o processo de converter experiências subjetivas em manifestações sensoriais concretas — som, imagem, palavra. Não se trata da tradução de algo, mas sim de uma recriação.

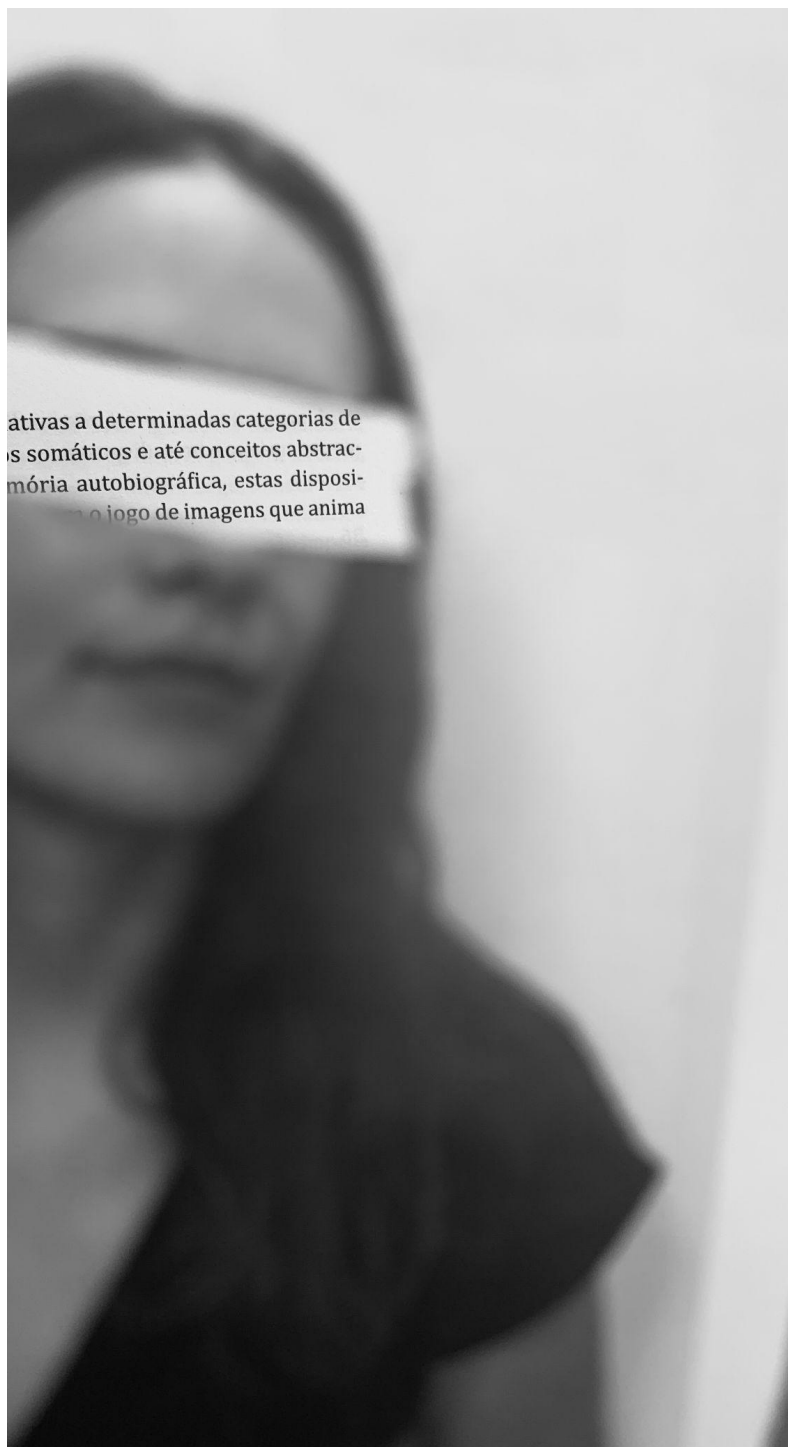
Entre Escuta e Leitura:

Este ensaio foi escrito em diálogo com um conjunto de obras sonoras desenvolvidas no mesmo processo de criação. A escuta pode atravessar a leitura — antes, durante ou depois — funcionando como outra forma de presença.

Abaixo, encontra-se um *QR Code* que dá acesso ao álbum *EntreLugares* e aos demais projetos mencionados ao longo da pesquisa. A proposta é permitir que múltiplas camadas se revelem à medida que acompanhem o percurso.



LinkTree: https://linktr.ee/Zeh_Antunes



Capítulo 1. Estrutura, Conceitos e Processos

Este projeto é atravessado por uma investigação autoetnográfica que se realiza na escuta, na composição e na escrita. Move-se num território onde a criação artística se confunde com o gesto de pensar, sentir e onde a experiência pessoal é matéria de pesquisa. A partir de vivências íntimas, propõe-se um percurso sensível que articula som, memória, sexualidade e identidade, sempre em relação com o outro. Trata-se de um projeto híbrido, que cruza a criação sonora com a escuta expandida, a fragmentação da identidade com a experiência da sexualidade e, sobretudo, com a alteridade — entendida aqui como presença do outro, como abertura que possibilita a criação. A alteridade, aqui, não é um tema teórico, mas uma condição: é na abertura ao outro que o trabalho acontece.

Adotei uma abordagem exploratória, aberta e processual, que respeita o incerto como parte da própria criação. O percurso não seguiu uma linha reta, mas curvas, desvios e retornos. O foco não comprovar hipóteses, mas sim, habitar dúvidas sobre mim, o som, a subjetividade, a escuta, o outro e o modo como existimos em relação.

Alguns conceitos-chave serviram como balizas afetivas e teóricas: fragmentação da identidade, composição sonora, autoetnografia, alteridade e sexualidade. Eles atravessam todo o projeto. Parte desses conceitos tomam forma a partir da experiência vivida e dos caminhos metodológicos trilhados e, por isso, são aprofundados no glossário (com definições) e no decorrer do texto.

A estrutura do processo se dividiu em diferentes fases, cada uma contribuindo para a consolidação de um corpo poético e crítico. O início deu-se com a organização de materiais que me ajudassem a delinear as identidades fragmentadas que compõem minha história.

Essa etapa consistiu em um mergulho em arquivos e memórias pessoais, um esforço de entender como determinadas vivências se fixaram como fragmentos estruturantes do meu percurso. Foram criados e coletados: um relato autobiográfico sobre a descoberta da sexualidade; uma entrevista de uma hora com meu tio-avô (registrada em áudio e depois transcrita) sobre memórias familiares; 46 cartas-resposta de familiares, amigos e colegas; e um arquivo fotográfico com imagens pessoais, posteriormente transformadas em colagens digitais.

Com o avanço do projeto, surgiu a necessidade de registrar pensamentos, afetos e imagens que emergiram das leituras, das trocas e das experiências. No início, esses escritos não tinham forma nem destino claro. Eram tentativas de organizar o turbilhão interno, pensar em voz alta, guardar reverberações. Com o tempo, percebi que esses fragmentos não eram resíduos, mas parte essencial do próprio método: uma pesquisa construída pela escuta. Entre esses registros estão as 46 reflexões escritas em reação às cartas recebidas, além de uma reflexão sobre as ausências, reunidas no capítulo 4 deste livro. Também mantive um diário de trabalho, onde anotei pensamentos sobre o processo, registrei tentativas, dúvidas, abandonos, inspirações, filmes e livros. As notas avulsas feitas no telemóvel — frases, imagens, ideias inesperadas — e uma playlist de referências musicais ajudaram a alimentar o imaginário sonoro do projeto.

Na etapa seguinte, o desafio foi transduzir esse universo acumulado em formas sensoriais. Era preciso abrir espaço para que as experiências ganhassem corpo: som, palavra e imagem. A criação passou a atuar como um modo de corporificar as reflexões, afetos, dúvidas e tensões que me atravessaram ao longo do percurso. Dessa fase nasceram o Diário de Transdução, que relata a passagem do

conceitual ao sensível; um pequeno conjunto de fotografias feitas durante as gravações; poemas, letras de canções em tom autobiográfico; e a ação poética que chamei de Correspondência Sonora. Nesta ação, enviei por WhatsApp uma mensagem para um grupo de pessoas (o mesmo das cartas e mais alguns outros) pedindo que me enviassem um som. O pedido foi esse:

Bom dia, 😊

Estou entrando em uma nova fase do projeto de conclusão do mestrado, agora com maior foco na criação sonora.

Quero pedir uma ajuda.

Gostaria que me enviasse um som. Qualquer som que, para você, funcione como uma correspondência sonora. Grave com seu telemóvel o que quiser, pelo tempo que desejar. Pode contextualizar ou não.

Para alimentar a poiesis, compartilho um pouco sobre o som que envio:

Quando me mudei para Portugal, passei a observar que as gaivotas ocupam a cidade, não apenas na linha litorânea. Estão por todo lado. Sempre foi mágico para mim vê-las e ouvi-las diariamente. Curiosamente, os portugueses se relacionam com as gaivotas como, no Rio, nos relacionamos com os pombos – com algum nojo e irritação. Isso, de algum modo, evidenciou para mim a diferença de perspectiva quando nos deslocamos (carregando nosso olhar formatado por uma vivência) e nos permitimos olhar para o sutil de estar em outros lugares (seja ele geográfico, cultural ou emocional).

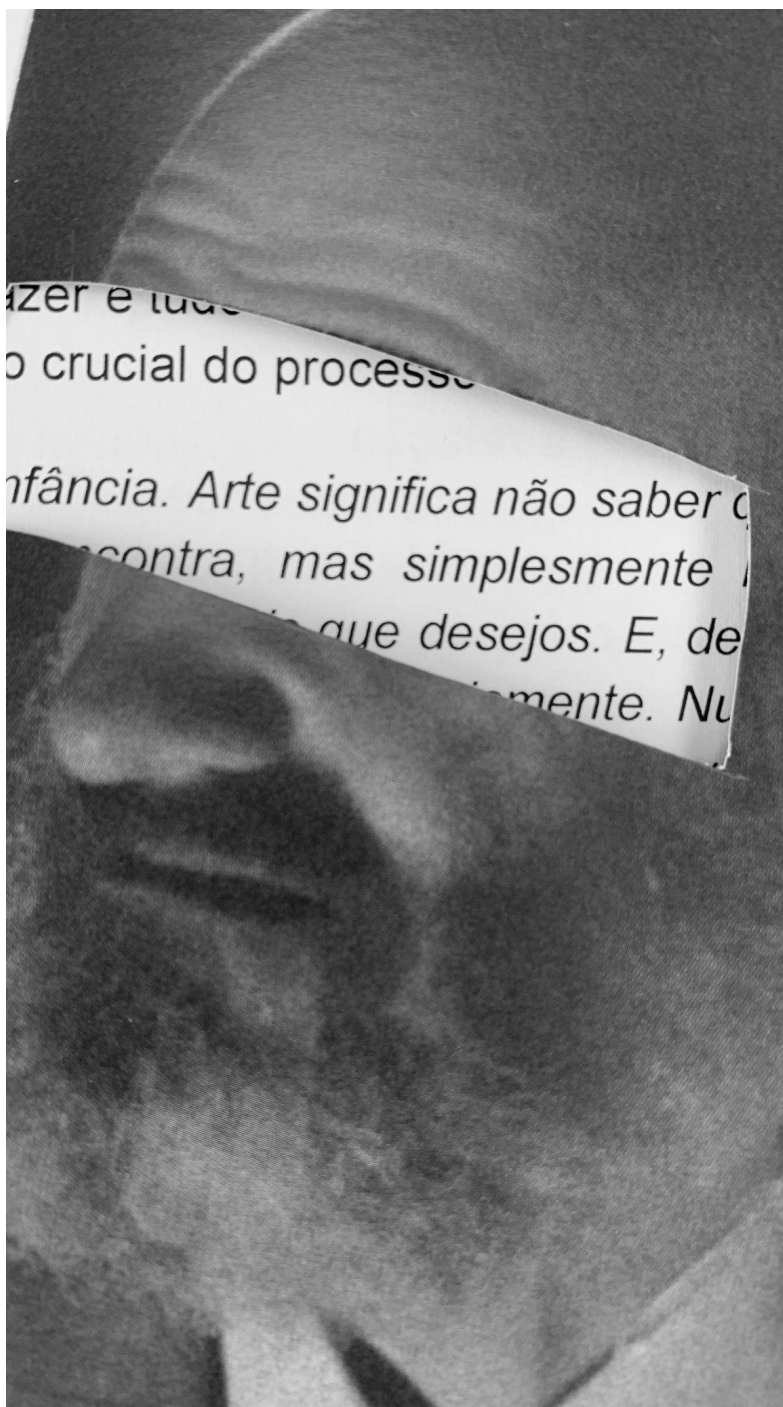
Desperto quase diariamente com o som dessas gaivotas nos primeiros raios do sol e, através desse som, criei uma nova identificação do conceito de lar.

Agradeço desde já pela colaboração. ♥

Em troca, compartilhei a escuta cotidiana das gaivotas no Porto e como esse som se transformou para mim em uma nova imagem de lar. Recebi dezesseis sons, que serviram como base para a composição da paisagem sonora “Outridade”, que é abordada no capítulo 5.

A gravação das peças sonoras também foi atravessada por escolhas simbólicas. Decidi gravar em casa, o que não foi apenas uma solução prática, mas uma maneira de manter coerência entre o conteúdo abordado e o gesto de criação. O ambiente doméstico ofereceu um ponto de partida íntimo, com uma escuta mais afetiva. As primeiras obras foram gravadas no meu quarto, e só nas composições posteriores introduzi sons externos — gesto que, metaforicamente, marca a abertura ao outro. Esse processo está descrito com mais detalhes no capítulo 5.

A fase final do projeto consistiu na reunião dos materiais em objetos concretos: livro, cassete, colagens, fotografias, parte gráfica e uma instalação performativa para escuta do trabalho. Toda a criação visual, gráfica e sonora foi tratada como uma extensão das reflexões anteriores, mantendo o espírito fragmentário, sensível e aberto do processo. A performance final foi pensada como uma escuta coletiva, inspirada nos encontros de um grupo de amigos — Os Escutas — que fazíamos no Rio de Janeiro. Com ela, quis retomar o espaço da convivência e da partilha afetiva, como forma de devolver ao outro tudo aquilo que só fez sentido porque foi vivido em relação.



Ficção do Olhar #2 – Colagem autoral. Zeh Antunes, 2025

Capítulo 2. Fragmentos de Mim

2.1. As personas que me habitam

Não seria possível realizar este projeto sem me rever em minha trajetória e sem perceber que as minhas angústias, questões e vulnerabilidades podem ser partilhadas com o outro.

Durante a vida, em cada ambiente que frequentava (família, trabalho e amigos pessoais) fui tratado por nomes diferentes: o Junior, o Antunes ou o Zé. Em cada um destes ambientes, quase que de modo inconsciente, estava a controlar quem eu era e até onde poderia ir. Decorrente desta vivência, fez-me sentido falar sobre as múltiplas personas que me habitam, como fragmentos de uma personalidade maior.

Refletir através de um trabalho autoetnográfico deixa evidente que uma história, seja ela sobre qual persona for, nunca está dissociada do outro. Depois de muitos anos em processo psicanalítico, comecei a entender melhor como muitas das minhas decisões e modos de operar foram dispositivos de defesa. Fragmentar-se como um modo de sobrevivência e resistência para caminhar adiante. Um modo de adaptar-me aos meios para ser aceite.

Nos últimos dois anos, tenho investigado como transduzir as questões da fragmentação para o meu trabalho artístico. Esta pesquisa materializou-se em duas instalações (em coautoria) que realizei durante o mestrado: *Into_Cave_L²* e *Ode Maquinal*³.

2 https://linktr.ee/Zeh_Antunes - vide instalações

3 https://linktr.ee/Zeh_Antunes - vide instalações

Into_Cave_L ocupou um espaço físico compartimentado – um camarim com uma sala central, três camarins menores e uma casa de banho subdividida, cujos duches foram transformados em pequenos confessionários. Cada ambiente oferecia uma paisagem sonora distinta, processada através de um *patch* programado em *MAX-MSP*. Nos confessionários, colunas ocultas atrás das cortinas dos chuveiros sussurravam leituras gravadas de textos filosóficos, poéticos e literários relacionados à fragmentação da experiência humana. Na sala central, um controlador MIDI e um projetor respondiam diretamente aos sons, permitindo ao público interagir e modificar tanto o ambiente sonoro quanto visual.

O conceito central de *Into_Cave_L* baseava-se na impossibilidade de apreensão total: a obra existia como um organismo completo, porém nunca totalmente acessível ao espectador individual. As intervenções realizadas pelo público nem sempre produziam efeitos imediatamente perceptíveis, criando uma experiência dinâmica e única a cada visita. Esta estrutura espelhava a própria natureza fragmentada da percepção humana – sempre parcial, contextual e em constante transformação, assim como a presença do outro como determinante de qualquer experiência que vivenciamos.

Ode Machinal explorava o texto *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos (1915), heterônimo de Fernando Pessoa – estabelecendo já em sua concepção um vínculo direto com a fragmentação identitária. A instalação propunha o deslocamento das máquinas de suas funções utilitárias para um contexto expressivo. A *NoiZeh Box*⁴ (um

4 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

instrumento feito por mim tendo como base as criações de Tore Bøe⁵ e Mark Korven⁶) e diversos dispositivos motorizados ficavam à disposição do público, convidando-os a acrescentar camadas sonoras à composição quadrifônica que servia de base. Este arranjo garantia que cada experiência fosse singular, determinada pelas interações específicas de cada visitante.

A instalação incluía ainda uma leitura em vídeo de aproximadamente 18 minutos, exibida em uma televisão conectada a uma máquina de escrever através de um *pacth* de MAX-MSP. Cada tecla pressionada alterava aleatoriamente o momento da leitura, fragmentando a linearidade do texto. Simultaneamente, este mesmo vídeo era projetado de modo desconstruído (com cortes, zooms e outras intervenções que fragmentam a imagem) na parede oposta da sala. Complementando a experiência, um conjunto de fotografias em preto e branco demonstrava como a câmera fotográfica nos impõe fragmentos de uma visão mais ampla, gerando narrativas alternativas e reconfigurando nossa percepção do tempo-espaço.

Ambas as instalações materializavam, através de diferentes estratégias, minha investigação sobre como transduzir a fragmentação da identidade e da experiência para meios sensoriais concretos, permitindo que o público não apenas compreendesse intelectualmente estes conceitos, mas os experimentasse diretamente. A presença do outro também era determinante nas duas obras: tudo o

5 <https://www.vice.com/en/article/acoustic-laptops-for-post-apocalyptic-breakcore-performance/>

6 https://www.youtube.com/watch?v=onTLZq1tJmc&ab_channel=POPMontreal

que era visto ou ouvido podia ser afetado pela presença alheia no mesmo espaço.

Neste projeto, o meu desafio foi como transduzir isto para o som, o que abordo no capítulo 5, dedicado ao processo de transdução.

Mas antes, creio que é interessante compartilhar o processo até chegar lá.

2.2. Cartas e a Busca Pelo Outro em Mim

O início de tudo foi vasculhar memórias. Escrevi uma pequena biografia com histórias e fatos que me vinham à mente até os meus quase 30 anos. Nestas lembranças, revisito uma infância atravessada por uma educação rígida e algumas restrições; a descoberta precoce da minha homossexualidade e a necessidade de ocultá-la; os primeiros contatos com a violência urbana; as estratégias de adaptação durante a adolescência e o início da vida profissional em ambientes marcados por preconceito, em um país que, apesar da imagem liberal que tem através do carnaval e da relação mais aberta com os corpos e a nudez, é ainda preconceituoso e apresenta os maiores índices de assassinato de pessoas *queer*⁷. Essas memórias também acompanham o amadurecimento, os conflitos entre identidade e carreira, assim como os movimentos de transformação mais profundos, impulsionados pela perda da minha mãe que me despertou para buscar uma vida mais alinhada com meus desejos.

Também escrevi duas cartas: uma ao meu tio-avô (que, com 95 anos, é o membro mais antigo da família ainda vivo), pedindo que ele me contasse um pouco sobre a vida dele enquanto conviveu com a

⁷ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-e-travestis-aponta-dossie/>

minha avó e com a minha mãe (já falecidas). Anexei à carta um longo questionário para estimular lembranças que me interessavam resgatar.

A intenção era rastrear as origens, entender traços e características transmitidos inconscientemente. Marcas que se revelam nas histórias de vida dos outros membros da família e que, de algum modo, também me constituem. A outra foi uma carta enviada a pessoas que conviveram comigo (família, amigos e colegas de trabalho), para que me contassem como era a persona que eles haviam conhecido. A própria carta explica melhor este processo.

Olá,

Esta mensagem é para você, que fez ou ainda faz parte da minha vida. Sei que este pedido é algo muito pessoal, então peço desculpas se o tom parecer um pouco genérico.

Como alguns de vocês sabem, e outros talvez não, em 2025 concluirei meu mestrado em Artes e Tecnologias do Som na ESMAE. Iniciei o curso com um objetivo claro: aprimorar a produção das minhas músicas. No entanto, ao longo do caminho, fui profundamente tocado por questões mais amplas e fascinantes, que me fizeram enxergar novas possibilidades artísticas além da música. Mudei o foco e mergulhei em uma pesquisa bem pessoal.

Meu projeto final será uma instalação sonora baseada na investigação de como a fragmentação da personalidade pode ser expressa e sentida através do som.

Deixe-me tentar dar alguma materialidade a essa ideia. Todos nós, em diferentes momentos da vida, em lugares distintos (casa, trabalho, ambientes sociais) ou diante de certas situações, criamos personagens que julgamos mais convenientes ou

adequados. Muitas vezes, isso acontece como um mecanismo de sobrevivência e adaptação aos ambientes que nos cercam. Nunca deixamos de ser quem somos, mas, aqui e ali, certas características se destacam mais do que outras. Além disso, ao longo da vida, somos muitas versões de nós mesmos. Quem somos hoje está a muitos passos de quem éramos na adolescência ou de quem nos tornamos após uma perda significativa. Há muitas coisas que marcam nossa transformação ao longo do tempo.

Muitas pessoas passaram, passam e passarão por nossas vidas. Cada uma delas guarda um retrato nosso, uma imagem de quem éramos naquele período. É essa imagem que estou buscando. Quem fui eu em cada um desses momentos para cada um de vocês? Quantas versões de mim existiram? Como fui percebido? Nenhum desses retratos será uma verdade absoluta, mas cada um carregará uma percepção e uma memória daquele tempo. Recentemente, fui surpreendido por uma colega de escola que me revelou que um apelido que eu a chamava na infância lhe causou um trauma. Curiosamente, eu nem me lembrava desse apelido; quando a via, só me vinha à mente o seu nome. Para mim, aquilo não teve qualquer impacto, mas para ela, sim. Também tenho minhas histórias de infância e adolescência, episódios de bullying, praticados e sofridos, que na época não tinham esse nome, mas cujo peso carregamos até hoje, fingindo que não nos afetaram. Isso me fez refletir sobre quantas vezes posso ter causado ou sofrido feridas dessas, sem sequer perceber o impacto que deixaram.

Algumas das pessoas a quem envio este pedido passaram pela minha vida por um tempo determinado, às vezes breve. Mas, independentemente do tempo, houve uma proximidade que considero suficiente para que se tenha criado um "personagem" meu.

Meu pedido é bastante aberto: gostaria que você descrevesse um pouco dessa persona que conheceu e conviveu (seja ele o Zé, o Antunes ou o Junior). Podem ser características ou lembranças de momentos importantes (sejam tensos, tristes ou divertidos)... qualquer história. Não é necessário explicar os motivos nem seguir uma coerência específica. Sua percepção e leitura são o que realmente importam. Se tiver fotos também adoraria recebê-las (em qualquer qualidade).

Não há um formato definido para o que enviar, nem como enviar. Pode ser um áudio ou vários áudios no WhatsApp em dias diferentes, um ou vários e-mails, cartas, ou qualquer outro meio. Se em um dia pensar: "Ah, lembrei-me disso...", pode enviar também. Será um ótimo exercício de resgatar vivências. Sei que isso talvez demande algum tempo de sua parte, e por isso quero dar total flexibilidade para que faça isso à medida que puder e quiser, da forma mais prática. Como faz um grande amigo meu, que me liga quando está preso no trânsito para colocar a conversa em dia.

Gostaria de fazer um pedido especial: que vocês não se limitem aos elogios. As qualidades que possuímos muitas vezes são o que mantém nossas relações afetivas fortes, mas acredito que é ao olhar para nossas fragilidades e falhas que encontramos as oportunidades mais interessantes de nos conhecermos ainda

mais. Ao explorar essas partes de nós, podemos entender melhor a nossa própria história de vida e os impactos deixados em nós. E ninguém melhor do que aqueles que conviveram conosco para perceber isso.

Gostaria também que incluísse uma breve contextualização de que período (anos) suas lembranças se referem.

Agradeço desde já pela atenção e pelo tempo dedicado a esse resgate :-).

Beijos e abraços,

Zeh Antunes ou Zé ou Antunes ou Junior

Enviei esta carta para cerca de 60 pessoas e obtive 46 respostas.

A interação com as cartas foi um processo incrível e, ao receber algumas delas, senti a necessidade de responder. E assim o fiz. A força das cartas era tão grande que senti-me impelido a reagir a todas. A cada carta que recebia, identificava com clareza o seu emissor. Percebi que, ao escrever para alguém, falamos mais sobre nós mesmos do que sobre o outro. Reagir e responder às cartas seria, mais uma vez, expor-me, falar mais sobre mim, sobre o outro, e perceber as minhas vulnerabilidades e contradições. Aos poucos, o trabalho transformou-se, ganhando um foco muito intenso na reflexão sobre os afetos e sobre a manutenção destas relações. A escrita ganhou um papel primordial e se tornou a base do que mais tarde deu origem a este ensaio.

2.3. Autoetnografia, Sexualidade, Invisibilidade e o Corpo que se esconde

Creio que o que me moveu neste caminho foi justamente reconhecer que, talvez, por decisões que tomei ainda criança (falarei disso mais adiante), eu tenha me tornado excessivamente independente e menos acessível. Posso dizer que, durante a maior

parte da minha vida, aparentei ser bem menos vulnerável, sensível e frágil do que realmente sou.

Os tais três personagens que eu, inicialmente, imaginava como distintos foram esmaecendo. Todos que me cercaram conheceram a mesma pessoa. As características, defeitos e qualidades permeavam todas as personas. Mas isso não eliminou a sensação de que eu estive, durante 40 anos, a administrar-me como quem administra uma empresa em busca dos melhores resultados.

Neste processo, também li alguns autores que me ajudaram de modos muito distintos. Ajudaram-me a pensar sobre a sociedade, sobre mim e sobre os meus processos. Vi filmes, li livros, biografias e ouvi muitos artistas diferentes. Foi um período de muito aprofundamento e entrega a materiais que, por tão diversos, me permearam e influenciaram de um modo que nem sempre é direto.

Tudo isto está um bocado virtual e creio que faz sentido materializar estes personagens e as suas questões e, para tal, preciso contar um pouco da minha história.

Tive algumas adversidades. Iniciei a formação técnico-profissional aos 15 anos. Comecei a estagiar aos 17. Entre os 17 e os 22 anos, trabalhei durante o dia e estudei à noite. Comecei a trabalhar em fábricas onde precisava chegar às 7:00 da manhã para bater o cartão, saía do trabalho direto para a escola e deixava o curso às 10:00 da noite. Levava pouco mais de uma hora no transporte público para chegar e sair do trabalho. Dormia pouco, estudava e trabalhava. Algo que seguiu acontecendo na vida adulta, quando cursei três outras pós-graduações e um MBA — estes já trabalhando em locais mais próximos de casa e em horários menos extremos. Não sei dizer o

quanto isto foi determinante, mas, desde então, dormir 6 horas por noite é o máximo que consigo.

Presenciei bastante violência urbana. Estive no meio de um tiroteio ainda criança. Fui assaltado algumas vezes e presenciei dezenas de outros. Lembro-me de bandidos armados invadirem a escola em que estudava (em fuga da polícia). No meu apartamento, na Tijuca - Rio de Janeiro, ouvia tiroteios todas as semanas. Como todo carioca, sei diferenciar o som de fogos de artifício do som de tiros e granadas.

Fui humilhado, ameaçado e extorquido pela polícia por consumo de drogas leves. Enquanto trabalhava numa fábrica de válvulas hidráulicas, em Vigário Geral, região periférica do Rio de Janeiro, passava semanalmente por corpos assassinados nas ruas. Foram algumas dezenas. Além disso, como qualquer morador, relacionava-me com a violência, frequentemente, nas ruas do Rio. Só hoje, em um contexto europeu, consigo perceber o quanto tudo isso deveria ser anormal. Mas não era... e ainda não é, no Brasil e em muitos lugares do mundo.

Vim de uma família de situação financeira modesta, de pai ausente, mas, apesar disso, tinha as condições mínimas garantidas: morada, comida suficiente, estrutura e afeto. A minha bisavó, uma portuguesa que migrou para o Brasil fugindo da Primeira Guerra, com 17 anos, sozinha e analfabeta, criou três filhos com muita disciplina e princípios. A mais velha, minha avó, acabou por ser quem criou a mim e às minhas irmãs enquanto a minha mãe trabalhava. Ela tinha a obsessão de que todos nós estudássemos. Ela, que só pôde cursar até a 4ª série primária, foi quem sempre nos fez ver o estudo como um caminho de ascensão. Com a sua mistura de severidade e cuidado, nunca teve o perfil da avó carinhosa, mas criou-nos com o amor que

sabia dar e com muitos princípios éticos. Foi sempre a pessoa forte da casa e isso teve uma profunda influência no meu modo de ser.

Tudo o que passei e que, hoje, parece duro, naquela época era apenas progresso. Nunca estive a lamentar-me, pois o esforço me permitia crescer. O mais penoso é que, dentro da realidade brasileira, eu estava longe de fazer parte da camada mais excluída e sofrida da sociedade.

Mas, apesar de todo este contexto, a adversidade mais dolorosa, pessoal e impactante foi entender-me gay. Aprender a relacionar-me com essa identidade perante a família, os amigos e o ambiente de trabalho.

Gostava de desporto, tinha a masculinidade física, e isso me permitiu ser um gay que não incomodava, que não se exibia, que não se visibilizava. E vejo o impacto disto em coisas muito menos óbvias, como a escolha do meu instrumento principal (o baixo), a minha preferência em compor, gravar e produzir, e de só me apresentar ao vivo acompanhado por pessoas que protagonizem e atraiam os olhares. Prefiro não estar visível, exposto. Evito estar vulnerável.

Na luta pela construção de um caminho, o meu percurso foi o de atender aos padrões sociais. Um bom filho, bom aluno, bom profissional. Considerando que o “bom” estava associado a atender às expectativas desse vasto mercado. Adaptei-me a tudo. Poucas vezes me peguei a tentar perceber um desejo que não fosse “caminhar adiante”. A possibilidade de ascensão era o que determinava o que faria. A escola técnica profissionalizante que cursei foi pela necessidade de começar a trabalhar antes da universidade. O curso universitário que fiz foi o que a empresa onde trabalhava incentivava-me a fazer. Do mesmo modo todos os cursos de pós-graduação. Nunca

houve uma escolha profissional que não fosse pelo objetivo final da estabilidade financeira.

Caminhar, progredir e construir o futuro. Tudo isso, sem perceber, tornou-se um modo operativo. Dava pouco valor ao passado. Orgulhosamente, olhava adiante.

Tive uma carreira profissional sempre ascendente. Troquei as fábricas por escritórios, os uniformes por roupa social, os cargos de executante por cargos executivos. Atuei por 25 anos como auditor, consultor e gestor em corporações multinacionais e através disto comprei minha casa e atingi minha independência e estabilidade financeira. Passei a ter uma vida confortável que me permitiu viajar e conhecer outras culturas - o que aguçava ainda mais os desejos. Mas as formas de expressão ligadas às artes, nominalmente, música, cinema, fotografia e, mais tarde arte contemporânea, sempre estiveram intensamente presentes como atividades paralelas.

Ser artista nunca foi uma possibilidade real para mim enquanto jovem adulto. O tempo dedicado à criação artística, ainda hoje, é visto como um luxo. E os luxos não fazem parte da realidade das classes econômicas menos favorecidas nos países pobres.

Quando li o discurso de Wisława Szymborska, no Prêmio Nobel de 1996, *The Poet and the World*⁸, identifiquei-me na relutância que muitos poetas sentem em se apresentar como tal. Ela comenta como os poetas frequentemente evitam esse título, preferindo termos genéricos como “escritor” ou mencionando a profissão paralela que exercem. Não se trata de uma dúvida existencial nobre, mas de um

8 <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1996/szymborska/lecture/>

certo constrangimento social onde o termo “poeta” ainda soa deslocado, como se carregasse algo de excêntrico.

Luís Carmelo em seu ensaio⁹ também fala sobre o impacto de nomear:

Os nomes têm jogos próprios. Um nome abre-se inevitavelmente a conotações e a mistérios que o nomeado não domina, mas que se aditam, de modo cumulativo, ao conteúdo biográfico. Estas conotações podem corresponder a atributos tangíveis, isto é, que podem ser ditos, ou a atributos intangíveis que apenas cabem no 'não dito'...

De modo semelhante, mesmo após muitos concertos, canções compostas, álbuns lançados, exposições de fotografia e performances, eu não conseguia me identificar como músico ou artista. O desconforto vinha da minha insegurança interna, mas também da forma como esse título ressoava para os outros. Como se nomear-me artista fosse uma ousadia, algo que exigisse uma autorização que eu não possuía.

Durante muito tempo, acreditei que apenas aqueles que estudaram formalmente para serem músicos ou artistas, ou que fizeram da arte o centro absoluto de suas vidas, teriam legitimidade para se assumir como tal. Não me via nesse perfil. E por isso, fiquei num entrelugar, onde minha produção, por mais comprometida que fosse, acabava sendo percebida, inclusive por mim, como algo provisório ou amador. A arte me parecia sempre deslocada da ideia de trabalho no sentido tradicional: aquele que é reconhecido, sistemático, rentável e mensurável dentro da lógica capitalista.

9 Carmelo, L. (2022). *Respiração pensada*. Lisboa: Abysmo. p.100

Minha trajetória profissional reflete precisamente o que Byung-Chul Han¹⁰ identifica como a condição contemporânea do sujeito. O sujeito do desempenho está livre de uma dominação externa que o obriga a trabalhar, mas não é verdadeiramente livre, pois explora a si mesmo. A pressão contínua para sermos produtivos e eficientes, em uma corrida sem fim por realizações que muitas vezes esvaziam nossa subjetividade. Han descreve a passagem de uma sociedade da disciplina para uma sociedade do desempenho.

Na sociedade da disciplina, predominava o "não pode", a imposição de limites e ordens vindas de instituições como a escola, a fábrica e o governo. Era uma forma de poder que atuava pela repressão, moldando o comportamento por meio da obediência. Já na sociedade do desempenho, a lógica se inverte: o "pode tudo" e o "deve sempre mais" substituem a proibição, fazendo com que o sujeito internalize a exigência e se transforme no seu próprio explorador. A liberdade aparente se revela como uma nova forma de violência, mais sutil e devastadora, pois é o próprio indivíduo quem se cobra, quem se empurra para além dos seus limites, até o esgotamento.

Esta autoexploração manifestava-se na minha vida através da constante busca por aprimoramento profissional, os múltiplos cursos realizados simultaneamente ao trabalho, e da internalização de que precisava sempre dar um passo a mais.

Mesmo entregando-me com intensidade aos meus projetos artísticos, a ideia de arte como trabalho raramente encontrava eco no mundo à minha volta. Quando nossa atuação se dá num circuito

10 Han, B.-C. (2015). *Sociedade do cansaço* (A. J. L. Dias, Trans.). Vozes. (Obra original publicada em 2010).

independente e alternativo, os números dificilmente garantem o sustento, o que só reforça esse lugar de invisibilidade. É comum que um artista, no Brasil, ouça uma frase como: “És artista! Mas em que trabalhas?”. Ser um artista que não gera capital através da própria arte faz com que, muitas vezes, não seja levado a sério, e que essa atividade não seja considerada, de fato, um trabalho.

O discurso de Szyborska me ajudou a compreender que a dificuldade em me reconhecer como artista não é apenas uma fragilidade individual, mas parte de um sistema mais amplo.

Szyborska e Byung-Chul Han, cada qual à sua maneira, contribuíram para que eu repensasse minha relação com o trabalho artístico e com o sentido da criação. O desconforto que sinto ao me declarar artista talvez não seja um erro meu, mas o reflexo de uma sociedade que ainda não aprendeu a valorizar o que escapa às métricas da eficiência e da lucratividade. E talvez a própria força da arte esteja justamente aí. No que não pode ser contabilizado, no que se oferece ao mundo sem garantias, como um gesto vulnerável de permanência e resistência.

Mas a minha questão não estava apenas nas operacionalidades da sociedade. Creio que o fator chave era não encontrar o meu lugar de fala perante todas as mazelas do mundo. Nunca me senti excluído o suficiente para ter voz. Achava a minha vida absolutamente normal e ordinária (ainda que bem-sucedida) para um brasileiro que nasceu nas condições em que nasci.

Sentia que nunca fui gay o suficiente, pobre o suficiente, dolorido o suficiente para ocupar um lugar de fala dentro da arte. Por nunca ter assumido a homossexualidade publicamente, por nunca ter provocado a reação das pessoas sobre o tema, por não ter participação

ativa na comunidade queer, sentia que não poderia tratar deste tema como meu. Sentia que eu não contribuía para a visibilidade da comunidade e que, por isso, seria o aproveitamento de um tema pelo qual não lutei o suficiente. Parecia-me antiético e falso.

Em 2015 decidi sair do Brasil e mudar radicalmente a minha vida. Demiti-me da grande empresa em que trabalhava, deixei a banda e os meus projetos. Por trás deste movimento estava uma questão central: permitir-me viver em uma sociedade mais igualitária e equilibrada que a brasileira. A escolha de Portugal veio por um pacote analítico objetivo. Era o país mais fácil para eu ser legalmente aceito, com custo de vida ainda acessível e excelentes índices de segurança. Este conjunto endereçava grande parte das questões-chave para mim naquele momento. Junto disso havia uma outra decisão: dedicaria mais tempo à música e às atividades artísticas que sempre gostei. Inverti a proporção: mais tempo para as artes, menos para o trabalho burocrático. E assim tem sido desde de 2016 quando fixei residência em Portugal.

Como artista (músico, sonoro e visual), nunca havia abordado a sexualidade como tema, até fazer o trabalho *Ser Minoria*¹¹ em 2022, em que realizei uma sessão de fotos e entrevista com a drag Camel Toe, do Porto, enquanto se montava. Acompanhei a transformação de Bruno Cunha em Camel Toe enquanto conversávamos sobre sua infância e adolescência, sua saída de casa, traumas e situações de abuso e violência pelas quais passou. Ao editar este material e rever a realidade de Bruno, tive novamente a sensação de que não passei por uma fração dos problemas que muitos da comunidade queer passam.

¹¹ https://linktr.ee/Zeh_Antunes

Este projeto foi bastante importante por ter sido minha primeira aproximação do tema sexualidade. Através do processo psicanalítico, eu já entendia que a sexualidade foi uma questão transformadora para mim e que ditou muito do meu modo de ser. Ciente do forte impacto que isto teve, fiquei mais confortável de que eu ocupava efetivamente um lugar de fala e que minha perspectiva, apesar de única, representaria tantas outras pessoas que passam pelo mesmo processo, ainda que de forma diferente.

2.4. Memória, Ficção e a Identidade em Movimento

Durante o mestrado este entendimento se consolidou e dei o passo seguinte através desta pesquisa: trazer os impactos da sexualidade, representados pela fragmentação da identidade, para a música e arte sonora. Reconhecê-la como parte da minha história, investigar as sensações e assumir, da perspectiva pessoal, quem fui, quem sou e quem poderei ser ao longo do tempo. Percebi que, através deste diálogo entre memória, reflexão e ficção, muitos outros poderão encontrar pedaços de si, sentimentos em comum e sensações partilhadas.

A memória, como Paul Ricoeur¹² nos lembra, é invenção. Não se trata apenas de um processo de recordar algo que já aconteceu, mas de uma reconstrução constante, feita a partir de nossas percepções e dos significados que atribuímos ao passado. A memória, nesse sentido, é fluida, fragmentada, e não uma simples reprodução de uma realidade que já se foi. Ela é uma construção, feita de reconfigurações

12 Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento* (K. S. Baptista, Trad.). Editora UNESP. (Obra original publicada em 2000)

e interpretações, e é justamente esse caráter de invenção que torna a memória uma ferramenta de construção da identidade. O que lembramos não é uma imagem cristalizada do que aconteceu, mas uma narrativa, sempre em processo, do que somos e do que fomos.

Sei que fui muitos durante a vida e que hoje é difícil saber o que é fato e o que é ficção. Nas cartas, um amigo (o Ponderado - capítulo 4.38) conta uma história. Lembro-me exatamente dela e ficamos, ambos, com interpretações diferentes. Meu tio-avô, no riquíssimo material em áudio que me enviou, conta que minha mãe assumiu meu nascimento contra todos. Que minha avó materna desejava o aborto. Minha irmã mais velha diz que não faz muito sentido, visto a religiosidade que minha avó tinha. Qual será a verdade, já que nenhuma delas está viva? Ainda que estivessem, o que teria guardado cada uma delas depois de muitos anos de relacionamento com o filho e neto? Seria normal que as sensações e as memórias mudassem ao longo da vida. E por isso, é sempre muito importante percebermos que nossa visão é apenas uma ficção que contamos.

Essa visão de Ricoeur sobre a memória se conecta à ideia de fragmentação da identidade. Se a memória não é fiel aos fatos, mas sim uma reinterpretação constante do que vivemos, a identidade também não pode ser vista como algo fixo ou estático. A identidade é, na verdade, uma construção, um processo dinâmico de montagem e desmontagem, em que as partes que compõem o eu são reconfiguradas e reinventadas o tempo todo.

A frase “A memória é uma ilha de edição”, do poeta Waly Salomão¹³, tornou-se uma de suas máximas mais conhecidas. Essa

13 Salomão, W. (1996). “Carta aberta a John Ashbery” em Algaravias: câmara de ecos. Rocco

expressão sintetiza a visão poética e filosófica sobre o funcionamento da memória: ela não é um registro fiel e contínuo do passado, mas sim um processo ativo de seleção, montagem e transformação das lembranças.

Não busco retratar um eu totalizado ou imutável, mas sim um eu que se constrói, se desconstrói e se reconstrói a partir da multiplicidade de memórias, relatos e trocas. As obras que criei para este projeto buscam refletir isso: recriar um espaço de investigação e de releitura onde a memória e a identidade se manifestam de maneira fragmentada, constantemente ambígua e cheia de significados intrínsecos ao processo. Cada fragmento sonoro, cada palavra é uma forma de contar uma história e de recriar um espaço de experimentação e compartilhamento sensorial.

Escrever sobre mim tem sido menos um exercício de síntese e mais um encontro com o que resiste à totalização. As lembranças vêm em fragmentos, e, mesmo quando parecem nítidas, são atravessadas pelo tempo, pelas camadas do agora. Como escreve Carmelo¹⁴: “uma vida não se sintetiza. Só o frente a frente impede o embuste e torna a hipótese de uma síntese na mobilização do essencial”. É nesse confronto, entre o que fui e o que me torno ao narrar, que algo se move. Carmelo, ao citar Levinas, amplia esse pensamento: “o não-sintetizável por excelência é, certamente, a relação entre os homens” e, mais adiante, “a verdadeira união ou a verdadeira junção não é uma junção de síntese, mas uma junção do frente a frente”. Escrever, nesse sentido, não é unificar, mas sustentar o desequilíbrio entre o eu de antes e o eu que escreve agora. Não busco a coerência, mas a escuta. O

14 Carmelo, L. (2022). *Respiração pensada*. Lisboa: Abysmo. p.127

que me interessa é esse campo em que memória, linguagem e identidade não se fecham, mas se tensionam, abrindo espaço para a dúvida, a invenção e a reinvenção.

Portanto, a autobiografia não é um compromisso com a verdade dos fatos, mas com a verdade do eu. Ao escrever nossa própria história, não buscamos necessariamente relatar o que aconteceu de maneira objetiva, mas sim dar voz à nossa versão pessoal dos acontecimentos. Ela é, antes de tudo, uma construção, um testemunho.

Cada uma das personas que identifiquei, a do trabalho, a da família, a da vida social, é uma versão de mim mesmo, uma parte de um eu fragmentado. Se, por um lado, a memória é invenção, por outro, a autobiografia, como forma de registrar essa memória, é uma tentativa de dar forma e coerência a elas. E é nesse espaço entre a memória como invenção e a autobiografia como construção do eu que a fragmentação da identidade circula. Ela não é um problema a ser resolvido, mas uma característica fundamental da experiência humana. Uma invenção sem fim, uma busca por significado e por identidade. Uma faceta de um eu que nunca está completamente formado, mas sempre em processo.

2.5. Fazer com o que me falta: criação, dúvida e relação

Foi um imenso desafio, mas também uma necessidade, transduzir algo tão complexo e intangível para o som. Afinal, a palavra não dá conta de tudo. Roland Barthes, em seu ensaio *A Câmara Clara*¹⁵,

15 Barthes, R. (1984). *A câmara clara: Nota sobre a fotografia* (J. Guinsburg, Trad.). Rio de Janeiro: Nova

oferece um caso exemplar de escrita subjetiva. Neste ensaio, ele aborda a imagem, mas é uma correlação suficientemente clara para ser repassada ao som.

A Câmara Clara é um ato de memória. Um ensaio no qual, ao analisar fotografias, Barthes revive momentos de sua vida e elabora o luto por sua mãe. Ele introduz dois termos para descrever nossa relação com a imagem – *studium* e *punctum*. O *studium* refere-se aos aspectos culturais e informativos que podemos discutir abertamente sobre uma foto; já o *punctum* é aquele detalhe íntimo e pungente que "salta" da fotografia e nos fere, provocando uma emoção singular. O *punctum* pertence à ordem da experiência subjetiva pura e Barthes admite que falta linguagem para comunicá-lo, pois ele toca a esfera do inefável.

Barthes escreve de forma não linear, misturando reflexões teóricas e impressões pessoais fragmentadas, espelhando assim o funcionamento da memória afetiva. A linguagem torna-se um veículo precário para articular a identidade e ele reconhece que esse eu narrador é incompleto. A memória ali não é apenas recuperar fatos, mas sentir de novo, em toda a sua ausência. Assim, Barthes mostra que, na escrita do eu (seja um diário ou um ensaio pessoal), a linguagem opera entre o dito e o calado, e a verdadeira subjetividade surge justamente nas brechas onde a palavra falha. E essa busca, não na imagem, mas no som, é uma das propostas que abordei durante a pesquisa. Visitar outros lugares e sensações que não sou capaz de exprimir através das palavras.

O "punctum" de Barthes – aquele detalhe pungente que salta e nos afeta emocionalmente – tem um equivalente sonoro em alguns fragmentos que usei. Quando escuto certas inflexões de voz nas

gravações do meu tio-avô, por exemplo, sinto uma conexão emocional imediata que transcende o conteúdo da fala. É a fala de alguém com 95 anos, com toda uma história que se expressa naquele gaguejar específico do timbre ou da entonação. Como se perfurasse as camadas de tempo e distância, criando uma ponte direta com minhas memórias afetivas. Acabei por utilizar estes sons fonéticos e sibilâncias na faixa “Lavadeiras” como quem cria um outro idioma que conta algo do subjetivo. Falo sobre este processo no capítulo 5.2.

Precisei entender muitas coisas ao longo do percurso. Muitas que são evidentes no discurso, mas difíceis de sentir e assumir. Como aceitar que no trabalho artístico mais vale vasculhar sensações e explorar caminhos que nos sensibilizem e/ou surpreendam do que enfatizar os aspectos técnicos. Explorar, experimentar, investigar, pensar, fazer, falhar, aprender, sentir, fazer de novo... Afinal, sempre foi esse o meu método autodidata na arte.

Szyborska¹⁶ lembra que o que move a criação não é a certeza, mas a inquietação — esse gesto insistente de perguntar e de não saber. A dúvida, longe de paralisar, alimenta o processo criativo. Faz com que o processo seja uma dimensão, sobretudo exploratória onde cabe o não saber, a falha, o refazer e tudo mais que advenha dele, sem peso. Rilke¹⁷, também aborda o não saber como elemento crucial do processo artístico.

Pois arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente

16 <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1996/szyborska/lecture/>

17 Rilke, R. M. (2007). Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke (U. Baer, Org.; M. C. Mota, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante

não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso, involuntariamente. Nunca ter terminado. Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom. Insatisfação é juventude.

Segundo Rilke, a arte não consiste em destruir o existente, mas em abordá-lo como se fosse novo, sem pressupostos ou preconceitos. A obra de arte deve surgir de uma necessidade interior.

No decorrer da vida, principalmente na maturidade, precisei entender-me como um ser múltiplo, repleto de contradições e ambiguidades. Tem sido necessário derrubar as certezas, sentir a insegurança, tornar-me frágil e ter cada vez mais perguntas que respostas. Sentir as dores e os incômodos sem que me paralisem... ou que me paralisem pelo tempo que se fizer necessário para serem redimensionados e amalgamados em mim.

Mencionei que escrever para o outro é escrever sobre nós, traço o mesmo paralelo para todas as outras coisas a que, dedicadamente, damos a nossa atenção. Ler, ver, ouvir, sentir. Interagir com o outro, com o externo, será sempre uma grande fonte de aprendizado, desenvolvimento e até mesmo de conforto e aceitação, ainda que na diferença.

2.6. Falta, Privilégio, Alteridade e Identidade

Durante a leitura de três livros de Édouard Louis (*Mudar*¹⁸, *Quem matou meu pai*¹⁹ e *O fim de Eddy*²⁰) identifiquei-me em imensas coisas. Sobretudo, com muitas das questões que cercaram a minha adolescência eram compartilhadas.

*Nos dias seguintes, a cada refeição me esforcei para comer como Elena me mostrara, os outros comiam e achavam que eu fazia a mesma coisa, mas na verdade quando eu comia eu trabalhava, aprendia um novo corpo.*²¹

Este trecho remete-me diretamente para quando, em torno dos dez anos, entendi que tinha atração por homens. Eu era uma criança divertida e irônica. Fazia imitações. E lembro-me, com a clareza que uma memória pode permitir, de tomar uma decisão: tinha que ser menos brincalhão para não desconfiarem que sou gay. Era preciso ser mais sério, mais contido. Olhando para trás vejo isso como uma decisão pesada demais para se tomar aos dez anos e carregá-la sozinho. Foi algo que acabou por se tornar estruturante na minha constituição.

De certo modo, esta minha descrição é ainda simplificada. Entre sentir-se atraído por homens e perceber-se gay há uma distância significativa, não apenas de linguagem, mas de mundo. Primeiro, entende-se que há algo diferente. Depois, que esse algo é mal visto. E só mais tarde, com tempo, dor e algum repertório, é que conseguimos

18 Louis, É. (2024). *Mudar: Método* (M. Scalzo, Trad.). São Paulo: Todavia

19 Louis, É. (2023). *Quem matou meu pai* (M. Scalzo, Trad.). São Paulo: Todavia

20 Louis, É. (2018). *O fim de Eddy* (F. Angiolillo, Trad.). São Paulo: Tusquets

21 Louis, É. (2022). *Mudar: Método* (P. Neves, Trad.). Companhia das Letras., p.82

dar nome. Não é um caminho direto. Sabia apenas que algo em mim destoava da norma e que isso precisava ser escondido. A vergonha não era só do desejo, mas da possibilidade de não corresponder ao que esperavam de mim.

Ser mais contido, era uma tentativa de controle. Um esforço infantil, mas imenso, de apagar traços que pudessem denunciar quem eu era - ou quem eu ainda nem sabia ser. Esse ato precoce moldou meu comportamento.

Do mesmo modo, já mais velho, aos 22 anos, quando comecei efetivamente a sair com homens, resolvi separar a minha vida pessoal da profissional, para evitar que as pessoas do trabalho entrassem em contato com a minha vida pessoal. Essa decisão fez com que eu evitasse fazer amigos no ambiente profissional. Tinha colegas. Era simpático e sociável, mas sem permitir aproximação.

Apesar de eu não ter tido a necessidade de aprender um novo corpo físico como Louis, tive que aprender um novo corpo social, um novo modo de estar, sempre vigilante.

Muitas das sensações e dúvidas que Louis descreve nos seus livros habitaram o meu corpo, mente e imaginário. E esse era um grau de representatividade que, na adolescência, eu não tive acesso. Não havia modelos.

Os temas do *bullying*, o medo de decepcionar a família, de não corresponder às expectativas, de não ser aceito pelos amigos - e todo o processo de transformação que ele atravessa - ecoaram fortemente nos receios e ansiedades que carreguei por grande parte da vida. Foram essas tensões silenciosas que acabaram por orientar muitas das minhas escolhas. O mais cruel, talvez, tenha sido o fato de que tudo isso se deu num percurso solitário, sem partilha, sem testemunhas.

Dos 10 aos 22 anos, até minha primeira experiência com um homem, viver minha sexualidade foi carregar um peso desproporcional à minha idade. Quando não somos aceites por quem somos, grande parte da nossa energia é desviada para inventar estratégias, disfarces, caminhos de sobrevivência. Por isso, as experiências que ele descreve neste âmbito ressoaram em mim de forma profunda.

Mas uma outra coisa me chamou a atenção: o fato de que, em nenhum momento, apesar da miséria, Louis perceba que existem privilégios. Ele relaciona a sua situação de miséria como equivalente aos países mais pobres do mundo.

Louis é um homem branco, europeu, francês — oriundo de um dos países que mais preza pelo bem-estar social. Um homem gay que, apesar da pobreza e do imenso esforço exigido, conseguiu ascender também pela raridade de sua história em seu país. Essa oportunidade não existe para uma mulher negra em um país africano. Sua história seria como a de tantas outras mulheres. Por isso, penso ser fundamental que cada um de nós reconheça os próprios privilégios.

Uma grande diferença entre a experiência de Louis e a minha foi perceber o quanto o privilégio de ter tido uma família estruturada foi relevante para meu caminho e autonomia.

Hoje, vivendo em Portugal, consigo perceber com mais clareza que, por mais que se tente entender o outro, por mais que nos esforcemos para nos colocar em seu lugar, nunca estaremos realmente lá. Viver fora do país de origem é também viver sob outros pressupostos culturais: códigos, silêncios e modos de estar que não são nossos de nascimento, mas que nos atravessam e nos transformam. Portugal, com sua história, ritmo, linguagem e relações sociais, molda sutilmente a forma como passo a perceber o mundo e a mim mesmo.

E é justamente essa experiência que reforça a ideia de que toda tentativa de empatia tem um limite: por mais que se busque a compreensão, a nossa perspectiva continuará sendo a nossa. O máximo que conseguimos alcançar é uma visão mais rica e aberta, mas ainda assim profundamente pessoal e intransmissível.

Heidegger²² defende que o ser humano está sempre em uma relação de alteridade com o mundo e com o outro. O conceito de *dasein*, o ser-no-mundo, implica que a nossa experiência do mundo é inevitavelmente subjetiva e pessoal. Não se trata apenas de conhecer o outro, mas de estar conjuntamente no mundo, compartilhando experiências, mas sempre de maneira única, irrepetível. Nossa existência ganha significado através de nosso engajamento ativo com o mundo e com os outros.

À medida que me aprofundo em qualquer tema, percebo como tudo ao meu redor se amplia, multiplicam-se as camadas de percepção, os pontos de vista se conectam e se separam simultaneamente. Quanto mais se aprende, mais se percebe o quanto se desconhece – uma dinâmica já abordada por muitos filósofos e artistas ao longo da história. Essa tensão entre conhecimento e reconhecimento de nossos limites não é acidental, mas reflete nossa condição existencial que Heidegger caracteriza como ser-no-mundo: lançados em um horizonte de possibilidades que nunca dominaremos completamente. Para Heidegger, o ser-no-mundo não possui uma essência fixa ou acabada, mas se constitui como projeto, como possibilidade sempre em realização.

22 Heidegger, M. (2002). Ser e tempo (F. Bezerra, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1927)

Tenho vivido este contínuo processo de questionamento e transformação – simultaneamente libertador e angustiante. Esta concepção existencial tem se refletido na minha abordagem composicional, principalmente para este trabalho. Ao invés de buscar sonoridades definidas e conclusivas, incorporo deliberadamente elementos que refletem a abertura ontológica do ser-no-mundo: evitei fechamentos conclusivos, orquestrei desvios, explorei texturas, incorporei ruídos, o inesperado e o improvisado, deixando um estado de devir. Estas escolhas estéticas servem como possibilidade de abertura.

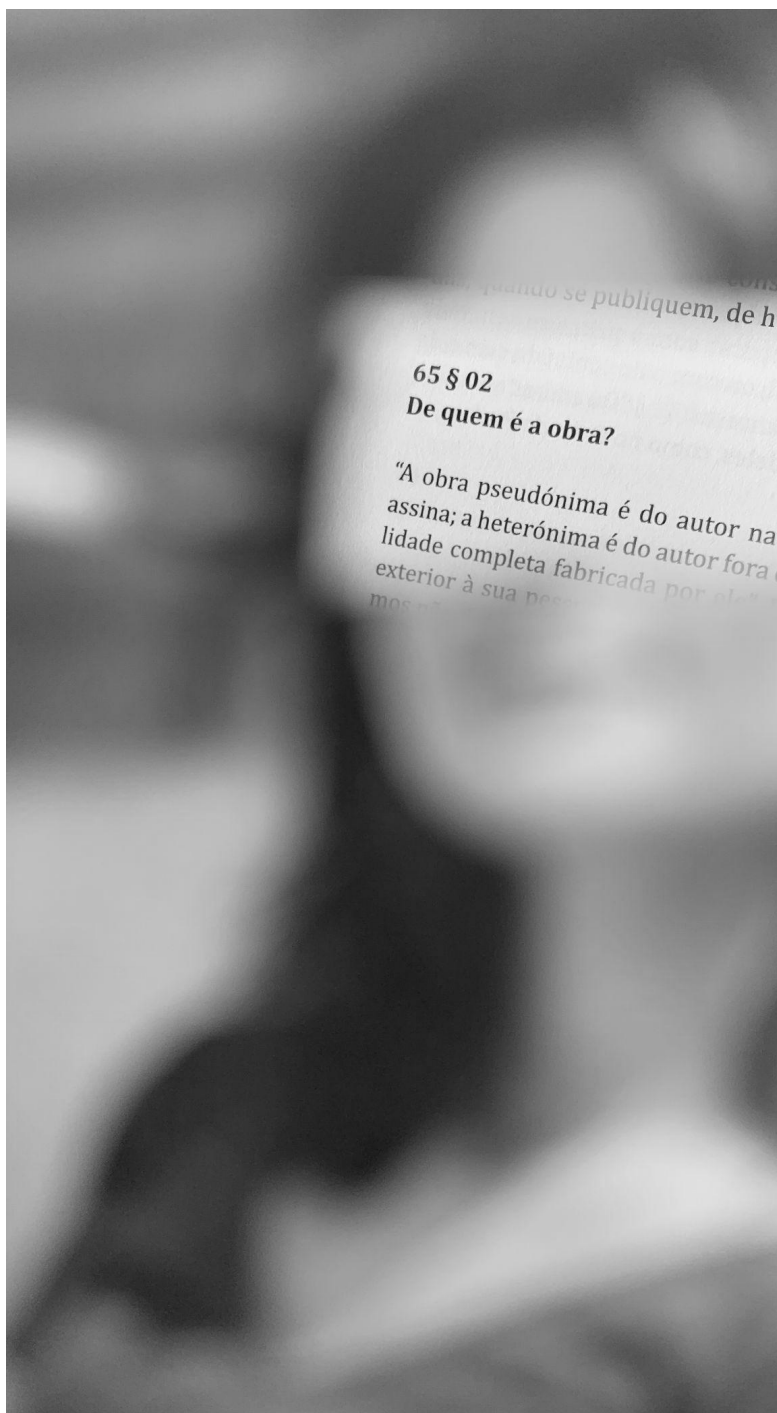
Assumir minhas faltas e limitações nunca foi algo difícil para mim nas artes: falta-me a precisão de um grande instrumentista ou o domínio teórico da música. Sei destas faltas, mas elas nunca me impediram de criar. Talvez porque a necessidade de criar se sobreponha a tudo, mesmo que não saibamos expressar racionalmente o porquê. É a partir do que me falta que descubro novos caminhos, novas possibilidades. Ofereço o que posso oferecer. O ser-no-mundo é definido por sua falta. Não é uma presença isolada, mas uma presença em movimento de busca. O trabalho que apresento, sincero e dedicado, não é a culminação de algo pronto, mas a tentativa de dar forma a uma experiência subjetiva que encontra seu sentido na relação com o outro.

A pesquisa que desenvolvi ao longo deste projeto se tornou um elemento transformador tanto para o trabalho quanto para mim. Reflete a relação dialética entre sujeito e objeto que Heidegger descreve. Ele defende que sujeito e objeto não são entidades separadas, mas se constituem mutuamente. O sujeito não existe sem o objeto, e o objeto não pode ser compreendido sem o sujeito que o experiencia. No contexto da minha pesquisa, a troca de confidências, de memórias,

de impressões que compõem as narrativas foi uma interação intensa de histórias, ficções e sensações que mexeram na minha própria relação com as pessoas, desafiando-me a repensá-las e, com isso, redimensionar minhas próprias interações e afetos.

O que começou como uma ideia para uma instalação: um espaço físico para explorar essas questões de fragmentação da identidade e memória, se transformou em um ensaio e um álbum. O formato mudou, mas o propósito permaneceu: criar uma relação mais profunda com o outro, permitindo que também as pessoas envolvidas no projeto, aqueles que não poderiam aceder fisicamente à instalação, tivessem acesso a essa experiência. O que apresento no ensaio, nas colagens, nas letras, poemas e nos sons (álbum) é a tentativa de capturar algo que só pode ser atingido através da abertura ao outro. Heidegger fala do ser-com (*mitsein*) o outro, e eu vejo o trabalho como uma forma de compartilhar essa experiência de ser, de nos fazer presente, mesmo que geograficamente distante.

O tempo dedicado a esta investigação me permitiu refletir e materializar que minha experiência de ser-no-mundo se dá através da relação com o outro — uma relação que é marcada também pela ausência, pela incompletude e pela constante busca por sentido. É através dessa busca, das perguntas não respondidas e das faltas, que meu trabalho ganha profundidade e significado. A busca pela compreensão de mim mesmo, do outro, e do mundo, torna-se uma jornada que nunca se completa, mas que, a cada passo, revela novas formas de ser, de existir e de se conectar.



Ficção do Olhar #3 – Colagem autoral. Zeh Antunes, 2025

Capítulo 3. Referências e Aberturas

Os livros, filmes e artistas que me acompanharam ao longo do percurso foram fundamentais para ampliar e aprofundar minhas reflexões, não apenas sobre o tema da pesquisa, mas sobre mim mesmo. Suas obras não serviram como simples ilustrações conceituais, mas como gatilhos sensíveis que atravessaram o pensamento e, mais tarde, deixaram marcas também no som.

Apresento aqui algumas das referências que mais diretamente influenciaram o projeto. Não estão todas. Muitas aparecem de forma dispersa no diário de trabalho que fiz ou diluídas nos capítulos anteriores. As que destaco agora são aquelas que, por afinidade, impacto ou ressonância afetiva, provocaram deslocamentos significativos neste trabalho.

3.1. Memória e representações: o cinema como espelho

A série *Adolescência*²³ apresenta uma narrativa atual que, embora não trate diretamente da homossexualidade, aborda a sexualidade e as dificuldades que crianças enfrentam ao lidar com questões tão complexas sem o suporte adequado. Na cena mais impactante, durante a conversa entre o garoto e a psicóloga, o personagem atravessa diversas camadas de complexidade com uma intensidade assustadora. Transita da criança frágil e carente que demanda cuidado para o homem sedutor e seguro de si, depois para o abusador — até finalmente colapsar. Todas essas identidades fragmentadas emergem como resposta às exigências da sociedade em relação a padrões e comportamentos. Ao seu lado, vemos a irmã, criada na mesma

23 Thorne, J., & Graham, S. (Roteiristas), & Barantini, P. (Diretor). (2025). *Adolescência* [Série de televisão]. Netflix

estrutura familiar, provavelmente atravessada por outros traumas, mas que, através da sua própria leitura (e aqui se revela a singularidade de cada um de nós), consegue manter-se fora de posições extremadas. A minissérie dá visibilidade às consequências devastadoras que a não aceitação pode ter sobre uma criança algo que, infelizmente, está longe de ser apenas ficção como evidencia, por exemplo, os recorrentes tiroteios em escolas nos Estados Unidos.

Assisti também a diversos filmes que tratam da homossexualidade, com foco principal na adolescência e na dificuldade em assumir-se perante a sociedade. Todos me deram a clara sensação de que ter acesso a essa representatividade é extremamente importante para que as pessoas possam se relacionar com o tema, percebendo melhor suas questões. Adoraria ter tido filmes realistas como estes na minha adolescência.

*Close*²⁴ é um filme bastante sensível marcado pela profundidade sensorial das emoções não verbalizadas. As trocas entre Léo e Rémi (dois meninos com 13 anos), apesar de intensas, são frequentemente caracterizadas pelo silêncio ou pela comunicação não verbal. A descoberta de Léo é mais interna e sensorial do que racional. O toque entre eles, frequentemente leve e hesitante, é representativo. Retrata o desconforto e a descoberta de Léo sobre si mesmo. Reflete a vulnerabilidade do jovem em relação ao que está sentindo, mas ainda não consegue nomear ou compreender. Lembro-me desta fase em que as sensações não eram claras e que, na incompreensão, a primeira reação era achar que eu tinha algo de errado. Era eu que não estava a atender a normalidade.

24 Dhont, L. (Diretor). (2022). *Close* [Filme]. Menuet, Diaphana Films, Topkapi Films, Versus Production.

Léo, como um jovem em processo de autodescoberta, é dominado por sentimentos de insegurança. O filme não oferece respostas fáceis ou conclusões claras sobre sua sexualidade. Essa ambiguidade é um reflexo de muitas das inseguranças que os jovens passam ao tentar compreender sua identidade sexual. Ele começa a notar as atitudes externas que intensificam as expectativas sociais sobre o que é aceitável nas relações afetivas e sexuais, isolando-o cada vez mais.

*Love, Simon*²⁵ chamou-me a atenção para uma outra característica que, por vezes, romantizamos. Acompanha Simon, um adolescente de 17 anos que, embora tenha uma família amorosa e moderna, enfrenta uma grande dificuldade em aceitar sua própria sexualidade. Os pais e a irmã de Simon tratavam abertamente do tema para deixá-lo à vontade. Abriam o diálogo para que ele pudesse se posicionar e, mesmo no ambiente familiar aberto e acolhedor, a pressão externa permanece existindo como um ente que independe de agentes.

Romanticamente achamos que, se houver os pontos de apoio cruciais (família e amigos), todo o resto tornar-se-á irrelevante. Mas não funciona assim. Há um peso silencioso que atravessa o sujeito — construído socialmente, sedimentado nos olhares, nos códigos, nos pequenos gestos. Um peso que, mesmo em meio ao apoio, não se dissolve automaticamente.

O medo, a vergonha, as sensações de inadequação não nascem apenas da ausência de apoio, mas também da internalização de um mundo que, antes de nos acolher, nos exige provas. E para quem descobre cedo que é diferente da norma, essa prova é diária, íntima,

25 Berlanti, G. (Diretor). (2018). *Love, Simon* [Filme]. 20th Century Fox.

silenciosa. O filme revela isso: a luta não é apenas contra os outros, mas contra as vozes que já se instalaram dentro de nós.

*All of Us Strangers*²⁶ aborda dois temas que atravessam minha autoetnografia: a solidão e a dificuldade de aceitação. O filme os desenvolve a partir de questões que também estruturam minha pesquisa: memória, ficção e rede de afetos.

O protagonista, Adam, enfrenta uma luta constante para se aceitar como pessoa queer. A solidão é retratada como um estado existencial e espacial, simbolizada pelo edifício onde vive, recém-construído e desabitado, e pela ausência de vínculos significativos. Essa sensação de isolamento espelha uma das maiores dificuldades do processo de aceitação pessoal: a ausência de pertencimento e de modelos de identificação.

Como em *Love, Simon*, o filme evidencia que a aceitação não depende apenas do olhar externo, mas de uma reconciliação interna com quem se é. No meu caso, percebo que essa reconciliação atravessa tanto a esfera sexual quanto a artística. Aceitar-me como artista, por exemplo, foi também um processo longo e conflituoso. A presença de uma rede de afetos, como sugere o filme, é determinante para que esse processo seja possível.

Ao criar sua própria narrativa, Adam constrói uma espécie de autoetnografia ficcional: visita seus pais já falecidos, reconstrói cenas da infância e tenta preencher lacunas afetivas que permanecem abertas. Sua identidade aparece fragmentada, oscilando entre quem ele é, quem foi e quem gostaria de ter sido, o que se torna um espelho

26 Haigh, A. (Diretor). (2023). *All of Us Strangers* [Filme]. Blueprint Pictures; Film4; Searchlight Pictures.

da forma como a identidade emerge por meio de lembranças parciais, afetos suspensos e reconstruções imaginadas.

A relação amorosa que Adam desenvolve com Harry é fundamental nesse processo: através do afeto, ele encontra um ponto de apoio capaz de suavizar o sentimento de exclusão e de fornecer uma imagem possível de integralidade. O amor, nesse contexto, não é idealizado, mas apresentado como espaço de reconhecimento mútuo e de escuta.

All of Us Strangers opera com a ideia de memória que não é linear nem objetiva. Ao revisitar o passado, Adam reorganiza sua identidade com base em fragmentos — não para buscar uma verdade definitiva, mas para construir uma narrativa habitável. Através da ficção e do afeto, ele se reconta.

Cito aqui alguns outros filmes e séries que abordam a sexualidade *queer* de modo interessante: *Call me By Your Name*²⁷, *Hoje eu Quero Voltar Sozinho*²⁸ e as séries *Transparent*²⁹ e *Euphoria*³⁰.

3.2. Relações, Ausências e a Linguagem Não-Verbal

Um filme que foge da temática da sexualidade, mas que me toca na ausência nas relações familiares, foi *Under Construction*³¹, de Markus Toivo, que assisti durante o *Family Film Project 2025* no Porto. Trata-se de um documentário centrado no resgate da relação entre pai e filho

27 Guadagnino, L. (Diretor). (2017). *Call Me by Your Name* [Filme]. Frenesy Film; La Cinéfacture; RT Features.

28 Ribeiro, D. (Diretor). (2014). *Hoje eu quero voltar sozinho* [Filme]. Lacuna Filmes.

29 Soloway, J. (Criadora). (2014–2019). *Transparent* [Série de televisão]. Amazon Studios.

30 Levinson, S. (Criador). (2019–). *Euphoria* [Série de televisão]. HBO Entertainment; A24.

31 Toivo, M. (Diretor). (2023). *Under Construction* [Filme/documentário]. Finlândia.

— o próprio realizador, Markus, e seu pai. O pai havia construído a casa da família com as próprias mãos, mas, trabalhava fora da cidade e dedicava os poucos momentos em casa à construção incessante do lar. Acabou por ser um pai ausente na criação dos sete filhos. Após o divórcio, afastou-se ainda mais da família.

No filme, Markus envolve-se com a construção de um portão para essa mesma casa, ainda inacabada. A atividade, aparentemente simples, serve como metáfora para a tentativa de reconstruir a relação entre os dois, marcada por anos de distanciamento e por um claro descompasso geracional.

Ainda que a cultura finlandesa, tão distante da minha, pareça marcada por relações mais contidas e menos táteis do que estou acostumado nos contextos latinos, chamou-me a atenção como a presença física ali se mostra como um elemento fundamental de reconexão. Não há grandes declarações, nem diálogos profundos. E ainda assim, há troca. Em uma das cenas, pai e filho estão ao sol, trocavam apenas algumas perguntas e respostas curtas, mas nesse silêncio cheio de presença o vínculo se formava, ou talvez se recuperasse. Aquele simples “estar” partilhado, parecia gerar conexão.

Esse tipo de relação, que se constrói para além da linguagem verbal, me toca. Reforça a importância do corpo, da escuta, da ação partilhada como formas de vínculo e de reconstrução afetiva. Ainda luto com isso. Por mais que compreenda que a palavra não dá conta de tudo, sigo valorizando a linguagem como modo de elaboração e encontro. Ver um filme como esse, que aponta outros caminhos para o afeto, desafia-me. Há pessoas cuja expressão se dá por outros códigos: o gesto, o silêncio, o fazer, o simples estar. Há ali tanto a ser sentido quanto numa conversa longa.

Under Construction me lembrou que o resgate dos vínculos pode acontecer nos pequenos gestos, nas tarefas feitas em conjunto. O ato de construir algo lado a lado é, para mim, uma metáfora poderosa, afinal, é o que fazemos com quem amamos. O documentário reitera que a construção do eu e das relações pode se dar por meio de experiências sensoriais e afetivas - e não apenas pelas palavras.

Fiquei a pensar que, se meu pai estivesse vivo, talvez eu quisesse tentar compreendê-lo melhor. Perdi meus pais pouco depois dos trinta anos, mas meu pai, separado da minha mãe desde que eu tinha apenas um ano, foi sempre ausente, tanto material quanto afetivamente. Hoje, olhando de longe, percebo, pelas histórias que escutei ou presenciei, que havia nele muitos nós não desfeitos. Comportamentos que pareciam carregar sintomas de uma história interna complexa, que nunca me foi contada. Não sei praticamente nada sobre a família dele. E há uma curiosidade que persiste.

Essa distância e a dificuldade de nomear o que nos liga (ou separa) também me vieram à mente ao assistir à série *Normal People*³². Acompanhando a relação entre Connell e Marianne, percebi o quanto a intimidade pode não exigir eloquência. Muitas vezes, os afetos se manifestam em silêncios, em gestos entrecortados, naquilo que não se diz. Eles se ferem, se perdem, se reencontram e, mesmo quando falham em se entender, permanecem. Tornam-se, um para o outro, espaços de acolhimento. O silêncio, ali, não é vazio: é uma linguagem outra, carregada de tudo o que não se consegue articular.

32 Abrahamson, L., & Macdonald, H. (Diretores). (2020). *Normal People* [Série de televisão]. Element Pictures;

BBC Three; Hulu.

Aquilo que *Under Construction* revela na imagem de um portão sendo erguido lado a lado, encontra eco em *Normal People* na insistência em simplesmente permanecer. Essa presença silenciosa, imperfeita, era, talvez, o modo de amor possível: estar junto como forma de construir pontes invisíveis.

Em ambas as obras, a identidade não é um dado, mas algo que se forja no encontro com o outro. Marianne e Connell não saem os mesmos de cada contato. Assim também somos nós: cada relação nos atravessa, revela camadas, deixa marcas. Ao pensar em meu pai, questiono-me sobre quais traços seus carrego em mim. Quais marcas ele deixou, mesmo sem saber, mesmo ausente?

Ambas as obras me fizeram refletir sobre proximidade e presença como alternativas afetivas ao diálogo e às palavras.

3.3. Colagem e Composição

Saindo da literatura, atravesso brevemente o campo das artes visuais. Durante minha pesquisa inicial, havia listado Robert Rauschenberg como uma referência evidente. Seu trabalho tem como meios as camadas, fragmentos e reaproveitamento do cotidiano, temas que também atravessam a minha prática e pesquisa. No entanto, por ter concentrado o foco nos pensadores, no cinema e na arte sonora, acabei por não me aprofundar em sua obra. Curiosamente, foi através da leitura de John Cage³³, que Rauschenberg reapareceu no percurso — não através da imagem, mas como pensamento:

Sabemos duas maneiras de desfocar a atenção: uma delas é a simetria; a outra é o todo em que cada pequena parte é uma

33 Cage, J. (2007). *Silêncio: Conferências e escritos* (M. Marovatto, Trad.). São Paulo, Brasil: Perspectiva. p.100

amostra daquilo que se encontra em alguma outra parte. Em qualquer um dos casos, existe pelo menos a possibilidade de se olhar para qualquer lugar, e não apenas para onde alguém planejou que se devesse olhar. Você está então livre para lidar com sua liberdade, assim como o artista lidou com a dele, não da mesma maneira, mas, de todo modo, de forma original... Tudo isso significa que, olhando mais de perto, vemos, por assim dizer, que tudo está ainda no caos.

A liberdade de olhar em qualquer direção, sem um foco previamente determinado, desmonta a ideia de composição como controle e revela uma lógica que me interessa: a de que sentido e beleza podem emergir do acaso, da justaposição, do ruído e, principalmente, do que escapa ao plano original (o desvio). Rauschenberg — que aceita restos, doações e sobras, não centraliza o olhar, mas convida à deriva para que o outro veja o que quiser, do modo que puder. Trata-se de uma expressão genuína de abertura ao outro: um gesto de alteridade que vai além da simples interação entre sujeitos e revela uma disposição para se deixar afetar pelo que é diferente, por aquilo que escapa ao nosso controle. Essa atitude implica reconhecer o outro como portador de singularidade e humanidade, permitindo que a diferença nos transforme e enriqueça.

Cage³⁴ continua:

Certamente Rauschenberg tem técnicas. Mas as que ele tem ele desusa, usando as que não tem. [...] A arte moderna não precisa

34 Cage, J. (2019). *Silêncio: conferências e escritos* (B. Bastos & I. Tirelli Neto, Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó. (Obra original publicada em 1961) p.101

de técnica. (Habitamos a glória de não saber o que estamos fazendo.) Portanto, a técnica, não tendo nada a ver com o quadro, tem a ver com quem observa e com quem pintou. Pessoas.

Nunca fui um músico ou artista técnico, com formação acadêmica e, por muito tempo, me pareceu uma limitação. Fui percebendo que a força do meu trabalho talvez esteja justamente nos caminhos que invento para contornar o que me falta — ou para transformar a ausência em gesto. Se Rauschenberg fosse um artista sonoro, imagino que trabalharia com fragmentos, samples, ruídos, sobras e trocas. O processo exploratório é um terreno em que me sinto à vontade: tentar abrir espaço para que a obra não se feche sobre si, mas possa ser revisitada a cada escuta.

Talvez por isso, a ideia de desfocar a atenção, seja pela simetria, seja pela repetição, funcione tão bem como metáfora da estrutura que busquei construir. O projeto não tem um centro. Um álbum, um ensaio, poemas, colagens, cartas, músicas, sons, fragmentos poéticos — todos coexistem como camadas simultâneas, sobrepostas, que se implicam sem se resumir. Como escreveu Cage, a técnica talvez não esteja na obra, mas nas pessoas. E isso muda tudo.

Tem sido um exercício importante, nos últimos anos, transitar entre trabalhos mais ligados à canção, com raízes no rock e na estrutura musical tradicional, e outros mais exploratórios, intuitivos e abertos. Essa convivência entre formas também reflete o momento de vida em que me encontro: Atravessei mudanças profundas - tanto geográficas quanto existenciais - que envolvem a mudança de país, a transição de área profissional, a manutenção e a criação de novas relações afetivas, a redefinição de modos de estar no mundo. Tenho

reconstruído esta rede de afetos, reformulado vínculos e revisitando o que entendo por maturidade e envelhecimento. Nada disso parece ser por acaso, embora o acaso atue o tempo todo. E talvez seja essa a maior lição: por mais que eu tente controlar os rumos, estou apenas navegando, entre fragmentos, intenções e entregas.

3.4. Ser ou Não Ser? Intenção e Silêncio

Ao ler Cage, fico frequentemente com a sensação de que ele esteve sempre à frente do seu tempo e segue à frente do meu. Algumas de suas proposições me fascinam, mas ainda não consigo incorporá-las de forma plena ao meu processo. No momento, são como faróis: iluminam caminhos possíveis que, por ora, povoam meu imaginário. Não sei afirmar se condizem com meu desejo, mas tenho curiosidade por percorrê-los.

Duas dessas ideias: a primeira é a abdicação da autoria — deixar que os sons encontrem o seu próprio rumo, sem a necessidade de expressar algo, sem que sejam conduzidos por uma intenção ou narrativa pessoal. A segunda é o trabalho com o silêncio. Para Cage, o silêncio não é o oposto do som, mas sim um campo onde coexistem os sons intencionais e os não intencionais. É uma escuta radical do mundo — daquilo que normalmente ignoramos: ruídos ambientais, respirações, deslocamentos, vida. O silêncio, nessa perspectiva, é tudo o que não controlamos — e tudo o que, ainda assim, pode ser escutado.

Essas ideias, embora me encantem, não dialogam diretamente com meu fazer. Ainda funciono como compositor no sentido tradicional: como quem deseja mostrar, dizer e organizar a experiência. Neste processo tenciono deixar a composição aberta à leitura do outro, mas, carrego ali a minha intenção. Ainda busco sentido, estrutura e

presença. Sobre o silêncio, Cage demanda que também eu me silencie internamente. Neste momento da minha trajetória ainda há muitas vozes que precisam ser ouvidas antes que eu as possa calar. Também penso até que ponto a proposta dele faz sentido no campo prático, fora das ideias provocativas. A abstração absoluta do compositor pode ser simplesmente sentar-se e escutar todos os sons que já existem por si só. Nesse sentido, a abordagem de Murray Schafer³⁵ sobre a paisagem sonora amplia ainda mais essa perspectiva: para Schafer, todo o ambiente acústico em que vivemos é uma imensa composição musical em constante transformação, da qual somos simultaneamente ouvintes, intérpretes e criadores.

Assim, tanto Cage quanto Schafer sugerem que a escuta atenta do mundo pode ser, por si só, um gesto criativo. Percebo o que apontam. Mas, por ora, sinto a necessidade de organizar e dar sentido aos sons com que trabalho. São ainda repletos de intenção. Essa tensão entre o que admiro e o que sinto necessidade de realizar não me frustra. Pelo contrário, me estimula a visitar outros lugares sem que estes sejam objetivos de chegada, apenas deriva.

3.5. Ser muitos, fazer-se no entre: performatividade e fragmentação

Partindo para a música, *Moonage Daydream*³⁶ é um documentário sobre a vida e carreira de David Bowie. O filme oferece uma narrativa através de imagens inéditas dos arquivos pessoais de Bowie, incluindo

35 Schafer, R. M. (1977). *The tuning of the world*. New York, NY: Knopf.

36 Morgen, B. (Diretor). (2022). *Moonage Daydream* [Filme]. Decal.

apresentações ao vivo, vídeos experimentais, entrevistas e claro, som. A recuperação e o tratamento estético das imagens criam uma linguagem por si só. Não há um narrador fixo na construção desta narrativa. Ela se cria através da colagem constante dos diversos fragmentos.

Bowie explorava e reconstruía aspectos de sua identidade e de suas relações. O filme aborda a influência de seu meio-irmão (Terry Burns) que sofria de esquizofrenia e isso chamou-me a atenção.

Nas palavras de Bowie:

Acho que Terry provavelmente me deu a melhor educação que eu poderia ter tido. Ele me apresentou a coisas de fora, coisas diferentes: tipos de livros, tipos de música e atitudes que não faziam parte do repertório do lugar onde cresci. (tradução livre).

Foi Burns que o apresentou ao jazz moderno, ao budismo, à poesia beat de William Burroughs e ao ocultismo. Para além da influência direta que estes elementos tiveram nas obras e na trajetória de Bowie, fiquei a remoer sobre o quão curioso é o fato do “camaleão do rock”, o homem que evitava se repetir, que criava diferentes identidades e personagens, relatar como sua grande influência, o irmão com esquizofrenia.

A esquizofrenia, especialmente quando pensada fora do campo estritamente biomédico, tem sido associada à ideia de fragmentação da identidade, de vozes múltiplas, de realidades que coexistem sem se fundirem num só eixo de consciência. Na esquizofrenia, há mais uma diluição da sensação de identidade do que uma multiplicação ordenada dela. E isso parece estar extremamente presente na carreira de Bowie.

Quando ele diz: “...me apresentou às coisas externas.” fica evidente que a alteridade faz parte de seu processo. A percepção de Bowie sobre a importância do diferente e o diálogo que fez com isso foi fundamental na construção de sua diversa carreira.

O filme não se apoia em narrações explicativas, mas permite que o espectador vivencie a jornada de Bowie através de imagens, sons e performances. Essa abordagem também ressoa com a ideia de que a comunicação e a conexão humana podem ocorrer de maneiras que transcendem a linguagem verbal.

Bowie foi um dos primeiros artistas pop a tornar a fragmentação da identidade não apenas um tema, mas sim, uma estratégia artística. Personagens como Ziggy Stardust, Aladdin Sane, The Thin White Duke e outros não eram apenas alter egos teatrais. Eram experimentações com o eu. Ele vivia o que filósofos como Judith Butler³⁷ chamariam de performatividade da identidade: o eu como algo que se faz, que se encena. Personas como camadas que coexistem, se contradizem, se sobrepõem. Essa fluidez se aproxima também da ideia do artista como aquele que se permite experimentar o desconhecido de si, aceitando a descontinuidade como parte do eu.

Butler desafia a ideia de que existe uma essência de gênero ou de identidade anterior à linguagem, à cultura ou ao corpo vivido. Para ela, não somos algo e depois expressamos isso. Em vez disso, nos tornamos o que somos através de atos repetidos que socialmente são reconhecidos como sendo de "um homem", "uma mulher", "um artista", etc.

37 Butler, J. (2003). Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990)

Ou seja: identidade não é uma coisa que se tem. Identidade é algo que se faz. Algo que se reencena continuamente. É importante diferenciar performatividade de performance. Butler não diz que estamos sempre atuando (no sentido de fingir algo que não somos). Ela se refere a uma atuação cotidiana, cultural, estrutural, muitas vezes inconsciente, que nos constitui como sujeitos reconhecíveis. Essa visão se estende para além do gênero e é neste universo que revejo as identidades fragmentadas que desenvolvi ao longo da vida.

A performatividade é o processo pelo qual uma identidade é socialmente reconhecida e, por isso, também regulada. Somos constituídos por normas que nos precedem e nos moldam.

Mas há brechas porque a repetição nunca é perfeita, e é justamente nas falhas, nos desvios, nas rupturas, que surge a subversão, a possibilidade de reimaginar o que significa ser quem se é.

“Se você está seguro na área em que trabalha, você não está trabalhando na área certa” esta é uma fala de Bowie que evidencia sua constante busca pela instabilidade. Bowie nunca permaneceu confortável. Ele dizia que o lugar mais fértil para a criação era aquele em que você já não sentia o chão sob os pés. Evitava fórmulas, estilos fixos e previsibilidade, sempre buscando algo novo para si.

O processo de criação de *Blackstar*³⁸, último álbum de David Bowie, é profundamente marcado pela fragmentação, pela alteridade e pelo acolhimento do acaso como motor criativo. Gravado em segredo enquanto enfrentava um câncer terminal, o disco foi concebido como uma obra experimental, combinando art rock com jazz e influências contemporâneas. Para isso, Bowie reuniu músicos de jazz de Nova

38 Bowie, D. (2016). *Blackstar* [Álbum]. ISO Records; Columbia Records; Sony Music.

York e, em vez de controlar rigidamente cada detalhe, incentivou a improvisação e a liberdade, permitindo que desvios e acasos se tornassem parte essencial do resultado.

As composições de *Blackstar* são deliberadamente abertas. As letras mantêm-se enigmáticas, os videoclipes são visualmente simbólicos e sujeitos a múltiplas interpretações, e os estilos musicais se entrelaçam de maneira não linear. Especialmente na faixa-título e em “Lazarus”, há uma consciência aguda da transitoriedade e da transformação. Bowie se apresenta como alguém que observa a própria morte e, ao mesmo tempo, como aquele que se transforma, que “deixa o espírito sair e outro tomar seu lugar”. O Blackstar (personagem) não representa uma identidade fixa, representa um ponto de passagem entre estados, personagens e até vidas, sugerindo uma multiplicidade interna e uma abertura radical ao desconhecido.

Na canção-título, o eu-lírico é instável e se transforma ao longo da música. A letra se inicia com:

*In the villa of Ormen
Stands a solitary candle
At the center of it all, your eyes*

O significado permanece ambíguo, sem se fixar em uma interpretação clara. O próprio Blackstar (personagem) não se define. Emerge como uma figura simbólica, misteriosa e aberta. Em outro momento da música, Bowie nega explicitamente identidades consagradas:

*I'm not a film star
I'm not a pop star
I'm not a marvel star
I'm not a white star*

I'm a blackstar

Essa recusa de um eu estável é o próprio princípio da fragmentação e da alteridade: a identidade é fluida, contraditória e sempre em transformação.

Já em “Lazarus”, o reconhecimento da vulnerabilidade e da finitude se torna central:

*Look up here, I'm in heaven
I've got scars that can't be seen
I've got drama, can't be stolen
Everybody knows me now*

Aqui, Bowie assume sua humanidade e sua exposição à morte. Fala como quem já se encontra no além, revelando feridas invisíveis e uma narrativa pessoal que, apesar da fama, não pode ser apropriada por completo. Cria, assim, sua própria despedida, não como controle, mas como gesto de exposição e entrega.

O modo como o álbum foi concebido dialoga com práticas artísticas que valorizam o imprevisto, a falha e o desvio. Bowie acolheu sugestões dos músicos, permitiu que o inesperado surgisse no estúdio e buscou referências inusitadas, como desenhos antigos de Popeye para inspirar os movimentos corporais dos videoclipes.

Blackstar é, no fim, uma forma de pensar a arte como reação à finitude. Não uma resposta definitiva. É um gesto de enfrentamento sensível diante daquilo que não se pode controlar. Uma despedida que não fecha, mas abre, e que faz da fragmentação e da impermanência uma poética viva.

Como Bowie, Szyborska, Butler e muitos outros artistas e filósofos, há o consenso de que dúvida, instabilidade, desconhecimento, falhas, desvios e inseguranças são motores que nos

conduzem pelo novo e, portanto, fazem parte do trabalho de todo e qualquer artista. O que é, para mim, reconfortante.

Habitar as fragmentações, escutar suas vozes, deixá-las coexistir acaba por ser mais interessante do que tentar unificá-las em uma única e coerente persona pois, afinal, somos muitos. Fragmentação é uma matéria-prima.

Quando escrevo e leio cartas, escuto os áudios, mexo em fotos antigas, não estou apenas resgatando o passado, mas, performando versões de mim mesmo. Quando falo de som, corpo, sensação, silêncio, estou abrindo espaço para formas de expressão que escapam da normatividade da linguagem. Quando decido não representar, mas sim criar uma relação, estou encenando um “eu” como um processo de troca que evita ser uma substância fixa.

Bowie é um exemplo disso. Ele encenava a si mesmo, não para esconder uma “verdade” interior, mas talvez para mostrar que essa verdade não é fixa, nem totalizável. Ele não era Ziggy Stardust³⁹, nem Aladdin Sane⁴⁰, nem White Duke⁴¹, nem Blackstar, era todas essas camadas e nenhuma delas. Era a própria disputa entre elas.

A identidade como algo que se dá entre o corpo e a norma, entre a memória e o presente, entre o som e a escuta. O eu deixa de ser algo a descobrir, e passa a ser algo a compor coadunando com Heidegger de que o ser-no-mundo é uma presença em movimento de busca.

A ambiguidade era outra característica de Bowie que preferia provocar a responder. Curiosamente Bowie é uma das figuras que

39 Bowie, D. (1972). *The rise and fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars* [Álbum]. RCA Records.

40 Bowie, D. (1973). *Aladdin Sane* [Álbum]. RCA Records.

41 Bowie, D. (1976). *Station to Station* [Álbum]. RCA Records.

admiro por sua carreira. Musicalmente, gosto de algumas poucas fases, mas a admiração pelo seu trabalho como obra é imensa. Isto também é algo bastante importante quando criamos referências. Que elas não fiquem apenas no campo das concordâncias e afinidades diretas. Reconhecer o valor na diferença nos permite reconhecer aspectos muito específicos de uma outra linguagem que podem ser pertinentes e inspiradores ao nosso próprio trabalho.

Byung-Chul Han me ajudou a repensar as personas que me habitam de um modo impactante no meu dia a dia. Sua clareza ao refletir sobre a sociedade contemporânea trouxe identificações e também alertas. A crítica ao imediatismo, à performance, à falta de rituais, ressoou fortemente. Olhar para meus fragmentos de identidade pensando nos seus modos de existência face à relação direta com os sintomas da sociedade contemporânea me permite entender melhor suas necessidades e ações ao longo do tempo. Reconhecendo ainda como um exercício irreal e impossível, diria que ajuda-me a olhar-me de fora.

*A Expulsão do Outro*⁴² foi um dos textos mais marcantes para mim ao tratar da alteridade e da comunicação na sociedade contemporânea. O esvaziamento gerado pelo excesso de positividade, pela valorização extrema da afinidade e pela recusa ao diferente é um fenômeno inquietante, que Han chama de “terror do igual”. O pensamento, para não se degradar em mera repetição, precisa se entregar à negatividade do outro, ao que escapa, ao que ainda não foi

42 Han, B.-C. (2022). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje* (L. Machado, Trad.). Vozes.

(Obra original publicada em 2016)

percorrido. Caso contrário, torna-se uma operação positiva que perpetua o mesmo.

Sentimentos que sempre acompanharam a condição humana como a angústia, o vazio, a busca por sentido, parecem se intensificar diante das novas formas de sociabilidade digital. As redes sociais, a conexão permanente, a lógica do “responder imediatamente” produzem uma camada de presença contínua, porém esvaziada. Criam-se grupos de afinidade, comunidades do igual, onde tudo que é incômodo, contraditório ou estranho é silenciado ou expulso.

Jonathan Crary⁴³ reflete sobre como o capitalismo contemporâneo opera no regime de vigília total, eliminando as pausas, os intervalos, o sono, aquilo que, por natureza, escapa à produtividade. O sono, para Crary, é “o último bastião de resistência”: um espaço onde não se consome, não se comunica, não se responde. A sociedade 24/7 não tolera esse tempo improdutivo, pois vive da ilusão de que tudo pode ser capturado, monetizado, ativado.

Essa lógica da conexão contínua dissolve o espaço da alteridade. Afinal, o outro exige tempo, espera, escuta, confronto, silêncio. Tudo aquilo que a cultura 24/7 tenta suprimir. A subjetividade torna-se exaurida não apenas pelo cansaço, mas pela inundação de um presente contínuo, onde já não há mais o intervalo necessário para refletir ou sequer desejar algo que não esteja imediatamente disponível.

Crary mostra que o que está em jogo não é apenas a atenção, mas a própria capacidade de sonhar, de imaginar o que não está dado. A alteridade é incompatível com a lógica 24/7 porque ela exige um furo

43 Crary, J. (2016). *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (L. S. L. de Oliveira, Trad.). Ubu Editora. (Obra original publicada em 2013)

na continuidade, um lapso, uma falha. Um tempo que não seja ocupado. Um espaço que não seja previsível.

Assim como Han, Crary aponta que vivemos um tempo de colonização total da experiência. O outro, nesse contexto, não é mais alguém com quem nos deparamos, mas um ruído que deve ser filtrado. Aquilo que não se encaixa nos algoritmos do desejo é descartado. E, com isso, vamos deixando de saber conviver com o que não compreendemos, com o que nos escapa, com o que ameaça a nossa estabilidade.

Han argumenta que tudo precisa ser transparente, comunicável, rápido, igual a si mesmo. Nessa lógica, o outro — aquilo que é diferente, opaco, que desafia ou desestabiliza — deixa de ter lugar. O mundo torna-se cada vez mais homogêneo, feito à imagem do eu e da sua própria repetição. É a era do *like*, da confirmação infinita de si. O que não se adapta a essa lógica, o que não responde de forma imediata ou eficiente, é descartado.

A relação com o outro exige intervalo, tempo de espera e escuta. E a arte nos oferece isso: a possibilidade de reintegrar a alteridade. De escutar o que não cabe na lógica produtiva, de dar espaço ao que não se mostra de imediato. Trabalhar com sons, ruídos, hesitações, silêncios — tudo isso se tornou um exercício de resistência contra o excesso de sentido e a performance constante.

Esse pensamento ecoa também na forma como recebi as cartas deste projeto. Cada resposta era um outro, com linguagem própria, com memórias que não eram as minhas, com leituras que escapavam ao meu controle. Escutá-las exigiu tempo, porosidade, abertura ao que me desorganizava. A alteridade aparece, não como algo a ser

assimilado, mas como algo a ser respeitado na sua diferença. E mais ainda: algo a partir do qual eu poderia me reconstituir.

A expulsão do outro não é apenas social, ela é também íntima. Acontece nas escolhas cotidianas, nas formas como nos relacionamos, na maneira como trabalhamos, compomos, amamos. Reintegrar o outro, portanto, não é apenas um gesto político ou filosófico, é também poético e existencial.

Talvez por isso este projeto tenha me conduzido a um modo de criação menos orientado pelo desempenho e mais próximo da escuta. Menos como afirmação de um eu e mais como abertura, como campo de ressonância entre mim e os outros que me atravessam.

Foi revelador perceber, ao revisar as cartas que escrevi para a publicação (capítulo 4), como novos sentidos emergiram. Passados alguns meses imerso na pesquisa e atravessado por tantas vozes, eu já não era o mesmo. Alguns posicionamentos exigiram revisão, pequenos deslocamentos que, embora sutis, deixavam claro o efeito da alteridade sobre mim. A presença do outro já se inscrevia no meu modo de dizer.

Perceber tudo isto não apenas no racional, mas também no campo sensorial fez-me perceber que criar um espaço interno e buscar silêncios é algo urgente para os novos processos de criação que estou a explorar. Compor sem objetividade tornou-se urgente e acaba por ser mais uma ambiguidade que a necessidade deste processo venha justamente de um mestrado, algo com um objetivo tão vincado. Mas ficou a certeza de uma porta aberta a se explorar: a criação de espaços internos para composição a ser transferido para minhas obras.

3.7. Edição como composição, revisitação e abertura ao outro

Li também *A Perfect Silence*⁴⁴ a biografia de Mark Hollis, cuja obra conheci tardiamente. Fui apresentado aos álbuns *Spirit of Eden*⁴⁵ e *Laughing Stock*⁴⁶ por um conhecido que ouviu meu material solo (Shoreline Tales⁴⁷) e fez a ponte com estes álbuns do Talk Talk. Foi para mim uma das mais surpreendentes descobertas, uma vez que, só conhecia sua fase pop. A improvisação, o uso da edição como composição, a liberdade dos músicos - obtida através de uma descontextualização, tudo me tocou. O álbum é uma colagem minuciosa, algo que ecoa com a ideia de um processo fragmentado.

A edição como forma de composição é uma prática recorrente na música e na arte sonora contemporânea. Não se trata apenas de um recurso técnico: ela se configura como um gesto criativo, estético e conceitual.

Em obras como *I am Sitting in a Room*⁴⁸, de Alvin Lucier, a edição não aparece como mera ferramenta de lapidação técnica, mas como o próprio núcleo do gesto criativo. A obra consiste em um experimento em que Lucier grava sua voz lendo um texto descritivo e, em seguida, reproduz e regrava sucessivamente esse áudio no mesmo espaço, até que as ressonâncias da sala absorvam completamente a inteligibilidade da linguagem. O resultado final não é mais a fala, mas o som

44 Wardle, B. (2022). *Mark Hollis: A perfect silence*. London: Rocket 88.

45 Talk Talk. (1988). *Spirit of Eden* [Álbum]. Parlophone Records

46 Talk Talk. (1991). *Laughing Stock* [Álbum]. Verve Records

47 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

48 Lucier, A. (1969). *I am sitting in a room* [Obra sonora]. Lovely Music, Ltd.

transformado por camadas, por sucessivas edições acústicas. O texto vai sendo desfeito pelo espaço, e o espaço vai sendo revelado como parte do corpo da obra. Aqui, a edição se dá como uma escuta prolongada e uma transformação progressiva, onde o que antes era linguagem se torna paisagem.

Steve Reich, em sua peça [Come Out](#)⁴⁹, atua de modo distinto. A obra parte de um trecho de fala extraído de uma entrevista com Daniel Hamm, um dos “Harlem Six”, jovens negros presos injustamente após um episódio de violência policial. Reich isola um fragmento da fala “come out to show them” e o duplica em duas fitas idênticas, que passam a ser tocadas em sincronia. Aos poucos, ele desloca o tempo de reprodução entre as fitas, criando um efeito de *phasing*, um descompasso progressivo que transforma a fala em ritmo, depois em textura, e, por fim, em puro som. A partir da repetição e do deslizamento temporal, a edição transforma o testemunho em experiência sonora, e o conteúdo narrativo em sensação física. Mais uma vez, a edição é composição, e a escuta é tanto formal quanto ética: estamos diante de uma história de violência racial contada não só pelas palavras, mas pelo modo como o som resiste e se desestabiliza.

Esses exemplos mostram que editar som é muito mais do que recortar e colar, é escutar em camadas, operar no tempo, dar forma à presença e criar espaços imaginários. No contexto da arte sonora, a edição como composição se afasta da ideia de um resultado final limpo ou perfeito: ela celebra o processo, a repetição, a falha, o deslocamento, a textura. E, sobretudo, a escuta como gesto ativo.

49 Reich, S. (1966). Come out [Obra sonora].

No meu caso, ao lidar com materiais tão diversos — relatos, cartas, sons caseiros, camadas de voz, ruídos do cotidiano, instrumentos, improvisos e gravações — a edição tornou-se um espaço de escuta e criação. Escutar o que havia sido dito, escutar o que poderia emergir ao reposicionar os fragmentos. No som, a colagem é de percepção mais sutil, mas, igualmente poderosa quando abrimos o espaço da escuta. Na fricção de fragmentos nascem outros sentidos. Um exemplo disso, presente na prática do meu processo, aparece no capítulo 5.5, onde descrevo a construção da obra “Final(idade)”. Trabalhar com edição como composição é também aceitar o inacabado, o descontínuo, o que só se sustenta na relação entre partes.

Mark Hollis, ao trabalhar com gravações que aconteciam isoladamente, permitia que este sentido emergisse apenas no processo de montagem. O mesmo pode ser dito da prática de David Sylvian, cujas camadas e espacialidades sonoras são muitas vezes fruto de uma costura intuitiva, onde o não-linear se impõe como uma ética da escuta. O estúdio, nesse caso, não é um espaço de correção, mas de criação.

Portanto, compor, para mim, foi, muitas vezes, editar. E editar foi escutar de novo. Como quem escava, como quem procura, em meio aos fragmentos uma forma possível e expressiva que, de alguma maneira, abra possibilidades.

O trabalho sonoro que desenvolvi carrega, em sua materialidade, a marca de uma manualidade próxima àquela descrita por Heidegger⁵⁰. Quando ele distingue o mero uso técnico de ferramentas do manusear do artesão, que escuta a matéria, que se abre àquilo que ela pode

50 Heidegger, M. (2002). Ser e tempo (F. Bezerra, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1927)

revelar, aponta para uma relação mais íntima e sensível com o fazer. Na minha composição, tentei não impor uma forma, mas permitir que os sons, como presenças carregadas de sentido, manifestassem suas próprias possibilidades. Creio que o momento em que isso se revelou com mais clareza foi na criação da obra “Outridade” (capítulo 5.1). Nela, a troca poética de correspondências sonoras com 17 pessoas — cada uma enviando um som significativo, pessoal — gerou um território coletivo uma *soundscape* irreal. Um espaço sonoro construído com os sons. Não para representar o outro, mas para escutá-lo. Cada fragmento manteve sua singularidade, e algo emergiu no entre — na relação que se estabeleceu entre o que foi oferecido, o modo como pude acolher e como passaram a coexistir num novo território aberto a escuta de cada um.

David Sylvian foi outro artista fundamental que descobri apenas em 2024. O álbum *Blemish* (2003) tornou-se um guia. Simples, íntimo, texturizado, denso e sereno - uma boa ambiguidade a se carregar. Foi influência direta para a única canção que gravei para o álbum *Entre Lugares* na busca de uma canção que soasse muito íntima. O impacto de *Blemish* foi tal que fui à procura de sua biografia. Li *On the periphery*⁵¹, mas, infelizmente, me soou repetitivo. O livro parece escrito pela ótica de um fã, extremamente parcial, que, para minha sensibilidade, atrapalhava o envolvimento com a obra sonora. Mas, estava claro para mim que meu interesse em seu trabalho se dava, majoritariamente, a partir de 2003. *Blemish*⁵², *The Good Sun vs The*

51 Young, C. E. (2013). *On the periphery: David Sylvian – A biography*. Lulu.com.

52 Sylvian, D. (2003). *Blemish* [Álbum]. Samadhi Sound.

*Only Daughter - The Blemish Remixes*⁵³, *Manafon*⁵⁴, *Sleepwalkers*⁵⁵, *Died in the Wool - Manafon variations*⁵⁶, *The World Is Everything*⁵⁷, *When Loud Weather Buffeted Naoshima*⁵⁸ foram ouvidos por meses.

A diversidade de abordagem entre os álbuns e o fato de revisitar os próprios trabalhos (como em *The Good Sun vs The Only Daughter e Manafon Variations*) também foram relevantes para mim. De forma direta, dão-me identidade no encontro com o trabalho do outro.

Curiosamente, durante 2023 e 2024 revi três canções do meu projeto solo *Shoreline Tales*⁵⁹, ao convidar amigos para recriar faixas que originalmente eram instrumentais, agora com letras e vozes. “Fall”, “Desterro” e “Movin’ On” permitiram que outros corpos, outras vozes, outros desejos se inscrevessem sobre aquela estrutura inicial. A ideia foi de retornar a algo já criado, não para concluí-lo, mas para reabrir sua escuta. Talvez, uma forma inconsciente de admitir que nenhuma obra está realmente acabada e que aquilo que antes era só meu, podia (e talvez devesse) se deixar afetar pelo outro.

Esse gesto ressoa diretamente com a ideia de identidade como processo, como montagem e como relação. Assim como minhas composições ganharam outras formas ao serem revisitadas, eu mesmo

53 Sylvian, D. (2005). *The Good Son vs. The Only Daughter: The Blemish Remixes* [Álbum]. Samadhi Sound

54 Sylvian, D. (2009). *Manafon* [Álbum]. Samadhi Sound.

55 Sylvian, D. (2010). *Sleepwalkers* [Álbum]. Samadhi Sound.

56 Sylvian, D. (2011). *Died in the Wool: Manafon Variations* [Álbum]. Samadhi Sound.

57 Sylvian, D. (2011). *The World Is Everything* [Álbum ao vivo]. Samadhi Sound.

58 Sylvian, D. (2013). *When Loud Weather Buffeted Naoshima* [Álbum]. Samadhi Sound.

59 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

fui ganhando outras camadas ao escutar o outro. Revisitar uma obra é também revisitar a si e reconhecer que esse si já não é mais o mesmo.

Há algo de generoso e potente nesse ato: abdicar do domínio sobre o que já foi feito e permitir que ele se desdobre, se transforme e carregue ambiguidades. Adotar isso não só como um gesto artístico, mas como uma ética pessoal de viver a partir de uma identidade mutável, permeável, que se reconhece inacabada. Nesse sentido, *Entre Lugares* não é uma ruptura com o passado, mas sua extensão. Um eco com nova forma.

Essa constatação me levou a refletir sobre este desejo que sempre tive de retrabalhar músicas que já havia composto. Como se cada peça possa germinar de forma diferente a cada encontro. É o mesmo impulso que me move a reciclar fragmentos, regravar sons, sobrepor camadas antigas e novas. Há algo de vital nesse gesto de retorno que não é repetição, mas desdobramento.

3.8. Improvisar-se: Desafio, Escuta, Referências e Pertencimento

Cheguei a Derek Bailey a partir de Sylvian. A colaboração entre os dois no álbum *Blemish* expõe uma zona híbrida entre estrutura e espontaneidade, entre forma e intuição. Ao ler *Improvisation*⁶⁰, de Bailey, ele descreve como, ao longo da história da música ocidental, a improvisação foi sendo afastada da prática musical formal. Os grandes compositores como Bach e Handel eram improvisadores habilidosos, mas com o surgimento da partitura precisa e da figura do maestro, a música foi se tornando algo fixo, imutável. O compositor e o executor

60 Bailey, D. (1992). *Improvisation: Its nature and practice in music*. Da Capo Press.

passaram a ser pessoas diferentes, cada um com sua especialização e a improvisação foi marginalizada.

Bailey defende que a *free improvisation* valoriza o processo acima do produto, e a comunicação entre os músicos acima das convenções estilísticas. E foi aqui que fiz uma ponte inesperada com o conceito de persona. Porque improvisar é, de certo modo, também assumir uma forma momentânea, um modo de ser que só existe naquele tempo-espaço. Uma persona que não precisa ser coerente, nem definitiva, mas que surge da relação com o outro, com o ambiente, com a escuta.

Talvez, assim como na improvisação, as identidades que habitamos também sejam construídas na escuta do agora. Poeticamente, viver é improvisar-se, experimentar-se, a cada encontro, a cada ambiente, a cada afeto. As personas não são máscaras, mas modos de estar.

Improvisar, então, é trocar a racionalidade pela intuição, a repetição pelo ineditismo, a certeza pelo acaso. É acolher o erro como parte do gesto. A parceria entre Bailey e Sylvian mostra isso com clareza: não há forma replicável. O que se ouve é único, irrecuperável. E por isso mesmo, múltiplo. Em “Depois do Gesto” há uma menção direta à influência de Bailey, mas ela encontra-se espalhada por outras obras de maneira menos evidente.

Ainda durante minhas pesquisas cheguei a Daniel Blumberg, um músico, compositor e produtor britânico. Sua carreira tem se desviado de formas convencionais, transitando entre diferentes gêneros, como indie rock, shoegaze, música experimental, lo-fi e folk. Seu trabalho com bandas sonoras também segue sua diversidade. Pareceu-me muito evidente a conexão que senti tendo em conta meu histórico na música com projetos dentro do rock (stoner, postrock, progressivo,

psicodélico), folk, experimental, soundscape e bandas sonoras para curtas, vídeos e performances.

Apesar de eu falar constantemente neste trabalho sobre o poder do desvio, da falha, do diferente e do inesperado, também preciso reconhecer que, como qualquer ser, adoro o conforto da aceitação e da correspondência. É igualmente importante encontrar os semelhantes. Este tipo de encontro nos dá pertencimento. E foi isso que senti quando explorei a obra de Blumberg, assim como a de Sylvian. Encontrar artistas com tamanha amplitude dentro de seu material autoral, deu-me identificação e representatividade.

Seus álbuns - *Minus*⁶¹, *Liv*⁶², *On&On*⁶³ e *GUTS*⁶⁴ - apresentam lindas canções, mas, a cada álbum, as orquestrações ficam mais ousadas. Um tanto parecido com Sylvian - não na estética sonora, mas no campo da imprevisibilidade e intuitividade dos recursos. O uso de texturas de fontes diversas (acústicas, orgânicas, digitais, ruído) está bastante presente e promove este encontro ambíguo que me agrada muito entre estrutura e desestruturas - canção e ruído - melodia e textura.

“Body” (uma das obras de *GUTS*) foi a responsável pela inspiração para o uso que faço de algumas texturas de sílabas e de gaguejos, que retirei da fala de meu tio-avô na faixa “Lavadeiras” (capítulo 5.2).

Heiner Goebbels foi outra grande influência. Ele tem uma abordagem experimental e híbrida, que mistura elementos da música erudita, jazz, rock e música eletrônica que resulta em uma sonoridade

61 Blumberg, D. (2018). *Minus* [Álbum]. Mute Records.

62 Blumberg, D. (2019). *Liv* [Álbum]. Mute Records.

63 Blumberg, D. (2020). *On&On* [Álbum]. Mute Records.

64 Blumberg, D. (2023). *GUTS* [Álbum]. Mute Records.

difícil de se classificar perante os estilos convencionais da música. Suas obras frequentemente se relacionam com experiências cênicas e performances, onde o som não é apenas trilha, mas parte integrante e ativa da obra, sendo este um campo que me interessa muito desenvolver.

Goebbels trabalha promovendo uma desierarquização entre texto, música, ruído e imagem. Em peças como [Stifters Dinge](#)⁶⁵, ele elimina atores humanos e usa máquinas, pianos automatizados, gravações e objetos para criar ambientes sonoros e visuais que funcionam como protagonistas da cena. Trago estes fragmentos quando uso a NoiZeh Box⁶⁶ em diálogo com a voz em “A(À) Partida”, na montagem da narrativa de “Lavadeiras”, nas sobreposições em que trabalho com texturas e melodias. Goebbels trabalha com a fragmentação narrativa, com a montagem como composição, com a criação de um espaço e tempo próprio e com a alteridade. Não há como não ser uma grande influência.

Enquanto escrevia, ainda antes de começar a trabalhar na parte sonora, montei uma [playlist](#)⁶⁷ com diversas referências para alimentar meu imaginário. Ouvia essa lista com certa frequência, em modo aleatório, incluindo nela artistas que já conhecia e outros que fui descobrindo ao longo das pesquisas. Depois de concluir as composições e fechar o álbum, voltei a escutá-la para identificar as pequenas pontes que ligassem algumas das obras ao meu trabalho. Há

65 Goebbels, H. (2007). *Stifters Dinge* [Instalação performática / teatro musical].

Disponível em: <https://www.heinergoebbels.com/works/stifters-dinge/4>

66 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

67 https://open.spotify.com/playlist/23r2JtL59FQZDFiDP6YO8j?si=Y_nbAPc2Q6ievJ-ltBB2Hw

alguns artistas que abordo de forma mais extensa ao longo do trabalho e, por isso, não os comento aqui.

Início por “All the Rains” de John Fahey, com sua mistura de um canto que emula uma reza e um jogo de palavras que brinca com a contradição. Embora eu não me valha da poderosa voz de Fahey, há um vínculo com “A Palavra e o Abismo” pela exploração do significado do que é dito e da maneira como é apresentado. Em “Resistance Creature” de Jessica Moss, reconheço um diálogo entre a exploração do som que cresce, se massifica, beira o incômodo e depois retoma a harmonia. “Recording Angel” de Arve Henriksen e Jan Bang estabelece uma relação entre um som ambiente bastante delicado e rico e a melodia do trompete de Henriksen, sobreposta à paisagem sonora. Ambos vêm da cena jazz norueguesa, mas apresentam uma sonoridade que ultrapassa essa fronteira. O arranjo de Jan Bang (que também é compositor e produtor) é belo, repleto de detalhes que pedem uma escuta atenta. Parece uma paisagem quase eletrônica, fruto da integração entre instrumentos acústicos e manipulações digitais, criando atmosferas sutis e evocativas. É um recurso que uso, com aplicações distintas, em muitos trechos das faixas de *EntreLugares*.

“Knots” de Oren Ambarchi apresenta uma conexão mais sutil com o som e mais direta com o processo. Essa faixa mostra a natureza expansiva como Ambarchi transforma a guitarra em campo de experimentação sonora. Tanto “O Tempo e a Margem” quanto “No Fundo da Casa” foram gravadas com muitas camadas de guitarras — apenas depois incluindo o piano. “Quixotism Part 2”, também de Ambarchi, revela outra faceta de experimentação que consigo perceber em trechos de algumas músicas. Conforme escuto a playlist,

tenho a sensação de conseguir identificar essas influências em pequenas passagens, deixando evidente que foram se amalgamando em mim e sendo interpretadas de formas distintas.

“Sfaira” de Tilman Ehrhorn e An Moku se vale de texturas mais eletrônicas, recurso que usei tanto nos synths de “Lavadeiras” quanto nas guitarras processadas por efeitos, também buscando essas texturas. Há ali a sensação da presença de grãos e da texturização do som. “Persistence of Vision” de Roberto Musci também alimentou o imaginário da integração entre ruídos e melodias.

Apesar de “Fiction I Wrote” ter sido fortemente influenciada pelo *mood* de David Sylvian, não posso deixar de mencionar que “Man in the Moon” de Nick Cave & the Bad Seeds pode ter alguma presença. Embora minha faixa não tenha a mesma dramaticidade, creio que há algo de um compartilhamento de intimidade que dialoga entre estas faixas.

Erik Satie⁶⁸ não é uma referência direta, mas sua presença aparece nas introduções de “Fiction I Wrote” ou na melodia de “Lavadeiras”. É um compositor que escuto há muitos anos e para quem sempre retorno, talvez pelo modo como trabalha a repetição, a simplicidade e o silêncio, principalmente nas 3 *Gymnopédie* e nas 6 *Gnossienne*.

Algo semelhante encontro em Morton Feldman, com quem estive bastante envolvido durante o processo de criação, especialmente ouvindo os álbuns *Triadic Memories*⁶⁹, *For Bunita Marcus*⁷⁰ e *The Late*

68 Satie, E. (1984). 3 *Gymnopédies* & other piano works [Gravado por Pascal Rogé]. Decca Music Group Limited

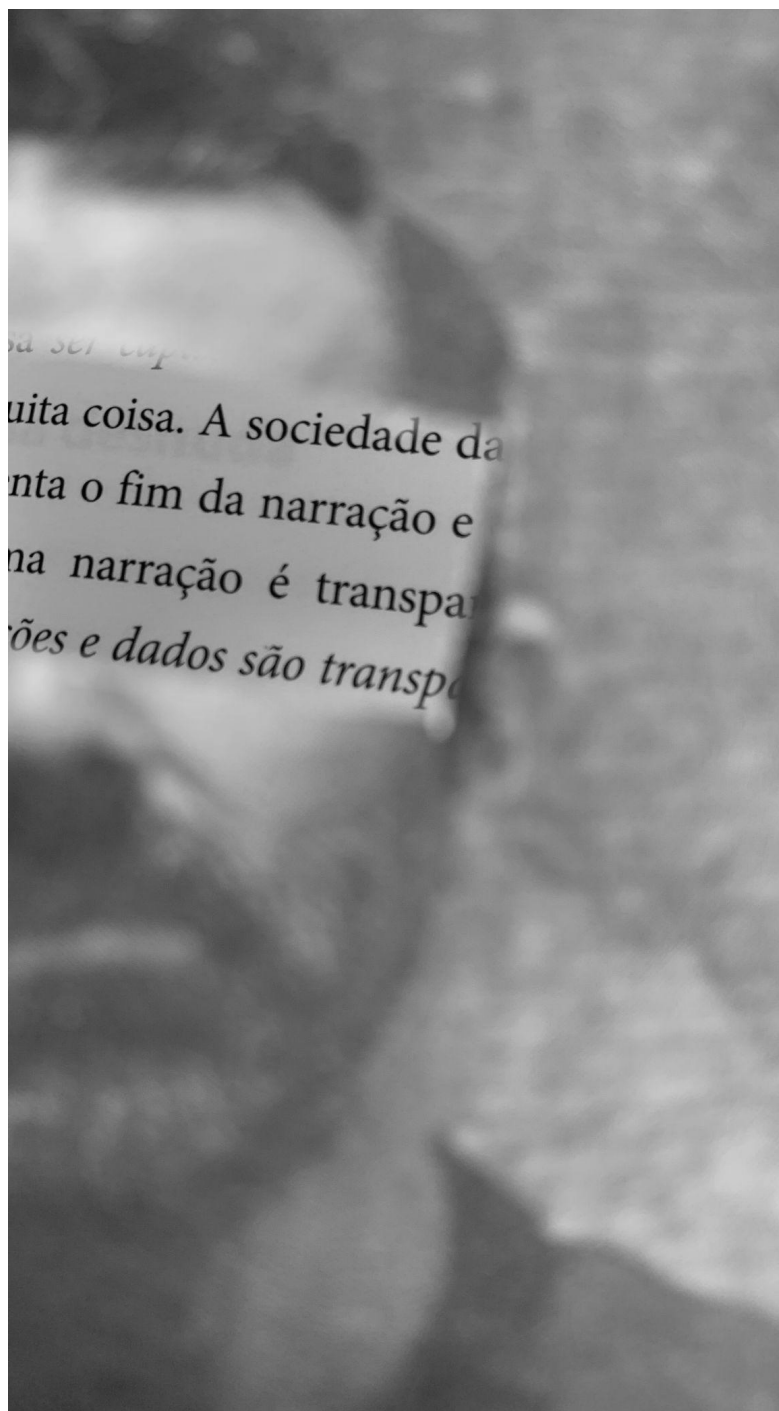
69 Feldman, M. (2020). *Triadic Memories* [Álbum, interpretado por Helena Basilova]. TRPTK.

70 Feldman, M. (2015). *For Bunita Marcus* [Álbum, interpretado por Ivan Ilić]. Paraty

*Piano Works*⁷¹. Neles, o tempo parece dilatado, e o silêncio ganha função estrutural.

Esses elementos — a repetição, o intervalo, a atenção ao som que permanece ou se desfaz — se conectam com aspectos do meu trabalho, em especial com a busca por uma escuta mais espaçada e sensível. A influência talvez seja indireta na linguagem sonora, mas há uma afinidade, ou melhor, um desejo na forma de pensar o tempo, a presença e a relação entre os sons.

71 Feldman, M. (2008). *The Late Piano Works* [Álbum, interpretado por Steffen Schleiermacher]. MDG.



Ficção do Olhar #4 – Colagem autoral. Zeh Antunes, 2025

Capítulo 4. Reação às Cartas

Início este capítulo com o que escrevi no dia 11 de novembro, quando me retirei para uma pequena casa, numa remota aldeia de xisto, para dedicar-me a escrever sobre as cartas. Buscava ali um ambiente de calma, silêncio, sem conexão com a agitação urbana. Mal havia sinal para o telemóvel e isso fez com que o tempo fosse mesmo dedicado a este processo.

Casal Novo, 11 de novembro de 2024

Ainda não sei exatamente o rumo que o trabalho irá tomar. Tampouco pensei muito sobre o que receberia de resposta. Desde que enviei as cartas, passaram-se dois meses.

Recebi muitas respostas. Faltam algumas poucas pessoas com quem não consegui estabelecer contato. Tem sido um processo profundamente emocionante. Ver-me pelos olhos de outros faz-me lembrar de muitas características que tenho, ajuda-me a perceber a importância de algumas que considero triviais e, por vezes, surpreende-me. Revela como diferentes pessoas valorizam aspectos distintos e como todos eles são relevantes no contexto das relações que desenvolvo com elas. Ao falarem de mim, falam muito sobre si mesmas.

Fugindo da questão específica das características, essas cartas têm-me oferecido uma oportunidade única de compreender alguns aspectos desses relacionamentos que, pela escrita, tornam-se mais claros. E compreender alguns aspectos sobre mim e minha história. Uma possibilidade de ressignificá-las.

Algumas cartas, como as das minhas irmãs e a do Marcelo, deixaram-me com a nítida sensação de que precisaria respondê-

las. Não por uma demanda do trabalho em si, mas pela oportunidade de fortalecer os afetos.

Uma sensação importante que este trabalho tem trazido é a incapacidade de delimitar fronteiras entre arte e vida. O fato de se misturarem, onde um impacta o outro, dá-me a certeza de que estou no caminho certo de exploração.

Durante esses dois meses, pensei em guardar as cartas para ler todas de uma vez. Mas, aos poucos, fui lendo trechos. Depois, comecei a lê-las e ouvi-las conforme chegavam ou conforme tinha tempo. Fiz isso de forma aleatória e, hoje, 11 de novembro, senti para começar a escrever sobre elas.

A partir desta data, passei a reagir às cartas. Foram longas sessões de leitura e escrita ao longo dos meses, sendo que este curto período de isolamento inicial (4 dias) foi o mais produtivo. Isso deu-me a clara percepção do quanto isolar-me ajuda no processo de aprofundamento de um tema. A partir dessa experiência, passei a fazer das sessões de escrita um momento ritualístico de isolamento, mesmo quando na cidade.

Quando comecei, não havia o plano de escrever um ensaio. O conteúdo seria apenas audiovisual. Mas o processo da escrita tornou-se tão poderoso e relevante que passou a fazer parte do trabalho final.

O primeiro passo foi criar nomes fictícios para as pessoas. Um gesto para desvincular nomes, afinal, a ideia que trato aqui está muito mais ligada às ficções e sensações contidas. Acaba por ser uma maneira de tirar o foco das pessoas e colocá-lo nas histórias e releituras que foram provocadas em mim.

Também é de fundamental importância destacar que os nomes fictícios foram dados através de pequenos vínculos, imagens ou

mesmo brincadeiras que estabeleci com cada uma das pessoas. Nenhum dos nomes tem a ideia de expressar o que cada uma delas é. Seria simplista, redutor e impreciso.

Assim como os nomes, nenhuma história relatada aqui tem a pretensão de definir alguém. Somos todos múltiplos, em constante transformação. O que relato fala, sobretudo, de mim. Fala de como fui atravessado por essas trocas e das interpretações que construí. O outro é o personagem que me permite navegar por tudo isto.

O que segue é a minha reflexão e reação a cada uma das cartas que recebi em resposta ao meu pedido inicial (explicado no capítulo 2.2). São pensamentos sobre quem fui e sou ao longo do tempo, sobre o que reconheço tanto em mim quanto no outro, mas, sobretudo, sobre a troca de vivências. Inevitavelmente, pela característica retroalimentadora deste projeto, alguns pontos devem se repetir. Torço que isso os torne mais claros ou mais consistentes para quem os lê. Mas se virarem uma dúvida ou uma ambiguidade, ainda melhor.

4.1. A Sonhadora

A resposta da Sonhadora foi breve. Chamou-me a atenção ela mencionar um sorriso sempre presente, que pode ser seguido por uma seriedade que toma conta de mim. De algum modo, sei que minha seriedade é algo que transparece para todos, apesar de ter muito senso de humor.

Quando ela escreve: "Aberto para me ouvir. Não aberto para falar de si." toca em algo que comecei a perceber nos últimos anos: colocome disponível para ouvir, conversar e, dentro da minha presunção, tentar ajudar a solucionar questões. Parece que o fazer e a resolução de problemas se tornam um imperativo para mim. Estaria eu reproduzindo esta minha lógica produtiva até nas relações afetivas?

Recentemente, numa sessão de análise, falei sobre um amigo (o VáriasFACES) que tem diagnóstico de esquizofrenia e múltiplas personalidades. O VáriasFACES pediu-me, em 2022, que o ajudasse a produzir um álbum. Desde então, nos encontramos periodicamente. Ele expressa-se através da música e da escrita. Suas crises, sensações e sentimentos estão sempre gerando novas obras. Ele faz isso obsessivamente, e isso me inquieta, mas também gera alguma admiração. Para além de ouvi-lo e ajudá-lo com as músicas, gostaria que ele tivesse a oportunidade de se desenvolver artisticamente, pois acredito que seu trabalho com a música é seu maior canal de contato e meio de comunicação com uma sociedade sistêmica e padronizada.

Minha analista apontou algo importante: seria este o desejo dele? Ou estou transferindo meu desejo para ele. Talvez, dentro de seu quadro clínico, a minha maior contribuição seja ouvi-lo. Ouvir não é uma atividade passiva, mas um ato de amor, uma doação ao outro sem a intenção de captura. O melhor talvez não seja uma “solução”, mas sim a disponibilidade. Ser um lugar onde ele pode contar todas suas histórias, sem filtros. Falar de suas múltiplas identidades. Alguém que o ajude a continuar dando vazão às suas obras, pois criar é o que lhe dá contato com a realidade. Tornei-me uma ponte. E, por vezes, falta-me perceber que nem tudo precisa ser resolvido para ser importante. Este ponto ressoa com a ideia de *escuta e de fenomenologia*. A escuta, como algo ativo, é um ponto de transformação que não exige a resolução, mas a manutenção da experiência vivida, a ideia de estar presente sem necessidade de concluir a experiência.

Conto isso para dizer que estou tentando aprender que não sou capaz de solucionar os problemas dos outros (e mesmo alguns dos meus) e que, às vezes, a solução que vejo é apenas a minha... mas há

outros tantos caminhos que podem ser percorridos. E tenho tentado ficar pacificado com esta ideia. A de que estar presente pode ser o suficiente. Nem toda demanda está na ação. Aqui cabe uma referência aos filmes *Under Construction* e *Normal People* abordado no capítulo 3.2, em que revejo a importância do estar presente. O filme exemplifica bem como as narrativas podem ser reformuladas através do simples ato de estar lá, sem finalizar ou resolver.

Vejo-me em um funcionamento muito ligado ao fazer e agir (à produção), sabendo que esta característica foi estruturante na minha formação e gerou-me muitas possibilidades positivas. Mas hoje enxergo as questões negativas e tenho estado atento a novas possibilidades. Talvez a escuta seja esse estado de permanência, em que as respostas não são exigidas, mas onde há espaço para que as histórias continuem sendo contadas e ressignificadas.

4.2. O Impulsivo

O impulsivo enviou áudios. Muito pausados e claros. Vivemos uma imensa paixão que soubemos transformar em amor e que mudou de forma ao longo do tempo.

A primeira coisa que me chama a atenção é ele dizer que não sabe exatamente o que representava para mim. Não percebi bem sobre qual representação ele fala. Nos grudamos de cara, fomos apaixonadíssimos, vivemos por cinco anos juntos, 24 horas por dia. Mudamos juntos para Portugal, compramos um apartamento e, até meados de 2025, moramos juntos, transitando entre Rio de Janeiro, Lisboa, Braga e Porto. Acho que isso diz muito sobre o que o Impulsivo representou e representa: um parceiro de vida que virou parte da família.

Mais adiante, ele diz que não sabe exatamente por que optei por continuarmos vivendo juntos após separados. Ele acabou de comprar seu apartamento e se mudará no segundo semestre de 2025. Iremos nos separar (após 10 anos juntos), o que, de alguma forma, tem me dado a sensação de que passarei para uma nova fase da vida. Para mim, os motivos estão muito ligados ao nosso senso de família. Nós nos fizemos família ao largarmos nossa cidade e virmos juntos para outro país. Por aqui, temos um ao outro e sabemos que podemos contar com nosso apoio mútuo.

Sempre disse que ele era muito desapegado das coisas materiais, e que eu ainda não era assim. E é assim que me sinto. Sair do Rio, do Brasil, me fez desapegar de muitas coisas, mas ainda sinto a necessidade de objetos para me situar. Impulsivo nunca tem objetos que sejam realmente importantes para ele. Quase tudo que lhe chega, pouco tempo depois é dado. Ele não guarda fotos, nada. Parece viver apenas do hoje como se nenhuma memória ficasse associada a objetos. Eu, mesmo tendo me livrado de 90% dos meus objetos na mudança, conforme reconstruo minha vida, os recoloco nela.

Há muitas questões nisso. Há uma infância com desejo de ter coisas que, financeiramente, não podia ter. Há um senso econômico de que ter algo (a posse) materializa o que é meu. Sempre tive mais facilidade em comprar objetos do que pagar por serviços. Afinal, o objeto é tangível, está materializado.

Por outro lado, também sinto que meus objetos contam um pouco da minha história e do que é relevante para mim. Talvez narrem um bocado de quem sou. Quando me mudei para Portugal, separei-me de uma coleção imensa de vinis, CDs e livros. Achei que isso havia ficado no passado, mas me pego comprando um vinil ou outro (de modo

muito tímido), aceitando vinis doados, um gira discos. Comprei baixos, guitarras, pedais, piezos, microfones, livros. Enquanto isso, Impulsivo lê os livros da biblioteca, dos amigos, e, quando compra e acaba de ler, dá o livro para alguém. Esse desapego também fala sobre o Impulsivo, e mesmo sua casa de poucos objetos seguirá falando sobre ele. Já eu sigo ao lado das coisas e espero saber dar-lhes uso e reconhecer seu lugar na minha história sem me apegar inutilmente.

Fui buscar algum conforto em Walter Benjamin que desenvolveu uma profunda reflexão sobre como objetos e coleções representam quem somos ao longo da vida.

*Ao colecionador o mundo está presente em cada um de seus objetos; e, na verdade, de modo ordenado. Mas ordenado segundo uma relação surpreendente, incompreensível para o profano. Que se tenha em mente a importância que possui para todo colecionador não apenas o seu objeto, mas também todo o passado deste, assim como o passado que pertence à sua origem e qualificação objetiva, e ainda os detalhes de sua história aparentemente exterior...*⁷²

Para Benjamin, colecionar é uma forma de criar sentido, memória e identidade a partir das coisas materiais. O colecionador imprime sua própria história, desejos e subjetividade na coleção. O objeto colecionado é deslocado de seu contexto funcional e carrega um universo de relações, afetos e memórias. Não são os objetos que vivem no colecionador, mas ele que vive também nos objetos. Como nas

72 Benjamin, W. (2009). Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação (M. V. Mazzari, Trad.) Duas Cidades:

crianças, o colecionar é apenas um processo de renovação, um modo de apropriação que renova o mundo velho.

Quando já em Portugal, uma amiga ofereceu alguns vinis que não levaria em sua mudança de casa, dentre eles, Michael Jackson⁷³, imediatamente me veio à memória que este foi o meu primeiro vinil. Tinha então 9 anos e até hoje me recordo da sensação ansiosa de receber meu primeiro vinil. Após ter me desfeito de quase todos meus álbuns, recuperá-lo simbolicamente em Portugal foi uma satisfação. Ainda hoje penso como seria gostoso rever minhas coleções. Quando a Netflix anunciou a série *Eternauta*⁷⁴, deu-me saudade da boa coleção que tinha de bandas desenhadas Argentinas, do qual o *Eternauta*⁷⁵, a revista *Fierro* e muitas outras, faziam parte. Saudosismo.

O Impulsivo diz que eu passo muita segurança. Percebo o que ele diz e, mesmo hoje em dia, tendo muito mais dúvidas do que antes, sigo firme nas minhas escolhas e caminhos. Não porque eu tenha certeza de onde chegarei, mas porque tenho certeza de que quero tentar aquele caminho. Em geral, acredito muito no que estou fazendo... ou talvez conte para mim mesmo alguma história que me faça acreditar.

Gosto sim de explorar as sensações e os sentimentos. Tenho pena de que meu método para isso carregue muita racionalidade, muitas explicações. Mas também é algo com que estou aprendendo a me pacificar: corromper o racional para, através dele, sentir.

Lembro-me de que, há muitos e muitos anos, entendi que, quando fico extremamente chateado, decepcionado e/ou irritado, preciso me

73 Jackson, M. (1982). *Thriller* [Álbum]. Epic Records

74 Stagnaro, B. (Criador & Diretor). (2025). *El Eternauta* [Série de TV]. Netflix.

75 Oesterheld, H. G., & Solano López, F. (1957–1959). *El Eternauta* [História em quadrinhos]. Hora Cero Semanal.

calar e me afastar. Preciso processar aquilo sozinho, conversar comigo, me perguntar o que eu quero, o que faz sentido... preciso verificar onde estão meus limites.

Penso que este modo de operar sozinho é derivado das decisões ligadas à sexualidade. Tive que me relacionar com a sexualidade desde muito pequeno, achando que não poderia compartilhar com ninguém. Desde muito novo resolvia as minhas questões de modo solitário. Fez-me ser autossuficiente. Voltarei a isso mais adiante, pois sei que outras pessoas falaram sobre uma parte de mim que aparenta estar fechada.

Sobre o respeito às palavras que ele me atribui é algo que tenho tentado desconstruir recentemente. A poesia e a filosofia têm me ensinado que as palavras não são capazes de abarcar tudo. É claro que conheço as entrelinhas (e sou extremamente atento a elas), mas acredito que o cuidado ao falar seja apenas um desejo de expressar de forma mais precisa o que já é tão difícil de comunicar: ideias, conceitos, crenças, sentimentos.

Ele diz que eu o mostrei muitas coisas novas sobre universos que ele não frequentava. Afirma que descobriu muito sobre si mesmo através das minhas críticas e do meu olhar. Que eu o fiz acreditar que se tornara uma pessoa melhor. Que fui transformador.

Há muitos anos, numa sessão de análise, precisei responder à pergunta: Mas o que é essencial para você numa relação? Foi nessa sessão que consegui colocar em palavras algo que até então não havia compreendido. Percebi que, para mim, o essencial era ser importante e transformador na vida do outro. Olhei para todo o meu passado, para todos os namorados, e finalmente entendi que isso era o que eu buscava. Realizo-me ao ver o outro e sua vida em movimento.

Acredito nas parcerias em que um incentive o outro a se movimentar. Por isso, ouvir essa declaração toca uma espécie de reconhecimento, de que estive mesmo presente na relação, sendo eu, buscando o que tenho de melhor a oferecer e também aquilo que busco para mim: relações transformadoras.

Ele fala sobre minha dureza e rigor. E que essas vêm acompanhadas de muito amor que, diz ele, eu não quero demonstrar. Me vem à mente o fato de que repetimos nosso ambiente. Assim era minha avó, que foi quem mais teve presença na minha criação. Eu diria isso dela: rigorosa, dura e amorosa. E sinto que carrego muito dela e luto para que todos os privilégios que tenho me tornem uma versão evoluída dela. Que eu possa dar mais amor do que dureza e, sobretudo, saiba aproveitar a vida e ser feliz.

O Impulsivo diz que eu rio pouco. E ele fica muito feliz quando consegue me fazer dar uma gargalhada. Esse é o legado do Impulsivo na minha vida: ele me trouxe essa alegria exagerada, às vezes desmedida, mas que, em geral, torna o clima leve. Adoro ter o Impulsivo por perto, tanto com minha família quanto com meus amigos. Todos riem e brincam, e ele me ajuda a incorporar risadas e momentos mais leves à minha vida, o que, sem dúvida, é um grande bem.

Ele me chama de corajoso e já ouvi isso algumas vezes. O que as pessoas apontam, para mim, não é exatamente coragem: é apenas seguir o desejo. Quase poderia dizer que não sei ser de outro modo e que coragem, talvez, dependa mais de enfrentar algum medo. Enfrentar incertezas (que, creio, é o que eu já fiz) não exige coragem, mas sim abertura ao novo e ciência das adversidades que se pode enfrentar.

O Impulsivo também fala da minha grosseria e impaciência, que ele considera desrespeitosas com o outro, contrastando com o extremo cuidado e respeito que tenho pelos sentimentos alheios. Essa dualidade carrega intimidade. Quanto mais íntimo sou, menos cuidado tenho. Reconheço isto como uma falha. Todas as relações merecem cuidados e tento alimentá-las e cuidá-las. Mas me parece um fenômeno bastante humano. O Impulsivo (como seu nome fictício sugere) tem também suas grosserias e impaciências e, talvez por isso, nos desentendemos com frequência em coisas mais triviais, mas nos respeitamos nas questões mais relevantes. E talvez, devido a esse desgaste e à nossa dificuldade de aceitar o outro como ele é, optamos por nos separar e seguir como amigo-família. Afinal a família carrega essas características da tolerância de alguém que pode ser extremamente diferente, mas carrega um laço difícil de romper.

Por fim, outra característica que ele apontou foi minha obstinação e obsessão, que geram grandes ações, mas também grande sofrimento. Isso não significa que saiba lidar com o tema. Não é raro que me envolva em projetos que me levam à exaustão. Tenho dificuldade em desligar e desocupar a cabeça. Isso pode acontecer tanto com burocracias a serem resolvidas quanto com a própria criação artística, que ocupa meu consciente e inconsciente, gerando certezas, dúvidas, idas e vindas constantes, despertares durante a noite, etc. Torna-se desgastante, e preciso aprender a buscar o meu silêncio.

4.3. O Eugênio

Eugênio não era uma escolha óbvia. Convivemos por apenas seis meses, mas o papel que ele desempenhou e as conversas profundas que tivemos me fizeram acreditar que ele teria uma leitura interessante sobre mim.

Quando recebi sua resposta em áudio, fiquei satisfeito por me ver através dos olhos dele e reconhecer aquele momento. Um curto período de convivência com trocas intensas acaba por ser o que mais se aproxima de uma foto daquele momento. O Impulsivo contou uma história que equivale a um filme (10 anos juntos), enquanto Eugênio só poderia tirar uma foto daquele breve instante. E tirou uma foto bastante sensível.

É importante contextualizar. Conheci Eugênio através de um amigo em comum. Eu já sabia que viria para Portugal e, como nunca tinha estudado música formalmente, queria ter algumas aulas com alguém que pudesse me ajudar a me desenvolver como músico. E assim, durante alguns poucos meses, tive um encontro por semana com Eugênio.

Ele me descreveu como uma pessoa em movimento, buscando algo, muito curioso e ávido por conhecimento. “Você fazia muita pergunta”, disse ele. Naquele momento, eu queria um guru. Queria encontrar alguém que me ajudasse a me entender como músico e artista. Eugênio, bem mais jovem que eu, carrega uma inteligência impressionante e uma experiência de vida marcante. Havia morado fora do Brasil, já dava aulas e tinha uma maturidade incomum para sua idade. Conversar com ele era uma troca constante, e logo ficou claro que Eugênio seria mais próximo de um amigo, e não apenas um professor.

Nossas conversas transcendiam a música, passeando por sociologia e filosofia, sempre se entrelaçando. Ele notou minha insegurança, interpretando-a como o confronto entre o músico amador e o profissional. E, pelo que percebo, acreditava que era apenas uma questão de tempo até eu me sentir confortável. Mais uma vez, ele

estava certo. Eugênio me deixou frases simples e transformadoras. Primeiro, ele me reconheceu como artista e músico, num momento em que eu ainda não me reconhecia. Depois, soltava pequenas pérolas que me situavam e me deixavam mais à vontade, como quando disse: “Música é sobre se expressar. Alguns se expressam tocando rápido, precisos, muitas horas por dia. Outros se expressam gerando caminhos que traduzem suas ideias e sentimentos. Que bom que você não foi podado pelo estudo da música.”

Em outro momento de sensibilidade, Eugênio se expôs ao falar sobre sua própria ansiedade e depressão. Contou isto porque percebia alguma angústia em mim. Ele mencionou ter um “radar” empático, como se reconhecesse no outro suas próprias fragilidades. Curiosamente, eu só vim a ter consciência de sintomas clínicos de ansiedade e depressão quando já vivia em Portugal.

Com pouco mais de um ano vivendo em Portugal, comecei a ter ataques de pânico. Fiquei desnordeado ao perceber que, na fase mais livre da minha vida - tendo deixado tudo para trás e podendo viver como eu queria (dedicando mais tempo à música) - meu corpo começou a dar sinais tão fortes de instabilidade. Talvez fosse o impacto da perda de uma estrutura, a preocupação financeira para me manter, a falta de rotina, mas, sobretudo, o tempo para sentir. Creio que, na sociedade insana e no modo como vivemos, sequer dedicamos tempo para escutar o corpo. As atividades se sucedem e seguimos fazendo. Parar é importante para que possamos perceber os sinais e nos escutar.

Eugênio parece ter conseguido diagnosticar algo em mim antes mesmo de eu perceber, algo que já estava presente antes de eu tomar consciência. No final do áudio, ele resumiu:

Você tinha muita profundidade. Havia muita coisa acontecendo numa camada subdérmica. Você estava numa fase de metamorfose. Depois de muitos anos de segurança, estava se permitindo estar num lugar de inseguranças. Muita perspicácia, muita observação, muita crítica. Um cara muito crítico, né?

Me parece uma poderosa foto daquele momento.

4.4. O Prático

O Prático é o amigo que conheço há mais tempo na vida. Estudamos juntos dos 6 aos 15 anos e sempre mantivemos contato no decorrer da vida. Mesmo em períodos mais ocupados, dávamos um jeito de nos encontrarmos. Por uma dessas coincidências da vida, ele se mudou para Portugal alguns anos depois de mim.

Recentemente, passamos um fim de semana juntos e, numa brincadeira de perguntas e respostas, o Prático disse que, se pudesse mudar algo sobre si mesmo, gostaria de ser menos duro. Acho que essa frase resume o que é seu provável conflito interno. Ele busca tornar-se mais maleável e menos cheio de certezas com o passar do tempo. Penso que a maturidade nos traz exatamente isso: a percepção de que ter mais dúvidas e ser mais flexível nos permite continuar crescendo e ampliando nosso universo.

Quando li sua carta, comecei rindo. Identifiquei de imediato a praticidade de sempre. Ele dividiu nossa longa convivência em três momentos: infância, adolescência e vida adulta, dedicando um parágrafo curto a cada fase. Neles, descrevia características e fatos.

Mas o que fica muito claro é a presença do afeto. O Prático, com seus gestos econômicos e poucas palavras, muitas vezes simplifica as coisas com ditos pouco permeáveis como: “o certo é o certo, o errado

é o errado”. Ainda assim, há um carinho que transborda na sua escrita minimalista e na presença constante ao longo da nossa existência.

Na infância, ele escreveu: “Brigávamos, ríamos e tocávamos o barco como era esperado de nós.” Na adolescência, quando nos afastamos por estudarmos em escolas diferentes, mencionou a expansão dos grupos e interesses. Chamou nossa afinidade de “desafinada”, o que me gerou curiosidade, mas logo voltou ao tom prático. Me descreveu como centralizador, aglutinador, com opiniões fortes e influente. Obsessivo com as notas, os amigos, os discos. Honesto nas opiniões e na conduta. E concluiu: “Prático, objetivo... um degrau após o outro.”

Essas frases finais, que encerram os parágrafos, capturam bem sua lógica resiliente e a determinação de cumprir o que nos é destinado. Nossas famílias tinham condições econômicas um pouco diferentes, mas uma educação muito semelhante, baseada no compromisso, rigor e resiliência. Isso nos fez parecidos, especialmente no início da vida adulta.

No parágrafo sobre a vida adulta, surpreendi-me quando ele fala do acidente de carro que tive (com 25 anos). Ele conta que não me visitou no hospital e se arrepende disto. Eu fiquei mais de 15 dias internado e levei cerca de 3 meses para me recuperar integralmente. Não me lembro quem me visitou ou não. Isso me fez pensar sobre como eu percebo as amizades. Para mim, amizade é sobre vivências compartilhadas. Se alguém não está presente em um momento específico, penso que há um motivo válido. Acho que não me sinto menos amparado ou gostado por isso.

Também me pergunta o que aconteceu neste acidente, como se nunca tivéssemos falado disto. Isso me chama a atenção e reforça o que algumas pessoas falam sobre eu ser mais aberto para ouvir e

menos para falar de mim. Não tenho ideia porque nunca falamos sobre o acidente. Talvez porque ele nunca tenha perguntado.

Mas adiante ele coloca um ponto que discordo. Disse que minha sexualidade não teve grande impacto, pois não mudou nossa convivência. Para mim, foi transformador. Poder apresentar meus namorados ao grupo de amigos e me assumir integralmente foi libertador e de um impacto imenso. Tenho certeza de que também teve impacto para ele, ajudando-o a desconstruir preconceitos e a se sensibilizar para questões de gênero, feminismo, homofobia e outras lutas das minorias. Passamos a ter conversas sobre estes temas. O afeto nos faz querer ouvir o outro. Acho que, por isso, minha sexualidade contribuiu para enriquecer também sua visão de mundo.

Meu acidente ocorreu em uma fase intensa de trabalho e estudos. Naquele dia, saí com colegas para um *happy hour* e estava com carro. Havia ficado com uma menina e resolvi, deixar os amigos em casa e ir à casa dela. Não tinha real interesse, mas ainda estava ligado à ideia de cumprir papéis e nosso encontro havia sido agradável. Ela havia me revelado ser bissexual e, talvez, aí residisse meu interesse. No caminho, dormi ao volante e bati de frente numa árvore. Felizmente, não feri ninguém além de mim.

Essa história reflete algo maior: por muito tempo, seduzir era mais sobre cumprir expectativas sociais do que desejo. Era um jogo de pertencimento, uma tentativa de atender a um padrão. E pode ser simbólico - e/ou inconsciente - que eu tenha batido justamente indo fazer algo que nem me interessava tanto. Talvez tenha sido um modo de parar.

Não percebi bem o que o Prático chamou de afinidade desafinada. Mas imediatamente me remeteu a sensação de que somos muito

amigos porque construímos uma história. Talvez, se nos conhecêssemos já adultos, a amizade não tivesse a mesma força. A longa convivência e o respeito fazem com que tenhamos uma escuta atenta e, mesmo abordando muitos temas de perspectivas diferentes, conseguimos nos comunicar. Refletimos e nos permitimos mudar. Nunca o percebi estático e imóvel perante um bom argumento. Embora muitas vezes discordemos do método, buscamos resultados e temos princípios éticos semelhantes. Esse esforço mútuo para estarmos presentes um na vida do outro é o que mantém nossa amizade sólida.

4.5. A Nômada

Conheci a Nômada pouco tempo antes dela se casar com o Prático. Naquela fase, eu e o Prático não nos víamos muito, e, em poucos meses, eles casaram.

Desde então, nossa relação foi se fortalecendo. Passamos a conversar sobre tudo, debatendo nos momentos difíceis e nos divertindo sempre que nos encontrávamos.

A carta da Nômada é muito querida, mas quero destacar dois pontos:

... eu passei a ter um respeito enorme por você. Por entender tudo o que você passou sozinho antes, até conseguir dividir essa parte tão importante da sua vida com seus amigos. Da sua dignidade em não querer impor nada e nem chocar ninguém. E da sua coragem em trazer para a vida deles o que agora era o Zé em sua integralidade.

Reconheço a intenção cheia de carinho e respeito nas palavras de Nômada. Ao mesmo tempo, a psicanálise me ensinou a perceber o ato falho como possível manifestação do inconsciente, revelando algo que

não é pessoal, mas estrutural, reflexo das influências profundas da sociedade em que vivemos. Essa não é exatamente uma fala de Nômada, é a fala de uma sociedade.

Se olharmos com atenção — e deixando claro que não houve qualquer má intenção —, o respeito mencionado parece estar atrelado ao fato de eu ter enfrentado sozinho meu sofrimento, demonstrando força e resiliência. Já a dignidade, nesse contexto, surge associada à ideia de que poupar os outros, evitando qualquer desconforto sobre minha homossexualidade, seria um gesto nobre.

Essas associações, embora não tenham sido desejadas por Nômada, carregam resquícios de preconceitos estruturais, aqueles que persistem, mesmo em pessoas genuinamente abertas e acolhedoras como ela, com escuta e sensibilidade. Mas a verdade é que, muitas vezes, nos falta a prática — ou o espaço — para refinar o discurso e ajustá-lo de modo mais atento ao outro.

Essa situação me lembra também da crescente intolerância em relação a falas que não estejam perfeitamente alinhadas ao que hoje se considera politicamente correto. Ao invés de apenas vigiar a linguagem, acredito que o essencial seja conversar sobre essas mensagens que se escondem sob frases repetidas, herdadas do senso comum.

Confesso que também tenho enfrentado dificuldades para me adaptar a amigas que, em algum momento, passaram a se reconhecer de forma diferente do gênero que lhes foi atribuído ao nascer. Muitas vezes ainda uso o feminino, não por desrespeito, mas por hábito, por memória. Afinal, foi assim que convivi com elas durante tanto tempo. Mas estou disposto a reaprender. E acho que esse é o ponto: disponibilidade.

Acima de tudo, Nômada é uma amiga querida, aberta, generosa, em permanente movimento. E sei que, como eu, está disposta a repensar a vida.

4.6. A Pretinha

A carta da Pretinha, minha irmã do meio, foi a primeira que me fez reconsiderar a ideia de deixar todas as leituras para o final. A surpresa e a ternura de ver o mundo pelos olhos dela foram realmente marcantes.

A Maternal, a irmã mais velha, carrega inúmeros traumas e, quando conversamos, descreve sua infância e adolescência quase exclusivamente em tons negativos. Já eu, tenho lembranças de algumas limitações, mas de uma vida bastante regular. Pretinha, por outro lado, trouxe um banho de felicidade ao falar da sua infância. Ela lembrou como nossa mãe nos levava para passear quase todos os fins de semana, praia, parques, museus, mirantes, zoológico. Essas memórias não eram as minhas, mas imediatamente me veio à mente minha mãe dizendo que precisava nos tirar de casa para gastar energia. Afinal, manter três crianças trancadas em um apartamento de 80m² durante a semana inteira não era justo.

Sempre achei que éramos muito diferentes, até mesmo dos nossos pais. Mas, ao longo do tempo, percebo como Pretinha é a que mais se assemelhava à nossa mãe nos sentimentos: mais emotiva e derretida, como costumávamos dizer. Hoje vejo que todos carregamos traços tanto da nossa avó, que nos criou, quanto da nossa mãe, que fazia o papel de pai ao sustentar a família. Em muitos aspectos, somos mais parecidos entre nós do que eu imaginava.

Pretinha também lembrou das brincadeiras, brinquedos e dos fins de semana na casa do nosso pai. Contou sobre um episódio que, para

ela, foi mais traumático do que para mim. Todos na nossa casa tinham pavor de baratas, e eu, criado nesse ambiente, não era diferente. Meu pai, ao contrário, não se incomodava, e era comum aparecerem baratas imensas na casa dele. Certo dia, quando eu devia ter entre 11 e 13 anos, ele resolveu que eu perderia o medo de barata à força. Pegou uma enorme pelo bigode, me segurou contra a minha vontade e queria fazer com que ela andasse na minha mão. Eu chorava e tremia desesperado. Pretinha, que tinha ainda mais pavor, fugiu correndo. Nossa avó paterna, estressada com a cena, acabou desmaiando, e só então ele desistiu.

Pretinha disse que se arrepende de ter me deixado sozinho naquele momento, mas eu nunca tinha pensado nisso dessa forma. Ela não tinha outra opção— esperar que ela enfrentasse um medo tão grande por outra pessoa seria injusto, já que nem para si mesma conseguia enfrentá-lo. Ela simplesmente não podia oferecer isso, e está tudo bem.

A carta também trouxe lembranças curiosas sobre mim, como meu hábito de querer comprar dois itens iguais quando gostava muito de algo e o estava barato. É um mecanismo que mantenho até hoje: ter dois exemplares me dá segurança para usar um sem a preocupação de perder ou danificar. Vejo isso como um mecanismo diretamente ligado às faltas que sentia na infância, às coisas que queria ter e não podia. Queria garantir que não se acabariam. Algo muito simbólico e ainda hoje presente em mim: a tentativa de controle.

Outra memória interessante foi como eu dormia praticamente pronto para a escola: cueca, meia, shorts e, no inverno, até calça jeans. Assim, ao acordar, bastava vestir a t-shirt do uniforme, calçar os tênis e sair. Era uma solução prática, já que precisava estar na escola às 7h

da manhã. Penso que, como criança, quase nada nos é desconfortável. Dormimos em qualquer canto, de qualquer jeito. Mas o que me chama atenção é que, tão cedo, eu já tivesse esse senso prático e a preocupação em ganhar tempo. Esse senso econômico, que segue tão presente em mim.

Ela também contou como nossa avó me protegia, me dando prioridade na única TV que alugávamos, e só aceitava beijos e abraços vindos de mim. Não me lembro disso dessa forma. O que recordo é que, em diferentes momentos, algum de nós tinha privilégios. Houve uma fase em que Pretinha parecia mais protegida pela nossa mãe, possivelmente porque a Maternal (irmã mais velha) me protegia, criando uma espécie de equilíbrio. Isso foi especialmente evidente quando Pretinha começou a trabalhar, aos 17 anos, e tudo parecia girar em torno dela.

Mas essa declaração foi importante, porque eu não tinha essa noção. Talvez, para minha avó, eu tenha mesmo sido o preferido. Como é natural que repitamos os padrões do ambiente em que crescemos, minha avó, que, de algum modo, foi preterida na sua educação em favor do irmão mais novo - algo que aparece na narrativa introdutório de “Lavadeiras”. Ela vinha de uma época e de uma educação onde o homem (aquele que trabalha e gera o sustento) tinha mais valor social. É bem possível que, inconscientemente, ela tenha me atribuído esse papel.

Duas coisas me chamam atenção nessa situação: o quanto, estando num papel de privilégio, passamos por ele sem perceber, mas também o quanto uma experiência pode ser dual. Minha avó ergue uma família matriarcal, composta por mulheres fortes. Minhas irmãs foram criadas para ser independentes e nunca depender de um marido —

esse era um lema em nossa casa. Mas, apesar disso, ela trazia consigo questões machistas e de privilégio que estavam presentes na cultura dos tempos dela. O que concluo disso é que precisamos estar constantemente atentos aos nossos discursos e atos e, ao mesmo tempo, ser muito permeáveis e sensíveis aos comentários e à presença do outro em nossas vidas, para que possamos perceber essas questões.

Pretinha mencionou que fomos nos afastando e só nos encontrávamos em aniversários, mas não ficou claro a que período ela se referia. Ela também trouxe uma interpretação diferente sobre um desentendimento que tivemos. Será importante conversarmos sobre isso.

Apesar de não descrever diretamente traços de personalidade, os exemplos dela dizem muito sobre quem eu era como criança: alguém que odiava perder nos jogos, precisava da segurança de ter coisas repetidas, era prático ao ponto de dormir pronto para a escola, tinha interesse por música e era debochado. Boa parte dessas características permanece ainda hoje.

Adorei redescobrir minha irmã após tantos anos afastados de conversas significativas. Em 2022, retomamos o contato, mas a distância física dificulta recuperar a intimidade.

Hoje, muitas vezes me preocupo com ela — acho que precisa cuidar melhor de sua saúde — e lamento não estarmos mais próximos. Mas seguimos resgatando o que é possível.

4.7. A Mulher-Menina

Mulher-Menina entrou na minha vida há pouco tempo, desde 2023, quando comecei na ESMAE, mas sua presença se tornou mais marcante em 2024 e 2025. Fomos nos conhecendo e nos aproximando

cada vez mais, o que traz uma perspectiva nova e um recorte atual e interessante por ser desprovido de um passado e de uma história.

Mulher-Menina tem sido uma amiga importante. Estou a puxar pela memória e talvez seja a minha primeira amiga portuguesa que se aproximou realmente. Nos encontramos com regularidade, frequentamos a casa um do outro.

O processo de criar novas amizades na vida adulta é complexo. Já refleti bastante sobre isso e acredito que a questão central seja a disponibilidade. Construimos amizades ao longo da vida, mas, em sua maioria, quando temos tempo para nos dedicar a nós mesmos e ao outro. Os amigos da infância, adolescência e juventude são aqueles com quem convivemos intensamente: vamos ao cinema, conversamos por horas, saímos juntos, viajamos.

Na vida adulta, esses momentos tornam-se mais raros, atravessados por compromissos profissionais, relacionamentos, filhos. Mas, felizmente, no meio artístico, os horários não seguem um padrão industrial e, tanto para o bem (nas convivências) quanto para o mal (na estabilidade financeira, por exemplo), quem vive da arte tende a ter mais disponibilidade, e também mais necessidade, de estar com o outro. Parece-me que, de alguma forma, os artistas cultivam mais esse aspecto da vida.

E é nesse contexto que Mulher-Menina e eu temos conseguido nos encontrar com frequência, estreitar laços e construir intimidade.

Mulher-Menina descreve, numa primeira impressão, uma imagem de confiança: voz forte e tranquila, com intervenções regulares e diretas nas aulas. Também observa que faço muitas perguntas, o que chama sua atenção.

Ela menciona me respeitar por enxergar em mim uma dignidade tranquila e sorridente, além de comentar que tenho um abraço gostoso.

Quando Mulher-Menina diz sentir paz e sabedoria em mim, fico refletindo sobre como frequentemente me descrevem como alguém sereno e em paz. É uma percepção comum, mas que contrasta com o que sinto internamente. Dentro da minha cabeça, quase sempre tudo está muito agitado e, por vezes, desconfortável. Entendo o que as pessoas veem — consigo perceber as características que geram esta imagem de equilíbrio — mas me pergunto se isso não é apenas mais uma evidência do meu modo solitário de lidar com as questões e a tal armadura que criei desde cedo para me proteger. Resolvo tudo internamente, e para o mundo externo parece que está sempre tudo bem.

Mas acabei criando uma segunda teoria sobre essa minha tranquilidade. Adoro conversar e trocar experiências. Adoro aprender, opinar. São nesses momentos que me encontro integralmente presente. Sempre que estou com Mulher-Menina, nosso contexto é de troca. É quando corpo e mente estão alinhados e, talvez por isso, por estar totalmente presente, eu passe essa imagem de paz.

Na frase final ela faz um resumo bonito que corrobora muitas das características que já foram apontadas por outros: Agregador, Guia e guiado (que eu interpreto como troca), bom observador, interessado em aprender e em viver.

Mulher-Menina é uma pessoa muito sensível, com ideias fortes e uma visão de mundo que ressoa com a minha. Mas também carregamos muitas diferenças. Seja pela experiência de vida, pelos

contextos distintos de onde viemos, mas, principalmente, pela maneira como lidamos com o que nos cerca. Recorrendo a uma imagem bastante usada, sou mais racional, enquanto a Mulher-Menina é movida pela emoção. Da mesma forma que minha mente frequentemente mina meu bem-estar, percebo que, para ela, são as emoções que, por vezes, tomam conta. Talvez seja justamente nesse contraste que nosso encontro se torna interessante: há uma complementaridade que permite trocas ricas e significativas.

Que sigamos juntos nesse caminho de apoio e aprendizado mútuo. Nossas vidas, com todas as suas complexidades e privilégios, oferecem sensações que colecionamos ao longo do tempo, e compartilhar essas vivências com amigos queridos torna tudo mais leve e valioso.

4.8. O Pragmático

O Pragmático foi um amigo de trabalho com quem convivi intensamente por cerca de quatro anos. Depois disso, nossos encontros se tornaram bastante esporádicos.

Ele diz que, mesmo à distância, eu sempre fui muito amigo, sincero, honesto, simples e autêntico. São as características-chaves que nos fizeram manter contato.

Ele menciona como a nossa convivência o ajudou a perder o preconceito com os maconheiros. O mais interessante é que os argumentos que ele usou para desconstruir esse preconceito estão ligados a características minhas que atendem às expectativas mais comuns da sociedade: ser trabalhador, responsável e preocupado com a família. Mais uma vez aparece este conservadorismo estrutural que nos faz reconhecer características secundárias como se fossem valores reais e muito importantes.

Ele também falou sobre o meu acidente de carro, mencionando o impacto que isso teve para ele. Foi chocante lidar com algo tão grave acontecendo a alguém próximo e ainda tão jovem. Essa experiência trouxe para ele uma consciência maior sobre a finitude da vida, algo que frequentemente enfrentamos ao ver alguém próximo passando por uma situação repentina e delicada.

Esta foi a primeira vez que ouvi isso sobre meu acidente, embora, refletindo agora, outras pessoas também possam ter tido uma reação semelhante. Eu mesmo nunca pensei muito sobre o acidente, apenas o vivi. Reconheço isso como algo muito potente, porque foi exatamente a mesma reação que tive quando perdi uma amiga muito próxima aos 40 anos, de forma repentina, e quando perdi minha mãe. São momentos que nos tiram do cotidiano e nos colocam em contato direto com o fim. É quando nos perguntamos: e se fosse eu?

O Pragmático recordou uma fase em que saímos muito à noite, explorando lugares alternativos, como a Lapa e Santa Teresa, que estavam bem fora do seu circuito habitual. Falou sobre esta característica de apresentar um universo ao qual ele nunca teria acessado sem mim. E isso remete-me mais uma vez a esta constante que é o meu desejo de compartilhar meu olhar e meu universo com o outro.

Ele menciona, como outros amigos fizeram, o cuidado especial que eu sempre tive com a minha família. Comentou também que não se lembra de eu ter mencionado o meu pai nenhuma vez, o que faz todo sentido por ter sido uma figura ausente durante toda a minha vida.

Meu pai separou-se da minha mãe definitivamente quando eu tinha um ano de idade. Eles eram, literalmente, vizinhos de porta. Das muitas coisas que lembro minha avó materna falar, uma delas era de

que ele, na verdade, ele nunca havia assumido a família. Continuou a viver na casa da mãe e levou apenas 2 ou 3 mudas de roupa para a nossa casa.

Após a separação, lembro que o desejo de se mudar de lá existia... mas não sei dizer se era mais da minha mãe ou da minha avó. Mudamos quando eu tinha 6 anos, para a Tijuca, ainda assim, era um bairro vizinho. Apesar da distância nunca ter sido grande, ele era ausente. O visitávamos aos domingos. Não passeávamos. Apenas chegávamos à casa dele para o almoço, passávamos o dia lá e íamos embora à noite, após ele assistir aos gols da semana. Financeiramente, ele quase não ajudava. Toda a carga de sustentar a família ficou para minha mãe e, obviamente, o fato de ele nunca ter assumido suas responsabilidades como pai gerava críticas constantes. Crescemos ouvindo falar mal dele, e ele, por sua vez, nunca se esforçou ou se aproximou para mudar esse quadro. Lhe parecia bastante conveniente.

Crescemos tendo ele como um desconhecido. Me desentendi com ele aos 15 anos e não o vi mais. Nenhum dos filhos teve um laço maior com ele e, no dia seguinte à sua morte (tinha em torno dos 60 anos), minha vida seguiu normalmente, pois ele jamais havia ocupado nenhum espaço nela.

4.9. A Incerta

A Incerta é sobrinha do Resingão, meu ex. Durante o tempo em que estive com ele (cerca de 2 anos) tivemos contato constante, e isso se manteve por alguns anos mesmo após o fim do relacionamento.

Ela destacou minha capacidade de ouvir e acolher, algo que, segundo ela, se mesclava com momentos de franqueza, onde eu podia

ser duro, mas sempre buscando o melhor para quem estava ao meu redor.

A Incerta também mencionou algumas saídas que fizemos juntos e falou sobre o apoio e carinho que eu oferecia. Vi na carta dela algo que reconheço em mim frequentemente como um cuidado quase paternal. Uma atenção em cuidar do outro. Curiosamente, nunca quis ser pai e pensei algumas vezes como seria. Se eu seria excessivamente severo e controlador ou se seria o oposto. Felizmente tive um sobrinho-afilhado (o Adoradinho) que me permitiu ter algumas funções paternais. Mas deixo isso para falar na carta dele.

4.10. A Doce Leoa

A Doce Leoa é uma amiga querida, daquelas conexões que sobreviveram ao tempo e às mudanças. Conheci-a como parte de um grupo de brasileiros em Braga, e embora quase todas as relações daquele círculo tenham se dissipado, a nossa permaneceu.

Sua carta trouxe surpresas. Um exemplo foi a opinião de duas colegas de apartamento dela, que me conheceram antes e me descreveram como “mais difícil”. Em especial, uma delas, que eu considerava imatura e um tanto irritante — para quem eu não tinha paciência nem interesse. Elas perceberam isso claramente. Essa frontalidade, que sempre fez parte de mim, tornou-se uma característica que abracei desde novo ao ponto de me caricaturar.

Por muito tempo, me orgulhei disso, fazendo questão de ser explícito sobre quem gosto e quem não gosto — uma postura oposta ao comportamento socialmente esperado. Criei uma espécie de marca, um neologismo, chamando-me de *sincericida* (aquele que se mata pelo excesso de sinceridade). Me divertia com esse exagero.

A Doce Leoa também menciona algo recorrente na minha trajetória: eu não me encaixar nos estereótipos, seja de gay, seja de carioca. Isso gerava confusão em muitas pessoas ao meu redor quando eu revelava minha orientação sexual.

Ela trouxe uma lembrança marcante sobre um dia em que estávamos num grupo, na casa de um conhecido, com jogos de tabuleiro – algo que ela detestava, mas não sabia como escapar. Durante a terceira rodada, levantei e disse: “Chega, não quero mais.” Para ela, essa atitude foi libertadora, pois a fez perceber que também podia se permitir sair de situações que não lhe agradavam e que isso não seria nada demais. Esse tipo de relato sempre me toca, pois mostra como pequenas ações, às vezes esquecidas por nós, podem ter um impacto transformador na vida de outra pessoa.

O olhar atento e reflexivo da Doce Leoa sobre o outro é algo que admiro e que pratico. Entendo que é uma ferramenta que permite repensarmos e percebermos outras possibilidades de existência.

A Doce Leoa poderia ter-se deixado influenciado pela percepção inicial das amigas, mas escolheu me observar e me decodificar por si mesma. Viu algo que não era exatamente “ser difícil”: encontrou uma frontalidade que, no Brasil, é socialmente pouco valorizada.

Outro ponto em que ela toca é a tendência a ser conselheiro e envolvido nos problemas alheios. Ela brinca dizendo que sou capaz de criar “Guias Práticos de Sobrevivência Emocional” – uma expressão que capta bem minha dualidade: a tentativa de usar objetividade para abordar questões subjetivas.

A Doce Leoa também aponta, com delicadeza, que minha franqueza pode ser dura demais. Ela descreve isso de forma imagética: “Embora, às vezes, um fecho de luz às 5 da manhã, na cara, pareça um

pouquinho forte, é inegável que, sem isso, estaríamos tropeçando no escuro muito mais do que já tropeçamos.”.

Ainda assim, o final da frase é um reflexo de que as pessoas percebem minha intenção genuína de ajudar, mesmo quando erro na intensidade. Talvez por isso relevem meus deslizes. Para mim, os limites nem sempre são claros, e acabo preferindo ser direto a correr o risco de não ser compreendido.

Ela identifica que este comportamento conselheiro não era apenas com ela, mas com outras pessoas ao redor.

A Doce Leoa recordou ainda um momento que compartilhei sobre a primeira vez que senti-me órfão. Foi quando viajei sozinho para Nova York, quase dois anos após a morte da minha mãe. Contei para ela sobre uma estranha liberdade que senti quando aterrissei e não precisei avisar ninguém que havia chegado bem. Ao mesmo tempo, invadiu-me uma nova dimensão de solidão. Lembro-me que naquela viagem, a primeira que fiz sozinho, muitas sensações de solidão me atravessaram e a da perda do vínculo materno (aquela pessoa que quer sempre saber se estamos bem) foi a primeira.

Ela conclui falando sobre outras características: alguém agregador, com um abraço acolhedor e uma generosidade que demonstra cuidado e interesse genuíno pelos outros.

Gostei muito de ler sobre a questão do abraço. Mulher-Menina já havia mencionado e foi importante para mim perceber a importância da fisicalidade. Temos cada vez menos consciência do corpo físico. O toque, em algumas culturas, é quase inexistente — e perceber que as trocas podem ocorrer também em gestos, não apenas em palavras, é um convite a caminhar nesse sentido.

Em países como o Japão, por exemplo, o contato físico no cotidiano é extremamente reduzido. Abraços e beijos não fazem parte das interações sociais comuns, e até entre casais o toque público é limitado. Já em partes dos Estados Unidos e do norte da Europa, o cuidado extremo com a ideia de consentimento levou a uma crescente formalização das relações, onde o toque espontâneo se tornou quase tabu. A delicada questão dos assédios, da invasão do espaço do outro, e a justa luta contra comportamentos abusivos fizeram com que, em algumas dessas sociedades, surgisse uma vigilância excessiva sobre o corpo. Isso pode gerar consequências ambíguas: por um lado, protege; por outro, distancia.

O toque passa a ser visto como algo sempre carregado de intenção, quase como uma ameaça. E com isso, perdemos uma das formas mais antigas e genuínas de conexão humana. Um gesto tão simples quanto um abraço, um toque no ombro ou um aperto de mão pode carregar cuidado, presença, apoio. A ausência dessas manifestações físicas pode nos tornar mais solitários, mais desconectados do outro — e também de nós mesmos.

Retomar a consciência da fisicalidade, do corpo que sente e comunica, talvez seja um passo necessário para reconstruirmos laços.

4.11. O Resingão

O Resingão foi meu ex-companheiro durante dois anos. Nossa relação terminou há mais de uma década, e compreendo que, por razões muito pessoais, ele tenha preferido não revisitar certas lembranças. Ainda assim, a mensagem breve que me enviou por WhatsApp trouxe algo de valor. Ao final, ele reconheceu a importância que tive em sua vida e expressou gratidão pelas mudanças que, segundo ele, só aconteceram a partir do nosso encontro.

Ao lembrar essa relação, percebo que houve momentos de desgaste. Com o tempo, fui notando comportamentos que me afastavam — como a dificuldade dele em manter uma atitude mais proativa diante da vida e uma certa tendência a se colocar sempre em posição de vítima. Sempre fui atraído por pessoas mais maduras e independentes, e talvez, naquele período, o Resingão ainda estivesse em busca desse lugar.

Por outro lado, essa dinâmica me ofereceu espaço para desempenhar um papel de provocador – algo que sempre me move. Tive a chance de instigá-lo a enxergar aspectos importantes sobre si mesmo e, acredito, contribuí para que ele iniciasse a busca por uma vida mais autônoma.

De certa forma, sinto que, mesmo optando por não participar ativamente, ele acabou participando.

4.12. Amélia de Beauvoir

Amélia de Beauvoir é uma presença constante na minha vida há quase 40 anos. Embora eu possa detalhar a importância dela em minha trajetória, creio que a longevidade de nossa relação já dá sinais disso.

Ela fala sobre o nosso contato na escola, onde, como adolescentes, passávamos o tempo juntos- Descreve que fazíamos carícias, deitávamos no colo um do outro, e toda aquela interação física que nos fazia parecer um só corpo.

Com o tempo, como migrante, tenho compreendido com mais clareza a importância daquele momento. Dentro do nosso privilégio de sermos estudantes, tínhamos o tempo necessário para construir relações que, provavelmente, nunca se repetirão ao longo da vida. A inexperiência, a curiosidade e as descobertas são características de uma fase que só a adolescência proporciona.

É fácil cair na nostalgia e idealizar essas sensações como momentos extraordinários e transformadores da nossa história. No entanto, acredito que talvez seja mais interessante perceber esses momentos como uma lição perdida com o passar do tempo: a importância de viver o presente com mais intensidade e de podermos nos entregar.

Lembro-me das tardes de tédio na adolescência, quando saía de casa para passar o tempo na casa de algum amigo. Andávamos pelas ruas, de um lado para o outro, gastando quase nada, só para passar o tempo. Parávamos em casa, juntos, para ouvir música ou assistir a um filme. Todas estas questões moldam um momento único que nunca poderá ser resgatado, mas oferecem uma possibilidade interpretativa de como tornar outros momentos mágicos a partir de nossa leitura.

Ela menciona a carapaça dura que eu tentava transparecer: “...anti sentimental, que nada poderia te abalar emocionalmente” e como eu sempre sustentava minhas posições, algumas duras. Ela também conta uma história que eu lembro, não pelos detalhes, mas pela sanção que apliquei. Essa história foi mencionada por ela em vários momentos ao longo da nossa convivência, e me impressiona como algo que para mim parecia tão simples e lógico pode ter sido tão marcante para o outro numa esfera emocional.

A história resumiu-se a uma situação durante uma aula, em que eu emprestei minha borracha para ela, e ela não me devolveu, ameaçando fazer algo como rabiscar, jogar ao fundo da sala ou qualquer outra besteira infantil que, para mim, era uma atitude indevida. Lembro-me claramente de ter dito que, se ela fizesse isso, ficaria uma semana sem falar com ela. Ela fez, e eu cumpri o prazo exato. Ela implorava, e eu ignorava. Ela conta que foi doloroso para ela e que tentava recuperar o afeto. Disse que achou infantil a minha atitude, e é curioso perceber

que ela considerou infantil o que eu fiz, sem considerar que a brincadeira dela representava uma traição à confiança que eu tive ao emprestá-la. E que a atitude dela também foi vista como algo infantil e que magoava. Mas lembro claramente que minha lógica era simples. A ação dela feriu a confiança e por isso minha resposta fazia todo sentido. Conscientemente dura.

Tenho a lembrança clara de que nunca senti raiva e nem vi aquilo como algo mais sério. Não fiquei chateado com ela por uma semana, na verdade, nem fiquei chateado. Era uma questão de “honra” para mim: causa e consequência. Sabia que aquilo tinha sido uma brincadeira isolada, mas, como eu havia avisado, cumpri minha palavra... o que talvez, até hoje, ainda seja algo muito importante para mim. Talvez até mais do que o necessário. Será?

Ela também compartilha sua vergonha por ser mais pobre que a maioria das pessoas do nosso colégio. Amélia de Beauvoir era uma das poucas que tinha uma situação econômica mais parecida com a minha, porém, vindo de uma freguesia mais pobre e suburbana do Rio. Sentia que, por conta da sua situação em casa, não deveria levar os amigos até lá. Lembro que ela morava em Cascadura, mas depois se mudou para outra região. Fui algumas vezes à sua casa e, sinceramente, nada nela me chamava a atenção como uma pobreza específica. Isso evidencia como, no temor de não sermos aceitos, criamos cenários e questões que não atingem o outro, mas apenas a nós mesmos.

Assim como a Sósia, Amélia de Beauvoir menciona a curiosidade de que, apesar de termos tido muito contato, era claro para ela minha indisponibilidade sexual e amorosa nas relações com as mulheres — e, portanto, com ela também. Ela acredita que essa indisponibilidade

foi o que nos permitiu ser mais abertos e autênticos. Não havia ali um jogo de sedução ou a tentativa de agradar ao outro para parecer o que não éramos. Isso, de alguma forma, criou entre nós uma referência de afeto e um porto seguro.

É interessante essa perspectiva e faz muito sentido. Ao refletir sobre minha dinâmica, percebo que, independentemente de ser uma mulher ou um homem, minha indisponibilidade sexual sempre funcionou da mesma maneira. Nunca tive atração por amigos, por isso nunca encarei o gênero como algo que definisse o andamento da amizade. Acredito muito no sexo como algo mental, e, por mais que haja vários motivos na minha construção pessoal, amigos nunca foram alvo de desejo. O sexo em si, para mim, sempre foi uma busca muito clara e definida nos contatos iniciais. Se o meu interesse fosse sexual ou romântico, isso ficava claro tanto para mim quanto para o outro, numa fase muito inicial da interação.

É interessante refletir sobre isso. Nunca havia pensado a respeito dessa questão. Talvez esse meu *modus operandis*, de alguma forma, impeça-me de vivenciar uma surpresa. Como se tudo já estivesse pré-definido. Mais uma característica que ressalta minha obsessão pelo controle.

Ela menciona as idas à minha casa para ficar no meu quartinho pequeno, repleto de fitas cassetes. Fala também do hábito que eu já tinha, naquela época, de gravar fitas cassete para ela. Isso era um detalhe que eu não lembrava. Não saberia dizer exatamente quando isso começou, mas sempre tive o prazer de apresentar música nova para os outros. Eu passava o tempo imerso em pesquisas musicais — revistas, programas de rádio especializados em diferentes cenas, visitas às lojas de vinil, conversas com outros garotos — e depois adorava

compartilhar minhas descobertas com os outros. Lembro de uma revista chamada *Bizz*⁷⁶ onde eu lia sobre várias bandas que ainda não conhecia. Lembro-me da felicidade específica que eu tinha ao conseguir conectar as descrições que lia, com as músicas que ouvia. “Isso soa como Jesus & Mary Chain”... e, bingo, acertava.

Falo de uma época em que a música não estava tão acessível. Os lançamentos eram poucos, e em um país de terceiro mundo como o Brasil, ainda menos. As rádios ofereciam pouca variedade, e acessar algo novo era um trabalho de pesquisa e dedicação. Sempre fui curioso e, mais ainda, tinha o desejo de compartilhar e apresentar as minhas descobertas.

Amélia de Beauvoir descreve muito bem como esses atos nutriam as relações. Ela ressalta que essa minha prática de compartilhar música era importante e correspondida, e que essa troca sempre foi uma chave essencial para o afeto entre nós.

Conheci seu primeiro namorado e o adorei. Ele era percussionista, e eu sempre fui apaixonado por música. Por um tempo, andamos muito juntos. Eu ia aos ensaios da banda dele, frequentava sua casa, e compartilhávamos muitos momentos. Depois, ela menciona a fase em que se casou e se afastou. Diz que não se recorda de uma periodicidade específica nem de como mantivemos contato nesse período. Eu, por outro lado, lembro-me de algumas coisas.

Lembro-me de que nos afastamos mesmo. Acho que foi algo muito natural da vida, que segue corrida e nos atropela. Cada um com seu trabalho e sua faculdade consumindo todo o tempo. De repente,

⁷⁶ <https://revistabizz.blogspot.com/p/todas-as-edicoes.html>

perdemos o rastro um do outro, sem nenhum motivo específico, apenas seguindo os fluxos da vida.

Mais tarde, recorde-me de ter conhecido o seu segundo marido, logo que começaram a namorar, enquanto ela estava na faculdade de Direito. Nessa época, nossos encontros eram ocasionais e marcados por longos períodos de distância. Mas, como ela descreve, sempre que nos encontrávamos, a relação era íntima, espontânea e sem cerimônias.

Ela não se lembra bem do que nos fez retomar contato, mas, por acaso, eu lembro. Foi pelo Facebook. Com a chegada da rede social, surgiu um movimento de resgatar pessoas que não se viam há muito tempo. De repente, ao alcance de um clique, todos podiam procurar aqueles que fizeram parte de sua história. E foi assim que Roberta, uma amiga muito querida do nosso grupo — que partiu cedo demais — decidiu organizar uma reunião da nossa turma do colégio.

Eu era (e ainda sou) avesso a esses encontros, mas Roberta, assim como Amélia de Beauvoir, era alguém muito próxima a mim. Além disso, outros amigos queridos também iam participar. Resolvi ir e, para minha surpresa, adorei estar com aquelas pessoas que fizeram parte de uma fase tão íntima da minha vida. Estavam lá também a Sonhadora, o Prático e muitos outros.

De repente, lá estava Amélia de Beauvoir sentada em uma perna minha, e Roberta na outra. Todos abraçados, rindo e nos divertindo como se estivéssemos no colégio. Dali em diante, não nos desgradamos mais. Passamos a nos ver com mais frequência, mantendo contato de tempos em tempos.

O encontro foi tão poderoso que, naquele mesmo dia, senti vontade de contar a Amélia de Beauvoir e a Roberta que sou gay. E foi uma

cena hilária — poderia ter sido constrangedora com outras pessoas, mas não com elas. Lembro-me de levar uns 30 minutos tentando convencê-las de que eu estava falando sério. Elas achavam que eu estava inventando, só para brincar. A incredulidade delas era tão genuína que tornou a situação leve, cômica. Essa cumplicidade que tínhamos permitia que eu me expusesse à vontade, sem medo de ser mal interpretado. Amélia de Beauvoir também relata esse episódio da mesma maneira: uma troca aberta, sem constrangimentos, marcada pelo afeto mútuo.

Ela conta que eu sempre fui debochado, irônico, sarcástico e que aquilo parecia ser uma das minhas brincadeiras. Acho que, ao longo da vida, fui suavizando isso, mas era muito marcante. Compreendo, então, a confusão delas naquele momento. Amélia de Beauvoir também mencionou que, pela minha postura rígida e por essa dureza que às vezes transparecia, ela tinha quase a concepção de que eu poderia ser homofóbico, o que faz sentido dentro da imagem que eu projetava e das dúvidas que eu tinha. Não foi incomum durante muitos anos da minha vida adulta eu achar que o gay não precisa ser afeminado. O peso era tanto que, como muitos dos héteros, achava que ser afeminado era uma escolha.

Pragmatismo e conselheiro. São outras das características que ela destaca. Diz que me procurava sempre que precisava resolver algo e que estava perdida. Mesmo quando não concordava comigo, o simples fato de eu apontar um caminho objetivo lhe dava conforto. Essa característica de oferecer uma direção prática era, para ela, uma forma de apoio.

Ela também falou sobre nossos momentos juntos, que pareciam não ter hora para acabar. Nunca tinha expressado isso desse modo,

mas reconheço que meus amigos mais próximos são aqueles com quem posso conversar indefinidamente. As conversas só se interrompem por uma demanda externa, seja porque alguém precisa acordar cedo no dia seguinte ou por algum compromisso inadiável, nunca por falta de assunto ou de vontade de estar junto.

Amélia de Beauvoir apontou um contraste que a marcava: "Apesar de você ser bem objetivo e, às vezes, não ter muita paciência para algumas coisas, você sempre foi, para mim, muito amoroso. Muito amoroso mesmo."

Ela também comentou sobre minha ironia e deboche, afirmando que, apesar do tom provocador, sempre vinham de um lugar de amor.

Nesta sequência ela fala sobre minhas críticas. Especialmente com um relacionamento que tive e que nesta fase ela me sentia mais duro. Que estivemos mais afastados fisicamente (não afetivamente). Cada um no seu casamento. Ela diz: "Você não poupa, né? Quando você tem críticas, é qualquer pessoa. A mim, a qualquer pessoa. Você sempre se colocou."

Tenho histórias bastante simbólicas com alguns dos meus amigos mais íntimos, e Amélia de Beauvoir é uma delas. Ela teve que me ouvir muitas vezes dizer, sem papas na língua, o quanto achava chato, vazio e pretensioso o seu segundo marido. Em várias ocasiões, cheguei a perguntar: "Conseguimos marcar algo sem ele? Não estou com paciência para aturá-lo hoje."

Essa franqueza é algo pouco usual entre amigos, mas sempre fiz questão de expor meus limites e explicar os motivos. Acredito que fazia isso de maneira respeitosa, de forma que o outro pudesse compreender meu ponto de vista. Amélia de Beauvoir entendia

perfeitamente as minhas questões e, felizmente, sabia separar bem as situações.

De todo modo, a presença do marido era algo que nos afastava. Quando percebi que não gostava dele através de uma série de atitudes e falas, estar em sua companhia tornou-se um suplício. Com isso, as ocasiões para nos encontrarmos diminuíram um pouco. Mas, felizmente, nunca deixaram de existir.

Admiro profundamente (entre tantas outras coisas na Amélia de Beauvoir) a sua capacidade de administrar essas situações com leveza. Ela sabia criar espaços que eram dela, onde nossas dinâmicas fluíam sem fricções, e nunca fez disso um problema. Amélia de Beauvoir entendia os meus motivos, aceitava-os e, mais que isso, encontrava formas de garantir que continuássemos próximos.

Todas essas questões, tão delicadas, sempre foram conversadas de maneira aberta, sem qualquer ressentimento. Muitas vezes, transformávamos essas conversas em piadas internas, que ainda hoje nos fazem rir. O ponto central disso tudo, como ela mesma destacou, é que o que eu dizia ou fazia sempre vinha de um lugar de amor, de um desejo genuíno.

Depois, ela mencionou um momento que considera chave: logo após o seu divórcio, quando veio passar um tempo na minha casa, aqui em Portugal. Para ela, esse período simbolizou um acolhimento muito especial, algo que sempre guardou com carinho.

“A sensação que eu tenho, Zé, é que você sempre teve assim, todo o tempo do mundo pra me ouvir”. Achei lindo ouvir isso porque acho que este acolhimento é a melhor sensação que um amigo pode oferecer. Saber que o outro está acessível e presente. E acho que dentre as muitas características e histórias contadas, a presença sobressai.

Isso toca em um aspecto meu que já surgiu em outras relações: o fato de eu estar sempre disposto a acolher, mas raramente me mostrar vulnerável. Para algumas pessoas, essa postura acaba gerando a impressão de que não confio nelas completamente. É um ponto que pretendo explorar mais adiante, ao abordar cartas que tratam desse tema, como a do Generoso (capítulo 4.6). Também sei que minha irmã, a Maternal, já mencionou algo semelhante em conversa comigo.

Ela aponta que eu aprendi a valorizar meu tempo. O tempo de descanso, de conversar, de fazer música, etc. Sem dúvida as perdas, principalmente a da minha mãe, dispararam em mim um sentido de urgência. Poucos anos depois nossa amiga Roberta. A morte da minha mãe tocou numa faceta muito específica: a pessoa que se dedicou a vida toda para criar os filhos e, de repente, surge um cancro que a impede de desfrutar o que seria sua fase de descanso. A da Roberta, por ser uma menina da minha idade.

Para contextualizar. Eu, Roberta e o Cadeado, estávamos juntos na casa de Amélia de Beauvoir. Nos encontramos e passamos a noite conversando e rindo. Saímos de lá felizes, pegamos um Uber, deixei Roberta em casa perto da 01am. No dia seguinte, véspera de Natal, recebemos a ligação da sua irmã a informar que ela havia falecido. Teve um ataque epilético enquanto tomava banho, sozinha em casa. A família descobriu quando ela não apareceu para o almoço.

Existe algo de simbólico que ficou na minha mente por um tempo. Eu fui a última pessoa a vê-la e a falar com ela. Tê-la beijado e abraçado, sorrido com ela e para ela. E subitamente, ela não está mais. Lembro-me de Amélia de Beauvoir ter me dito que se não tivéssemos nos reunido talvez estivesse viva. Somos nós a tentar controlar o incontrolável. E a resposta mais bonita para estas questões veio de

Adriana, irmã de Roberta, que no velório me disse algo como: Fiquei contente que ela tenha tido os últimos momentos dela com vocês, rindo e se divertindo. Não poderia ter sido melhor.

Foi um gesto lindo de sensibilidade e generosidade de Adriana pelo qual agradeço até hoje.

Estas mortes, para além da saudade, deixaram a mensagem clara de que a vida corre para todos e a única coisa que faz sentido é vivermos hoje e atendermos aos nossos desejos.

Uma outra coisa que ela comenta é que eu tenho muito claro os meus limites e não permito que sejam invadidos. Desde muito pequeno, na minha família, não existia privacidade. Éramos 6 a dividir um espaço de 80m². Talvez isto tenha gerado em mim uma noção muito forte de que privacidade é algo que se conquista e, de alguma maneira, se impõe. Se eu não disser meus limites, não é o outro que vai saber deles. Vejo muitas pessoas com dificuldade em dizer “não”. Eu não tenho.

A carta de Amélia foi, assim como nossas conversas e nossa relação, com muitos temas, afeto e intimidade. Uma conversa sem fim. Tenho profunda admiração por ela. Sempre olhando com afeto e sensibilidade para tudo e se reinventando. Num movimento que tem sido cada vez mais natural nos dias atuais, ela - como eu e muitos outros amigos - está explorando novos campos. Graduou-se em psicologia e tem todo o perfil para ser uma excelente profissional nesta área que demanda tanto o olhar sensível e analítico.

4.13. Luz-Sombria

Luz-Sombria é uma pessoa encantadora e magnética. Nossa conexão surgiu através da música, ainda no Rio, e foi se aprofundando

aos poucos, ao longo do tempo. Sua sensibilidade única sempre me atraiu.

Quando ela esteve em Lisboa, nos reencontramos e compartilhamos diversas sensações. Mais tarde, compusemos uma música juntos, e a recebi aqui no Porto para gravarmos. Foi nesse momento que nossa relação se tornou mais íntima, marcada por conversas profundas e trocas significativas.

Luz-Sombria me descreve como alguém que despertava curiosidade, cercado por uma aura de mistério. Ela parece apontar, de forma mais ilustrativa do que verbal, a minha disponibilidade para o outro: abrir minha casa, ouvir, criar conexões e compartilhar experiências.

Ela usa a figura do “mestre dos magos” para me ilustrar, alguém que surge, traz algo artístico, filosófico e inspirador, e desaparece, mantendo certa dose de mistério. É tocante perceber que provoco isso em alguém que admiro.

Por fim, Luz-Sombria destaca algo que ressoa ainda mais: o que ela chama de mistério tem, para ela, uma ligação com a sombra que carrego. Uma dor silenciosa, na qual ela encontra uma identificação, como se houvesse uma ressonância na dor entre nossas experiências e sentimentos mais profundos.

Assim como Eugênio em seu depoimento, Luz-Sombria traz esta carga que remete para mim a história de que, durante a segunda guerra, judeus reconheciam outros judeus apenas pelo olhar. E acho que é isso. Uma conexão por alguma densidade maior que vivemos internamente e que se expressa de modo não-verbal.

Nossa relação circula bastante nessa esfera onde as aproximações se dão na vivência e compartilhamento de situações. Dividir uma

composição também é algo mágico e cria vínculos. Para escrever a letra, Luz-Sombria me perguntou sobre o que era a música que eu compus. E falei pra ela sobre este movimento de migração. De sentir-se já inadequado na sua terra e procurar uma nova - para então, enfrentar os novos desafios de adaptação a outra cultura. O momento em que não se está de um lado nem de outro. Ela escreveu Desterro e lançamos juntos no meu projeto solo (Shoreline Tales⁷⁷). Um dia, numa troca de mensagens que fizemos, ela me disse: “Mas afinal, eu fiz uma canção para você”. E isso ressoou de uma maneira incrível. Nunca havia olhado por esta perspectiva e, de repente, me vi homenageado por uma pessoa que admiro. Que se sentou comigo e quis falar comigo sobre algum tema que fazia sentido para nós.

Luz-Sombria segue a brilhar e quem a vê de fora, sequer imagina esse lado mais dolorido que ela guarda a sete-chaves. Obrigado por ter se aberto um bocadinho para mim.

4.14. O Boa-Praça

O Boa-Praça trabalhou comigo por cerca de 4 anos onde tivemos uma convivência intensa, incluindo uma banda com amigos do trabalho.

"Um coração enorme dentro de uma carcaça dura." Ele começa dessa forma, mas logo segue falando sobre as muitas risadas que compartilhamos, ressaltando o humor que sempre esteve presente. Me define como inteligentíssimo, com caráter, sempre sincero, honesto e amigo – uma pessoa de confiança.

⁷⁷ https://linktr.ee/Zeh_Antunes

Ele também observa que eu não deixava todos me conhecerem de fato. Fico surpreso e feliz que isto seja tão claro. Sempre fui restritivo quanto às pessoas com quem me abri de verdade. E isso era, claramente, um movimento de defesa.

Ele lembra da primeira vez em que fumou maconha em uma viagem de fim de semana que fizemos com os amigos do trabalho. Eu nem lembrava que havia sido a primeira vez dele, mas ele descreve o cuidado que tive para o deixar seguro e tranquilo. E fala sobre o quanto rimos.

É gostoso sentir esse afeto. As palavras sobre minhas características ocupam uma ou duas linhas, mas nas histórias é onde o afeto realmente transparece. E achei muito interessante ver que as sensações e sentimentos residem nas vivências, sendo elas efetivos momentos de compartilhamento.

O Boa-Praça tem uma característica que circula, para mim, entre defeito e qualidade. Ele não gosta de conflitos. Evita-os ao máximo. É a pessoa que consegue ter um grande amigo da extrema direita e outro da extrema esquerda e que, para isso, usa o artifício de não falar sobre o tema. Ele não se apega às convicções de cada um mas sim ao que cada um lhe oferece naquele momento - o que é um modo bastante interessante de se viver o presente.

Eu, como o analítico e de confronto direto, quase sempre me oponho a este comportamento que tolera até o intolerável. Mas o que me toca nas colocações do Boa-Praça é perceber alguém que eu gosto e que funciona muito diferente de mim. Ele oferece uma outra visão das coisas que parte de preceitos tão distantes dos meus que, por vezes, eu posso ser até incapaz de compreender.

Talvez, muitas pessoas nunca elaborem suas vivências de maneira analítica como eu. Neste aspecto, podem já estar no lugar que eu quero chegar: mais sensíveis ao sentir.

Outra coisa que me chama atenção é que meus grupos sempre foram divididos – amigos da escola, da música, das artes, do trabalho e família. E o que me chama a atenção é como, dentro de cada grupo, as pessoas parecem se expressar de forma semelhante. Tanto no modo como descrevem as situações, como nos valores mais implícitos que atribuem a elas.

4.15. O Normativo

O Normativo trabalhou comigo por cerca de dois anos. Me define como uma pessoa do bem, protetor e sempre em defesa do outro. Fala sobre uma inteligência acima da média, uma visão muito objetiva e crítica de tudo. Um cara de valores próprios, mas que não fazia muita questão de ficar falando sobre isso.

É curioso ler o Normativo hoje, depois de tantos anos sem contato. Ele sempre foi superinteligente. Entrou como trainee na equipe em que eu trabalhava e se destacava.

O modo como me descreve me faz lembrar que sempre me vi como um profissional que se relaciona mais facilmente com os subordinados do que com os chefes. Detestava a assimetria e o abuso de poder. Mais facilmente, eu estaria defendendo um trainee e contrariando um diretor. Fazer parte de uma minoria ativou bastante o meu senso de justiça.

Quando ele diz que eu tinha valores próprios e não fazia questão de propagandar, me parece tocar no fato de que me faltava identificação com a maior parte das pessoas que trabalhavam comigo no ambiente corporativo. Fora do trabalho, meu meio era muito mais ligado ao

underground do que aos Yuppies, e por isso fazia sentido eu não encontrar muitos interesses em comum por lá.

Encaixar uma identidade mais alternativa no ambiente corporativo era uma das minhas dificuldades. Mais uma experiência de fragmentação.

Ele diz que sou impaciente e que parecia sempre saber o que fazer. Também aponta algum mau-humor.

Lembro-me de uma menina que trabalhou comigo numa outra empresa posterior e que me disse: as pessoas te acham sisudo e antipático e eu digo a eles que você não é assim. Me parece algo bastante comum ao ser humano: atribuir valores e conclusões por uma observação parcial. Todos fazemos isso. A cada interação, há uma nova possibilidade de construção ou desconstrução do *self*. No fundo, talvez todos estejamos, sempre, buscando uma identificação entre o que somos e o que os outros veem em nós.

A forma como a percepção externa molda o indivíduo e, ao mesmo tempo, como o indivíduo se posiciona em relação a essas expectativas, sempre foi um tema pulsante em minha vida. A questão que me ocorre, então, é: até que ponto a fragmentação da identidade é uma construção pessoal ou uma imposição externa que, aos poucos, vai sendo incorporada e tornada parte de quem somos?

Essa é a linha tênue entre o que é vivido e o que é imposto.

4.16. A Enredada

A Enredada descreve um período de *bullying* que fiz com ela quando tinha 9 anos. Inclusive, a convidei para participar deste projeto porque soube disso apenas em 2023, quando ela me procurou através da Amélia de Beauvoir, uma amiga em comum.

Eu acolhi sua história e conversamos sobre isso em 2023. Algo que estranhei foi ela me perguntar por que eu fazia aquilo — como se esperasse uma resposta muito precisa sobre um ato cometido por uma criança de 8 ou 9 anos.

Me desculpei e expliquei que, talvez por conta das questões ligadas à minha sexualidade, eu tenha utilizado o bullying como uma forma inconsciente de desviar o foco de mim mesmo. Na infância, muitas vezes agimos sem entender plenamente os motivos que nos movem — reagimos por instinto, por medo, por tentativa de pertencimento. Disse a ela que acredito que, naquela época, eu simplesmente não tinha as ferramentas para elaborar o que sentia.

Esse diálogo despertou em mim o desejo de reparar outras feridas. Lembrei de um menino da escola, já na pré-adolescência, por volta dos 12 anos, que era alvo constante da turma. Procurei por ele no Facebook e escrevi uma mensagem. Contei que só com o passar do tempo compreendi o quanto o bullying é perverso e me desculpei por ter participado, mesmo que de forma não tão ativa. Ele respondeu com gentileza, disse que agradecia o gesto e que estava em paz, mencionando que eu nunca havia sido cruel. Ainda assim, foi importante para mim poder reconhecer e nomear aquilo — e esse movimento só aconteceu porque, de certo modo, ela me inspirou a fazê-lo.

Voltando a carta: ela relata agressividade, raiva e a intenção de humilhar. Foi estranho ouvir isso sobre mim, pois a memória que tenho não é a de uma criança agressiva; não me envolvia em brigas e confusões. Entendi a leitura da Enredada como algo talvez amplificado pelo medo que ela tinha de mim. Mas, ao consultar o meu

lado mau, já como adulto, reconheço que posso ser bastante agressivo na fala.

Ela menciona que me percebia como uma pessoa fria, sem amorosidade e na defensiva. Vejo que estas características fazem sentido com quem sente a necessidade de se proteger. A Enredada fazia parte da minha turma, junto com o Prático, o Cadeado e Amélia de Beauvoir — pessoas que, curiosamente, me descrevem de maneira bem diferente.

É verdade que eu e ela nunca fomos próximos. Nossos temperamentos pareciam distantes: ela mais espontânea e caótica, eu mais centrado e contido. Tínhamos gostos musicais completamente opostos, e a música sempre teve um papel central na aproximação aos amigos de escola.

Se hoje, como adulto, sou capaz de manter distância das pessoas com quem não crio vínculo, é provável que, enquanto criança, esse afastamento tenha se manifestado de forma ainda mais brusca. Talvez isso ajude a explicar a imagem quase caricata de "vilão" que ela descreve.

A forma como ela conduziu toda este tema - do primeiro contato, até esta carta em que cria uma imagem final como se houvesse um Zé mau que foi vencido por um Zé bom — me parece revelar uma tentativa de encontrar explicações muito diretas, quase binárias, para o que vivemos. Tenho a impressão de que, ao fazer isso, ela tenta organizar em termos simplistas uma experiência que, como todas as relações humanas, é complexa, cheia de nuances e contradições.

Nada disso, no entanto, invalida o que ela sentiu ou sente. Reconheço como legítimos o incômodo e a dor que surgem de experiências mal resolvidas. E acredito que o gesto de escrever e

compartilhar sua perspectiva já é, por si só, um movimento importante — para ela, e também para mim.

Ter contato com esta fase que, talvez, convenientemente, eu não me recorde também foi importante. Inclusive, cito este acontecimento na carta convite justamente pela possibilidade que me deu de avaliar o mal que posso ter causado e também ficar ciente de que alguns dos meus sofrimentos também podem ter sido gerados involuntariamente pelo outro.

4.17. O Diplomata

O Diplomata foi um curto caso amoroso que se converteu em amigo. O conheci em São Paulo, e em sua primeira impressão me descreve como doce e sincero.

Disse ele: “Seu mundo dos afetos me parecia econômico (poucos amigos além da Sósia e do SabeViver, duas irmãs e um sobrinho pequeno), mas sincero.”

Fiquei a pensar por que ele achava que eu tinha poucos amigos. Durante a vida, sempre usei muitos chavões, e um deles era separar amigos, colegas e conhecidos. Não era raro eu perguntar para alguém: “Você chama todo mundo de amigo?”. Isso remete diretamente à fala do Impulsivo sobre eu respeitar muito o valor das palavras.

Uma pessoa que eu acho simpática e almoço de vez em quando porque trabalha comigo, não se converte em um amigo. É um colega de trabalho. O amigo de um amigo que encontrei algumas vezes é um conhecido. Sempre cuidei dessas fronteiras de maneira diligente, afinal, era ali que a minha privacidade se estabelecia. Era onde eu controlava quem entrava no meu círculo mais íntimo ou não. Enfim, uma defesa.

E, apesar disso, ao contrário do que o Diplomata pensava, sempre fui uma pessoa com amigos íntimos acima da média. Este é um tema sobre o qual nunca havia refletido muito. Começou a aparecer para mim quando me mudei, e alguns amigos apontaram que os grupos que tínhamos se diluíram. Foi então que me chamaram de agregador, uma característica que até então não percebia. No decorrer desta pesquisa, minhas irmãs apontaram que, ao contrário de mim, nunca tiveram muitos amigos, e isso me fez voltar a refletir sobre minha família. Realmente, nunca tivemos a casa frequentada por amigos. Era sempre o núcleo familiar fechado.

Havia muitos motivos para isso. Lembro-me de várias preocupações que só faziam sentido naquela época. Éramos a família da mulher desquitada, o que gerava um certo estigma. Havia uma preocupação (machista) para que minhas irmãs não fossem vistas como mulheres fáceis. Com duas filhas adolescentes, lembro da minha mãe ter um grande cuidado com sua própria vida afetiva. Havia uma postura sobre não querer nenhum homem em casa, como se pudessem ser uma ameaça de assédio para minhas irmãs. Crescemos sob uma pressão constante da minha avó para sermos sempre as melhores e mais corretas pessoas, considerando, claro, que esse "melhor e correto" se dava pelas normas da sociedade. O que não é uma crítica, dada a situação em que ela mesma foi criada.

Este apreço e tendência pela amizade, talvez seja uma das características que posso ter puxado da minha mãe. Ela não vivia cercada de amigos, muito provavelmente, devido à sua situação de vida. A necessidade de sustentar a família e o pouco tempo que sobrava era consumido pelos 3 filhos e sua mãe (que era bastante

ciumenta e possessiva). Mas notava-se claramente o quanto ela era querida nos meios em que circulava e quão sociável era.

Outro ponto que Diplomata destaca é o vínculo que tenho com minha mãe, irmã e meu sobrinho. Este ponto da família é algo que nunca imaginei chamar tanto a atenção das pessoas, até porque, nunca fomos grudados. Fui bastante independente. Fui morar sozinho com cerca de 23 para 24 anos e talvez tenha sido dos primeiros do meu círculo de amizade. Mas me parece que a ligação afetiva e o suporte - ou mais uma vez, a presença - chamava a atenção de muitos.

Ele observa que minha paixão não era pelas pessoas, mas pela música. Para ele, eu parecia um ser isolado, que se bastava dentro dos seus próprios interesses, e isso lhe causava uma mistura de inveja e admiração. Com o tempo, ele passou a perceber que éramos bem diferentes. Também falou sobre o meu cultivo de maconha e o hábito de fumar, além de como meu olhar para o mundo era totalmente diferente do dele. Isso, de certa forma, o estimulou a olhar para sua própria vida de uma maneira nova.

Penso que, naquela época, eu dizia abertamente que não gostava de pessoas. Sempre tive uma irritação profunda com determinados comportamentos: prepotentes, arrogantes, ignorantes, vaidosos, egoístas, e tantos outros que todos podemos ter - mas que algumas pessoas exercem com mais frequência. Meu ambiente de trabalho estava repleto desses tipos, afinal, era um meio que estimulava a competição e as premiações. O Diplomata, de algum modo, fazia parte do mesmo universo corporativo que eu e, provavelmente, não o enxergava dessa forma.

Talvez toda essa minha visão crítica viesse de uma necessidade de justificar para mim mesmo o afastamento que eu impunha para que não entrassem na minha intimidade.

Hoje, percebo que o “não gosto de pessoas” é uma falácia. Gosto muito de pessoas. Acho que mais do que me identificar com elas, interessa-me trocar.

Ele contou que eu costumava reclamar do trabalho e, por vezes, me via como alguém excessivamente reclamão. Fico pensando em como somos realmente diferentes, porque, pela amizade que temos, faria todo sentido que ele me dissesse isso de forma direta. Mas esse é o meu jeito, o dele é outro. E fico feliz que, agora, ele se sinta à vontade para compartilhar isso comigo.

Ele me descreve como muito convicto, teimoso e inflexível, mas também muito sensível.

Diplomata mostra uma memória invejável e, mais uma vez, me surpreende como certas coisas marcam o outro. Ele lembra de um trabalho que fez no Amapá, em uma mineradora dentro da Floresta Amazônica, e ficou impressionado com a minha disposição de me submeter a ir para um lugar tão distante e isolado, para trabalhar em algo que nem me realizava. Isto só reforça a resiliência que sempre tive e o foco que tinha. Nesta época eu já trabalhava com a ideia de que queria largar o universo corporativo e topava todo e qualquer desafio para construir este caminho.

Depois, ele fala sobre minha mudança para Portugal, que ele considerou repleta de riscos: um lugar novo, sem emprego, sem amigos, e achava que eu voltaria logo. Mais uma vez, me pergunto: como um amigo meu ponderou sobre esses riscos e não se sentiu à vontade para me questionar diretamente? Talvez essa atitude mostre

as muitas diferenças do que as pessoas enxergam como o papel de um amigo. Não é raro que eu opine na vida de um amigo sem que ele tenha me pedido. Interpreto que, se alguém está falando comigo, tenho total liberdade para questionar e comentar.

E ele encerra dizendo que quando nos encontramos viu que eu estava muito feliz em Portugal.

Persistente e Frugal (viver com pouco dinheiro) é o que ele admira neste meu movimento. Me descreve como ousado, disruptivo e fora dos padrões sociais em que ele se encaixa e que gosta de se sentir desafiado pelas posições intelectuais e de vida que tenho.

A grande surpresa da carta do Diplomata (e acho que esta é das coisas mais ricas) foi a de perceber que ele não consegue compartilhar o que pensa comigo de imediato. Que existe um filtro que o impede de me afrontar. Conhecendo ele, sua excelente educação e mesmo o fato de pertencer a uma alta classe socioeconômica, desafiar o outro pode soar grosseiro. Fico feliz por ele ter se aberto — e mais ainda por reconhecer o valor de escutar uma voz tão diferente da sua. Quero que ele saiba que eu também quero ouvir seus contrapontos logo que invadirem sua mente pois é nesta troca que nos engrandecemos e fortalecemos o vínculo de afetividade.

4.18. O Cadeado

O Cadeado é um amigo do colégio (como o Prático, Amélia de Beauvoir e Sonhadora). Ele aponta que nos conectamos na escola por interesses comuns: vôlei, futebol, tênis de mesa, totó, e que nosso contato foi evoluindo até ele passar a frequentar minha casa, onde eu sempre tinha músicas novas para mostrar. Mais uma vez, essa troca aparece como algo marcante entre os amigos. Ele comenta que minha excitação em buscar coisas novas o impressionava.

A menção das fitas cassete e da música, que se repete com Amélia de Beauvoir, Generoso, Perceptivo e outros me faz perceber que o uso da música como uma conexão afetiva acontece desde muito cedo na minha vida (entre 11 e 14 anos de idade).

Há alguns anos, entendi que o meio das artes era onde eu encontrava as pessoas que mais me ofereciam troca e aceitação. Na época em que estive envolvido com fotografia, lembro que foi a primeira vez em que me conectei a novos grupos sendo assumidamente gay. A partir daí, em qualquer lugar que chego (como aconteceu em Portugal), procuro coletivos artísticos (banda, coro, oficinas) para buscar novas conexões. Perceber que eu usava a música como uma moeda para me relacionar tão cedo é, de alguma maneira, surpreendente. Isso evidencia que, de forma intuitiva, a música me permitia estabelecer conexões.

Esta ligação com as fitas cassete acabou por influenciar diretamente para que o objeto final do álbum que compus para este projeto seja neste formato.

Cadeado é mais um a falar sobre uma pessoa sensível com carapaça de durão. Diz que minhas posições são incisivas e que, apesar de algumas pessoas mais sensíveis poderem ver como algo agressivo, para ele, nunca foram. Relata ainda sobre conversas filosóficas e um senso crítico sobre a vida.

Cadeado, assim como o Sensato, assumem uma postura que sempre me deu muito conforto e aceitação. Eles percebem que alguém possa se ofender com minha abordagem direta, mas tratam isso como uma suscetibilidade de cada um. Deixam claro que eu não ultrapasso os limites. Percebem que eu tenho um modo de me posicionar e que

nem todos se posicionariam assim, mas, tudo bem. Afinal, viver com o outro é conviver com a diferença.

Cadeado é um excelente ouvinte, muito observador, mas bastante fechado. Temos uma história longa, que sofreu um hiato de muitos anos. De um amigo muito presente na adolescência, ele desapareceu subitamente das nossas vidas. Houve um motivo formal — estudar fora do Rio — mas certamente não foi isso que causou a desconexão. Senti mesmo como uma ruptura, algo sem explicação clara entre os amigos. Assim como sumiu por mais de uma década, um dia simplesmente reapareceu. Apesar das boas conversas que voltamos a ter, nunca ficou totalmente claro para mim o que aconteceu. Ele disse ter passado por uma fase difícil e que precisou se afastar. E talvez hoje eu veja no Cadeado o que, às vezes, os outros veem em mim: alguém sempre pronto para ouvir e ajudar, mas que raramente se permite mostrar vulnerabilidade. Permanece fechado.

Cadeado menciona quase uma fórmula de amizade: Interesses comuns, sensibilidade, companheirismo e tempo juntos. A fórmula de Cadeado toca no tema que estava na carta de Amélia de Beauvoir sobre como a adolescência nos permite viver tão intensamente as amizades que é capaz de criar esses vínculos tão duradouros.

E isso me alerta para o fato de que este é mesmo uma componente chave bastante difícil de se conseguir na vida adulta, mas, que quando se consegue, também gera bons frutos. E aqui posso mencionar a experiência que venho construindo com a Mulher-Menina. O fato de investirmos para estarmos juntos pelo menos uma vez por semana, tem criado a intimidade e o compartilhamento necessário para uma boa amizade.

Posso dizer que o tempo com o outro virou uma questão importante para mim nos últimos anos. Conseguir estar com as pessoas que gosto é uma necessidade e é importante para retroalimentar as relações. Isto inclusive tem um impacto recente no meu modo de ver viagens. Hoje em dia faz muito mais sentido viajar para estar com alguém do que para ver pontos turísticos e belas paisagens.

4.19. Tímide

Tímide é amigue dos últimos 10 anos. Me conhece já nesta nova fase que, apesar de recente, tem me gerado mudanças constantes. Me definiu de maneira muito objetiva e resumida que vou copiar aqui:

- Nega tudo de cara (mesmo quando concorda)*
- Que abraça gostoso, acolhe e se preocupa.*
- Que puxa a orelha quando deve.*
- Que critica sem pisar em ovos.*
- E elogia no ponto certo.*
- Que não recebe bem críticas, mas reflete depois sobre elas.*
- Que ajuda quando pode (e pode quase sempre).*
- Que falava alto, mas aprendeu a controlar.*
- Que se abre sobre os assuntos mais complexos.*
- Mas não pede ajuda com frequência.*

Apesar da descrição muito objetiva, somos duais e ambíguos, e Tímide sabe bem disso.

Tímide, neste resumo que faz, fala muito de si: sucinte e bastante racional. Tenho a certeza de que elu precisou pensar bastante para escrever tão pouco, carregando significado. O resumo também fala bastante da nossa relação, sobre como atuamos um com o outro.

Elu também fala do abraço – que já apareceu antes – e, para mim, reforça essa componente importante da presença da fisicalidade entre os corpos. Abraçar de forma gostosa é um ato de acolhimento. É puro afeto.

Há uma coisa muito interessante que elu aponta: “Nega tudo de cara (mesmo quando concorda)”. Isso é psicanaliticamente curioso. Eu inicio muitas frases com “Não” e sou mesmo capaz de dizer: “Não. É isso mesmo”. É algo automatizado em mim e que não consigo reverter.

Quando, no capítulo 4.12, Amélia de Beauvoir falou sobre eu conhecer meus limites e expliquei o funcionamento da minha casa – onde a privacidade precisava ser imposta –, penso que talvez venha daí essa necessidade de, primeiro, fazer o outro parar, para depois eu conseguir me colocar. Mas talvez tudo isso seja apenas um devaneio, ou uma ficção que, se for assumida como memória, serve para ressignificá-las.

Tímide diz que eu não recebo bem críticas, e isso conflita diretamente com a imagem que tenho de mim. Eu tenho um interesse genuíno em ouvir críticas, porque é através delas que eu identifico outros olhares e vozes. E mesmo quando discordo da posição do outro, acho importante pois isso consolida minha visão ao entender-se diferente do outro. Mas, como qualquer pessoa que recebe uma crítica, eu exponho meus motivos para sustentar o que fiz. Não vejo isso como uma negação da crítica, mas como um exercício de argumentos que acabam por construir um novo sentido ou fortalecer alguma das posições.

Tenho saudades da presença de Tímide, que, por ora, voltou para o Brasil. A geografia impõe sérias restrições e impede que sigamos tão

conectados quanto na fase em que criamos nossa pequena família expatriada em Portugal.

4.20. O Sensato

O Sensato é um amigo do trabalho. Uma pessoa encantadora, gentil e muito, muito, razoável. Sabe falar e ouvir. Desde que nos conhecemos, sempre o entendi como uma pessoa diferente no meio corporativo, mas que, ainda assim, estava por ali. O Sensato era como eu no sentido de não se reconhecer naqueles valores, porém, acho que ele sempre foi mais conformado e adaptável. Ele sabia o que lhe servia e o que não. Mas, ao contrário de mim, não via necessidade de deixar aquele ambiente para seguir feliz.

O Sensato, com seu incrível bom senso, fala sobre algo importante: a juventude. Quando começamos a trabalhar juntos, em 1995, éramos todos muito jovens — eu tinha 22 anos, ele 24. Ele comenta sobre a necessidade de autoafirmação, algo que tanto a idade quanto a empresa (com sua alta competitividade) estimulavam os jovens que lá trabalhavam.

Também toca em outro ponto relevante, que eu só fui entender muitos anos depois: sobre a cultura carioca do "esperto", do "se dar bem". É algo difícil de explicar porque, na prática, é um valor ético-moral corrompido. Trata-se de culpar a vítima e enaltecer o golpista.

Essa cultura de sobrevivência no Rio (e em muitos outros lugares do Brasil) é tão enraizada que crescemos vendo isso como algo natural. Dessa mentalidade surgem expressões como: “Achado não é roubado”, “Aqui é malandro, não otário”, “Farinha pouca, meu pirão primeiro”, “Quem não chora, não mama”, “É melhor pedir desculpa do que pedir permissão”, entre outras.

O Sensato observa que, nesse ambiente de autoafirmação e na cultura do “esperto”, ele me via como alguém fora desse esquema, o que criou uma forte conexão entre nós. Me descreve como uma pessoa direta, sincera, transparente, simples e autêntica.

Ao longo destas cartas, conforme fui sendo descrito, percebi que a identidade fragmentada era bem menos vincada do que eu imaginava. Os valores essenciais que prezo eram transversais a todas as minhas personas. Apesar de ocultar minha sexualidade e de isso gerar impactos fortes em mim e, talvez, no meu modo de atuar, os valores se mantinham intactos ou, talvez, até mais íntegros.

Sempre tive a consciência de que ser gay me humanizou imensamente em relação a todas as questões de minorias. Se fosse hétero, eu poderia ter sido uma pessoa que acredita na meritocracia do seu próprio fazer e que podemos ser o que quisermos.

Ele me percebia como alguém que não engolia as besteiras que aconteciam naquele ambiente e menciona que era muito comum eu enfrentar os superiores de uma forma que as pessoas não estavam habituadas.

Quando entramos no universo da auditoria, havia gerentes e encarregados de equipe que se orgulhavam de fazer *trainees* chorarem. Ofendiam e humilhavam. Eu nunca permiti que isso acontecesse comigo e, por conta disso, vivi algumas histórias que me deram alguma reputação. Como disse Amélia de Beauvoir, eu conhecia meus limites e os estabeleci para que não fossem ultrapassados.

O Sensato também fala sobre minha maneira, às vezes, grosseira e impaciente, mas me defende ao dizer que eu só agia assim quando a situação exigia. Ele observa que muitas pessoas eram grosseiras para humilhar os outros, mas que eu nunca fiz isso. Minha grosseria,

segundo ele, era mais um “papo reto” (frontalismo extremo). Apesar de apontar essa característica, ele, como outros, me descreve também como muito carinhoso e atencioso.

Fico bastante feliz ao perceber que a atenção é algo percebido e valorizado. Ser atencioso é, de fato, um ato de carinho, de afeto. É um gesto mais fácil de ser praticado e aceito porque não é tão dúbio quanto os carinhos físicos. Uma pessoa pode se ofender com um carinho físico, mas jamais se ofende com alguém genuinamente interessado em saber se está bem.

Quando se é gay dentro de um universo masculino, sentimos uma barreira em demonstrar qualquer carinho físico com um amigo homem, já que isso pode ser mal interpretado. Pensando melhor, creio que esse seja um problema no mundo masculino, independentemente da orientação sexual. Dois homens que troquem carícias serão considerados gays, o que é uma ofensa imediata e algo que qualquer hétero evita. Há muito a se pensar sobre a masculinidade tóxica e nossa relação com os afetos e com o corpo.

Ele lembra da época em que fizemos a banda e diz que me via sempre empolgado, cheio de ideias, aberto e dedicado. Para ele, a banda foi, em grande parte, um projeto meu e dele. O Sensato conta que eu falava com cada integrante quando algo não estava funcionando bem ou demandava mais envolvimento, assumindo um papel de organização e liderança para que pudéssemos gravar. Ele ressalta que era muito claro meu comprometimento e motivação nessa experiência.

O Sensato também comenta que, já naquela época, ele me percebia sempre em movimento, buscando outros caminhos. Eu tinha outras bandas, fotografia e, para ele, era claro que eu era uma pessoa

diferente, “mais fora do quadrado”, optando por um estilo de vida alternativo.

A banda que tivemos, Chevy 73, contava ainda com o Boa-Praça e com o Generoso, além de outros. Quando ele fala sobre ser um projeto nosso, interpreto como sendo pela questão da atitude para que tudo funcionasse. Assumia um pouco o papel organizacional e de um tipo de liderança. Tivemos que trocar 2 guitarristas e era eu que me posicionava sobre estas necessidades - mas efetivamente, para mim, era a minha outra banda, não a principal.

O Sensato comenta sobre eu falar da minha família. Isso é algo que aparece com frequência nas cartas. Nunca tive a impressão de que minha família fosse tão presente nas minhas falas.

Uma coisa importante que essa carta revelou foi que, para o Sensato, eu fui a pessoa com quem ele criou maior conexão no trabalho. Nunca havia pensado nisso, porque ele sempre foi uma pessoa querida por todos. De certa forma, ele também mantinha sua vida mais reservada. Apesar de termos tido uma banda e de conversarmos regularmente, nunca fomos tão próximos a ponto de estarmos sempre juntos. Nossa relação foi sempre de contato periódico. Mais recentemente — diria nos últimos 12 anos — é que nos aproximamos mais sobre assuntos íntimos, mantendo esse hábito de falar de tempos em tempos. Já estive na casa dele em New Orleans uma vez, e ele me encontrou aqui em Portugal três vezes. Além disso, mantemos conversas periódicas.

O Sensato, como outros amigos, também menciona que é péssimo para manter relacionamentos à distância. Fico refletindo sobre como

isso é algo comum e me lembro de uma entrevista com Simon Sinek⁷⁸. Ele falava sobre o reconhecimento de que amizades — como qualquer outro tipo de relacionamento — exigem esforço e dedicação para serem mantidas, mas que, culturalmente, nunca fomos educados para isso. Não aprendemos a priorizar amigos em detrimento do trabalho, por exemplo, e acabamos negligenciando essas conexões ao longo da vida. Isso é algo que tenho pensado constantemente. Como alimentar e manter os vínculos afetivos.

Acho que a coisa mais bonita da carta foi ele relatar que me viu transladar de um ambiente corporativo para outro lugar onde eu me sentia mais leve. Para ele, o Zé que encontrou em 2024 é o mesmo que sempre conheceu, mas agora ruma para um caminho de realização. Ele menciona, com uma perspicácia incrível, que não pode dizer que eu me tornei uma pessoa leve, pois percebe em mim uma densidade, algo reafirmado por muitas pessoas ao meu redor - mas que me vê feliz e certo do caminho que desejo.

Preciso mencionar algo que vai além das cartas. O Sensato sempre atendeu à perfeita descrição de um *gentleman*. É uma pessoa querida por todos. Concordávamos em quase tudo quando se tratava de resultados, mas divergíamos nos métodos. O Sensato era alguém que reconhecia o capitalismo e o liberalismo como as ferramentas possíveis. Ele percebia as injustiças do sistema, mas, como muitos, acredita que não há outro caminho viável. No Brasil, politicamente, ele sempre foi de centro, principalmente por não gostar da má administração de recursos — algo que, de certa forma, também reconheço como um problema frequente da esquerda.

⁷⁸ https://www.youtube.com/watch?v=CNBxIhxHHxM&ab_channel=SimonSinek

O Sensato foi morar nos EUA há quase 25 anos. Em New Orleans, tomou um caminho incrível. paralelo ao seu trabalho, tornou-se líder de um imenso bloco de rua que anima diversas festividades da cidade. Conversando sobre essa experiência, ele me disse algo que ficou marcado. Contou que liderar o bloco o aproximou de pessoas com vínculos artísticos, que são, majoritariamente, de esquerda. O modo como essas pessoas se tratam e cuidam umas das outras fez com que ele percebesse algo que antes não era tão claro: pessoas de esquerda são, em geral, muito mais coletivas e preocupadas com o bem-estar comum do que as de direita. Se ele tivesse que optar entre viver num mundo com pessoas da direita ou da esquerda, seria de esquerda o melhor material humano.

Mesmo sem essa experiência, sei que O Sensato, nos EUA, sempre foi um Democrata. Mas foi marcante perceber como a convivência no campo artístico foi capaz de lhe oferecer essa nova visão. Me faz acreditar ainda mais no poder transformador da arte — e, acima de tudo, do afeto.

Cresce em mim, constantemente, através deste trabalho, a compreensão de que algo que eu já fazia intuitivamente (investir e manter as amizades e afetos) é mesmo vital para mim.

4.21. A Ostra

A Ostra apareceu no mestrado muito tímida. Até hoje, evita entrar nas fotografias da turma ou ser fotografada. No primeiro semestre, esteve ausente por um longo período, e isso me chamou a atenção. Concordando com o que Eugênio disse em sua carta (capítulo 4.3) — que quem tem questões com depressão e ansiedade acaba por reconhecer outra pessoa com as mesmas questões — acho que intuí algo relacionado a isso. Passei a escrever mensagens para ela,

perguntando se estava bem, se precisava de algo, e, aos poucos, fui compartilhando minhas próprias questões com ansiedade. Foi dessa maneira que nos aproximamos um pouco.

A Ostra escreve, nos primeiros parágrafos de sua carta, que me via como uma pessoa social e aberta, algo que lhe causava admiração, mas também intimidação. Ela conta que só depois de voltar às aulas, quando foi recebida com afeto, comecei a ser também uma referência de conforto para ela.

A Ostra descreve que minha aparente descontração contrasta muito com minha disciplina severa, apontando minha capacidade de auto-organização e a vontade de apresentar trabalhos exímios como algo que ela admira.

Acho mesmo interessante que eu habite estes dois universos: o da descontração e do compromisso. Sempre encarei meus prazeres e hobbies com seriedade. Lembro-me de uma história contada pelo Ponderado em que um amigo lhe disse que ia ao cinema para se divertir e não para pensar. Ao que ele respondeu prontamente: Mas eu me divirto pensando.

De certa maneira é um pouco neste sentido para mim. O que gosto de fazer não precisa estar dissociado do compromisso. E, para além disso, fui talhado desde cedo pelos lemas de trabalho e responsabilidade. Tudo isto está amalgamado em mim e acontece num fluxo contínuo. Se me interessa, estou comprometido e me divirto assim.

Ela finaliza dizendo que sua intuição percebe uma “sombra do Zé” que carrega muito peso mental e emocional. Interpretei isso como a densidade que muitas pessoas ao meu redor também apontam.

Durante um tempo, tive dificuldade de leitura sobre a Ostra. Ela quase não falava no início das aulas, mas, no primeiro trabalho em grupo, escrevia muitas mensagens, cheias de ideias e participação. No entanto, quando chegava a hora de apresentar, ela se recusava a falar. Tentei perceber como poderia ajudar — que palavras serviriam, o que a deixaria confortável. Fui percebendo que ela é muito inteligente e capaz. Ao mesmo tempo, cria barreiras para si mesma. Às vezes, seu discurso é contraditório ao que percebo dela, quase como se estivesse se sabotando. Depois entendi, e ela confirma isso na carta, que é um comportamento relacionado à sua insegurança. Insegurança é o que todos nós sentimos em muitos momentos. É algo muito natural mas que damos saídas muito distintas. Alguns se tornam arrogantes, presunçosos, nervosos, outros tímidos, outros claramente inseguros. São apenas artifícios.

Em dois momentos, A Ostra me enviou mensagens que mexeram comigo. A primeira foi apenas uma pergunta: “Por que música? Por que você escolheu a música?” Não soube responder imediatamente. Tive que pensar, e foi gratificante. Já havia trabalhado com fotografia, intervenção urbana e outras contemporaneidades num coletivo de arte. Mas por que a música era a única que seguia comigo desde o início? Graças à pergunta dela, consegui verbalizar que a música era a única arte na qual eu não me exigia uma voz específica. Meu envolvimento com a música — uma paixão desde muito cedo — me permitia simplesmente querer tocar. Nas outras artes, sentia que, se não tivesse minha voz, minhas obras não fariam sentido.

A segunda mensagem foi um pedido: “Podes gravar um grito pra mim?” Que tipo de grito seria este que ela pede? E percebi que eu não grito. Esse pedido me fez perceber o quanto reprimi, ao longo da vida,

expressões mais físicas e viscerais. Senti falta de ter mais corpo, mais liberdade.

Essas duas pérolas da Ostra revelam como ela é capaz de, com gestos simples, trazer questões importantes ao outro. Me fez refletir sobre aspectos em que ainda não tinha pensado... e eu valorizo isso imensamente!

A Ostra certamente ganhará mais segurança para se abrir. Ela é ainda muito jovem e certamente mudará muito sua leitura do mundo que a cerca ao longo da vida. Uma vez me disse que pouca coisa lhe soava verdadeiramente interessante. Percebi que rejeitar é sua maneira de se proteger e se fechar.

Ela é uma pessoa doce e muito atenciosa. Foi ela quem iniciou o movimento na turma de trocarmos presentes de aniversário. Paradoxalmente, seu projeto ideal é desenvolver uma instalação artística que possa “espicaçar” o espectador. Quase como quem quer esconder sua doçura e se mostrar mais brava do que é.

Sua proposta, intelectualmente, é fascinante: testar os limites do desconforto, explorar o quanto alguém se dispõe a suportar para validar uma obra de arte, e outras questões derivadas. Contudo, subjetivamente, vejo nela uma representação da própria Ostra. Uma pessoa que tem muito a dizer e mostrar, mas que, ainda não está à vontade e prefere repelir os espectadores para que não se aproximem demasiado. E talvez, como quem já fez isto de um outro modo, eu entenda bem essa posição e o peso que pode trazer. Por isso, sempre que podemos, tentamos quebrar suas defesas.

Adoro suas colocações e sei que é sempre válido trocar com ela.

4.22. A Multitudo

Também conheci a Multitudo no mestrado. Nossa conexão foi quase instantânea, construída sobre uma base muito simples: identificação.

Desde o início, A Multitudo assistia às aulas com atenção, fazia perguntas pertinentes e anotava tudo. Sua forma de falar era sempre bem articulada. No entanto, a admiração que desenvolvi por ela veio de uma fala muito específica e, ao mesmo tempo, casual. Em uma aula, ela comentou: "Porque minha namorada..." E, naquele momento, pensei: É nesse lugar que eu quero chegar. Poder falar sobre meu namorado com naturalidade em um grupo onde mal conheço as pessoas.

Por anos, a necessidade de me proteger de preconceitos, fez com que eu escondesse aspectos da minha vida pessoal. Mesmo hoje, ainda luto contra essas barreiras em situações novas e com desconhecidos. A Multitudo, com sua espontaneidade, me mostrou que é possível romper esse bloqueio, e isso me inspirou a falar mais explicitamente em diferentes contextos. Desde então, tenho colocado isso em prática.

Outra característica marcante de Multitudo é a dualidade em sua fala. Ela geralmente começa se diminuindo: afirma que não sabe o suficiente, que sua dúvida pode ser boba, que a pergunta pode não fazer sentido. Essa introdução é, muitas vezes, longa, quase como uma espécie de pedido de desculpas por existir. Mas, em seguida, vem o segundo momento, onde apresenta uma questão ou comentário incrivelmente bem formulado, consistente e pertinente. A Multitudo, como muitos de nós, é vítima de sua própria insegurança.

Mas vale comentar que Multitudo toca gaita de fole, adufe, canta. Isso eu já presenciei e ela faz divinamente. Mas ela também desenha,

faz prints, toca guitarra e cada vez que estou com ela descubro mais alguma coisa que ela faz (sempre bem). Essa é a menina insegura...

Na carta que escreveu para mim, Multitudo menciona que sua primeira memória de interação comigo foi no pátio, após uma aula (creio que foi justamente a aula que ela falou sobre a namorada).

Ela lembra que eu a abordei com perguntas sobre sua vida, seus projetos e seus caminhos. Que nossas conversas foram se aprofundando gradualmente, até chegarem a temas íntimos. Disse que se impressionou com a maneira como eu fazia as perguntas, com uma escuta atenta e interessada. Escreveu: “Tudo te intriga: não tens medo de perguntar.”

A Multitudo usou uma imagem forte e poética: “Sinto que no mundo temos a mania de pegar nas coisas pelas pontinhas, andar em bicos de pés, pisar cascas de ovo. Tu não. Agarras as perguntas que te assaltam, avanças, deixas-te maravilhar...”

Fico, obviamente, lisonjeado por tocar as pessoas assim. Mas fico a pensar como algo que, para mim é tão natural e me faz tanto sentido para existir, parece ser raro ao ponto de chamar atenção de tantas pessoas. Interessar-se genuinamente pelo outro é essencial para que trocas significativas aconteçam e os afetos se fortaleçam.

Multitudo também destacou que eu a interpreto bem e que, para ela, sou como um irmão mais velho.

Lembrou-se de uma das aulas iniciais, na qual eu falava sobre minha trajetória no mundo corporativo. Disse que olhou para minhas tatuagens e pensou: “Que tipo é este que parece já ter vivido outra vida?”. Penso que por vezes também me olho assim... mas é fácil perceber quando vejo que tenho a idade dos pais de grande parte dos meus colegas de mestrado. Muitos não sabem disso e ainda enfrento

muita surpresa quando digo minha idade. De algum modo minhas escolhas de vida e o papel que desempenho perante eles, me desassocia dos seus pais. Mas a sensação de já ter vivido muitas vidas é mesmo tangível, afinal, somos muitos.

Ela encerrou a carta mencionando que ficou feliz por eu ter insistido na nossa amizade e por me dedicar a regar a intimidade que construímos.

Pouco tempo depois de ter recebido essa carta, Multitudo passou por uma situação muito delicada. Um dia, às 8h da manhã, me mandou uma mensagem: “Posso te ligar?”. Quando me ligou, estava desnortada, compartilhou o que havia acontecido e disse que só queria ouvir minha voz. Naquele momento, eu dividi com ela uma experiência pessoal semelhante e ofereci todo o apoio que pude. Para ela, foi um conforto. Para mim, foi tocante poder acolhê-la.

Essa troca me fez lembrar uma frase de Simon Sinek ([na entrevista](#) que mencionei anteriormente): A confiança de um amigo se conquista não quando se apoia, mas quando se pede ajuda.

Multitudo me ensinou isso na prática. Disponibilizou sua vulnerabilidade. Tenho o hábito de primeiro resolver as coisas sozinho para depois compartilhá-las, mas o gesto dela, de buscar ajuda no exato momento em que precisava, me mostrou algo valioso.

Alguns dias depois, escrevi para Multitudo para agradecer e contar como aquele gesto havia sido importante para mim. Disse que ainda estou aprendendo a fazer o mesmo. Esses momentos de troca fortalecem nossos laços.

4.23. O SabeViver

O SabeViver é um amigo de longa data. Ele fez parte da segunda formação da minha primeira banda, Junk Rats. Era vizinho do O

Generoso, que sempre foi muito próximo de mim, e foi assim que nos conhecemos e nos aproximamos. Os laços se estreitaram ainda mais na vida adulta, especialmente quando ele começou a namorar a Sósia. Por conta desse convívio constante com o casal, SabeViver acabou sendo meu primeiro amigo homem a saber que eu era gay.

SabeViver tem qualidades muito especiais. Acho que é a pessoa que eu conheço que melhor sabe cuidar do próprio espaço. Ele sempre garantiu tempo para fazer o que gosta e o que considera importante. Nunca foi consumido por nenhuma obrigação a ponto de odiá-la. Por isso, mantém aquele espírito acolhedor de quem está bem consigo mesmo.

Ele me enviou uma primeira mensagem, bastante breve, pelo WhatsApp. Nela, contou que um momento muito marcante para ele foi minha presença no dia da morte de seu pai. Disse que não se lembra de nenhuma conversa específica que tenhamos tido, mas que guarda uma imagem muito forte da minha presença durante todo o dia.

Volto a aparecer para mim esta imagem da presença e do simples estar. Como se estas experiências sinalizassem para mim, por muitas vezes, que em determinadas ocasiões as palavras não ficam marcadas, mas a presença sim. Fico a pensar por que minha imagem teria ficado tão forte e presente para ele e não tenho uma resposta. Ele também mencionou que, na mesma semana, eu o ajudei a resolver um problema importante de ordem prática. E concluiu dizendo que ficou com uma imagem de mim como alguém que apesar de muito pragmático, diante de um golpe emocional, estava ali, presente de coração, sem roteiros ou planejamentos.

Lembro-me de que SabeViver tinha 18 anos nessa época. Já andávamos bastante juntos. A Sósia ainda não fazia parte da vida dele.

Algumas coisas desse dia ainda estão claras para mim. Na família dele, ninguém chorava sem parar. Pelo contrário, muitos riam ao lembrar de histórias e momentos vividos com o pai. Não foi um ambiente pesado. Os amigos passavam por lá, ofereciam apoio, conversavam. Era, acima de tudo, um ambiente afetuoso. Uma semana depois da primeira mensagem, ele me enviou uma segunda. Assim como outras pessoas, mas com palavras próprias, enfatizou meu poder de realização e também me descreveu como um facilitador. Disse que sempre gostou de conversar comigo sobre temas delicados e arriscados antes de tomar decisões.

Comentou também que argumentar comigo podia ser difícil. A sinceridade com que eu falo é, às vezes, bruta. Ele frisou que não era insensível, mas era dura. Contou, como exemplo, o caso em que me neguei a ser padrinho de casamento do Generoso porque não tinha apreço pela igreja e pela cerimônia em si.

Já escrevi sobre isso em algum momento. Essa foi uma má decisão da minha parte — uma necessidade de autoafirmação sobre quem sou e no que acredito. Naquela fase, eu ainda não entendia plenamente que abrir mão de certas questões pessoais pode ser uma prova de amor ao outro. Talvez achasse que seria uma traição a mim mesmo e às minhas liberdades.

Essa história provavelmente contribuiu para que SabeViver e Sósia não me convidassem para ser padrinho do casamento deles nem dos filhos. Confesso que isso não faz diferença para mim em termos de relacionamento. Lembro que minha irmã, que me escolheu para padrinho do seu filho, uma vez comentou que havia acertado na escolha, referindo-se à proximidade entre mim e ele. Respondi que, para mim, nosso relacionamento seria exatamente o mesmo,

independentemente do título. Sempre acreditei que minha relação com ele, assim como com Sósia, SabeViver e seus filhos, sempre foi íntima e que nenhum título mudaria isso.

O fato deste título não ser importante para mim não significa que não fosse para eles, algo que só a maturidade me permitiu compreender. Talvez eu tenha, inadvertidamente, retirado deles essa possibilidade, e talvez seja interessante falar sobre isso.

Nota posterior: Depois de comentar isso com Sósia e SabeViver, eles me disseram que os filhos não foram batizados e que, certamente, se fossem, eu seria o padrinho. Isso é apenas mais uma evidência de que memórias são mera criação de nossa narrativa.

Enquanto eu não amadureci nesse aspecto, histórias como essa ajudaram a construir a caricatura de um personagem extremamente sincero, que agia frontalmente e cedia pouco de seu espaço. Meu espaço eu cedia ao trabalhar em áreas que não me interessavam genuinamente. Cedia ao ter que esconder minha sexualidade. Talvez, por isso, não quisesse ceder em mais nada.

SabeViver também falou sobre minha curiosidade, especialmente no campo das artes. Ele disse que sempre me viu mergulhar e me envolver com intensidade. Comentou que, mesmo nas artes, percebia minha capacidade de realização. Por fim, afirmou que enxerga minha transição do mundo corporativo para o universo cultural como uma possibilidade de aplicar minhas características (como controle, administração e capacidade de liderança) em um ambiente mais lúdico, que combina mais comigo.

Concordo com ele que a arte é um excelente lugar para que eu possa exercitar características minhas, tão vincadas, de um modo mais leve e livre. Desatar um pouco a severidade das coisas e encará-las sob uma

nova perspectiva. Me sinto navegando por este caminho há alguns anos e, como todo processo, é lento e demanda tempo. Mas creio estar indo muito bem. Aprender a viver bem é, sem dúvida, uma das coisas que busco desde que iniciei meu processo analítico. Afinal, é o desejo que move montanhas.

SabeViver, além de fazer parte da minha vida há muitos anos, sempre ilustrou os exemplos que uso de como uma pessoa sabe viver. Desde o mergulho na praia às 6h da manhã, antes de entrar no hospital às 7h, até a careta cômica quando algo acontece no trânsito — que só pode provocar riso e nunca violência. Mas, talvez, a que mais cite recentemente seja seu hábito de me ligar a qualquer momento em que esteja preso no trânsito de São Paulo. SabeViver transforma esse momento, que para muitos é de profunda irritação, em uma oportunidade para alimentar nossa amizade à distância. Esta é a característica dele que o difere: sempre tentar reverter o que não é bom em uma oportunidade para algo que ele gosta. E ele sempre fez isso.

SabeViver, como muitos de nós, também está se reinventando. Além de ser cirurgião e médico envolvido com medicina integrativa na oncologia, fez o curso de formador de Yoga e resolveu se graduar em psicologia. Esse modo de olhar para a saúde, como um equilíbrio da mente e do corpo, condiz muito com quem ele é.

4.24. A Maternal

Minha irmã mais velha sempre foi uma presença constante na minha vida. Desenvolveu comigo uma relação quase maternal —protetora, cheia de gestos de cuidado. Esteve sempre por perto e me deu, ainda, outra relação preciosa: seu filho, o Adoradinho. Maternal é ainda mais reservada que eu. Apesar de ter participado do projeto com carinho, me pediu que o resultado não fosse tornado público. Em respeito ao

seu desejo, retirei o capítulo. Ainda assim, quis marcar essa ausência de forma simbólica: deixei as páginas em branco, ocupando o espaço da reflexão que fiz mediante sua carta. Um modo de afirmar que nunca está ausente e que ocupa um espaço importante.

Vá para a página 166.

Vá para a página 166.

Vá para a página 166.

Vá para a página 166.

Vá para a página 166.

Vá para a página 166.

Vá para a página 166.

4.25. A Presidenta

Conheci a Presidenta no mestrado. A própria entrada no mestrado foi intimidante para mim. Era a primeira vez que eu ingressava em uma instituição de ensino formal de música. Ouvir os colegas no início das aulas se apresentando, quase todos com alguma formação musical ou vindos de áreas associadas às artes, como cinema ou belas-artes, me deixava inseguro.

Pouco antes de chegar a minha vez de me apresentar, ouvi a Presidenta. Ela vinha da área da saúde e tinha experiência como DJ. Foi um grande alívio saber que não estaria sozinho nessa sensação de deslocamento. Com o tempo, essa insegurança foi se desfazendo completamente, mas naquele momento inicial foi reconfortante ter uma parceira que também fugia do perfil geral que me intimidava.

Lembro-me de ter compartilhado isso com ela na ocasião, e foi descrevendo essa mesma sensação que ela abriu sua carta. A Presidenta contou que também achou reconfortante encontrar alguém semelhante. Ela mencionou ainda outro ponto importante: que achava um desafio fazer o mestrado aos 35 anos mas, ao ver-me ali com 50 anos, ficou evidente que a idade não era uma barreira.

A Presidenta escreveu que minha presença traz uma maturidade extra ao grupo e que aprecia o fato de eu me manifestar para “chamar a consciência”. Disse que faço isso de forma respeitosa, apresentando meu ponto de vista sem deixar de reconhecer o do outro. Ela também descreveu-me como sensível, proativo e com senso coletivo.

A Presidenta contou ainda que, no início, sentia que minha presença dominava um pouco o espaço, como se houvesse um desejo muito forte de partilha. Ela mencionou que chegou a me chamar a atenção sobre isso, e, desde então, não percebeu mais esse

comportamento. Não me recordo desse fato específico, mas sempre apreciei o ambiente da nossa turma, onde debatemos abertamente e, se alguém sente que os limites foram ultrapassados, conversamos sobre isso sem grandes dramas. Há respeito e escuta, e isso é algo muito valioso.

Reconheço que sou participativo e que levo minhas ideias adiante. Já percebi que, mesmo sem intenção, às vezes posso passar por cima do outro nos debates. Mas o que tenho como memória deste início, e considero isso uma característica muito portuguesa, é que as pessoas não se manifestam prontamente. Muitas vezes, pareciam tímidas ou envergonhadas, e eu me sentia constrangido quando um professor fazia uma pergunta e ninguém respondia. Lembro-me de, em algum momento, pensar: Sou sempre eu ou Sann — outro brasileiro — a responder.

A Presidenta também mencionou um dia em que falamos sobre nosso passado, infância e como essas experiências refletem quem somos hoje. Ela disse ter achado muito interessante essa proposta de trabalho para explorar minha existência na relação com os outros. E terminou dizendo que gosta muito de mim, que me vê como um grande ursinho de pelúcia.

Gosto muito quando percebo que as pessoas conseguem identificar o todo. O fato de eu ser denso, duro, sincero e, ao mesmo tempo, afetuoso e cuidadoso. Acho fascinante quando essa complexidade se torna perceptível para os outros. Somos todos, sem dúvida, contraditórios e multifacetados, e é muito bom quando conseguimos transmitir isso de forma clara. Esse reconhecimento não apenas nos humaniza, mas também elimina uma leitura pobre e redutora dos rótulos simplistas — algo como ser apenas frio ou doce, forte ou

vulnerável. É no entrelaçamento dessas camadas que reside a riqueza da nossa existência.

Eu preciso dizer à Presidenta que também gosto muito dela. Entre nós, costumo chamá-la de Presidenta por sua iniciativa e garra em abrir caminhos e construir pontes. Vejo-me muito nela e lembro que, em sua idade, eu estava fazendo de tudo: imprimindo e vendendo camisetas de bandas, organizando festivais, fundando uma editora independente, gerindo minha banda, fotografando, participando de exposições. Fazia tudo e mais um pouco, movido por curiosidade e paixão.

É muito bonito ver esse movimento e reconhecer-me nele. Tenho certeza, por experiência própria, de que a Presidenta vai alcançar muitos dos seus desejos.

4.26. O Generoso

O Generoso já foi mencionado anteriormente, e acho que sua carta o apresentará sem que eu precise fazê-lo. Ele começa dizendo que me conhece há 35 anos e que conviveu com minhas três personas em um único ser. Ele admite que sua forma de demonstrar afeto, carinho e apreço nunca foi clara e que, por isso, falar sobre mim, de quem ele gosta tanto, não é uma tarefa fácil.

O Generoso se define como alguém que não sabe cuidar das suas relações e menciona que, hoje, com um oceano nos separando, em vez de ligar ou gritar, ele se refugia no silêncio.

Neste momento chego ao parágrafo que foi o mais marcante da carta para mim e resolvi colocá-lo como citação:

Isto posto, nesses muitos anos de convivência/ausência, eu tenho guardado pra mim um Zé muito amigo e companheiro que reclama que eu sou essa pessoa ausente, mas que também teve

dificuldades de se abrir comigo durante alguns episódios de sua vida. O momento do acidente, o seu verdadeiro amor... foram fatos que eu percebi que foram difíceis para ele confiar em mim. E eu não tinha essa visão, eu não sabia que eu não era confiável, pelo menos naqueles momentos. E só depois entendi que talvez não fosse mesmo pra gente compartilhar aquilo, pq eu não fosse mesmo essa pessoa que se pudesse confiar. Isso talvez diga mais sobre mim do que sobre o Zé.

Fiquei triste ao perceber que o Generoso tinha essa visão de se culpar por questões pessoais minhas e por eu nunca as ter compartilhado com ele. Ele sempre foi um amigo extremamente confiável. O fato de eu não ter compartilhado com ele sobre minha sexualidade não foi por falta de confiança nele. Era um processo muito privado, que vinha desde muito antes de eu conhecê-lo. Uma questão que surgiu ainda na infância e que eu já havia direcionado como algo privado meu, que não cabia a mais ninguém.

Estando numa sociedade homofóbica, com as constantes situações na escola e entre amigos, onde falar sobre gays era sempre pejorativo e uma ofensa entre homens, tudo isso criava um universo do qual eu só podia me defender e evitar. Essa complexa teia, desde muito cedo, fez com que eu me constituísse como alguém que resolve seus problemas sozinho. Nem sei dizer se já aprendi a pedir ajuda, mas o fato é que só tenho consciência dessa solidão e desse modo operativo há alguns anos.

A independência, sobretudo considerando o modelo de criação que tive, sempre foi uma virtude. Só recentemente percebi que independência não é resolver tudo sozinho e carregar o peso do mundo. Mas ainda estou aprendendo isso e me desconstruindo.

Tive muita sorte em quase todas as minhas experiências quando compartilhei questões sensíveis com amigos e familiares. Com exceção de duas situações, todas foram tranquilas e respeitadas. Ainda assim, era comum as pessoas ficarem desconcertadas, como quem é atingido por algo inesperado (como a história que Amélia de Beauvoir contou em sua carta).

De todos os meus amigos, foi o Generoso quem disse a melhor frase, que representa muito bem quem ele é para mim: Lamento que tenha passado por tudo isso sozinho. Poderia ter dividido comigo que teria sido mais leve. Dizer isso em 2025 parece algo básico, mas não era assim por volta dos anos 2000, num Rio de Janeiro de classe média, entre amigos héteros.

Esse parágrafo foi tão surpreendente para mim que fiz questão de ligar para o Generoso, para que ele entendesse que sempre foi um grande amigo e que essa leitura de “amigo não confiável” jamais existiu. Generoso sempre foi constante. Em alguns momentos da vida, estivemos mais distantes, como ocorre em todas as amizades, mas ele sempre esteve presente na minha grade de amigos inseparáveis.

O Generoso não comenta em sua carta o fato de eu ter negado ser padrinho de seu casamento. Foi algo que o SabeViver mencionou como um exemplo de como eu poderia ter uma sinceridade, por vezes, bruta.

Na ocasião do casamento, eu estaria de férias e dei como desculpa para o Generoso o fato de que provavelmente estaria viajando. Mas, na realidade, o que importava ali era que eu não apoiava nada. Achava as cerimônias chatas, a igreja abominável e nem mesmo era a favor do casamento. Não fui padrinho, mas fui ao casamento e passei a maior parte do tempo fora da igreja.

Hoje, entendo que foi uma má decisão — uma necessidade de autoafirmação sobre quem sou e no que acredito. Achava que ser padrinho era uma função que eu não poderia exercer por não ser conivente com ele. Naquela fase, eu ainda não entendia plenamente que abrir mão de certas questões pessoais poderia ser uma prova de amor ao outro. Achava que seria uma traição a mim mesmo. Quando era mais novo, tinha questões que acreditava formarem uma consistência sobre quem eu era e sentia que precisava segui-las.

O Generoso nunca se mostrou chateado comigo. Acho que poucas pessoas seriam tão condescendentes, aceitando-me integralmente sem mágoas. Sempre me aceitou, e isso é uma demonstração de amizade, amor e generosidade. É por isso que o descrevo como “meu amigo bonzinho”. Ele já disse que acha esse “bonzinho” pejorativo, como se significasse bobo ou inocente, e sempre expliquei que não. Essa palavra vem mesmo desta generosidade que é tão imediata nele.

Voltando à sua carta, ele conta que nos conhecemos na escola técnica (onde fizemos o curso de Técnico em Mecânica) e que, junto ao Zé, estava minha persona familiar (o Junior). Ele me descreve como um filho e neto presente, um irmão que soube resolver diferenças e um tio orgulhoso, com ótimo diálogo e intimidade. Ele diz que isso lhe gera uma admiração que talvez nunca tenha expressado. Mais uma vez, me pego surpreso com esse discurso recorrente sobre a família.

Ao escrever tantas vezes sobre essa questão do cuidado, penso que talvez, como minha irmã, eu também tenha desenvolvido uma relação muito forte com o ato de cuidar do outro. Isto não era algo muito claro para mim e creio que tem aparecido muito através do olhar do outro.

Ele conta que, na nossa época de escola, eu era estudioso, aplicado, pragmático, organizado e com bom gosto musical. Foi através desse

gosto em comum que começamos nossa amizade, e a música, desde então, permeia essa relação. O Generoso fez parte da minha primeira banda, o Junk Rats, uma banda de hardcore em que ninguém sabia tocar, mas decidimos aprender para tocarmos juntos. Mais à frente, tivemos uma segunda banda o Chevy 73.

Apesar de concordar com ele que a música sempre permeou nossa relação, diria que ela nunca foi o tema central nem a condutora da nossa amizade. Foi apenas a fagulha inicial. Ainda assim, volta a me chamar a atenção o fato de que eu já usava a música como meio de aproximação com o outro. Nesta fase, encontrar pessoas com gosto musical semelhante era meio caminho para elas se tornarem amigas.

Ele faz referência a uma passagem que vivi e diz: “Eu só lembro de alguém que não queria que as pessoas tivessem pena dele.”. Lembrei-me da minha mãe, que, durante seu tratamento, ficou careca e me disse que a pior sensação era quando as pessoas na rua a olhavam com pena. Talvez esta seja uma das características que por vezes herdamos sem perceber.

O Generoso comenta que minha reserva em tratar dos assuntos mais delicados nos impediu de estarmos próximos nos momentos difíceis, mas que, nos últimos anos, me percebe mais aberto a falar sobre minhas vulnerabilidades, o que tem sido muito proveitoso para nós. Concordo plenamente com essa visão e, por isso, tenho trabalhado nessa mudança.

Ainda assim, quero dizer ao Generoso que sempre estivemos próximos. Mesmo quando as coisas não eram ditas, a simples presença dele era um sinal de companheirismo. Sempre o senti ao redor, mesmo que seja eu a convocá-lo.

Talvez minha dificuldade em pedir ajuda seja justamente o que me faz estar sempre a “cercar” meus amigos e a manter essas amizades. Esse é meu modo de garantir que estão por perto e, mesmo sem falar de uma vulnerabilidade específica, sinto-me abraçado pela presença deles.

Ele conta que entendia a necessidade que eu tinha em me proteger no ambiente de trabalho e depois há um outro trecho muito bonito e sensível da carta:

Eu sempre admirei o seu senso de liberdade e admiro ainda mais a sua consciência de livrar-se das amarras nas quais as pessoas eventualmente se aprisionam, justamente por conta da consciência do tempo.

O Generoso evidencia aqui algo que só uma amizade profunda permite.

Mais adiante, ele diz:

... mas principalmente lembro de crescermos juntos. Mas em um determinado momento, lembro de eu não ter percebido como a vida do Zé mudou e eu não me dei conta. De como tomamos caminhos diferentes e isso nos afastou. E como isso mudou a nossa amizade.

As rotinas de vida mudam: novos ambientes, novas atividades, novos amigos. Alguns ocupam mais espaço que outros. Essa é uma dinâmica natural da vida. Tudo é fluído.

Mesmo assim, do lado de cá do oceano, nunca senti uma mudança na nossa amizade. Sempre me sinto à vontade com ele. Hospedo-me na casa dele e de Amélia de Beauvoir no Rio, sem cerimônias. Falamos regularmente, e continuo dando minhas opiniões (mesmo quando não solicitadas), como sempre fiz.

O Generoso, assim como SabeViver, Sósia e Prático (minha turma da Tijuca), pertence ao grupo dos "amigos-família". Nunca passamos muito tempo sem nos falar e, de forma geral, sempre acompanhamos a vida uns dos outros. Apesar dos desafios da correria do dia a dia e da distância geográfica, acho que fazemos um bom trabalho em manter essa amizade.

Infelizmente, não podemos estar juntos fisicamente com frequência, mas me esforço para que a proximidade continue viva.

O Generoso termina com um parágrafo poético que, figurativamente, representa bem o meu movimento através de seus olhos:

Mas todas essas pessoas que eu conheci ao longo do tempo (Zé, Antunes, Junior) construíram uma pessoa muito consciente de si, e de certa forma mais honesta consigo mesma atualmente, no sentido de ter mais consciência e que fala mais abertamente sobre suas vulnerabilidades. É como se ele fosse uma música grande que tem várias partes. Ao longo do tempo a música vai se transformando: começa com o rock, passa pelo cuidadoso processo de construção de ritmo que tem raízes no jazz e no instrumental, e agora é folk. É uma música que começa rápida, e muda de tempo, e agora está mais "minimalista" e fala mais com a respiração. Enche o espaço, mas não incomoda, acomoda. Fala com a arte, e talvez isso busque de alguma maneira criar um legado, uma pegada que vai durar muito tempo. Uma digital. Um som único.

É uma imagem muito bonita. O Generoso se valeu dos estilos de música pelo qual passei em minhas bandas e projetos para ilustrar este caminho de mudança. Adoro a imagem de minimalista que fala mais

com a respiração, mas ressalto que não pretendo parar de incomodar e, ao invés de usar o verbo acomodar, prefiro o acolher. Mas estas são apenas minhas intenções, desejos e pretensões. Instigar e acolher são meus atuais interesses perante uma grande rede de afetos. Fica aqui mais uma contradição!

4.27. O Agradecido

O Agradecido foi um dos brasileiros que conheci durante meu tempo em Braga. Pernambucano de Recife, seu sotaque carrega uma simpatia que cativa de imediato. Quando emigramos, compartilhamos esse estado de suspensão que só outro imigrante consegue compreender. Viver em outra cultura exige adaptação, não apenas às questões objetivas e burocráticas, mas também à subjetividade de estar em um lugar que ainda não é completamente seu. Por isso, é natural que imigrantes criem laços rapidamente, de uma forma que talvez não acontecesse em sua terra natal.

O Agradecido diz que, se minha vida fosse um filme, o título seria *O Gigante do Coração Maior Ainda*. Ele me descreve como adorável – e, dito assim, sem o tradicional: “mas...”, é uma descrição tão rara que chega a me surpreender.

Lembrou que eu e o Impulsivo fomos as primeiras pessoas a visitar o pequeno Tomás, filho dele e da Maria-Bonita, logo após o nascimento. A forma temporal como marcou este fato me chamou a atenção. Revela aquele amor mágico entre pais e filhos que transforma tudo ao redor. De alguma maneira, fez-me lembrar os diversos ditados que minha avó e mãe usavam para se referir que, para uma mãe, nada é mais importante que seus filhos. Agradecido, sem dúvida, é um pai coruja: amoroso e comprometido em garantir que sua família tenha uma vida melhor que a sua.

Conforme nos aproximamos, percebi que a história dele tinha algo em comum com a da minha família – e, portanto, com a minha. Vinha de uma família muito simples e construiu seu caminho. Ele é um homem dedicado, faz tudo com paixão, e curiosamente compartilha comigo alguns sintomas de ansiedade, como uma insônia perene que atravessa nossa vida. Sei quantas questões e monstros criamos para nós mesmos através disso.

Talvez o Agradecido e eu dividamos essa densidade em relação a um mundo que nos desafia constantemente. Mas ele também carrega um sorriso largo, um prazer pela vida e, acima de tudo, o reconhecimento de suas capacidades e conquistas. Como eu, ele chegou a um lugar que talvez nunca esperasse alcançar, e acredito que isso cria um código de identificação entre nós, algo que vai além da pouca convivência e intimidade que tivemos.

Ele me descreve como inteligente, franco, direto e afetuoso, com as portas sempre abertas para receber. Acrescenta que, se tivéssemos uma convivência mais frequente, talvez não concordássemos em tudo: música, política, comida, vinho, hobbies, filmes. Ainda assim, acredita que, independentemente das diferenças, eu respeito o interlocutor e transmito minhas ideias com sinceridade e gentileza, inspirando boas e saudáveis reflexões.

Concordo com o Agradecido. No que diz respeito à política, estamos alinhados, e adoro ouvi-lo falar sobre o tema. Não mencionei, mas O Agradecido é jornalista e tem um conhecimento específico que torna suas reflexões ainda mais interessantes. Já na música, seguimos caminhos diferentes: ele em uma direção, eu na oposta - risos. E é justamente essa diversidade respeitosa que transforma qualquer convivência em uma troca rica e saudável.

4.28. O Caótico

O Caótico é o vocalista e guitarrista de um dos meus projetos atuais. Embora a banda tenha se consolidado em 2024, sua construção começou em 2022. Caótico entrou por indicação de Daniel (um português que eu havia conhecido num workshop de percussão) mas que logo se afastou. Desde o primeiro ensaio, ficou claro para mim que Caótico tinha algo especial. Ele é o tipo de artista com uma aura própria, cuja vida é sua maior fonte de criação. Mas também é, sobretudo, caótico.

Ele apresentava uma ideia incrível de guitarra. Eu pedia para repetir, para que pudesse pegar a linha e ele já fazia diferente. No ensaio seguinte, a versão seria outra. E isso não era intencional, era um excesso de criatividade combinado com uma dificuldade de focar e se organizar.

Caótico me encantou desde o início, mas também trouxe este grande desafio: como fazer a coisa funcionar? Passei horas em casa escutando, separando partes das *jams* e esmiuçando tudo para poder estruturar as músicas.

Porém, como Daniel, Caótico também precisou se afastar por um tempo. Conversamos muito nessa fase, e ele me revelou uma vida bastante distinta da minha, uma realidade que não conheço. Ele é extremamente talentoso e criativo, mas enfrenta dificuldades em lidar com o mundo prático e aceitar que por vezes temos que traçar caminhos apenas dentro do possível.

Tenho dificuldade em saber como ajudar alguém quando minha comunicação verbal não endereça os pontos da melhor maneira. Ele parece ter o necessário para navegar na vida, mas, na prática, parece não fluir. Ele me contou que não conseguiu se adaptar às

universidades e cursos; nenhum deles parecia adequado. Não se adapta aos empregos.

Me parece que há uma geração que teve acesso a tudo e que foi criada como se o mundo fosse acolhê-los para fazer o que gostam e o que querem. Não vejo isto como uma característica pessoal dele. Vejo como algo que hoje interfere na saúde mental da maioria dos jovens. Uma inabilidade em se relacionar com a adversidade e com o que não se gosta.

Entendi, então, que o melhor que eu poderia oferecer não eram conselhos ou conversas. O que eu podia oferecer era o que estávamos a criar juntos: uma banda. Estar presente para construirmos essa linguagem juntos e, reforçar o que tenho percebido sobre a presença como um valor de afeto por si só.

Algum tempo depois, ele me procurou para voltarmos a tocar. Quando trocávamos referências, ele não apenas entendia imediatamente do que eu falava, como era capaz de adaptá-las com rapidez. Depois disso, Caótico trouxe Kiev para se juntar a nós — um jovem de 25 anos que estuda engenharia e funciona dentro de uma lógica organizacional parecida com a minha. Kiev tornou-se a ponte perfeita para que a banda se desenvolvesse ainda mais. Durante 2024, conseguimos estruturar, ensaiar e gravar três músicas.

Na gravação, enquanto Caótico gravava os vocais, Kiev e eu trocamos olhares e concordamos em algo: qualquer membro da banda poderia ser substituído, exceto Caótico.

Vejo caótico como aquele estereótipo do artista mais visceral: intuitivo, intenso, quase irracional. Um perfil que eu admiro muito.

Nesta banda, Anomnia⁷⁹, toco com garotos que têm idade para serem meus filhos. E, ainda assim, a troca que temos é imensa — que é a maior riqueza dos processos coletivos. Nós nos respeitamos e gostamos genuinamente de tocar juntos. Enxergar a banda como um espaço não apenas de criação, mas também de afeto, é uma desconstrução importante para mim.

Tocar junto, assim como estar presente em silêncio, pode ser uma forma de suporte mútuo.

Como se para corroborar o que descrevo, Caótico respondeu à minha carta com um poema e isso evidencia sua singularidade. Sem termos falado propriamente sobre a história que descrevi e sobre nossas sensações, aos meus olhos, o poema fala bastante delas.

*Zé às vezes embaçado;
eu na cabeça pedrado
não interessa o que você sabe
se eu sei, já soube e tô sabendo
uma vez que sempre foi sabido|
então portanto saiba
saiba que assim será melhor pra você,
saiba também que estás perdido,
que a vida não é assim
e saiba que eu já fui ferido,
mas quero bem os potes fracos,
quero bem os outros lados,
os velhos cacos, um ou outro fracassado*

79 79 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

*já só quis querer e hoje tenho,
tenha então, também
que ter é bom e combina com vintém
combina com temer, parece com perder
e sabe sempre a pouco*

4.29. O Adoradinho

O Adoradinho é meu sobrinho-afilhado. A escolha desse nome fictício é uma homenagem dupla: a ele, e também à minha mãe e à minha avó. Era assim que elas o chamavam. Filho único, neto único, bisneto único, sobrinho único — a família inteira se derretia ao seu redor.

Através dele, vi minha avó (sua bisa) finalmente poder exercer o carinho com leveza. Ao contrário do que aconteceu conosco (os netos), ela já não carregava o peso da responsabilidade direta pela educação. Com ele, ela pôde ser doce como se espera de uma avó. Como bisa, pôde mimá-lo. E era assim também que eu o via: cercado de mimos, protegido por todos.

Talvez por isso, senti que devia equilibrar um pouco o cenário. Assumi, informalmente, o papel de contraponto. Nas vezes em que estávamos juntos, procurava colocá-lo em situações menos confortáveis — não por maldade, mas por afeto. Ganhava dele nos jogos para que sentisse o gosto da perda. Saíamos pelas ruas sem o conforto do carro ou dos táxis. Andávamos a pé, pegávamos autocarros, atravessávamos zonas da cidade onde o clima era mais pesado. Achava importante que ele conhecesse o lado não protegido da cidade. Sempre tive muito medo da violência, mas viver em uma grande cidade urbana como o Rio exige saber circular por ela — e isso não se aprende sem experiência.

Mas vamos ao que ele conta. Talvez por essa cumplicidade construída ao longo do tempo, eu sinta a necessidade de deixar grande parte do que ele conta. Perdoem a parcialidade.:

Acho que foi de Junior pra tio Zé pra simplesmente tio, tio fofuxo, tio linduxo, tio amado, tio lindo! Eu lembro que teve uma época que o tempo fez a idade do tio junior parar nos 25 anos durante muitos anos. E acho que nessa idade dos 25 dele, quando ele tinha uns halteres em casa pra fazer musculação, é que eu comecei a me perguntar se ele era gay..mas não tinha nenhuma relação com os halteres não...era só uma sincronicidade acausal.

Mas ao mesmo tempo o tio junior, "que tinha um coração enorme, mas era tão grosso" como dizia minha vovó, tinha uma maneira de estar e de performar pro mundo bastante hétero – ou pelo menos não performava a feminilidade...o que é um preconceito achar que homens gays necessariamente têm um comportamento feminino, até porque se tivéssemos que definir o que é um comportamento feminino jamais conseguiríamos, mas sim, minha maneira de ver o mundo naquele momento se baseava bastante em estereótipos – e pronto, como tinha essa "performance hétero" fazia-me logo em seguida descartar a possibilidade do juninho ser gay. Ah, tinha também uma lembrança de infância que contribuía pra afastar essa possibilidade do tio ser gay: uma lembrança de quando eu era mesmo muito pequeno, devia ter sei lá 7 anos e naquelas longas tardes tediosas na casa da vó em que uma criança caça coisas pra se entreter eu fui bisbilhotar o armário do tio...e eis que encontro lá dentro um VHS porno, com mulheres com umas

bundas enormes que cobria toda a capa do VHS e uns homens com umas pirocas que davam a volta na fita de vídeo. Portanto, não era um porno gay, pelo menos não na minha lembrança, e então uma coisa se liga a outra e: – nãoooo, meu tio não é gay nada.

Mas por volta dos 14 anos eu, durante uma viagem de carro com a minha mãe e o meu padrasto, decidi tirar a coisa a limpo e perguntei mesmo à minha mãe...

– que que você acha, meu filho?

– eu tenho um pouquinho mais de dúvida, mas acho que é...

– então, você já tem a sua resposta.

... Foi um pouco depois dessa época que eu sinto que começamos a nos aproximar mais. Fomos desenvolvendo uma amizade bonita e meu tio foi ocupando uma posição até paternal eu diria, no sentido de querer me mostrar coisas das músicas, dos filmes, dos livros que ele gostava e fomos ali criando uma relação em que ele era uma espécie de educador no sentido de que passou a ser uma pessoa que ajudou a formar o meu caráter e contribuir pro desenvolvimento do meu gosto estético. É engraçado pensar nisso, porque apesar de ter 2 pais nenhum deles ocupava esse lugar de "educador", de compartilhar gostos etc. E a figura do pai apareceu muito também quando fui morar com ele e ele me dava esporro porque eu matava aula ou porque não contribuía nos trabalhos domésticos. Enfim, como ele não nasceu pra ser pai, mandou-me logo vazar em 1 ano. hehehehhe. Mas foi um período delicioso, tenho lembranças muito, muito boas desse período, não tenho mesmo lembranças más...ou seja, tenho lembrança de um ou outro dia tomar um esporro, mas ele tinha

razão, por isso eu aceitava e até pensava: "olha, aceito, não há o que fazer, ele tem toda razão".

E pronto não lembro assim do tio zé ser tão diferente do que ele era em casa com os amigos que eu conhecia, que, acho, eram os mais íntimos.

Agora acho que o tio zé tá mais numa de analisar o pessoal todo. Tá sempre a analisar...é fixe, divirto-me a conversar sobre o modo como as pessoas são e a tentar desvendar os territórios da psicologia das pessoas.

Fomos muito próximos na infância dele: entre o nascimento e os sete, oito anos. Como já contei, quando ainda era bebê e teve uma suspeita de meningite, ele foi o responsável por eu me reconciliar com o choro. Através dele, compreendi o processo da tristeza como algo necessário. Entre os oito e os quinze anos, talvez tenha sido nosso período mais distante. Minha irmã havia se casado novamente, estabilizou-se numa vida de casal, e estavam menos presentes no convívio familiar. Nossos encontros passaram a ser mais esporádicos. Eu, por minha vez, estava no auge da vida adulta, envolvido em mil atividades ao mesmo tempo.

Lembro com muita clareza do choque que tive no seu aniversário de quinze anos. Fomos almoçar juntos, só nós dois. Disse a ele que escolhesse onde queria ir, e ele escolheu uma rede australiana voltada para carnes. No metrô, me mostrou o que ouvia no seu mp3 *player*: pagode e funk carioca. Foi um choque. Muito preconceituoso da minha parte — mas foi. Ele gostava de futebol, do Flamengo, ouvia funk e pagode. Naquele momento, tudo nele parecia condensar o estereótipo do hétero carioca desinteressante. E a partir dali, confesso, tentei a todo custo influenciá-lo, apresentando outros universos.

Numa dessas conversas, ele me fez uma pergunta que nunca esqueci:

— Tio, você é desses caras esquisitos que vai ao cinema sozinho e fica sentado antes da sessão lendo alguma coisa? Respondi, com tranquilidade que sim.

Quando ele tinha dezessete anos, minha irmã precisou mudar de cidade por motivos de trabalho, ele veio morar comigo por um ano. E ali teve acesso à minha coleção de CDs e DVDs — que não era pequena. Acredito que isso foi transformador para ele, e certamente foi para a nossa relação. Quase todos os dias, quando eu chegava do trabalho, ele me contava empolgado sobre alguns filmes (no plural mesmo) que tinha assistido naquele dia ou os discos que tinha ouvido.

Algum tempo depois, por iniciativa própria, foi sozinho ao cinema pela primeira vez. E me contou, entusiasmado, o quanto tinha gostado da experiência. Não sei se ele se lembra desses momentos - mas essa, talvez, seja a grande graça das relações. O que nos marca é diferente. O que é importante para um, nem sempre é para o outro. Ainda assim, através dessas trocas, do desenvolvimento de seus gostos e escolhas, suas amizades também foram se fortalecendo.

Não sei o quanto disso é verdade ou apenas uma leitura minha, mas, assim como para mim a música e a arte criaram conexões mais significativas, creio que para ele também. E não se trata de estar cercado de artistas ou não-artistas, mas de estar entre pessoas sensíveis que se interessam por descobrir, explorar e se abrir ao novo. Estar permeável ao outro.

Quando foi morar comigo, o Adoradinho estudava Economia. Encantou-se pelas artes, entrou para o teatro, apaixonou-se pelo trabalho de Grotowski e, faltando apenas um ano para concluir a

graduação, queria largar tudo. Depois de muitas conversas — e de muita insistência minha e da mãe dele (a Maternal) — ele entendeu que valia a pena finalizar o curso. Sempre o incentivamos a seguir a carreira artística — oportunidade essa que nunca foi uma realidade na nossa família até então — mas compreendíamos que, para mudar de área, seria importante que ele concluísse a graduação.

E ele concluiu. E foi justamente com base nesse diploma que pôde fazer o mestrado em Artes Cênicas, cá em Portugal. Hoje, vive integralmente como ator. O Adoradinho realizou, por sua própria vontade, um sonho que era também meu. Não são poucas as vezes em que me emociono ao vê-lo em cena, tão entregue e comprometido com o que faz.

Quando digo que ele foi muito mimado, poderia parecer que o desfecho seria outro. Mas não. Ele cresceu consciente dos seus privilégios e com uma garra admirável. Trabalha incessantemente para poder fazer o que ama. Busca formação em todas as áreas: música, canto, corpo, literatura, atuação. Corre atrás das suas oportunidades e, quando elas não existem, cava-as com empenho. Ministra oficinas e formações, cria projetos e os realiza. É mesmo lindo de acompanhar.

Quando ele menciona: “Enfim, como ele não nasceu pra ser pai, mandou-me logo vazar em 1 ano. Hehehehehhe.”. Achei graça.

Talvez ele não saiba, e vale mencionar: a fase em que ele foi morar comigo veio logo depois da saída da minha avó — que, após um ano comigo, piorou do quadro de demência e precisou ser acolhida numa casa de repouso. Havia também um ex-namorado, desempregado na época, que vivia comigo para poder se reestruturar. Em minhas sessões de análise, deparei-me com essa figura: alguém que tentava ajudar todo mundo, mas sem deixar espaço para si mesmo.

E foi ali que percebi: eu precisava retomar meu espaço. Voltar a estar só. Reocupar minha casa, minha individualidade, meu silêncio. Coloquei todos pra fora.

O Adoradinho, importante dizer, tinha o apartamento da mãe à disposição. Ele não estava comigo por falta de casa, mas por escolha nossa - para ter companhia, acompanhamento, apoio. Ao fim daquele ano, eu já tinha certeza de que ele era capaz de se administrar por conta própria. E que esse passo não seria desestruturante nem para ele, nem para minha irmã.

Nunca quis ter filhos — e não sei explicar exatamente por quê. A razão mais óbvia talvez seja a não aceitação plena da homossexualidade na sociedade que faz com que, desde pequenos, saibamos que não é usual homens gays com filhos. Mas também tenho outras teorias: achava que poderia ser exigente demais, controlador. Queria viver minha vida sendo responsável apenas por mim, para conduzi-la com liberdade, sem impactar um filho. Talvez fosse também egoísmo. Não queria abdicar das minhas escolhas — afinal, tive restrições na infância que desejava, enfim, fazer o que não pude. Como, por exemplo, tornar-me artista em tempo integral depois dos 43 anos. Isso não teria sido possível se eu tivesse um filho para sustentar.

Mas, independentemente dos motivos, o que percebo é que há, sim, algo de paternal em mim — essa disposição de cuidar, de me intrometer afetivamente na vida de quem me cerca: amigos, namorados, familiares. A relação com o Adoradinho me ofereceu uma possibilidade rara: viver uma experiência quase paternal, mas sem todas as implicações com as quais eu nunca quis lidar. É uma construção que se deu de forma casual, mas também com dedicação,

intimidade e reciprocidade — tanto com ele quanto com a minha irmã, que o criou com princípios firmes e muito afeto.

Não fosse a alteridade, isso não teria acontecido dessa maneira. O que construímos é um vínculo feito de escolhas, de convivência, de afinidades e diferenças que se acolhem. Com ele aprendi muito, e sigo aprendendo. É uma das relações mais fundamentais da minha vida.

4.30 - A Sósia

A Sósia é uma amiga muito próxima. Considero ela, o SabeViver e seus filhos como uma segunda família. Vale mencionar que sua participação foi enviada em áudio — por isso, a transcrição que faço dos trechos carrega pequenas adaptações, trazendo a linguagem oral para um formato mais escrito.

Ela conta que nos conhecemos por volta de 1999, quando ainda namorava o SabeViver, e que houve uma conexão imediata. Em certo momento, ela faz um adendo curioso, que reforça a ideia da memória como ficção: “... eu me lembro bem, quer dizer, eu me lembro muito bem porque acho que umas coisas mudaram tão dramaticamente que eu não sei se a minha memória é construída ou se de fato eu me lembro, sabe?”

Conta que quando me conheceu eu era bem diferente do que me tornei muito rapidamente. Ela diz:

...mas acho que em dois ou três anos, vi uma pessoa que vinha de uma família clássica, suburbana do Rio de Janeiro. Aquela coisa clássica, mas com o não convencional, tipo “duas mulheres criando três crianças”. Não era uma família de pai e mãe, mas era uma família bem clássica no sentido de que alguém as abandonou ali. Acho que você veio dessa construção. Quem eu conhecia era um cara muito inteligente. Acho que a sua

inteligência é algo que marca muito desde o início, muito articulado. Eu gosto de gente que é articulada, de gente de palavras. Acho que com o tempo isso mudou em mim. Nem ligo tanto para isso hoje, mas sempre me atraiu muito, gente boa de palavras.

É interessante que ela destaque minha construção familiar a partir da ausência da figura paterna - algo relativamente comum no Brasil, reflexo de uma sociedade machista em que os homens, historicamente, carregam menos cobranças quanto à responsabilidade com os filhos. O que a Sósia traz se conecta muito com algo que também menciono no meu trabalho: como as faltas que temos na infância podem se tornar estruturantes para a formação de quem somos. Talvez tenhamos abordado esse tema da “falta” por perspectivas diferentes, mas é significativo que ela tenha observado isso com tanta nitidez.

Quando ela fala sobre essa pessoa que mudou rapidamente, fico a pensar como isso sempre me intrigou: a cronologia da minha própria evolução. O que teria sido decisivo? Que fatores foram os mais potentes para provocar mudanças na minha forma de pensar, sentir e me posicionar no mundo?

Há momentos óbvios, marcados por perdas e descobertas: a consciência da sexualidade, o AVC da minha avó, a morte da minha mãe, a morte da Roberta (amiga). Mas sei que há outras camadas — menos visíveis, mais contínuas — que também me transformaram: como, por exemplo, a aproximação com as artes, para além do circuito fechado do rock, que na época ainda era bastante conservador e homofóbico.

Já pensei muitas vezes como teria sido bom manter um diário. Poder olhar para trás e entender, com mais precisão, o que eu pensava e como pensava em cada fase. Mas imagino que, se o tivesse feito, esse diário teria 90% de pensamento e apenas 10% de sensação. Essa luta por dar às sensações o mesmo espaço que dou à racionalidade é relativamente recente. Diria que começou, de fato, há uns dez anos.

O que a Sósia menciona sobre as palavras, esse apreço pela fala articulada, pela construção cuidadosa do que se diz, se liga diretamente ao que o Impulsivo também comentou. Há, de fato, em mim, uma atenção ao modo como me expresso. E creio que parte disso devo agradecer à minha formação básica, que foi determinante.

Estudei na mesma escola que Amélia de Beauvoir, Maternal, Sonhadora, Cadeado, Prático e Nômada. Era uma das duas escolas públicas do Rio de Janeiro reconhecidas por seu excelente nível de ensino. Gratuita, exigente, estimulante. Todos os amigos que mantive ao longo dos anos, que vieram desse mesmo espaço, compartilham uma capacidade de expressão admirável, algo que não é tão comum na educação básica pública do Rio.

É importante perceber o quanto essas experiências, às vezes vistas como simples detalhe, influenciam a construção de quem nos tornamos. Não resolvem tudo, é claro. Mas ajudam. E muito.

... ao mesmo tempo conheci uma pessoa muito, muito gentil. Muito gentil desde o início, sempre muito atencioso... mas tinha alguma coisa que não batia, sabe? Naquela época eu rapidamente entendi também que tinha a ver com a sexualidade... como que esse cara tão legal está sozinho? Ele não está com nenhuma garota. Mas eu não conseguia, desde o início, imaginar você com nenhuma mulher... acho que o lance da

homossexualidade veio muito light para mim... quem são esses caras amigos dele que nunca perceberam isso?!? uma coisa tão óbvia, e aí eu me lembro de eu falando com o SabeViver sobre isso, e ele, sem preconceito nenhum, incrédulo.

O que a Sósia comenta é algo que eu mesmo já me perguntei inúmeras vezes: como é possível que as pessoas não desconfiassem? E, nessa pergunta, já está embutida uma das grandes armadilhas do preconceito estrutural: a expectativa de que um homem gay seja afeminado. Como se ele não pudesse existir fora desse padrão, como se só pudesse ser reconhecido por determinados traços ou comportamentos.

Isso aconteceu muitas vezes ao longo da minha vida. E, quando mais jovem, confesso que isso me dava um certo orgulho. Não sei bem se por me afastar de um estereótipo com o qual eu não me identificava, ou por conseguir passar despercebido e ser visto como alguém “dentro do padrão”, socialmente aceito.

A Sósia foi a primeira, e talvez única, pessoa a ter essa leitura sobre mim, de forma direta e sem tabu. Acho que isso diz muito sobre a sensibilidade feminina, mas também sobre o olhar de quem chega de fora, sem carregar uma história prévia sobre mim. Isso, aliás, é algo que sempre senti diferença: o modo como sou percebido por quem me conhece do zero.

E é curioso como essa sensação se repetiu já adulto, ao entrar em novos grupos, especialmente entre artistas e pessoas ligadas à criação. Chegava sem rótulos, sem “passado”, e podia me apresentar sem esconder nada.

Esse “olhar de fora” sempre me ajudou. Talvez por isso eu valorize tanto a primeira leitura que faço das pessoas. A primeira impressão

não revela tudo mas diz muito sobre as possibilidades de relação que estão por vir. E também diz sobre como nos apresentamos, sobre o que mostramos e o que escondemos.

Essa camada da performatividade — no sentido que Judith Butler propõe, como os modos repetidos de agir que constroem nossa identidade — aparece de forma recorrente na minha vida e no próprio processo deste trabalho. Quando penso na surpresa de muitos amigos ao saber da minha sexualidade, reconheço o quanto também construí uma narrativa de proteção. Como se, ao me manter “neutro”, eu evitasse a rejeição.

A fala da Sósia é potente porque rompe com essa invisibilidade e mostra que é possível ver sem invadir. Que às vezes basta estar atento, sem carregar as lentes de sempre. Ela, que chegou sem a história acumulada que tantos carregavam comigo, viu o que estava ali. Isso, por si só, já diz muito. E talvez seja uma evidência de alteridade.

A gente teve várias boas conversas na vida, inúmeras nesses 26 anos, mas eu me lembro do dia que você me chamou na sua casa para a gente conversar, e aí eu acho que você já morava sozinho... e a gente ficou sentado no seu quarto... eu acho que a memória dessa conversa é uma memória muito importante para mim, porque eu me senti muito feliz de poder compartilhar com alguém algo que eu sabia que era importante para essa pessoa... eu sabia que o momento era importante, e foi algo que na minha vida eu fui cada vez mais tentando aprimorar, que é perceber os momentos importantes na hora que eles estão acontecendo, porque depois a gente até curte a memória, mas viver isso na hora é muito lindo, né?... Eu me lembro de você meio que trazer o tema, mas não trouxe, e aí eu falei que eu já sabia o que era...

eu falei: “mas eu vou ficar sem graça se não for”... eu não me lembro muito de desenrolar, mas eu me lembro da emoção: faz sentido para mim, tá vendo? Sabe, aquela coisa meia, que às vezes a gente é meio parecido, que eu falei, putz, sabia, sabe, quase como se eu tivesse acertado, como se fosse certo e errado, né, como se tivesse que acertar alguma coisa, mas enfim, foi isso, essa memória é muito importante para mim...

Esse trecho é lindíssimo por muitos motivos. Perpassa quase todos os temas que atravessam minha pesquisa: a memória, o momento presente, a sexualidade, a afetividade, a aceitação, a presença do outro. Ao ouvir (e transcrever) essas palavras, quase revivo a tensão daquele dia. A cena volta com nitidez: a conversa no meu quarto, o silêncio que anunciava mais do que dizia, a delicadeza da escuta, a antecipação gentil da fala. Foi nesse momento que a Sósia se tornou a primeira pessoa amiga a saber. Até então, apenas a minha família e os namorados sabiam.

Ser acolhido assim, pela primeira vez, fora do círculo familiar ou amoroso, é um gesto simbólico de grande importância num processo de abertura. Não é só uma revelação. É a criação de um espaço novo, onde algo antes guardado pode existir com naturalidade. E isso transforma a relação. A partir dali, passamos a partilhar também esse outro lugar, mais nu, mais inteiro.

Na época, eu já estava com o Sereno há algum tempo (talvez mais de um ano) e sabia que ele era a pessoa por quem valia a pena começar a derrubar os muros de proteção. Mas derrubar não é fácil. Não é só questão de coragem, é preciso encontrar o momento, e sobretudo, o outro certo. Aquele que vai escutar e acolher. E foi exatamente isso que ela fez.

Há algo que me toca muito na forma como a Sósia descreve essa memória: a atenção ao instante, o reconhecimento de que algo importante está acontecendo naquele exato momento. Isso é raro. Ela diz: "fui cada vez mais tentando aprimorar isso, perceber os momentos importantes na hora em que eles estão acontecendo". E isso é uma espécie de presença e escuta plena. Não só do que é dito, mas dos gestos e hesitações. É habitar o agora.

"Às vezes a gente é meio parecido", ela diz. Mas eu diria: somos muito parecidos. E talvez por ter alguns anos a mais, muitas vezes tenho a nítida sensação de estar conversando com uma versão anterior de mim. Uma espécie de espelho deslocado no tempo. Não foi à toa a escolha de seu nome fictício. A Sósia é, em muitos momentos, essa presença que me devolve compreensões de mim.

...depois dessa memória vieram muitas memórias a quatro, eu, você, o SabeViver e o Sereno... a gente passou alguns bons anos viajando juntos, saindo juntos. A gente nunca, em nenhum momento da vida, teve outra dupla com a gente... eu nunca achei que casais tinham que ter melhores amigos, mas a gente teve, e foi sensacional, foram anos muito maneiros.

Para além do alívio que foi poder trazer quem eu amava para dentro das minhas relações de amizade, algo que nem sempre é fluido e bem-sucedido, houve aqui uma daquelas raras coincidências felizes: nos darmos todos muito bem. Uma sintonia natural. Formamos um quarteto que se encaixava sem esforço. Havia humor, confiança, leveza e parceria. Sósia destaca como isso pode ser raro. Durante anos, fomos essa configuração estável e espontânea: viajávamos juntos, passávamos fins de semana inteiros em companhia um do outro,

dividíamos conversas íntimas e nos divertíamos muito apenas conversando.

Compatilhávamos tanto o estar na grande cidade (Rio), como a tranquilidade de estarmos juntos numa rotina caseira, na casa do Sereno, em Lorena (zona rural no interior de São Paulo). Não se tratava apenas de afinidade individual, embora ela existisse, mas de algo coletivo. Um microcosmo de amizade e partilha, onde cada um tinha seu espaço e sua forma de estar. Foi mesmo muito especial.

Ela cita:

e eu acho que o término de vocês, para mim... também terminou uma era. Você teve outros namorados. A gente conviveu com todos. Em sua maioria quase absoluta, com uma conexão muito grande, mas com Sereno sempre foi diferente, e até hoje eu me emociono muito com isso.

É algo inexplicável, que se dá pela química entre as pessoas. Sempre vi isso com muita clareza, por exemplo, em bandas. A troca de um membro altera o funcionamento do organismo inteiro. Com o Sereno havia uma harmonia de humores. O seu jeito calmo, o humor discreto, a escuta sensível... tudo isso casava perfeitamente naquele grupo. E, como já defendi em outras situações, os encontros também têm a ver com o momento da vida em que cada um está. Relações não são estáticas: são fruto de uma convergência de tempo, maturidade e disponibilidade.

Às vezes carrego certa nostalgia. Uma vontade real de resgatar determinados grupos e sensações. Falei disso recentemente com o Ponderado — da saudade que tenho do nosso grupo e da maneira como interagíamos. Mas, dez anos após minha saída do Rio, muitos de nós já seguimos outros caminhos. Alguns moram em outras

idades, outros estão com novos companheiros, com outras rotinas, outras prioridades.

Rever é sempre bom. Mas o reencontro precisa ser acolhido como o que é: um novo momento. A expectativa de que as coisas sejam como eram — no tom, na frequência, na espontaneidade — raramente se concretiza. O passado não se repete, reverbera. E é preciso escutá-lo com o ouvido ajustado ao presente (uma lição que anoto para mim mesmo).

Mais uma vez, deixo que ela conte. Porque essa parte foi especialmente tocante para mim:

... e eu acho que tem uma outra coisa que me marca muito, é a tua relação com a sua mãe... eu achei a tua mãe uma pessoa sensacional, uma mulher muito gentil, era como se fosse você, aprimorado, nascido no gênero feminino. Talvez sem a inteligência exata, exata no sentido de exata e humana. Mas com uma inteligência muito sutil, que hoje eu até dou mais valor... quase que interpessoal, de relacionamento, e você muito conectado a ela. Eu me lembro da gente dentro do cinema em Cabo Frio, recebendo a notícia da tua mãe doente... Nós quatro, eu, você, SabeViver e Sereno... e a doença da tua mãe voltando... Eu já era médica, foi um momento bem impactante... O fato da sua avó ter ficado muito tempo por seus cuidados foi algo que marcou, mas não marcou tanto, porque eu acho que eu nunca tive um afeto muito grande pela sua avó, era a avó do Zé, é diferente da sua mãe, que desde o início eu tive pouco contato com ela, mas eu tive muito afeto por ela... e achava bonito a gente ter nascido no mesmo dia. Engraçado, bobagem, mas eu achava... quando a sua mãe morou no mesmo prédio que eu, no

Flamengo, eu me lembro sentada na beira da cama dela, a janela estava aberta, era de tarde, eu estava grávida da Sofia... e a gente conversando sobre a minha gravidez, e muito, muito rapidamente ela morreu, foi muito perto daquilo.

O momento que a Sósia descreve é muito claro para mim. Lembro-me dele exatamente da maneira que ela descreve. E me toca perceber que, para ela, também foi marcante. Um sinal de empatia. Ela percebeu o impacto em mim. Estava lá e sentiu junto.

A relação entre o filho homem e a mãe é tema recorrente tanto na mitologia quanto na psicologia, especialmente nas formulações de Freud sobre o chamado “Complexo de Édipo”. Talvez por isso eu sempre tenha algum pudor ao falar do quão especial minha mãe era. Há, socialmente, um certo olhar suspeito quando o filho enaltece a mãe. Mas, independentemente de qualquer clichê, minha mãe foi, para mim, uma referência de humanidade.

Não apenas como mãe, mas como pessoa: ela era dócil, gentil, delicada. Às vezes penso que tudo que em mim é mais sutil, o que me atravessa em silêncio e o que me faz escutar, é uma herança direta dela. Uma camada sensível que passou anos coberta pela dureza que desenvolvi, essa sim herdada mais da minha avó.

Por isso, ouvir de alguém que também a viu como uma mulher adorável me permite tocar neste tema. Retira-me da posição da “fala parcial do filho” e valida este afeto sem a suspeita da idealização. Fiquei a pensar que, talvez por este pudor, eu tenha escrito muito pouco sobre minha mãe e nossa relação no decorrer da pesquisa. Ela aparece como um personagem, mas sem grande profundidade e nuances.

O fato de a Sósia ter nascido no mesmo dia da minha mãe não me parece, de forma alguma, uma bobagem. Sou majoritariamente cético, mas — ao contrário do que era no passado — hoje me permito conviver com os símbolos, com o imaginário e com as coincidências afetivas. Gosto de todas essas ferramentas que nascem da observação e da intuição: horóscopo, mapa astral, tarô (ainda que conheça pouquíssimo). Tornaram-se formas leves e instigantes de olhar para o outro e para os diversos pontos de vista.

Curiosamente, muitos dos meus amigos mais próximos são taurinos: Sósia, Generoso, MulherMenina, Nômada, Multidão, Narrador... e minha mãe. Brincar com essas coincidências é, para mim, apenas mais uma forma de falar sobre o sutil. Sobre o modo de ser. É um jeito de pensar e repensar quem somos, como nos atravessamos, sem que isso precise nos prender a nada. Nenhuma destas ferramentas precisa carregar uma crença, pode ser apenas uma proposta de passeio por outras formas de ver, analisar e intuir. Um *flâneur*.

Desde que vim para Portugal, criei o hábito de, anualmente, escrever um longo e afetuoso e-mail de parabéns para a Sósia. Gosto da sensação de, nesse dia, ter mais um motivo para me alegrar. Com a lembrança da minha mãe, que já não ocupa mais o lugar da tristeza, mas da memória e da saudade, vem a celebração dessa amiga de vida, dessa presença contínua.

Definitivamente, não há besteiras nos símbolos nem nos signos (no sentido mais amplo - não zodiacal) que escolhemos para nos relacionar. Eles são formas de manter vivo os afetos. De perpetuar as presenças e de estabelecer relações.

...eu tenho como memórias mais fortes as mais antigas da nossa relação. Eu acho que foi construída uma relação de maneira tão profunda... você já está fora há muitos anos... mas se manteve isso. Eu não tenho nenhum tipo de distanciamento, constrangimento, pudor, nada com você. E eu penso bastante em você e na nossa amizade... eu tenho certeza que se a gente morasse perto, você seria novamente a família de convívio, porque se tem uma família que eu escolhi, foi você, e isso é muito importante para mim... porque eu não sou de estar com muitas pessoas. Sei que eu sou simpática e falo com todo mundo.

Essa sensação me parece transversal aos meus amigos íntimos. Sinto que algo nos une de um modo que o tempo não desfaz, que mantém toda a intimidade. Nós, como bons brasileiros - o que nos diferencia de certos hábitos portugueses - recebemos nossos amigos em casa. Fazemos camas improvisadas com colchonetes para estendermos o “estar juntos” ao máximo. E nem sempre se trata de poupar. É o desejo genuíno de estar junto, de compartilhar a rotina. Quando nos visitamos, ficamos hospedados um na casa do outro. Isso, para nós, é importante. É parte do que torna esta intimidade real.

Mas quero também trazer uma outra perspectiva. Uma que eu e a Sósia, inclusive, conversamos algumas vezes nos últimos anos. Eu reconheço essa ideia poderosa da amizade que resiste ao tempo e à distância. E acredito nela. Mas, ao mesmo tempo, comecei a questionar o lugar romântico onde, por vezes, colocamos essa crença. Dizemos que o amigo está lá, longe, mas sempre disponível e isso nos conforta. Só que as relações, mesmo as mais profundas, precisam ser alimentadas e cuidadas. A distância geográfica impacta diretamente na qualidade do estar.

Foi algo que fui aprendendo com o tempo, e que explorei ao longo desta pesquisa. O simples ato de estar, de comparecer com o corpo, com o tempo, com a escuta, é fundamental. Isso aparece de forma marcante, por exemplo, na carta do SabeViver, ao lembrar minha presença no falecimento do seu pai, assim como na memória de estarmos juntos no momento em que recebi a notícia da reincidência do cancro da minha mãe. Foi também um tema na fala da Amélia de Beauvoir, numa conversa que tivemos há alguns anos - quando eu vivia em Braga - que me marcou profundamente. Desde então, passei a estar muito mais atento aos esforços que preciso fazer para manter ativa a minha rede de afetos. Esse projeto é, em grande parte, um mergulho exploratório sobre esse tema.

Eu e a Sósia passamos por uma fase mais afastada. Não houve nenhum conflito, apenas movimentos da vida. Eu vim para Portugal, ela foi para São Paulo, mergulhada no desenvolvimento da sua carreira, do mesmo modo que, no passado, o Antunes fez. À distância, senti que começávamos a falar idiomas ligeiramente diferentes. Ela seguia forte em seu progresso, e eu, já em outro ritmo, tentava sinalizar (com base na minha vivência) que aquele caminho era apenas uma possibilidade, e que talvez fosse importante olhar também para outras alternativas. Mas percebi que, naquele momento, ela tinha clareza do seu plano e era muito importante seguir seu desejo. Como sempre, nos respeitamos. Demos espaço, demos tempo.

Nunca perdemos o contato, mas ele deixou de ser íntimo como antes. Conversamos sobre isso algumas vezes, com afeto e franqueza, e acho que ambos nos dedicamos para retomar essa relação no nível em que ela sempre fez sentido: o da escuta e da partilha mais profunda. E essa retomada foi uma alegria imensa. Não só pelo reencontro da

intimidade, mas por colocar em prática esses cuidados que fazem da alteridade algo vivido e não apenas pensado. Não apenas estudado, mas praticado, dia após dia, escolha após escolha.

...eu tenho um amor enorme, enorme, e isso é uma verdade. Eu literalmente entregaria os meus filhos para você cuidar, eu falaria: ó, vai para casa do tio Zé e fica lá, mais do que para acho que qualquer pessoa, acho que só você e minha irmã... eu tenho uma admiração profunda por você, por tudo que você consegue fazer, pela liberdade que você tem de criar todo dia a sua vida de um jeito diferente... Amo muito você, grandão, tenho muita, muita saudade de você, viu?

É recíproco. Parece que a admiração é mesmo uma das forças relevantes que sustenta minhas amizades. Sósia sempre foi uma dessas pessoas: amada, próxima e parceira. Me ver nela, e ela em mim, é um processo curioso, quase como se ver de fora. E ter essa família que a vida me permitiu escolher é uma delícia.

Até hoje sinto saudades da pequena Sofia e da presença dela em minha casa. Tenho pena de não poder acompanhar de perto o crescimento do já-não-tão-pequeno João. Saber que a Sósia, uma supermãe, deixaria seus filhos aos meus cuidados é um elogio sem tamanho. Um gesto que diz tudo.

Também acho importante contar que nas vezes que ouvi sua mensagem para transcrevê-las, me emocionei. Chorei junto com ela e com algumas das lembranças que são uma construção nossa ao longo do tempo. Muito obrigado por essa amizade tão linda, por essa confiança e por essa sensibilidade que, desde sempre, nos conecta.

4.31. Maria-Bonita

Maria-Bonita é casada com O Agradecido e faz parte dos brasileiros que conheci durante meu tempo em Braga. Como ele, é pernambucana de Recife. No modo de falar de Maria-Bonita, percebe-se uma mulher forte e decidida, o que me remete às mulheres da minha família: todas muito fortes, independentes e determinadas. Creio que essa identificação já me gera uma admiração imediata.

Maria-Bonita menciona dois momentos, acompanhados por duas fotos que ela enviou. O primeiro foi uma rápida viagem em grupo a Santiago de Compostela, descrita com a leveza desses encontros: tapas, sangrias e risadas. Estávamos ainda nos conhecendo.

No segundo momento, assim como o Agradecido, ela se refere à visita que fizemos quando seu filho nasceu. Maria-Bonita descreve o que mencionei na carta do Agradecido: a sensação de falta de rede de apoio que acompanha o imigrante. Ter o primeiro filho longe da família e com poucos amigos fez com que nossa visita e atenção ganhassem um significado ainda maior.

Entre esses dois momentos, passaram-se dois anos. Maria-Bonita conta que sentiu claramente o crescimento de nossa amizade nesse período. As conversas francas sobre política, mudanças na vida, desafios. Fomos nos acompanhando ao longo do tempo, até que decidiram voltar ao Brasil.

Há fases na vida em que tudo parece acontecer de modo muito intenso, e acredito que a experiência de emigração amplifica essa sensação por um longo tempo. Quase tudo é novo e, após um passo importante como esse, ficamos meio que em suspensão, mais propensos a seguir caminhos diversos. No período em que nos conhecemos (entre 2018 e 2021), eles terminaram o mestrado,

trabalharam em diferentes empregos, tiveram um filho em Portugal e acabaram voltando ao Brasil. Eu e Impulsivo mudamos de Lisboa para Braga, compramos nosso apartamento, depois voltamos a morar em Lisboa para um novo trabalho, e por fim nos mudamos para o Porto. Encontrar Maria-Bonita e o Agradecido era sempre uma troca constante de impressões e planos. Vivemos muita coisa em um espaço curto de tempo. Quando emigramos, percebemos que criar novas raízes é um processo muito mais lento e demorado. A vida corre a mil por hora, mas as raízes levam tempo para se fixar.

Maria-Bonita me descreve como uma pessoa observadora, que nem sempre está aberta a quem não conhece. Ela me vê como alguém de grande coração e interpreta que o fato de eu ter me mudado para Portugal em busca de outro modo de vida faz com que eu não me preocupe muito em agradar os outros. Maria-Bonita não me conhece há tanto tempo para saber que essa faceta social de “agradar o outro” nunca foi uma prioridade para mim.

É sempre difícil explicar essas contradições, mas acredito que as diversas cartas já foram suficientes para abordar isso. Que, ao mesmo tempo em que tenho um grande coração e me importo genuinamente com os outros, também sou capaz de não me desagradar para agradar. E isso não foi um efeito de Portugal. É um modo de me posicionar no mundo para criar e preservar meus limites e meu espaço. Afinal, a gente só consegue controlar - ainda assim de modo precário - o que é nosso. Sobre o que o outro vai achar ou gostar, jamais teremos controle.

Espero o dia que Maria-Bonita e Agradecido retornem a Portugal para mostrar ao seu filhote a terra onde nasceu e que possamos nos atualizar, relembrar e comemorar.

4.32. A Observadora

Ela me (d)escreve:

Lembranças de quando te conheci, lá se vão mais de 20 anos, certo?!?

Sua bela figura, com uma postura clara e firme, mas ao mesmo tempo tímida. Talvez timidez que poderia ser mais uma delicadeza de alma. É, talvez seja esse o ponto chave que mais me marcou inicialmente. Sua delicadeza de alma, sua extrema sensibilidade.

Aos poucos fui entendendo seus posicionamentos muito profundos, de quem levava tudo muito a sério. Fui conhecendo fatos da sua vida e entendendo suas motivações. Motivação em buscar mais e maiores respostas, necessidade ou mesmo desejo de entender tudo mais profundamente, da raiz ao caule.

Na época chegamos a conversar muito sobre essa conduta ou característica de ser profundo e também muito realistas sobre a vida. Me lembro das suas indignações a respeito das frivolidades e superficialidade das pessoas.

A Observadora é a única amiga que carreguei do relacionamento que tive por dois anos com um arquiteto, de família rica do Rio de Janeiro. Ele estudou, ainda criança, na França. Seu universo era absolutamente diferente do meu. Comecei a perceber isto não tanto através dele, mas através de seus amigos.

Eu carregava a expectativa de estar com alguém com quem poderia explorar mais o universo das artes e debater questões da vida de modo profundo. Deparei-me com um esteta. A partir daí eu tenho observado que não é raro encontrar arquitetos muito vaidosos e estetas. Foi uma experiência bastante decepcionante - e aqui cabe assumir algum grau

de inocência e de pouca reflexão da minha parte. Pensava que pessoas que têm acesso a tudo seriam imediatamente interessantes. Teriam sempre o que dizer, o que contar, o que debater. Mas nesse período conheci as pessoas mais desinteressantes até então. Pareciam artificiais e carentes de vida própria. Tudo parecia absolutamente estandardizado - dos gostos as opiniões. Falavam sobre as mesmas coisas: Restaurantes de chefs, viagens, jantares e nomes e mais nomes de famílias e gente importante. Achava um tédio.

A Observadora e Fernanda eram as duas amigas com quem eu conseguia estar. Das duas, A Observadora era a que tinha uma vida real, de uma pessoa normal. Teve seus privilégios e os conhecia, mas também construía sua vida por conta própria e, sobretudo, tinha interesses. Era ótima de conversar e acho que de algum modo conseguiu ter empatia com meu incômodo naquele ambiente.

Conseguia enxergar, e te entender perfeitamente... e me perguntava; como seria uma saída viável para se conviver em grupos tão variados com esta visão ?

E, através de você entendi que, no seu caso, suas escolhas eram mais radicais. Sua maleabilidade talvez seja mais usada para outros setores da sua vida e não para a sociabilidade ou mesmo para seus momentos mais íntimos, de relacionamentos e amizades.

A pergunta da Observadora sobre como conviver com grupos tão variados me parece importante. Me chamou a atenção e me fez refletir sobre se eu sou uma pessoa que nega a diversidade. Seria eu alguém que quer apenas estar com o igual? Gosto de provocações que me façam refletir. Obrigado Observadora!

Interpreto como diversidade um grupo imenso: etnias, culturas, sexualidades, religiões, modos de pensar, modos de viver, ideologias, filosofias, interesses, etc. Olho para meus grupos de amigos e encontro diversidade em grande parte desses temas. Sei também que gosto do conforto da semelhança. De estar com pessoas que pensam como eu. Mas creio que não nego a diversidade, o que não faz com que eu tenha interesse em qualquer um.

A Observadora está certa quando diz que minhas escolhas foram mais radicais. E foram. Durante minha vida meus trabalhos foram com temas e pessoas que não necessariamente me interessavam. Eu precisava que o pouco tempo disponível fora do trabalho suprisse minhas carências e interesses. Minha curiosidade e atração por um universo todo que existia dentro de mim e que não encontrava ressonância no ambiente de trabalho que ocupava minha vida ativa. Não podia desperdiçar meu pouco tempo livre com o que não me acrescentava. Para quem estudou e trabalhou simultaneamente durante pelo menos 12 anos (entre escola técnica, faculdade e cursos de pós-graduação), as horas livres eram um luxo. Era nelas que eu tinha bandas, fotografava, escrevia sobre música, organizava festivais, fazia parte de coletivos, etc.

Creio que esta era a escolha possível para mim naquele momento. Ou me juntava ao universo que me interessava ou sucumbia à vida da normose (conceito popularizado por Jean-Yves Leloup⁸⁰).

Porém, outra característica que contrastava positivamente com algumas posições mais radicais suas era o seu humor. Humor

80 Weil, P., Leloup, J.-Y., & Crema, R. (2011). Normose: a patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes

fino e refinado. Inteligente e agudo!! Exatamente o resultado de quem leva a vida profundamente a sério.

E sua curiosidade!! Essa também é uma de suas grandes características. Através da sua enorme sensibilidade, unida a muita curiosidade e tendo como carro chefe sua grande inteligência; resulta em ótimas ferramentas para serem usadas positivamente a seu favor.

Você sempre me pareceu essa pessoa muito amadurecida pela vida, mas ao mesmo tempo muito ávida por estar sempre se rejuvenescendo.

É muito interessante ver como cada um nos observa. Acho que a Observadora foi a primeira pessoa a falar do meu humor. Eu concordo plenamente com todos que anteriormente destacaram minha densidade e peso, minha seriedade... mas também há bastante humor. Curiosamente parece que para muitos o humor se torna uma característica menor. Mas penso que é justamente ele que faz o contrapeso a densidade e a seriedade para que nunca chegue ao negativismo.

Carregamos imensas contradições. Achei muito sensível por parte da Observadora que conseguiu, em todos os momentos, me descrever com características que por vezes parecem opostas, mas são, na verdade, complementares. A postura firme versus a sensibilidade da alma delicada, o humor como resultante de quem leva a vida a sério, o maduro que busca rejuvenescer. São todas imagens ricas.

Há uma dualidade muito clara nas minhas relações. Todos meus parceiros (amantes, namorados, maridos) são mais velhos. A esmagadora maioria dos meus amigos são mais novos. Mantenho um contato de troca muito ativo com pessoas mais novas. Interessa-me os

outros modos de ver e de viver, as novas ideias, as pessoas que estão se formando num mundo completamente diferente do qual eu me formei. Tudo isso me fascina. E ao mesmo tempo, sinto que boa parte de meus amigos de infância e adolescência vão se cristalizando ao longo do tempo. Perdem a plasticidade de se adaptar, perdem o interesse pelo novo. Tive muitas certezas e hoje carrego mais dúvidas. Faço imenso esforço para estar sempre me reinterpretando e me revendo. Nem sempre consigo, mas tento. De algum modo, durante a vida, minha curiosidade tem me aproximado de grupos com pessoas mais novas, mas acho estimulante encontrar pessoas da minha idade e mais velhas que também tenham este desejo de se revitalizar.

4.33. O Esquivo

O Esquivo foi um dos muitos bateristas da minha segunda banda, BillyGoat. Ele chegou por indicação de um conhecido, amigo dele de infância, com quem tínhamos feito uma mini-turnê por Brasília e Goiânia. Já vive na França há mais de 14 anos onde é cineasta.

Já faz cerca de 20 anos que nos conhecemos. Ele começa falando sobre o afastamento temporal que existe entre nós. Que nos conhecemos há muito tempo, mas que também estamos afastados por mais tempo do que convivemos.

O Esquivo conta que entrou para a banda por ter um forte vínculo com o rock dos anos 70. Ele também lembra que, quando me conheceu, eu parecia uma pessoa muito séria, trabalhando em uma grande empresa e demonstrando maturidade. Ele me via como o líder do grupo, já que eu cuidava de todas as responsabilidades da banda: marcar ensaios, concertos, gravações, entre outras coisas.

O Esquivo relata que esse lado sério ocultava uma faceta minha que ele só veio a conhecer mais tarde.

Logo depois que saiu da banda, ele mudou-se para São Paulo. Quando o visitei lá, tivemos algumas conversas longas e profundas sobre minha forma de ver a vida e sobre as relações entre pessoas. Nesse momento, ele diz ter percebido uma doçura e uma busca por paz e equilíbrio nas relações. Ele me descreve como alguém com um coração grande e aberto.

O Esquivo alerta, porém, que essa característica pode fazer muito bem aos outros, mas também gerar acúmulo e peso excessivo para mim. Ele recorda que eu tinha um cuidado quase paternal com alguns amigos em comum e supõe que também sou assim com minha família.

Ele me vê como alguém muito capaz, talentoso, um grande baixista, mas que frequentemente assume mais responsabilidades do que deveria. O Esquivo espera que, hoje, isso esteja mais equilibrado. Ele se reconhece em mim por essa tendência de querer abarcar o mundo.

Acho a descrição dele muito precisa. Ela demonstra o aprofundamento da nossa relação e, ao mesmo tempo, revela como me apresento externamente e como esses contornos se transformam quando a intimidade é alcançada.

Eu gosto imenso do Esquivo. Convivemos por algum tempo — não muito, é verdade. Gosto dele porque nossas trocas sempre foram sinceras e abertas. Conversar com amigos é uma das minhas atividades favoritas, e, quando há uma boa conversa, fico cativado.

Há quase um ano, tenho tentado retomar o contato mais frequente com ele, mas sem muito sucesso. Ele não sabe muito sobre minha vida pessoal. Não sabe que sou gay, nunca conheceu meus namorados. Não sabe do meu processo de mudança para Portugal. Gostaria de compartilhar isso com ele, mas a dificuldade em fazer uma

videochamada tem adiado essa troca. Ele me pediu para enviar áudios longos e irmos mantendo contato dessa forma.

Mas ainda acho estranho compartilhar algo tão íntimo sem rosto, sem expressão. Já me custa abdicar da corporalidade, da presença física. Claro que entendo que isso nem sempre é possível, mas a ideia de nos afastarmos cada vez mais do contato e torná-lo cada vez menos presente me desagrada. Lendo *A Expulsão do Outro*, de Han, essa sensação ganhou ainda mais força: a importância de insistir na presença e no contato humano.

4.34. O Fascinado

Minha principal banda, tanto em termos de duração quanto de relevância para o meu desenvolvimento, foi o Electric Goat Combo⁸¹. O “Combo” surgiu do nosso desejo de ter a liberdade de ampliar a formação da banda de forma ocasional, convidando outras pessoas para tocar em determinados concertos e gravações. Foi uma ideia bonita, mas difícil de implementar.

Em 2012, um dos guitarristas foi para os Estados Unidos. Nesse período, conhecemos o Fascinado, que foi trazido pelo outro guitarrista para ocupar a vaga temporariamente. Ele tocou conosco por algum tempo e, quando o guitarrista original voltou, ele passou a ser uma espécie de extensão eventual da banda. Participava de alguns concertos e se aproximava de nós sempre que podia.

Ele me descreve de uma maneira muito alinhada ao que outros também já disseram:

⁸¹ https://linktr.ee/Zeh_Antunes

Os primeiros adjetivos sociais que me vêm à mente sobre Zé eram os de sisudo, comprometido, responsável...

Mas ele pontua que é apenas uma primeira impressão:

Zé é sensível, hospitaleiro e muito observador. Talvez muito observador de si mesmo também, quase ensimesmado. Nunca vou esquecer de como ele era cuidadoso até para falar, mas sem rodeios, ou receios. Tudo isso esboça uma faceta muito linda de Zé: seu lado artístico e investigador. Adorava tocar com ele. Ensaiar, fazer show. Desde o primeiro dia que tive que encontrar com a banda (EGC) para ensaiar, ele foi como ele é. Era de longe, a pessoa que eu mais confiava para que os processos da banda andassem. Sinto que muito do que se realizou pela banda e seguiu tinha um dedo dele.

Creio que já mencionei isso em outras cartas: gosto de saber que meu modo sincero e direto alcança as pessoas sem feri-las. Por isso, fico sempre feliz quando destacam que, apesar de ser direto, sou cuidadoso e respeitoso.

Também já comentei que descobri, pelas falas dos meus amigos, essa característica agregadora e realizadora em mim. Às vezes, é necessário alguém de fora para nos apontar coisas que são tão intrínsecas que nos passam despercebidas.

De fato, assim como alguns grupos reduziram a convivência depois que vim para Portugal, a banda também não durou muito, embora eu tenha deixado um outro baixista com todo o repertório ensaiado e tenha incentivado ao máximo.

É curioso pensar sobre isso. Sobre a importância que cada pessoa tem dentro de uma estrutura tão complexa quanto as relações. E como uma única pessoa, independentemente de quem seja, pode alterar

completamente o funcionamento de um grupo. Pensando nisso, percebo que sempre enxerguei as relações de maneira muito direta: entre mim e o outro. Nos meus grupos, todas as pessoas eram próximas de mim. Não via ninguém como “o amigo do meu amigo”. Talvez por isso tenha me surpreendido tanto que os grupos — e a banda — tenham se desfeito.

O Fascinado também se recorda de quando contei a ele que sou gay, durante um almoço:

Não me lembro exatamente das minhas palavras, mas a sensação de generosidade e abertura que ele teve em me dizer algo do gênero, nessa sociedade obtusa que vivemos, causou um grande impacto em mim. Não mudou nada na prática em relação a banda ou ao tratamento entre nós, mas mudou muito na profundidade porque me mostrou mais uma faceta admirável dele: sua coragem e delicadeza para escolher a hora propícia.

A fala do Fascinado me traz duas reflexões. A primeira é a delicadeza em perceber que essa abertura é um gesto de confiança e intimidade. A segunda é uma confusão comum no mundo hétero: uma espécie de ideia inconsciente de que o sofrimento nos confere dignidade. A mesma ideia que foi apontada pela Nômada.

O Fascinado é uma pessoa luminosa, empolgada, sempre estudando um novo instrumento e sempre fazendo parcerias. Creio que, como eu, valorize muito a experiência com o outro.

4.35. O Sereno

Tive paixões e bons relacionamentos, mas o Sereno foi, sem dúvida, um companheiro marcante. Ficamos juntos por oito anos e fomos

muito felizes. Sem grandes brigas ou desentendimentos, foi com ele que descobri o tipo de relação que me satisfaz.

Curiosamente, o Sereno era bastante diferente de mim. Engenheiro Agrícola, vivia em uma fazenda no interior de São Paulo, onde nasceu e cresceu. Dedicava-se intensamente para manter a fazenda funcional, acordando às cinco da manhã para ordenhar vacas manualmente.

O Sereno era um homem de poucas palavras, especialmente para expressar sentimentos. Mas isso nunca me fez sentir falta de afeto. Ele não era seco nem fechado, apenas não elaborava muito. Mesmo assim, era claro em seu amor. Sempre me senti amado. O Sereno é calmo, carinhoso, de olhar doce, fala mansa, risada gostosa e com senso de humor. Rimos muito juntos.

Eu, por outro lado, morava no Rio de Janeiro, já trabalhava em grandes empresas, tinha bandas e me envolvia com atividades artísticas. Falo tudo que penso. Tento expressar tudo que sinto. Adoro elaborar e divagar. Adoro perguntar e saber do outro. E, ainda hoje, tenho a necessidade de nomear e explicar tudo.

E apesar de tudo isso, nos demos e nos damos muito bem.

A carta que recebi dele foi a mais curta de todas. Ri muito quando li. Seria maravilhoso receber uma carta longa, cheia de lembranças e reflexões sobre nossa relação. Gostaria de saber o que passava pela cabeça dele, ouvir suas impressões sobre mim. Mas isso não seria o Sereno. O que me deixou feliz foi que, mesmo escrevendo pouco, ele deixou claro o nosso afeto e parceria.

Ele lembrou nosso início em 2000, quando nos conhecemos e logo viajamos juntos — a primeira de muitas viagens. Também mencionou o dialeto próprio que criamos para conversar sem que os outros entendessem. E escreveu um pouco sobre mim:

Imaginem uma pessoa de coração bom... é ele. Carinhoso, generoso... às vezes chato, e muito, mas suportável... rs. Com ele conheci pessoas que não tem como esquecer... Com sua família convivi e posso dizer que nunca fui tratado com tanto respeito e consideração.

Além da minha família, o Sereno citou SabeViver e Sósia, com quem convivemos constantemente. Foi uma fase incrível, também mencionada por Sósia em sua carta. Isso era muito especial: sentir que o outro se integra à nossa família e amigos, tornando-se parte de tudo. Vivemos isso tanto da minha parte quanto da dele. Éramos grandes parceiros.

Ézi (nota: como ele me chama) tem fome de conhecimento não só musical

Nossos oito anos juntos foram divididos em dois momentos. Depois de cinco anos, eu estava exausto de viajar e falei para ele que não dava mais para continuar assim. Ele, por sua vez, disse que cinco anos ainda era pouco e que não tinha perspectiva de deixar sua casa. Eu também não pretendia deixar o Rio para viver em uma cidade pequena no interior. Então, decidi que era hora de seguir em frente.

Alguns anos depois (quatro ou cinco), voltamos a ficar juntos por mais três anos. Dessa vez, foi o Sereno quem decidiu que não queria continuar. Ele não conseguiu me explicar os motivos e dizia não saber ao certo. Foi um processo muito doloroso para mim, tanto quanto deve ter sido para ele na primeira separação.

Por um tempo, eu insistia em tentar entender, mas o Sereno nunca foi capaz de me dar uma resposta. Precisei aceitar isso. Foi uma das muitas lições que aprendi ao me relacionar com alguém tão diferente

de mim: entender que o outro tem limites diferentes e só pode dar o que está ao seu alcance.

Mas sempre mantivemos nosso contato e seguimos bastante afetuosos. Hoje, consigo olhar para o passado com clareza. O Sereno sempre amou a terra onde nasceu e cresceu. Apesar de nunca ter dito que não queria ir para o Rio, acredito que, no fundo, ele sabia que não desejava isso. Eu, por outro lado, deixava claro que jamais viveria em sua cidade. Na época, não consegui enxergar o quanto nossos futuros eram incompatíveis. Hoje, vejo que o Zé daquele tempo não cabia no futuro que o Sereno sonhava, assim como o Sereno não fazia parte do futuro que eu desejava para mim. Como ele disse, minha fome não era só de música.

É bonito poder reconhecer isso agora: perceber que tivemos um grande amor, sentir pena de não termos seguido juntos, mas entender que, assim, cada um pôde buscar o que o faria mais feliz. Nossas diferenças me ensinaram muito. O Sereno falava pouco, mas seu jeito de estar no mundo dizia muito. E eu aprendi a interpretar pessoas de outras formas que não a verbal.

Segue sendo um dos encontros mais especiais que a vida me proporcionou.

Convivemos bastante na alegria e na tristeza... quis o destino que nos separássemos fisicamente. Ouso (acredito) dizer que éramos felizes e sabíamos.

Sim, convivemos intensamente, fomos muito felizes juntos e continuamos felizes, separados, mas presentes na vida um do outro. É, sem dúvida, um amor.

4.36. A Espontânea

A Espontânea chegou até mim como a nova namorada de um amigo querido, o ArgutoTardio. Seu jeito espontâneo e alegre logo me conquistou. Como ela lembra, isso aconteceu há quase 11 anos. Não é raro que eu me encante com namoradas de amigos e acabe cultivando essas conexões como minhas também. E assim foi com Espontânea. Mesmo após a separação deles, seguimos a nos encontrar. Ela descreveu essa continuidade de maneira que me tocou:

A continuidade da nossa amizade é também coisa de amor expandido, de amor que transforma, poliamor, portanto. É cuidar das feridas dos encontros e fazê-los valer a pena.

Ela menciona que nos conectamos rapidamente, e isso é algo que também reconheço como característica minha. Quando sou apresentado a alguém, faço perguntas, me interesso, e isso me permite perceber rapidamente se existe ou não uma conexão.

Quando te conheci, te achei uma pessoa muito querida, aberta, simpática e curiosa. A sua curiosidade sobre as outras pessoas é uma coisa linda. É apaixonante. Sinto que nos conectamos de maneira muito imediata e gostosa.

Apesar de nos conhecermos no Brasil, ela é dançarina graduada em Lisboa, alguém ligada às performances e ao corpo. Uma pessoa de mente aberta. Mas é interessante perceber como, mesmo assim, estamos todos submetidos à cultura em que crescemos. Ela comentou sobre isso ao se espantar quando soube que eu era gay. Ela contou “...fui mais uma dessas pessoas que caiu neste calabouço do construto, do senso comum da sexualidade. Afinal o que é parecer ser gay né?”

Outra revelação interessante foi saber que ela só me via como músico e artista, já que era sempre nessa persona que nos

encontrávamos. Meu emprego como executivo de uma grande empresa não frequentava a sua construção sobre quem eu era. Isso despertou minha reflexão e me recordei que muitas pessoas que me conheceram através das artes não sabiam dessa outra faceta da minha vida. Eu evitava falar sobre minha vida corporativa.

Ao mesmo tempo, também tenho a consciência de que eu não me via como músico nem artista. Me via como alguém que fazia música e arte, dentre tantas outras coisas. Não me sentia à altura de fazer parte deste grupo. Talvez por isso, pela primeira vez - com a carta da Espontânea, percebo que existiam pessoas ao meu redor que já me viam como artista bem antes de mim.

A Espontânea também tocou em um ponto muito sensível para mim, algo que vale deixar nas palavras dela:

Ao ir te conhecendo, por vezes, te achava um pouco exigente. Exigente da nossa presença, de atenção, dos horários, de encontros, de que a gente ouvisse as playlists, alimentasse as playlists - haha. Fui entendendo então que de repente não eram exigências. Era eu que as via assim pois estava vivendo uma vida densa, numa instituição que me fazia transformar tudo em tarefa. Não eram exigências: era amor, cuidado, carinho, interesse, desejo de estar perto.

As playlists tornam-se também diários amorosos de conexão para quem ama à distância, como nós ❤️

A música sempre foi isso pra mim também: conexão amorosa profunda comigo e com o mundo.

Apesar dela assumir para si essa leitura sobre exigências, consigo perceber que minha comunicação possa causar esse tipo de sensação. Quando li isso, lamentei não ter conseguido transmitir de forma mais

clara o que, com o tempo, ela compreendeu: meu desejo de estimular e manter conexões.

Na minha criação, os incentivos muitas vezes se misturavam com cobranças. Por vezes, o incentivo era uma espécie de espetada para sair do lugar. E, obviamente, trago esse método comigo. As intenções – especialmente as da minha avó – eram sempre as melhores. E aqui faço o mesmo paralelo: Sei das minhas intenções, mas meu modo de atuar pode gerar outras leituras. Talvez eu possa ser, de fato, demandante.

Não que eu aspire à perfeição, nem que isso fosse possível. Mas é importante reconhecer conflitos. Faria sentido tentar eliminar qualquer elemento da minha comunicação que possa ser interpretado de maneira diversa? Creio que não.

Volto, então, à questão: nunca podemos realmente saber o impacto do que dizemos e fazemos nos outros. Também preciso aceitar que posso ser demandante, mesmo afetivamente, se isso fizer sentido para mim. O outro tem sempre a liberdade de atender ou não. Cada um é responsável por administrar sua presença no mundo, e talvez eu não precise me sentir culpado se uma boa intenção minha for interpretada de outra forma.

Mais adiante, Espontânea comenta que me sente como um irmão mais velho: “As conversas que temos sobre a vida, os seus conselhos, o modo de se importar com os amigos, comigo, me trazem essa sensação boa.”

Ela compartilhou que minha ida para Portugal foi um misto de emoções: a perda do contato cotidiano e a felicidade pelo meu movimento de vida. Disse que minha mudança desarticulou nosso grupo de amigos e que a manutenção do amor à distância é muito importante – algo que, segundo ela, faço muito bem.

Aqui ressurgem um padrão que outras pessoas também reconheceram em mim: o agregador, o irmão mais velho, o conselheiro, aquele que cuida das relações. Sinto-me orgulhoso de ver esses papéis tão claramente percebidos, pois sempre foram ações muito intuitivas e ligadas ao meu desejo que só reconheci claramente através do olhar do outro.

*E para não dizer que eu só elogiei, te diria: simhora no Flow!
Nem tudo pode ser planejado sempre com tanta antecedência.
Estou aprendendo isto que é uma radicalidade do presente que
é pra mim e amando!*

Estivemos juntos em Lisboa em outubro de 2024 e conversamos sobre isso. Ainda funciono com planejamento. Nunca fui uma pessoa de grandes sonhos – sempre tive planos. Nunca desejei alcançar coisas fora do meu alcance; sempre quis dar o próximo passo. De passo em passo, mesmo sem grandes sonhos, construí um caminho lindo, de sonho. Tenho um modo de vida jamais imaginado, alcançado por um caminho com as sólidas pedras dos planos.

Sigo me desafiando a mudar. Tento estar mais no presente. Quanto mais nos aproximamos da finitude, mais percebemos a importância do agora.

Ela encerrou sua carta com algo que resume perfeitamente o que essas trocas significam para mim:

*Falar de vc foi falar de mim também e te agradeço por isso ❤️
Foi e está sendo emocionante. Obrigada, obrigada, obrigada!*

4.37. O BemSucedido

O BemSucedido foi meu primeiro namorado. Eu tinha 22 anos, ele, 37. Foi também o primeiro homem com quem saí e tive relação. Estivemos juntos por um ano, e, quando terminei o relacionamento,

ele passou por um período de depressão – algo que só vim a saber muitos anos depois. Mantivemos algum contato no início, mas nunca se transformou em amizade. Nossas poucas conversas ao longo do tempo me permitiram pedir desculpas por não ter sabido lidar melhor com o fim do relacionamento. Foi, sem dúvida, inexperiência da minha parte.

Creio que, por conta dessa conversa, ele começou sua carta dizendo que não guarda mágoas. Que compreende que, quando terminamos, eu era apenas um jovem.

Na carta, ele conta que sempre gostou de homens mais jovens e que gostou de me conhecer, especialmente por ser o primeiro homem na vida de um garoto novo. Para ele, ser o gay que pegava um hétero era um fetiche. Com o tempo, contudo, suas demandas cresceram, e ele passou a cobrar mais de mim. Ele relata que, diante disso, tornei-me diferente. De um rapaz simpático e atencioso, transformei-me em alguém grosseiro e irônico.

O BemSucedido descreve como eu o criticava, duvidava de sua competência profissional, discordava de suas opiniões, não confiava na fala dele sobre quase nenhum tema e não gostava de seus amigos. Ele sentiu que isso afetou sua autoestima. Essas memórias dele me impactaram, embora muitas não estejam vivas na minha lembrança. Sei, porém, que ele teve a pior versão do Zé-namorado que existiu.

Eu era inexperiente. Tinha medo de ser visto. Nos primeiros meses, não saíamos de casa. Era crítico, direto, e às vezes rude. Com o tempo e a maturidade, aprendi a ser direto sem ser ofensivo, mas sei que ainda erro, principalmente com pessoas que tenho muita intimidade. Portanto, a narrativa dele faz bastante sentido.

Recordo-me de me sentir muito pressionado nessa época. Amigos reclamavam da minha ausência, minha mãe reclamava que eu dormia pouco em casa, e o BemSucedido reclamava que queria mais de mim. Ninguém parecia satisfeito. Foi nesse contexto que decidi contar para minha mãe que era gay, na esperança de aliviar essas cobranças. Assim, ela entenderia por que eu passava tanto tempo fora de casa e as cobranças reduziriam.

Essa decisão trouxe um alívio temporário, mas a relação continuou a deteriorar-se. O sexo já não nos satisfazia, e, no ambiente de trabalho, um funcionário de um cliente começou um flerte. Após semanas de olhares e conversas, ele me convidou para um café. O interesse surgiu, e, por honestidade com o BemSucedido, preferi terminar antes de envolver-me com outra pessoa. Era claro para mim que queria experimentar uma outra relação.

O BemSucedido, porém, conta que o término foi inesperado para ele, pois havia decidido se separar algumas semanas antes, mas eu havia pedido para que seguissemos juntos. Ele interpretou minha decisão como uma rejeição pessoal. Isso o levou a uma grande depressão, achando que o fim do relacionamento era resultado de sua incompetência.

Há uma lição que aprendi ao longo da vida e que me parece pertinente. Do mesmo modo que, quando escrevemos uma carta para o outro, falamos muito sobre nós, analogamente, as atitudes do outro falam sobre o outro, e não sobre nós. Tenho pena que o BemSucedido não tenha percebido isso. Não que isso elimine a dor e o sofrimento, mas nos ajuda a perceber que determinadas coisas estão fora de nosso alcance... pertencem ao outro. A incompetência nunca foi dele, até

porque uma relação não é viabilizada por competência, mas pelo encontro.

Outro episódio que ele menciona é o momento em que eu sofri um acidente de carro, grave, já aos 25 anos. Eu pedi a ele que não fosse me visitar no hospital, pois havia a presença de um namorado, e isso seria confuso para minha mãe. Ele escreve:

Nesse momento eu vi que você não tinha o menor respeito ou consideração por mim e, instantaneamente, tirei você dos meus pensamentos e do meu coração. Essa sua atitude, por incrível que pareça, para mim foi ótima.

Aqui vejo o mesmo ponto. Meu pedido, naquele momento, dizia respeito a mim e não a ele. Era sobre um jovem que ainda estava começando a vivenciar sua sexualidade e temia ser rejeitado. Sempre temi a exposição e queria evitar criar cenas que pudessem ser desconfortáveis para mim, e, principalmente, para minha mãe. Quando sofri meu acidente, minha mãe estava no meio do tratamento contra o cancro pela primeira vez. Eram muitas coisas para ela: um tratamento agressivo com cirurgia, quimioterapia e radioterapia, e, além disso, um filho em um acidente grave, que ainda nos rendeu bons sustos. Não espero que o BemSucedido soubesse de tudo, mas, em um momento de fragilidade como aquele, não era com ele que eu estava preocupado. Não chamaria isso de desrespeito. Era uma questão de prioridades em um momento de vulnerabilidade.

Ele também menciona que me viu, anos depois, em um restaurante em Ipanema com amigos gays.

Ali eu vi que você não era um cara especial como eu achava e que estava no mundo gay que eu frequentei e que você criticava e dizia que nunca iria frequentar. Ali eu vi que éramos iguais, 2

homens gays normais e que nosso término foi um término igual ao de várias relações e não por incompetência minha.

Esse trecho toca em muitas questões. Parece-me que ele teve dificuldade em lidar com suas próprias inseguranças. Eu era apenas eu, com minhas crenças. Nunca me defini como alguém especial. Esta idealização foi dele. Creio que a autoestima é sobre não precisarmos da validação alheia para percebermos nosso valor. O fato de ele precisar desvalorizar minha imagem para sentir-se melhor consigo mesmo me parece um sinal.

O que me surpreende quando leio isto (assim como na carta da Enredada sobre um episódio de bullying na infância) é que mesmo após tanta vivência, a interpretação seja pouco aberta às nuances e subjetividades que compõem a vida e a experiência do outro. Questões tão complexas não cabem em conclusões maniqueístas.

Uma questão interessante é como as confusões e conclusões que tiramos com base em uma imagem moldam as percepções. E aqui também é importante refletir sobre os meus próprios preconceitos. Durante muito tempo, fui preconceituoso em relação ao universo gay masculino do Rio de Janeiro. Ainda carrego muitas questões, especialmente quando penso na geração com a qual convivi — uma realidade completamente distinta do cenário gay atual.

Na verdade, nunca tive um grupo de amigos exclusivamente gays. Sempre considerei desinteressantes os grandes grupos de homens gays, brancos, da zona sul do Rio. Eram majoritariamente heteronormativos (como eu), obcecados por conceitos de beleza e status social. A valorização excessiva do corpo, das grifes, do endereço onde moravam e de seus bens materiais predominava. Raramente demonstravam interesses comuns aos meus. Quando falavam de

viagens ou de arte, era com frases superficiais e clichês, apenas porque dava um status *cool*.

Eu, naquela fase, tinha uma sede imensa de aprender e de trocar ideias, pensamentos e experiências. No entanto, não encontrava na cena gay do Rio interlocutores dispostos a conversar sobre cinema, música, política ou questões socioculturais. O lazer, naquele meio, girava em torno de praia, discotecas gays e bons restaurantes, sem qualquer inclinação para explorar cenas alternativas. Por isso, meus círculos de amizade nunca se formaram com base na sexualidade, mas sim nos interesses compartilhados.

Muitos anos depois, durante meu processo de psicanálise, percebi que esse mesmo perfil existia também entre os héteros brasileiros. Trata-se mais de uma questão sociocultural relacionada à classe média e aos novos ricos do que à orientação sexual em si. O meio hétero em que eu estava inserido não era da classe média alta nem dos novos ricos, e, por isso, essas questões não eram tão evidentes. Músicos, artistas e amigos de infância trabalhavam arduamente para pagar as contas, e nossa diversão era, sobretudo, conversar e estar juntos. Não havia essa busca incessante por status e pelas aparências.

Agora, olhando para trás, entendo que minha raiva e decepção com o comportamento gay estava ligado ao meu desejo de pertencimento a um grupo. Eu queria me identificar, mas aquele grupo não me oferecia nada. Ironicamente, me perguntava: por que não há um bar para gays roqueiros-alternativos? Por que tenho que ouvir Madonna ou Cher? Nem mesmo a *dance music* tinha uma vertente alternativa. Era sempre o pop do pop. Me sentia a minoria não representada, dentro da minoria.

Essas memórias me mostram como eu carregava muitos mais preconceitos na época. Contudo, com o tempo, aprendi a navegar essas diferenças e tive namorados (e tentativas) que faziam parte da cena gay. Eventualmente os acompanhava em alguns encontros. Nunca fiz parte da cena, mas, eventualmente, participei.

Na sequência da carta o BemSucedido escreve um pouco sobre ele:

...vou falar um pouco sobre mim. Virei um empresário reconhecido e respeitado na minha área (estou aposentado mas continuo como sócio majoritário, acompanhando de casa e me reunindo uma vez por mês com meu sócio), estou morando num bom apartamento em Copacabana numa rua atrás da praia, estou saudável e me cuidando, treino com personal mais pela saúde do que pela estética, claro, conheço uns 30 países e os principais locais e capitais do Brasil, estou casado há quase 13 anos num casamento normal, com altos e baixos, mais altos do que baixos, e envelhecendo da forma como sonhei e investi, com saúde e situação financeira estáveis, mesmo sentindo a finitude cada vez chegando mais perto, mas curtindo muito a vida ainda.

O BemSucedido também me enviou mais de 10 fotos dele com o marido (um homem bonito) e alguns amigos. Nas fotos estão sempre em restaurantes bonitos com uma taça de champanhe na mão ou em paisagens internacionais. Ele me pediu uma foto também e eu mandei uma *selfie* feita na hora, dentro de casa, sem muita graça. Falei para ele que poderíamos falar por vídeo que seria mais real do que mandar fotos. E ele me disse que o marido teria ciúmes. Fiquei surpreso novamente.

Gostaria de saber mais sobre suas paixões, dúvidas e pensamentos. O que ele sente? Quais são suas inquietações? Mas o que recebo é uma

lista de realizações materiais. Talvez isso seja isso que o define ou o que ele considera importante compartilhar.

O BemSucedido foi herdeiro de um escritório de contabilidade do pai, com quem trabalhou durante toda a vida, assim como herdou bens. Claro que ele trabalhou, mas partiu à frente de 99% da população brasileira. Penso que muito poucos na classe média-alta têm consciência dos privilégios que possuem. Ele conta os 30 países que conheceu. Não fala sobre eles, apenas os enumera como mais uma prova de sucesso.

Essas nuances sobre como vemos a vida e o que damos importância, no final, é o que une as pessoas. Hoje vejo com muita clareza o quanto éramos diferentes. Mas sou grato ao BemSucedido. Ele foi um excelente primeiro namorado. Deu-me amor, carinho, companheirismo e segurança em um momento em que ainda me descobria. Lamento não ter podido ser melhor para ele. Ainda estava em construção.

Espero que ele continue a encontrar felicidade no formato que busca para si, e guardo comigo a memória de um relacionamento que foi muito importante para mim, apesar de todas as nossas imperfeições.

4.38. O Ponderado

O Ponderado é um amigo de mais de 20 anos, cuja amizade começou através de um anúncio online para formar uma banda. Primeiro veio o Pedro, que logo trouxe o Ponderado, um baterista excepcional. O Ponderado sempre se destacou por sua criatividade musical, inteligência, sensibilidade e vasta cultura. Ele foge completamente do estereótipo do homem homossexual brasileiro.

Acredito que nossa identificação veio pela curiosidade e desejo de explorar. O Ponderado sempre foi generoso e gentil com todos ao seu redor. Ele, assim como os outros membros da banda, vinha da prestigiada Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e possuía padrões estéticos e conceituais que, na época, ainda estavam distantes de mim.

Foi através da banda que meu senso crítico, já presente, ganhou novas dimensões. Aprendi imensamente nas trocas que fazíamos ao discutir absolutamente tudo: detalhes das músicas, letras, capas de álbuns, conceitos visuais e estéticos da banda. Essas experiências deram nova cor e profundidade ao meu olhar. Nesse processo, O Ponderado tornou-se um dos meus amigos mais próximos e de quem mais senti falta quando mudei-me para Portugal.

Passávamos muito tempo juntos: ensaios, idas ao cinema, concertos, almoços e, claro, intermináveis conversas. Durante muitos anos, nos encontrávamos no mínimo uma vez por semana.

Quando comecei este projeto, ele me escreveu um e-mail. Nele, pediu desculpas por não conseguir dedicar o tempo ideal para responder, mas disse que começaria com o e-mail. Ele explicou que escreveria sobre “alguns momentos de nossa convivência, aceitando a imprecisão e a criatividade de minha memória”. A mesma imprecisão e criatividade que minha memória também mostrará.

No e-mail, o Ponderado lembrou um dia em que ele e dois amigos da banda me encontraram na rua acompanhado de um homem, que ele já havia conhecido em outra ocasião. Naquele momento, ele teve um forte *insight* de que aquele homem poderia ser meu namorado. Quando compartilhou essa possibilidade com os

outros amigos, a reação foi uma gargalhada. Eles acharam absolutamente impossível e acabaram o deixando constrangido.

Alguns meses depois, o Ponderado recorda, estávamos todos em uma conversa de bar. Em determinado momento, dentro de um contexto, mencionei que não pensava em ter filhos. Acrescentei que, para gays, ter filhos era uma etapa complicada. Ele comenta:

A maneira como você se expôs ali, finalmente, pegou todos de surpresa, mais do que a revelação em si, foi o fato de que HAVIA ALGO A SER REVELADO. A maneira como segurava a cortina que protegia sua intimidade era muito severa, implacável. Quando você finalmente abriu um pouco dela para seus amigos e companheiros musicais do momento. Pegou-nos desprevenidos. Mas para quem estava atento foi possível experimentar o quanto aquilo pode ter representado para você. O controle da fronteira da intimidade era rígido. Se essa informação passou, foi porque você decidiu que era o momento. Você controlou isso com cuidado. Abriu-se? sim, não há dúvidas, mas fez isso em uma situação bastante controlada. Daí uma primeira realização de todo seu controle sobre a própria vida, e também da fragilidade que esse controle mascara.

Lembro-me que era sempre tenso para mim. Passei toda minha vida em pequenos episódios de “saídas do armário”. Hoje se tem mais consciência sobre o que isso representa e sobre o quanto é antinatural precisarmos falar da nossa sexualidade como um chá de revelação de bebês para que, então, soubéssemos se somos aceitos ou não.

A esta altura, já sabia que aquela turma não teria questões de preconceito, mas, seguia sendo um processo desconfortável. Sempre que o fazia, fazia porque acreditava que aquelas pessoas precisavam

me conhecer integralmente para que a relação seguisse se aprofundando.

O segundo momento que o Ponderado descreve no e-mail é apresentado como algo que talvez eu não lembrasse, mas, curiosamente, lembro-me bem.

Estávamos juntos para fazer trilhos em Itatiaia, e ele contou uma história que havia vivido alguns meses antes, em uma gruta. Segundo ele, um beija-flor o rodeara, como se estivesse avaliando se ele representava perigo. Ao ouvir a narrativa, minha reação, segundo o Ponderado, foi algo cética, algo como: "Sabe que essa história é muito bonitinha, muito legal, mas não dá pra acreditar, né?"

Ele relata que ficou espantado com minha incredulidade. Não conseguia entender como eu, que era capaz de conversar sobre os assuntos mais matizados e sutis, mostrava-me incapaz de me render ao sutil.

No dia seguinte, enquanto seguíamos pelo trilho, um beija-flor realizou exatamente o mesmo procedimento descrito por ele – um reconhecimento cuidadoso – conosco. O Ponderado conta que, ao me confrontar sobre isso, eu dei um sorriso lateral e segui em silêncio, com um ar de cinismo.

Curiosamente, minha memória sobre esse episódio é diferente, ainda que possa estar marcada por edições e ficções próprias. Na minha lembrança, minha reação não era de dúvida sobre a história em si, mas de surpresa com o quanto sua observação era sofisticada e como esse tipo de percepção parecia distante da maior parte das pessoas no cotidiano. Não questionei a veracidade do que ele contava, mas expressei uma opinião de que a história não pareceria crível ao olhar da maioria das pessoas.

No entanto, se a versão dele for a correta, isso apenas reforça, de maneira ainda mais precisa, a importância que O Ponderado teve na minha vida e no meu crescimento pessoal. Eram justamente em situações como essa que ele me surpreendia, me ensinava e me fazia olhar para os fatos do mundo com um olhar menos duro. Esta história, em particular, ficou marcada porque sempre admirei esses detalhes sutis nele, e são essas trocas que enriqueceram a forma como percebo o mundo.

Ele conta:

Era comum vê-lo recorrer a um ceticismo duro que escondia a possibilidade de mudanças radicais. Justo você que ia mostrar como poderíamos mudar radicalmente a realidade, não pela via da pura paixão, isso de se soltar na vida sem paraquedas, mas pela via da realização conquistada, planejada. Claro que é preciso ter coragem de aceitar muito do desconhecido, mas você se jogou nisso com o que tinha de melhor: CAPACIDADE DE REALIZAR.

Todas as pessoas que passam por nós geram mudanças. Lembro-me de um gajo que conheci durante uma viagem ao México. Estivemos conversando por dois ou três dias. Ele não tinha nenhum predicado especial, mas o momento que eu vivia e o seu modo itinerante de vida foram transformadores. Naquele instante, pensei: ‘Eu posso fazer isso.’

No caso do Ponderado, foi muito mais que isso. Não foi um lampejo. Foram anos de convivência intensa, onde meu ceticismo foi testado e contraposto por alguém que admiro.

Muitas pessoas se calam perante o que não concordam. Evitam o debate. Eu nunca fui assim – tenho até uma atração por falar contra.

Se alguém é cético, sou crente. Se alguém é crente, sou cético. Mas o Ponderado vai além. Ele faz o mesmo no sentido de opor ideias, mas é muito mais sofisticado na elaboração de seus argumentos e, o mais importante, infinitamente mais gentil na sua abordagem.

Ainda me vejo sendo bruto, mas com ele e Ana (outra amiga da nossa turma) consegui melhorar e expressar-me de modo mais amável e respeitoso.

Todos os meus amigos, sem exceção, têm algo muito forte que admiro. No meu processo de análise, essa foi uma descoberta importante: entender que minhas relações longas se baseiam na admiração por características que são fundamentais para mim. Se isso não existir, a relação não dura muito.

E, dentro dessas pessoas, diria que o Ponderado foi quem mais me gerou movimento interno. Com quem mais aprendi. Acho que não é exagero dizer que administro algum grau de crise afetiva pela distância e pelo afastamento que os anos geraram. Passar de uma convivência tão intensa para mensagens ocasionais e apenas três visitas ao Brasil em nove anos provoca uma perda inevitável, com a qual ainda não descobri como me relacionar.

No áudio de cerca de 30 minutos, o Ponderado reflete sobre o pedido que fiz e menciona que isso o levou a passar um bom tempo em minha companhia, revisitando memórias. Ele questiona como seria possível produzir algo que representasse minha existência de forma significativa. Para isso, decidiu evitar traços muito evidentes das minhas características, optando por uma abordagem mais fragmentada: pequenos recortes, uma colagem de fatos e identidades.

O Ponderado inicia destacando sua vontade de ter mais tempo para trabalhar na entrega, mas priorizou atender ao prazo que pedi. Ele

aproveita essa observação para comentar sobre meu pragmatismo, caracterizado por uma constante preocupação com prazos, regras e obrigações. Ele aponta que essa característica contrasta imensamente com a liberdade com que escolho viver minha vida, embora ele reconheça que as contradições fazem parte de todos nós.

Um aspecto que sempre o impressionou é minha capacidade de realização e, pelo que me recordo, o Ponderado foi a primeira pessoa a verbalizar isso e a mencionar com alguma frequência durante nosso convívio. Foi através dele que passei a ter consciência desta característica (no sentido de conseguir nomear). Alguém que idealiza, planeja e realiza, é algo que ele considera marcante.

Algo que o intriga em minha produção é a relação com o outro (alteridade). o Ponderado observa que meu desejo de criação artística — seja na música, na fotografia ou como artista contemporâneo — sempre esteve atravessado pela necessidade de incluir o outro. Ele vê isso como uma necessidade de descentrar de mim. Ao mesmo tempo, que isso contrasta com a autonomia e independência com que sempre vivi minha vida, tendo inclusive, aspectos bastante reservados.

Para ele, minha produção não se fecha em mim; ela convoca, envolve e coexiste com outras sensibilidades.

Ele recorda uma fase da banda em que mencionei não querer continuar caso não fosse possível nos apresentarmos ao vivo e explorarmos novas dimensões em grupo. Eu reivindicava mais presença de outros. Mesmo em trabalhos solo, como os que desenvolvi já em Portugal, ele percebe a busca pela participação do outro. Para ele, isso reflete um movimento constante de descentralização em direção à multiplicidade.

O Ponderado sempre teve um olhar atento, curioso e carinhoso. Foi, desde sempre, o amigo que trazia perspectivas ou aspectos que eu nunca havia percebido. E continua sendo assim. É claro que tenho plena consciência desse meu comportamento no processo criativo — esse desejo constante de convidar pessoas para integrar meus trabalhos ou de criar em colaboração. Mas nunca havia identificado isso de maneira tão transversal, abrangendo todo o meu trabalho.

Passei muitos anos — na verdade, a maior parte deles — sem entender bem sobre o que tratava meu trabalho, tão difuso em suas diversas vertentes. O Ponderado, com sua cuidadosa elaboração, me oferece como presente algo que sempre esteve no cerne do meu projeto, desde sua concepção. Mais do que mostrar que a alteridade faz parte do meu trabalho, ele me faz perceber que não preciso criar grandes métodos de transdução. O que eu procuro como método sempre esteve presente no que faço.

O Ponderado identifica um equilíbrio dinâmico no meu trabalho entre centralização e instabilidade. Ele observa que, mesmo quando coloco o foco em mim, faço isso como uma forma de encontrar o outro. Como exemplo, ele menciona este projeto final do mestrado, em que peço que os outros revelem quem sou a partir de suas próprias sensibilidades. Ou seja, um modo de trazer o outro para dentro do trabalho.

Essa perspectiva o leva a apontar algo que fez muito sentido quando li: que, para mim, a criação parece indistinguível da conexão. Talvez aqui resida algo central na minha história. É impossível dizer que uma coisa conduz a outra, afinal, os caminhos não se constroem de forma previsível. Mas o fato é que nunca me senti seguro nos ambientes de

escola, universidade ou trabalho. Carregava a sexualidade como um segredo e entendia que precisava me proteger.

O meio musical em que entrei inicialmente — o rock mais pesado, o alternativo — ainda era um ambiente predominantemente masculino, com graus evidentes de homofobia. No entanto, ao adentrar o universo da fotografia, das artes visuais e performativas, percebi que o ambiente da arte era meu local seguro. E também na música percebi que havia este espaço seguro. Que apesar de em algumas cenas haver um certo grau de conservadorismo, existia uma outra cena ainda maior onde a diversidade estava presente.

A grande maioria dos amigos que fiz na fase adulta veio das artes. Foi em um grupo sobre fotografia analógica no *Yahoo Groups* que, pela primeira vez, quando nos encontramos pessoalmente, senti-me à vontade para dizer que tinha um namorado. Quando cheguei a Portugal, foi através da música que fiz meus primeiros amigos em Lisboa (David e O Narrador). Da mesma forma, os coros e o ensemble de percussão me levaram a novas amizades no Porto, algo que continua a se expandir na ESMAE.

Assim, torna-se evidente para mim que estar na arte foi o que me permitiu conectar-me a outros de forma integral, sem precisar separar a sexualidade ou outras questões.

Ao falar sobre minha mudança para Portugal, ele menciona minha adaptação às novas circunstâncias sem perder de vista a busca por conexões, citando meu duo Indie-Folk como exemplo. Para ele "buscar-me através do olhar do outro" é um tema central no meu processo criativo e no meu trabalho.

O Ponderado faz uma pausa, admitindo sentir-se envergonhado por acreditar ter falado muito para dizer tão pouco. Ele comenta que

a entrega dele talvez não reflita a intensidade com que mergulhou nas memórias e diz que de algum modo nosso distanciamento potencializou essa imersão.

Essa é mais uma das características do Ponderado: a modéstia. Ele sempre acha que faz pouco, mas sua outra grande característica, a generosidade, faz com que ele ofereça muito ao outro. O que ele julga como pouco é, para mim, algo extremamente representativo. Representando aqui o “olhar do outro”, ele conseguiu apontar algo em mim mesmo que eu precisava reconhecer e validar.

E não há nada como ouvir de alguém que admiro e respeito — crítica e pessoalmente — uma leitura sobre meu trabalho que o alinha, de forma tão imediata, às diretrizes que tenho buscado nesta pesquisa.

Por fim, o Ponderado reflete sobre a experiência formadora que tivemos no Electric Goat⁸² (nossa banda por mais de 10 anos). Ele destaca a importância de lidarmos com a sensibilidade do outro durante o processo criativo, resultando em algo inesperado até mesmo para nós, os criadores. Ele espera que a contribuição que enviou contenha, além do que eu esperava, elementos que me surpreendam capazes de gerar resultados inesperados e estimulantes.

4.39. A Parceira

A Parceira trabalhou comigo em uma empresa de telecomunicações, onde foi minha estagiária. Ela conta que nos conhecemos em uma fase muito importante da vida dela: o início de sua trajetória profissional. Fui seu segundo chefe e, segundo suas palavras, uma referência significativa em sua vida profissional.

82 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

Ela lembra que formávamos uma dupla de trabalho muito boa, admirando meu empenho e a forma como eu gerenciava nossas atividades. No dia a dia, trocávamos histórias pessoais e confidências. A Parceira recorda, com certo humor, que eu tinha uma "namorada misteriosa" no interior de São Paulo — que, na verdade, era o Sereno — e que, às sextas-feiras, eu sempre saía direto do trabalho para pegar o autocarro para São Paulo. Ela achava interessante como, além das responsabilidades profissionais, eu ainda mantinha esse compromisso de viajar para estar com minha "namorada" e, ao mesmo tempo, tocava outros projetos, como a banda.

Ela comenta que, mesmo após nos separarmos profissionalmente, continuamos a nos encontrar de tempos em tempos, sempre com muito carinho. A Parceira menciona, em especial, um encontro quando ela já morava em Brasília, em que saímos para tomar uma cerveja e eu contei para ela que era gay. Para ela, esse momento foi um divisor de águas. Ela percebeu várias coisas naquele instante: embora me visse agindo de forma reservada com quase todos no trabalho, nossa convivência era muito diferente e mais aberta. Ela me descreve como muito generoso com ela nas trocas que tínhamos.

Percebo perfeitamente o que a Parceira fala sobre o momento em que me abri para ela. Olhando hoje, penso que deveria ser muito claro para qualquer bom observador que havia algo que não dialogava entre o modo como eu era e a minha aparência profissional. Mas, através disso, fica evidente que o preconceito e o não tratamento do tema eram tão grandes que as pessoas sequer consideravam a possibilidade. Teria sido muito mais fácil para mim se alguém um dia tivesse, respeitosamente, me perguntado, ao invés de eu ter que falar. Creio

que esta é uma ideia já muito explorada: ninguém deveria precisar anunciar sua sexualidade, apenas vivê-la.

Acho que o fato de, anos depois, ter contado para a Parceira que era gay mostra um padrão que tive: quando decidia contar para alguém, era pelo desejo de tê-la próxima de mim, de poder compartilhar mais momentos. Era um modo de dizer que confio para me abrir, mas também para estarmos juntos mais vezes. Talvez quem nunca passou por isso não associe a quantidade de vezes que tive que negar encontros, festas e saídas porque não sabia como dizer que era gay e não me sentia à vontade para levar meu namorado. Tudo isso tem um impacto enorme ao longo da vida.

A Parceira relembra nossa convivência como algo leve, cheio de brincadeiras e muito respeito. Ela descreve essa relação como uma experiência “muito gostosa de se viver”, que guarda com carinho até hoje.

Com o passar do tempo, a vida seguiu seu curso. Casamento, filhos e mudanças para outras cidades nos afastaram, em meio à correria do cotidiano. Mas ela lembra que, sempre que nos encontramos, a conexão permanece com a mesma intimidade e carinho de antes. Eu carrego esta mesma sensação. Tenho um carinho imenso e adoro as poucas chances que temos para estarmos juntos.

A Parceira era uma menina (e hoje uma mulher, linda) que havia sido criada com o pai e mais 3 irmãos. Talvez por isso, apesar de toda sua feminilidade, ela tinha um funcionamento que combinava mais comigo. É direta e não se ofende com conversas francas. Sempre foi muito inteligente (outra característica que me atrai), competente e proativa. Sempre brinquei que se fosse atraído por mulheres, a

Parceira seria o tipo de mulher que me interessaria. É uma amiga muito querida que lamento não conseguir estar junto mais vezes.

4.40. A Densa

A Densa conta como me conheceu e suas primeiras impressões:

Conheci o zé na ESMAE. Foi talvez das primeiras pessoas com quem tive uma conversa por lá. Das únicas que não deixou que a vergonha bloqueasse a nossa interação e se mostrou disponível para uma troca de palavras... Ao longo dos dias em que nos cruzamos percebi que o Zé era extremamente divertido e lidava muito bem com as boquinhas que lhe eram direcionadas, mas também extremamente sério e correto em relação à disciplina e trabalho. Sabe chamar a atenção dos outros, mesmo que seja uma coisa que possa causar desconforto.

A Densa toca em algumas diferenças culturais entre brasileiros e portugueses. A primeira é uma diferença entre a expansividade brasileira e a aura reclusa que os portugueses carregam (falo de uma maioria que alimenta um estereótipo). Falam pouco e, muitas vezes, mal respondem a um desconhecido. Demorei alguns meses para conseguir criar relações com meus colegas de turma e tive a mesma experiência em quase todos os cursos que frequentei em Portugal.

Lembro-me que, em outro curso que fiz, saí da aula e, a caminho da paragem do autocarro, puxei conversa com um menino da turma. Fomos conversando longamente até o ponto do autocarro. Pensei que tinha feito um colega. Na manhã seguinte, desço do autocarro, o vejo, ele me olha e segue adiante, calado. Achei, digamos, pouco amistoso. Onde trabalhei também sentia algo parecido.

O ritmo para criar uma relação em Portugal é bem mais lento. Demanda tempo, dedicação e iniciativa. De um modo geral (claro que

existem exceções), não os vejo tomando a postura proativa de chegar-se ao outro.

Depois, ela menciona minha característica de ser ao mesmo tempo divertido e sério — uma contradição que já surgiu em outras cartas. Como mencionei na carta da Observadora, embora muitas pessoas percebam outras qualidades em mim, como generosidade e escuta, são apenas algumas mais atentas que conseguem perceber o papel fundamental do meu humor. E Densa foi uma delas.

Quando ela menciona que eu “chamo a atenção do outro, mesmo que isso possa causar desconforto”, confirmo o quanto sou transparente. Não consigo me abster de mostrar que existem outras tantas variáveis e perspectivas a considerar. Se acho alguma colocação injusta, me posiciono. Sei que, muitas vezes, seria mais fácil e popular ficar em silêncio, mas acredito que são essas trocas e confrontos que possibilitam o crescimento. Em nossa turma, vivenciamos algumas situações assim. Com respeito, conseguimos chegar a conclusões enriquecedoras. Vejo essas conversas como uma forma de aprofundar as relações e acredito que mostrar como pensamos e vemos o mundo é, além de sincero, relevante.

Depois ela conta sobre um dia em que saímos juntos para conversar:

Este foi o momento em que através da partilha descobri um porto seguro para as minhas inseguranças. Às vezes estou com o zé e penso que ele não tem a idade que tem, que é bem mais jovem, outras entendo logo a nossa diferença de idades, mas por um bom motivo. Ele é capaz de colocar questões que me deixam a pensar eternamente. Tem opiniões sabidas, tem experiência de vida.

É gratificante saber que a sinceridade e a frontalidade podem criar um espaço seguro. Isso nos permite saber exatamente onde estamos e com quem estamos, tornando mais fácil sermos nós.

Recentemente, comecei a lidar com questões relacionadas à idade. Até os 50 anos, eu me sentia com 35, e meu corpo refletia isso. Porém, começam a aparecer os sinais do tempo, com questões de saúde e limitações. Esse contato direto com a finitude — não foi o primeiro, mas continua a ser profundo — me traz uma sensação que oscila entre ansiedade e urgência.

Sinto-me especialmente estimulado por amigos mais jovens, que parecem manter minha curiosidade viva e o contato com o novo. Ao mesmo tempo, reconheço como a maturidade tem me ajudado a me relacionar melhor com muitas questões, especialmente com as relações humanas. Percebo as muitas vantagens da minha experiência de vida e, mais do que isso, admiro-me por conseguir preservar meu espírito de busca e a curiosidade, sempre criando novas perguntas e desejos.

Densa faz uma imagem linda:

Demo-nos essa liberdade, de entrar pelas portas e janelas adentro um do outro. Foi e é (quando assim a vida o permite) meu confidente em assuntos íntimos, e por isso lhe agradeço ser bom ouvinte. Sempre muito curioso e com vontade de fazer coisas.

É muito bom sentir essas trocas.

A Densa é uma pessoa que admiro. Ela fazia apenas uma cadeira a cada semestre, mas capturou minha atenção de imediato. Reconheci nela muitas características que prezo. A Densa, como eu, valoriza o contato e é direta. Fala com os outros de maneira respeitosa, mas

sempre de forma transparente. Externa suas insatisfações e dúvidas com clareza. Ela é muito inteligente e perspicaz. Rapidamente se aprofunda nos temas e consegue extrair significados carregados de um olhar muito próprio.

Adoro trabalhar com ela. Para Densa, tudo precisa ter justificativa e, embora nem tudo precise ser justificado, é justamente nesse exercício de aprofundamento que nos desenvolvemos e criamos raízes e conexões.

Também vejo nela a ansiedade por fazer mais e mais, sempre com qualidade, mesmo que reconheça que se sobrecarrega com estas demandas. Nisso também nos parecemos muito. Envolve-me constantemente com novos projetos e, por vezes, me vejo cansado e assoberbado com coisas que eu mesmo gerei. Isso é algo que, principalmente depois da leitura de Byung-Chul Han, passei a ficar mais atento para melhor administrar minha ansiedade.

Durante a vida, nossas exigências se ajustam. Muitas vivências e perdas nos ensinam o que é verdadeiramente essencial e importante. De fato, com o tempo, tendemos a tornar-nos menos duros com os outros e, principalmente, conosco.

4.41 - O MaisQueTudo

O MaisQueTudo é meu atual relacionamento. “Mais que tudo” é uma expressão portuguesa usada para os companheiros e acho-a muito dócil (apesar da carga de idealização romântica). Desde que ele usou este termo pela primeira vez para se referir a mim, adotamos como um codinome carinhoso. Estamos juntos há quase sete anos. Ele tem muitas semelhanças com o Sereno no seu jeito de ser e na forma como se relaciona comigo. É uma pessoa de lida fácil: calmo, bem-humorado e generoso. Temos uma relação excelente, e não me lembro

de ter vivido outra onde, após tanto tempo, tudo pareça ainda tão fresco e equilibrado.

Acho importante destacar que esse equilíbrio é resultado de muitas variáveis. Nenhum de nós é perfeito ou se encaixa perfeitamente ao outro. O que sustentamos, além de um amor forte, é uma vivência e uma maturidade que nos permite reconhecer o quão bom e especial nosso encontro pode ser. Perante isso, temos investido no cuidado e no trabalho que uma relação demanda e merece, sem abrir mão de nossa individualidade.

Por sermos tão íntimos e ele me conhecer tão bem, sei que o MaisQueTudo ficará à vontade para falar sobre mim. Justamente por isso, sinto-me compelido a refletir sobre tudo que escreveu e reagir com atenção.

Ele começa por descrever seus pensamentos sobre o momento em que nos conhecemos:

...ora aqui está um homem, forte, entroncado e alto, exalando firmeza, mas que, ao mesmo tempo, revelou uma sensibilidade objetiva e não postiça...acerca de ti, o que logo me impressionou foi a tua dedicação com membros da tua família mais velhos, neste caso, a tua Mãe e a tua Avó.

Como para tantas outras pessoas, a questão da família aparece como algo marcante. Já mencionei em diversas cartas o quanto isso me surpreende e me faz refletir. Será que há algo na minha imagem — a voz grossa, o jeito direto, as tatuagens, talvez — que contribui para essa surpresa? Não sei ao certo. Mas acredito que, nesse ponto, também se revela uma questão estrutural: o machismo.

O MaisQueTudo nomeou algo que muitos deixam implícito: a surpresa de ver um homem assumir um papel de cuidado que, social

e culturalmente, é historicamente associado às mulheres. Isso não apareceu de forma tão explícita em nenhuma outra carta, mas, provavelmente, permeou as percepções de surpresa.

Ele segue dizendo que:

No início, sempre que ia ter contigo, notava que tu tinhas uma forma de ser e de te apresentares muito controlado, pausado e pensado. Já aí analisavas tudo e tentavas também analisar-me, sem que eu, no início, me apercebesse disso.

Quando ele me diz que pareço ser “muito controlado” fiquei a pensar. Tenho a tendência a me posicionar de forma muito clara e rápida, emitindo opiniões que nem sempre são solicitadas. Dificilmente guardo um pensamento para mim e isso me parece ser uma componente clara de espontaneidade. Por outro lado, tudo que já descrevi sobre como sempre controlei minha imagem talvez siga presente. Intuitivamente, o MaisQueTudo deve ter conseguido ler nas entrelinhas.

Era raro chegares aos nossos encontros com aquela alegria esfuziante e pontuada com piadas sonoras, tão característico de grande parte do povo Brasileiro.

Tenho plena consciência de que não correspondo ao estereótipo de brasileiro, tampouco ao de carioca. Em muitas dessas características, confesso que até me orgulho de não me enquadrar. Mas não neste caso. Quem me conhece sabe do meu humor, sabe que gosto de rir e me divertir com muitas coisas. Porém, não possuo essa alegria esfuziante. Mesmo quando algo me agrada muito, minha reação se manifesta pelas palavras, e não por gargalhadas ou por um comportamento de corpo alegre.

Como mencionei anteriormente, penso que isso está diretamente ligado à questão que começou na minha infância: a necessidade de parecer mais sério para evitar que minha sexualidade fosse questionada. Hoje, quando esse traço é apontado, consigo materializar o impacto de todo esse processo em mim — algo que, por boa parte da minha vida, passou despercebido.

...Mas, para ti, não. Já nessa altura, e depois ao longo da nossa amizade que se transformou num enorme amor, tu tiravas conclusões apressadas sobre aparências ou sobre comportamentos que as pessoas ao teu redor apresentavam. É uma das tuas características, muito tuas, que ainda continuas a demonstrar.

Em certas situações, não muitas, parece que ficaste formatado por muitos anos de Brasil e pela sua cultura intrínseca que eu não conhecia de todo, e que é muito forte em papéis, estereótipos e em ideias preconcebidas. Se a pessoa se veste assim, então ela é caracterizada por ser isto e aquilo. Se alguém se comportou desta forma, e pode ter sido uma só vez, então é porque ela terá tais características de personalidade.

Essa faceta tua mantém-se até hoje, e eu agora acho-lhe graça. Na altura achei um pouco excessivo e desconcertante e ... mais ainda, para uma pessoa que, logo me apercebi, era burilada e sofisticada intelectualmente.

Aqui posso abordar diversas questões: a diferença cultural entre Brasil e Portugal, a diferença entre classes sociais (alta e média) e um dos meus grandes defeitos, que é carregar preconceitos que me deixam rapidamente em estado de alerta.

Essa questão envolve tanto aspectos conscientes quanto inconscientes. Nas conversas que tivemos sobre isso (e também na minha observação cotidiana dos portugueses), percebi que os códigos culturais aqui são outros, assim como o próprio conceito de conservadorismo. O MaisQueTudo atende parcialmente a esse perfil, mas ser conservador em Portugal tem um significado diferente de sê-lo no Brasil. Por mais óbvio que isso pareça, existe uma diferença enorme entre saber algo racionalmente e sentir e vivenciar isso na prática.

Falando da minha vivência no Sudeste do Brasil, posso dizer que o MaisQueTudo está correto em sua observação. Por lá, o modo de vestir sempre forneceu muitas pistas sobre como as pessoas queriam ser vistas, embora isso nem sempre correspondesse à realidade. Minha geração cresceu sob o conceito de tribos urbanas. Uma pessoa com moicano era automaticamente identificada como punk; uma pessoa tatuada era de um cenário alternativo. Esses estereótipos estavam muito presentes. Não era comum, por exemplo, encontrar alguém com moicano, tatuado, que escutasse música sertaneja. Hoje, porém, isso mudou completamente: existem milhares de pessoas assim, que ainda podem ser evangélicas e jogadores de futebol.

Essa apropriação capitalista, que transforma absolutamente tudo em produto ou moda, sempre existiu, mas forja em cada geração determinados códigos. O que vestimos, ouvimos e como nos apresentamos pode carregar mensagens que, muitas vezes, só fazem sentido no contexto de uma época.

Eu o incentivei para vestir-se de modo mais informal: T-shirts, calça de ganga, sapatilhas esportivas. Ele não demorou a ceder. Logo recebeu elogios da família e de amigos, que notaram a mudança e

comentaram que ele parecia mais jovial. Paralelamente, isto mexe com outra questão que também me faz bem. Sentir que minha presença gera movimento no outro. O exemplo da roupa é bobo, mas há outros como o incentivo à pintura. E sempre vibro quando noto que consigo incentivar o outro a explorar novos lugares. Acredito muito que este movimento mantém a vida mais colorida e interessante.

O MaisQueTudo usa essa questão das roupas para abordar uma característica minha: a tendência às avaliações precipitadas. Mas eu não enxergo minhas avaliações como sentenças definitivas. Trata-se de uma primeira impressão e creio que isso, todos nós fazemos. Cada um com seus quesitos. É muito comum que eu comente, por exemplo, se achei uma fala preconceituosa ou um gesto pouco atencioso. Creio que ele vê nisso um julgamento final. Para mim é um apontamento. Como ele mesmo apontou no início, analiso tudo constantemente. É o meu funcionamento e pode ser bastante cansativo, mas, como tudo, tem vantagens e desvantagens.

Passei a ver-te como um esteio, forte e sólido que os ventos agrestes da vida não podiam facilmente derrubar. Muito autónomo, sempre seguro no que dizia e em tudo o que exprimia e não perdoando quando eu me revelava mais espontaneamente, sem ter pensado bem no que verbalizava. Essas características conviviam, contudo, com atitudes mais cândidas e sensíveis que mostravam uma necessidade tua, muito forte, de carinho, sentida e expressa, sem rebuços nem contenções da tua parte. Mais para a frente, quando te vi chorar pela primeira vez, e já não me lembro qual a razão, senti também a tua fragilidade e necessidade de um ombro e de um apoio. Todos temos, claro,

essas necessidades, mas em ti demonstraram uma transparência e uma sinceridade que me sensibilizaram.

Lembro-me especialmente de um curto período em que discutimos questões de identidade e gênero, e, por vezes, o clima esquentava. Não perco o equilíbrio durante discussões. Não grito nem tenho reações extremadas, mas minhas falas podem se tornar duras e agressivas. Creio que é a este período que o MaisQueTudo se refere quando fala sobre eu cair em cima dele. Ou talvez também seja o tal compromisso com a palavra relatado pelo Impulsivo. Refletindo sobre isso, vejo que tenho cada vez mais consciência dos impactos da sexualidade na construção de quem sou. Isso me permite ser bastante empático com as questões de identidade e gênero, e talvez o que hoje eu defenda com mais veemência seja um ato como se falasse com meu eu do passado — aquele que achava que ser gay não precisa ser afeminado. Como se eu quisesse acordá-lo, como quem diz (de uma posição reconhecidamente presunçosa): Eu vivi essas questões, sei do que se trata, me escute.

Sensibilizo-me, muitas vezes. Não sei precisar o momento exato, mas, considerando nossa memória como ficção, diria que foi a partir da doença terminal da minha mãe que me tornei mais sensível aos aspectos humanos da dor. Encontro-me, frequentemente, genuinamente entristecido diante de tragédias e injustiças. Me coloco no lugar do outro em suas dores. Imagino-me passando por aquilo e dimensiono o quão difícil seria para mim. Sinto aquela dor. Por vezes, acredito que tenho uma empatia exagerada e percebo que aproprio-me, sobretudo, das dores.

Curiosamente, essa mesma empatia não se estende da mesma forma à felicidade. Gosto de ver amigos e outras pessoas bem, mas não

sinto a felicidade deles como sinto a dor. O impacto da dor parece ser maior e mais visceral. Uma forma de sentir que não escolhi, mas que carrego.

Ele segue para me contradizer: “...Ou seja, o facto de seres controlador, parece que te impede de te colocares nos sapatos do outro, de sentires o que eles estão a sentir.”

Reconheço que sou controlador. Sempre estive cercado por pessoas controladoras — tanto na família quanto em relacionamentos, e é através delas que consigo perceber o quanto isso pode ser ruim e cansativo. Tenho consciência desse aspecto em mim. Contudo, acredito que alguns dos nossos defeitos são estruturantes. Fazem parte da nossa formação, e o melhor que conseguimos é reconhecê-los e passar a vida a tentar reduzir seu impacto negativo.

Desde criança, e partindo especialmente da questão da sexualidade, desenvolvi o hábito de controlar tudo ao meu redor como uma forma de autoproteção. Mas como se faz para deixar de ser controlador? Acho que é este o trabalho que faço em meu processo psicanalítico mais recente, principalmente para me relacionar com as questões ligadas à idade, à saúde e à finitude. Nenhuma delas sob nosso controlo. O próprio processo de envelhecimento e o contacto com a finitude me oferecerão melhores ferramentas para lidar com isso. Ainda assim, não espero milagres, mas sim um longo e contínuo caminho de desconstrução e reconstrução.

Talvez o MaisQueTudo tenha apresentado uma visão muito recortada dos momentos em que sou controlador e tenha estabelecido uma relação maior na qual certamente não me reconheço. Quando ele aponta: “parece que te impede de te colocares nos sapatos do outro, de sentires o que eles estão a sentir”, minha única leitura é a de um ser

nada empático. Não me vejo assim e creio que ele concorda comigo. Isso, no entanto, não invalida o fato de que, nos momentos em que sou controlador — e creio que isso se aplica mais ao dia-a-dia e às trivialidades do cotidiano (não menos importantes) — acabo, sim, por ignorar o desejo e o pensamento do outro.

Só consigo ver o mundo com os meus olhos e pensar com a minha cabeça. Por mais que eu me esforce para me colocar no lugar do outro, essa tentativa será sempre mediada pelo meu próprio modo de enxergar e funcionar. Parece-me uma limitação universal e percebo que deveria ser mais sensível e respeitoso ao espaço do outro. Comumente, como exemplifica o Diplomata em sua carta, as pessoas pensam coisas e não falam. Reconhecem apenas que pensam diferente. Eu tenho a sensação de que minha intervenção pode sempre ajudar. Oferecer um ponto de vista ou um questionamento que pode enriquecer e exercitar o olhar do outro. Nem sempre reconheço que posso apenas estar, ouvir e guardar meus pensamentos. Em minha defesa, digo que, espero que as pessoas falem para mim seus pensamentos, sabendo que isso não me ofenderia.

Abordas, muitas vezes, os assuntos e os problemas que os outros te trazem, já com a solução praticamente pensada e elaborada e apresentas a mesma, sem muitas vezes lhes fazer perguntas, nem tentando saber o porquê de eles pensarem dessa forma e não de outra.

A componente pragmática é muito forte em mim, e frequentemente sinto que minha forma de ajudar está na construção de possibilidades e cenários, para além de simplesmente escutar. Reconheço isso como parte da minha maneira de oferecer suporte. De certa forma, como já disseram Amélia de Beauvoir, A Doce Leoa e

outras pessoas, quando me procuram, é porque sabem que encontrarão esse tipo de troca. Percebo o que ele aponta, mas não vejo essa abordagem como algo necessariamente negativo. Cada um ajuda com o que pode oferecer.

Nas muitas cartas que recebi, há um consenso sobre eu ser um amigo que pergunta, que se interessa. Talvez, no contexto específico da nossa relação, eu me intrometa sem maiores cuidados. Será isso? Vou perguntar-lhe.

O facto de seres muito controlador e pensado não impede, contudo, que tenhas um sentido de humor afinado e inteligente e são esses os momentos em que eu te sinto mais relaxado e menos preocupado com o discurso.

Afinal, já não são tão poucas as pessoas que mencionam o meu senso de humor, e é verdade que o humor exige algum grau de intimidade. Parece-me uma boa reflexão. Ao decidir ser mais sério durante a infância na tentativa de me proteger, posso ter deixado o humor reservado às relações próximas, onde há intimidade e confiança. Talvez, nesses espaços, ele se manifeste de forma mais evidente e natural.

Sempre me intrigou como, alguém como tu e com essas características, de consegues avaliar tão bem um ser humano, se fica muitas vezes pela primeira impressão que o conhecimento de outrem te provoca. Parece, da tua parte, uma atitude simplista e que revela pouco interesse em conhecer verdadeiramente quem tens pela frente: “Vota no Bolsonaro” ... e já está no index; “Gosta de tal música”, e já dificilmente será uma pessoa com interesse.

Sorri ao ler essa parte. Quem de nós não carrega seus preconceitos e contradições? Posso até brincar com algumas questões, como o gosto musical, por exemplo. Como o Agradecido mencionou em sua carta, sabemos que discordamos completamente no aspecto musical. Ainda assim, isso não me impede de vê-lo como alguém interessante. Já quando se trata de *Bolsonarismo* ou *André Venturismos*, entramos em uma esfera muito mais complexa. Consigo compreender o que pode levar algumas pessoas a votar em figuras assim, mas não consigo ignorar o peso de certos discursos. Esse é um limite meu, algo que tento não deixar resultar em atitudes excludentes, mas que, inevitavelmente, me impacta negativamente.

E a impaciência, ah! a impaciência. Essa é uma característica tua, que tu bem conheces, que controlas pouco e que não sentes muita necessidade em controlar.

Sim, tenho tentado ajustá-la. É uma batalha difícil. O MaisQueTudo tem me ajudado a perceber com mais clareza e me deixado mais atento ao quanto essa característica me afeta. Volta aqui o peso da nossa construção, do ambiente em que cresci, das cobranças e do funcionamento de uma sociedade voltada para a produção. O ritmo do Brasil é muito mais veloz do que o de Portugal. Seguimos os padrões estadunidenses. Queremos tudo rápido. Mas ando mesmo atento a isso. Acabei por ler uma série de livros de Byung-Chul Han (principalmente *Vita Contemplativa*⁸³, *Sociedade do Cansaço* e *O Desaparecimento dos Rituais*) que tem me ajudado a perceber as questões no próprio comportamento contemporâneo.

83 Han, B.-C. (2023). *Vita Contemplativa ou Sobre a Inatividade*. (L. Machado, Trad.). Petrópolis: Vozes.

A tua cabeça não para e, talvez por isso, a tua maneira de ser e as características que tu apresentas como ser social e humano, sejam aquilo que são... Teres criado vários Zés dentro de ti para poderes enfrentar o mundo, o trabalho e os amigos, tem forçosamente, como consequências inevitáveis, creio eu, um certo fechamento sobre si próprio e uma certa dificuldade em se abrir para os outros. “Tenho que aguentar e lutar porque só me tenho a mim”, poderia ser uma descrição daquilo que tento exprimir para te caracterizar. Talvez por isso raramente te queixas ou te lamentas dos teus estados de alma, e somente o fazes sobre questões do foro físico ou de saúde.

Quando te sentes mal ou triste, ficas macambúzio, não falas, e ficas à espera que o outro vá ao teu encontro. Precisas de mimo e atenção. Muito mimo e muita atenção. E eu delicio-me que isso aconteça comigo. Ter alguém que me deseja dessa forma, e com tanta constância é um privilégio raro e que eu amo. Muito. Como te amo a ti.

Fiquei tocado por esses parágrafos. A dinâmica de qualquer tipo de relacionamento, seja familiar, amizade ou companheirismo, traz consigo uma série de nuances. No meu caso, percebo que talvez tenha sido no relacionamento que escolhi me permitir estar mais vulnerável, em contraste com o que muitos apontam: uma aparência mais fechada. Ser fechado nunca foi uma característica apontada por meus namorados, o que me leva a refletir sobre como o relacionamento se torna uma espécie de refúgio onde me permito ser mais eu, em toda a minha complexidade.

Ao refletir sobre minha trajetória de relacionamentos, vejo que desde os 22 anos, nunca passei muito mais de um ano solteiro e isso

talvez evidencia que os relacionamentos tenham sido meu espaço de aceitação plena e muito importantes para que eu pudesse ter todas as minhas facetas sempre presentes.

Ele encerra, assim como eu, em pura reciprocidade. É um amor muito gostoso de se ter.

4.42. O Narrador

Farei aqui um pequeno resumo do meu momento quando conheci o Narrador. Isso contextualiza e demonstra a urgência de minha parte em criar projetos e conexões.

No final de 2018, o Real (moeda brasileira) se desvalorizou imensamente em relação ao Euro, e o mercado imobiliário no Brasil entrou em crise. Minha principal fonte de renda (meu apartamento arrendado no Rio de Janeiro) despencou. Em 2016, o euro custava 3,40, e em 2020, 6,60. Desesperei-me e voltei a procurar emprego numa área que não desejava, mas que tinha currículo.

Estava vivendo em Braga nessa altura, havia editado meu disco instrumental solo (*Shoreline Tales*⁸⁴), mas não havia perspectivas no ramo da música ou das artes. Havia me oferecido para trabalhar no conservatório de Braga para obter uma bolsa e tentei candidatar-me ao GNRation (um polo cultural), mas não consegui nada. Minhas opções eram trabalhar em restaurantes (e ganhar pouco) ou voltar à minha área de expertise, com salários melhores. Esta foi minha opção. Tentava, mas não conseguia nada pela região Norte.

No final de 2018, através da indicação de um amigo (o Sensato) enviei meu currículo, fiz entrevistas e fui contratado como diretor

84 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

financeiro de uma empresa recém-adquirida por investidores brasileiros. Regressei então a Lisboa para trabalhar.

Apesar de a decisão me trazer mais segurança financeira, o impacto foi imenso. Havia deixado para trás uma vida corporativa, mudado de país, e de repente me vi novamente preso em uma rotina de escritório, com as mesmas oito horas por dia. Para dar sentido a isso, sabia que precisava me envolver com algo que realmente me encantasse. Foi então que comecei a buscar ativamente uma banda. Através de um conhecido, conheci David, que estava criando um projeto de Post-Rock. Iniciamos, então, a banda que hoje se chama Alcatune. Após alguns meses de ensaio, percebi que o caminho sonoro não era o que eu esperava e resolvi deixar a banda. Pouco tempo depois, David me escreveu sobre um amigo que estava procurando alguém para colaborar. Esse amigo era o Narrador. Estávamos no início de 2019 (por volta de abril ou maio), marcamos um encontro, e aqui começa a história dele.

Lembro-me muito bem da primeira vez que estivemos juntos no Jardim da Estrela a falar sobre projetos musicais, da nossa história na música e a vontade de integrar um projeto novo.

A conversa foi fluida e senti mesmo no início algum à vontade em falar contigo. Depois falamos um pouco sobre as nossas vidas e tu falavas abertamente, sem tabus e com uma vontade curiosa de conhecer o outro e de estabelecer ligações.

Depois passámos a ensaiar no Espaço Gaivotas e naturalmente fomos consolidando passo a passo sentimentos de empatia.

O José chegava sempre horas (e eu identifiquei-me logo com isso como sabes) aparecia calmo e focado naquilo que ia fazer. Na altura ainda pouco te conhecia e então não fazia muitas ideias

sobre ti. Simplesmente observava a nossa ligação musical a crescer e a amizade que, entretanto, fomos criando na música e para além da música.

O modo como o Narrador descreve a nossa conexão compartilha a mesma sensação que eu tive: um processo fluido e curioso de nos conhecermos e nos descobirmos como pessoas.

Lembro-me de ter pedido algumas canções dele para ouvir e gostei bastante. O Narrador tem uma voz marcante, com características próprias. Naquela altura, eu estava ouvindo muito indie-folk e sentia que, musicalmente, seria possível trabalharmos juntos. O Narrador trazia algo que eu não tenho: seu modo de compor é espontâneo, típico dos compositores que acordam com uma melodia na cabeça. Meu processo, por outro lado, sempre foi mais racional e de trabalho. As ideias e melodias não me aparecem prontas; sou eu que as busco dentro dos meus próprios processos. É raro que eu acorde com uma melodia na cabeça. Também gostava muito de boa parte das imagens que ele criava em suas letras, mas via também muitas possibilidades de alterá-las e conduzi-las por caminhos mais enigmáticos e abertos.

Logo começamos a trabalhar juntos. O fato de o Narrador ser pontual foi algo que realmente me agradou. Vi que ambos estávamos comprometidos e dispostos a trabalhar, e nada é mais motivador do que estar ao lado de pessoas com a mesma energia. Iniciamos com canções que já tínhamos, que foram sendo trabalhadas em conjunto até ganharem a forma final, e, finalmente, compusemos nossa primeira música juntos: *Throwing Back in Time*, inspirada pelos trágicos incêndios de Pedrógão Grande. A partir desse momento, deixou de ser uma troca de ideias e se transformou na criação de uma identidade própria como duo.

No entanto, não consegui me adaptar ao retorno do trabalho em escritório. No final de 2019, sofri uma crise intensa de coluna, resultado de tanto tempo sentado. Perdi grande parte da mobilidade, e essa crise se prolongou por quase dois anos. Foi então que tomei a decisão de deixar o trabalho em dezembro do mesmo ano. Sem salário e com o alto custo de vida, já não conseguiria continuar em Lisboa. Decidi então retornar para o Norte. Já estava em um relacionamento com o MaisQueTudo, que morava no Porto, e, ao invés de retornar a Braga, optei por viver no Porto.

Senti a mudança que fizeste geográfica na ida para o Porto, falámos sobre isso e decidimos continuar o nosso projeto musical. Mesmo com dificuldades gostei dessa vontade em continuarmos com o nosso projeto (Plan 2 Scape), pois eu também a tinha.

Começámos a ter cada vez mais conversas profundas e enriquecedoras, partilhávamos e continuamos a partilhar hoje em dia as nossas histórias, como vamos estando, o que sentimos e tantas outras coisas.

O Narrador sempre foi muito diferente da grande maioria dos portugueses que conheci. Ele parecia mais aberto, disposto a ouvir sem grandes restrições. O Narrador é, acima de tudo, afetuoso. Com os outros portugueses com quem tinha contato até então, eu sentia certa reserva, como se colocassem uma barreira para que as coisas não avançassem muito rapidamente.

No escritório onde trabalhei por um ano, as pessoas eram simpáticas, sorridentes e educadas, mas evitavam se aproximar mais. Nunca senti um desejo genuíno por parte delas de estabelecer vínculos mais profundos. Sempre havia um grau de formalidade que parecia

manter a distância. Fiquei me perguntando se isso poderia ser uma repetição do meu próprio modo de operar em um ambiente de trabalho, mas parecia-me, na verdade, uma característica cultural e, claro, o fato de que fazer amigos quando já somos adultos é um passo mais complicado.

Mas a arte sempre foi a chave para mim. Foi através dela que encontrei pessoas com quem o grau de troca me interessava. E assim foi. A música me trouxe o Narrador e a oportunidade de desenvolver uma relação pessoal. Por isso, considero o Narrador o meu primeiro amigo português.

Depois como em tantas relações fui vendo aspetos em ti que por vezes faziam faísca com a minha forma de estar em alguns momentos. Cheguei mesmo a não gostar de escutar certas coisas como a designação de preguiçoso. “Narradorzito, você é preguiçoso!”. Isso entre outras coisas desse tipo criavam desconforto em mim. Mas isso passou, foi entendendo melhor a tua forma de comunicar, a tua forma de gostar e a forma como achas melhor que o outro cresça superando os seus limites e percebi também que não querias dizer essas coisas com a intenção de me magoar, atacar ou por achares que eras superior nesse tipo de questões.

Hoje em dia (já há algum tempo) olho para esses momentos com um outro olhar e vejo que elas fazem parte das relações entre as pessoas, eu também tenho os meus disparos emocionais e já sentiste a minha ansiedade num ponto elevado e agradeço-te por não teres te deixado levar por isso e por teres compreendido.

Repete-se aqui essa característica minha de ser direto e correr o risco de ser mal interpretado. Fico feliz que o Narrador, como quase

todos os meus amigos, consiga entender minha intenção. Não diria que é apenas sorte. Talvez seja mais sobre compatibilidade. Ao longo do tempo, trabalhei para aprimorar minha comunicação, tentando evitar ofender os outros. Mesmo assim, sei que há pessoas que têm dificuldades com críticas diretas ou ideias mais combativas. Talvez eu seja demais para elas, e elas acabam se afastando. No entanto, ao longo dessas cartas, percebi que as pessoas percebem minhas críticas de forma clara, reconhecendo nelas a boa intenção de um processo de construção e desenvolvimento.

Em alguns momentos, lembro de dois ou três, o Narrador se exaltou comigo. Ele teve reações intensas, mas que duraram pouco mais do que alguns minutos. Mesmo nessas situações, a dinâmica continuou funcionando bem. Eu dou um passo atrás, para dar-lhe espaço e perceber que não vale a pena escalar a situação, e isso faz parte da troca entre nós. Penso que ele já me ouviu dizer coisas que ele não aceitaria vindas de outros, e isso mostra o valor de nossa intimidade. Mesmo quando ele compartilha histórias, eu me sinto à vontade para dizer: Narrador, me desculpe, mas acho que reagiste mal. E ele me ouviu, sem criar uma barreira ou se defender. Essa abertura é o que realmente fortalece nossa amizade, que vai muito além da parceria musical.

Registro o momento em que fizemos uma residência artística e onde mais uma vez estiveram presentes a forte empatia musical, a amizade e o bom convívio. nessa altura senti um salto a nível de interação musical no campo da composição conjunta, porque abrimos as portas para que isso acontecesse.

O que começou em “*Throwing Back in Time*” continuou a se desenvolver. Uma amiga viajou e precisava de alguém para cuidar de

sua casa no interior e dos seus animais. Combinamos que eu usaria a casa como uma residência artística. Passamos uma semana, eu e o Narrador, trabalhando em novas composições. Foi uma experiência excelente, pois pudemos unir nossas habilidades para compor em tempo real. Saímos de lá com um material extenso, que temos trabalhado lentamente ao longo do tempo. Uma das músicas resultantes desse processo foi “River”, que lançamos em 2024, assim como *Files* e *A Hora* que lançamos em 2025.

És alguém que prezo muito em ter na minha vida, mesmo não concordando com tudo o que dizes, da forma como o dizes e às vezes em achar que és cabeça dura em algumas coisas.

Penso que isso é o mais natural. Não conseguiria citar ninguém com quem concordasse em tudo — tanto no conteúdo quanto na forma — e acredito que essa seja uma característica forte da individualidade e da unicidade que todos carregamos. O que realmente prezo não é a concordância, mas o respeito pelo outro, tanto no conteúdo quanto na forma.

Ser teimoso ou ser convicto pode parecer muito semelhante ao olhar do outro, mas, para mim, são coisas distintas, embora ambas resultem na mesma ação: a manutenção de uma ideia. Diversas vezes mudei completamente de opinião ao ouvir um bom argumento. Frequentemente, leio ou escuto novas perspectivas que passam a criar um novo sentido para mim. Não me incomoda mudar de opinião, desde que me convença. Lembro-me de uma história que ilustra bem isso:

Passei a maior parte da minha juventude e vida adulta odiando o Carnaval no Brasil. Fugia para cidades menores e mais tranquilas ou me refugiava nos cinemas. Para mim, era só barulho, calor, gente

suada, desordem. Até que um dia, fui a um evento artístico no SESC-Tijuca e ouvi um sociólogo falar sobre a importância do Carnaval como um momento de ruptura. Ele falou sobre a quebra das regras, a inversão dos papéis de gênero (como os machões vestidos de mulher), os cidadãos tomando o lugar dos carros, as brincadeiras com desconhecidos, as fantasias. Falou sobre como o caos prevalecia na ordem constante da cidade e do papel lúdico que o Carnaval representava.

Nesse mesmo ano, fui para os blocos de rua com uma nova visão. Me tornei folião de rua nos anos seguintes, e o evento passou a ser algo que eu realmente esperava. Da mesma forma, com o Electric Goat⁸⁵ (minha banda), era comum começar com uma ideia e, ao final, estar completamente convencido pelos argumentos dos meus companheiros. Por isso, acredito que o Narrador se refira mais a uma teimosia nas nossas discussões musicais – onde, também eu o acho teimoso. Faz parte de nossa dinâmica.

Eu tenho as minhas coisas também e admiro-te porque te permites crescer, analisas os teus comportamentos, és muito atento e observador em relação ao meio ao teu redor.

Crias ligações à tua volta e entre as pessoas e demonstras que gostas. Por todas as partilhas, por aquilo que aprendi e vou aprendendo contigo, pela pura e sincera amizade, Obrigado Zeh

Todos temos nossas peculiaridades, e fico contente por ter em mim essa curiosidade que me impulsiona à busca constante. O Narrador destaca esse aspecto de ser atento e observador do que me cerca, além da minha capacidade de me conectar com as pessoas. Fico muito feliz

⁸⁵ https://linktr.ee/Zeh_Antunes

em saber que minha forma de demonstrar afeto chega claramente aos outros. Às vezes, o nosso jeito de gostar é torto. Minha avó, de quem carrego tantas características, era alguém que, por vezes, expressava seu amor dessa maneira. Cuidava dando ordens e diretrizes, estimulava através da cobrança e demonstrava menos seu afeto através do carinho. Era severa, mas amava. Ela não era a avó fofa, mas era a avó que criava, cuidava e educava. E, mesmo reconhecendo que isso também é uma forma de amor, muitas vezes era duro. Fico contente em saber que consigo equilibrar isso e evitar repetir a experiência que vivi de forma tão intensa.

Deixo também um grande agradecimento ao Narrador, o primeiro português a abrir seu coração e suas vulnerabilidades, permitindo que estabelecêssemos esse laço tão bonito de amizade.

4.43. A Doce-Fera

A Doce-Fera é uma amiga que apareceu através da fotografia analógica. Ela conta:

Zezinho, Pra mim é assim. Mas já foi Antunes, Zé Antunes, Zé e depois só Zezinho mesmo.

No início, amigo virtual quando as redes sociais tavam ainda começando (2007/2008?). Os nerds da fotografia se conectando através dos grupos do gmail (Nota: Era Yahoo Groups). Volta e meia eu esbarro com alguma mensagem dessa época no meu email.

Mas nos conhecemos pessoalmente numa apresentação do Filé de Peixe, coletivo que eu fazia parte. Posso estar romantizando a lembrança, mas acho que rolou uma afinidade logo de cara. Inúmeros cafezinhos no centro no intervalo do trabalho, organização do nosso próprio coletivo - o Substantivo Coletivo

(junto com o Clems e Dudu) que nunca andou muito pra frente. Até que você acabou indo também fazer parte do Filé de Peixe. E aí vieram muitas ações, muitas discussões boas, a organização do "núcleo" Lab Clube dentro do filé de peixe. Viagens pelo Brasil ensinando cianotipia e van dyke (até no Acre fomos parar!!).

Foi uma época repleta de novidades. Começando por um grupo espalhado pelo Brasil, empolgado com a fotografia analógica. Fazíamos saídas fotográficas, trocávamos filmes para dupla exposição com outros fotógrafos, criávamos encontros, livros e exposições. Era mais uma das minhas muitas atividades paralelas ao trabalho formal. Dentre todas essas pessoas, aproximei-me mais da Doce-Fera, que, algum tempo depois, me convidou a integrar seu coletivo. O *Filé de Peixe* era um coletivo de arte contemporânea que realizava ações interventivas, videoarte, performances, misturando um pouco de tudo. Até aquele momento, minha vivência nas artes estava dividida. Embora soubesse que muitos artistas transitam entre diferentes mídias, eu nunca havia me proposto a isso. Estar no Filé foi a oportunidade de, pela primeira vez, explorar a intersecção dessas diversas dimensões. Havia trabalhos mais conceituais e provocativos sobre o mercado da arte, como o *Piratão* – uma ação performática em que éramos vendedores ambulantes de videoarte, com DVDs piratas. Mais tarde, um dos meus trabalhos favoritos no coletivo foi o *Cm² Arte Contemporânea*, um projeto em que convidamos artistas renomados, como Cildo Meireles, Rosângela Rennó, Anna Bella Geiger, Carlos Vergara, Daniel Senise, Antonio Dias, entre outros. Compramos obras deles em formato de um centímetro quadrado, que foram revendidas em ações performáticas em feiras de arte. Essa provocação sobre o que é uma obra, seu valor e o colecionismo gerou muitas discussões. Com

esse projeto, fomos até a Bienal de Vancouver. Enfim, o Filé foi uma linda história de muito trabalho e novos afetos.

Em 2007 eu tinha 34 anos, e foi com este grupo de pessoas (fotografia e do coletivo) que eu pela primeira vez cheguei integralmente como um homem gay. Apresentava meu namorado sem nunca me sentir julgado ou preocupado.

Então o Zé que eu conheci sempre foi esse interessado por arte, fotografia e música, mas dentro do Lab Clube conheci melhor o lado executivo do Zé, querendo organizar as coisas, preocupado com as finanças... Mesmo que na época essa organização tenha continuado caótica, muita coisa aprendi ali com você.

A Doce-Fera fala sobre esse aspecto pragmático, algo raro no mundo das artes, e que acabei descobrindo ser uma valência importante, uma característica que sou capaz de oferecer. Isso está intimamente ligado à capacidade de realização que já foi mencionada anteriormente e, sem dúvida, cria um diferencial: ser o artista capaz de planejar, administrar e entregar seus projetos.

O mais gratificante nesse processo é perceber que, quando ela declara ter aprendido algo comigo, fica claro que houve uma troca genuína. E se houve troca, isso é um sinal da força da relação que conseguimos estabelecer. A troca se fortalece quando existe afeto. Não se trata apenas de transmitir um conteúdo, mas de criar um vínculo no qual ambos os lados se enriquecem e se transformam.

Essa ideia ressoa com as reflexões de Walter Benjamin, que fala sobre a verdadeira experiência (*Erfahrung*) como algo ligado à tradição, à memória e à capacidade de acolher e transmitir algo genuíno. Para Benjamin, a experiência não é apenas cognitiva, mas envolve uma dimensão afetiva, sensível, capaz de transformar e

enriquecer a vida. Ela exige a capacidade de se vincular ao outro, de acolher suas histórias, e de transmitir saberes e afetos de maneira que ambos saiam transformados. É isso que sinto nas minhas relações.

Uma certa tristeza quando você decidiu sair e uma grande surpresa quando você anunciou sua "aposentadoria" aos 40 anos.

Surpresa, mas muita admiração mais uma vez com a sua capacidade de organização.

Talvez essa seja uma característica muito marcante sua pra mim: o amigo que não é herdeiro mas conseguiu se organizar bem o suficiente pra não precisar mais trabalhar aos 40 anos, pode fazer (e até trabalhar sim) com qualquer coisa que quisesse. Ao mesmo tempo, cada vez mais conheci o lado doce e bom ouvinte do Zezinho. Mesmo com as mudanças (físicas e emocionais) a amizade continuou. E talvez você nem saiba, mas uma vez me apresentou um conceito que fez muito sentido e eu levo pra vida. A frequência afetiva (talvez o nome não seja exatamente esse). Mas me faz pensar que, por mais tempo que leve sem a gente se falar, sem saber um do outro, na minha cabeça e no meu coração a amizade tá sempre ali.

Mais uma vez, me emociono com essas coisas que somos capazes de construir nas relações. As referências que criamos, que recebemos, e os pedacinhos de nós que ficam por aí.

A Doce-Fera é muito querida. Uma mulher forte e sensível. Acho que, por vezes, ela nem sabe o quanto é importante. Sempre ficou como a cara menos conhecida do Coletivo, não queria dar entrevistas nem falar em público. Tudo isso era intimidante para ela. Mas por trás, dentro do coletivo, era uma guerreira incansável. Dedicada, atenta,

pesquisadora, realizadora. Assim como eu, a Doce-Fera tinha um trabalho formal. Só anos depois, através do LabClube e sua profunda pesquisa de processos tradicionais (como Cianotipia, Van Dyke, Papel Salgado e Goma Bicromatada), é que ela conseguiu se dedicar integralmente à arte.

Talvez ela não saiba disso, mas guardo uma felicidade imensa por termos sido nós dois os responsáveis pelo surgimento do núcleo LabClube. Alex, que foi seu companheiro por muitos anos, tem um papel crucial no Lab, mas os primeiros passos foram dados por nós. Saber que dessa sementinha cresceu uma estrutura que, alguns anos depois, lhe permitiu largar seu trabalho para se dedicar integralmente a esse projeto é algo profundamente gratificante. Não que minha presença tenha sido fundamental, mas pelo simples fato de fazer parte da história. O pertencimento.

Talvez por vir de uma família de mulheres fortes, tenho uma admiração especial por elas, e a Doce-Fera é mais uma dessas mulheres: guerreira, dedicada e afetuosa. Como ela concluiu sua carta, eu corroboro totalmente: Foi realmente bom escrever e resgatar as sensações dessa nossa relação.

4.45. O Irreverente

O Irreverente é um amigo com quem fiz o curso técnico. Apesar de estarmos afastados há muitos anos, nos encontramos na minha última visita ao Rio, em 2022. É uma pessoa que gosto muito e que, só neste último contato, compartilhei mais sobre mim.

Ele lista uma série de vivências e aqui recorto alguns trechos:

Do meu lado, as lembranças começam em 1989 quando entramos para a mesma turma no CEFET. Não me lembro de nada de ruim na relação com vc. Pelo contrário, sempre me vem

coisas boas. A banda que tivemos juntos... dos shows no círculo militar da praia vermelha, SESC Engenho de Dentro, Garage na Rua Ceará. Os ensaios na casa do Léo. Os acampamentos na Ilha Grande...eu fui em dois... Depois trabalhamos juntos na GE... Enfim, um monte de coisa boa.

Entendo que, na correria do dia a dia, parar para dedicar tempo a essas trocas nem sempre seja possível. Percebo que minha demanda possa ter se transformado, para alguns, em mais uma pendência dentro do nosso funcionamento produtivo contemporâneo. Creio que foi o caso do Irreverente, que me respondeu com uma série de vivências que tivemos juntos, mas sem um envolvimento emocional mais profundo, o que, neste caso, não me forneceu muito material para desenvolver.

4.45. O Camarada

O Camarada conta como nos conhecemos na empresa em que trabalhávamos. Por isso, seu primeiro contato foi com o Antunes — o profissional, direto, sem papas na língua. Estimo que isso tenha sido por volta de 1997 ou 1998.

Ele lembra que, no seu segundo ano de empresa, tivemos a oportunidade de trabalhar juntos para um cliente. Diz que havia alguma apreensão por conta da minha fama, mas que ela rapidamente se dissipou ao conversar com pessoas que já haviam trabalhado comigo. O trabalho correu tranquilamente e a convivência foi boa. Depois disso, eu gravava alguns CDs para ele (a música, mais uma vez, como elo nas relações), mas nossa relação não chegou a se aprofundar.

Sua memória, então, salta para 2019 — muitos anos depois, quando já quase não tínhamos contato.

...trocamos mensagens, disse-me que estava vivendo em Portugal já há alguns anos e, por minha vez, disse-lhe dos meus planos e que estaria em Lisboa, em breve. Gentilmente, ofereceu-me pouso pelos dias que estivesse por lá, que Ricardo não se incomodaria. Não... Até ali, eu não sabia que Zé e Impulsivo formavam um casal. Revisitar essa lembrança é muito interessante porque não me soou estranho. As vivências que tive com o Antunes Líder-de-Auditoria e com o Zé Queima-CD talvez já tivessem me levado para aquele Zé de Portugal, que vivia uma vida diferente daquela vida do Brasil - ao menos a que eu (pouco) conhecia - de interações agradáveis, de risadas, de mais leveza, em geral.

Concordo com o Camarada em tudo o que expõe. Mas há um ponto que fica claro para mim: que já havia, da minha parte, uma identificação. Reconhecia nele alguém que funcionava com valores próximos dos meus. Sou mesmo acolhedor e gentil de forma genuína, mas isso se dá quando percebo que há ali uma relação possível. E, felizmente, raramente me engano.

A naturalidade com que ele reagiu ao saber do meu relacionamento com o Impulsivo foi, para mim, reconfortante. Como até então não tínhamos uma relação íntima, e como eu já me sentia muito confortável com minha sexualidade, não houve aquele momento do “preciso te contar uma coisa”. Apenas falei, no contexto da conversa. Nunca pedi segredo ou cautela. E isso, por si só, é libertador. Mais do que a consciência de que não preciso da aprovação de ninguém, é a certeza de que ninguém tem poder de me prejudicar por isso. Os tempos mudaram e hoje os preconceituosos é que são mal vistos.

Ele continua:

De 2020 para cá, o que tenho o prazer de relatar é a convivência com um cara que sinto buscar uma verdade interna, um cultivador de relações pessoais sinceras, inquieto - no tanto que a sua lombar e afins o deixam ser... Ao mesmo tempo, é aquele cara que me coloca em situações desafiadoras, no sentido de ser o amigo-questionador. Definitivamente, o Zé não é o amigo-vai-dar-tudo-certo, aquele que diz o que se quer ouvir. Pessoalmente, isso é ótimo! Como o considero uma pessoa de bom gosto e com uma experiência díspar, seus comentários são aqueles que vou buscar e quero ouvir.

O Antunes foi um ótimo colega de trabalho e fornecedor de piratarias musicais. E eles foram sucedidos pelo Zé, um cara que chamo de amigo, no sentido clássico da palavra! Que venha o relato dos próximos trinta anos de convivência!

Creio que foi isso que encontramos em comum: uma troca sincera de pontos de vista. Com sua vinda para Portugal, tivemos finalmente um convívio mais consistente e aprofundado. Compartilhamos o cotidiano, as conversas em família e as sensações que a migração nos provoca. Isso também é um lugar de conforto. A amizade se consolidou com base no que antes era apenas uma intuição: achávamos que nos dávamos bem. E estávamos certos.

Ficamos próximos e nos vimos com frequência nos anos em que ele viveu no Porto. Agora que voltou ao Brasil, seguimos mantendo o contato — e sempre damos um jeito de nos vermos, cá ou lá.

4.46. O ArgutoTardio

O ArgutoTardio é uma amizade que se construiu ao longo dos últimos 20 anos. Ele chegou através dos amigos da banda — o Ponderado e o Pedro — e, desde então, esteve presente em muitas das

minhas criações. Foi VJ do Electric Goat⁸⁶ em diversos concertos e colaborou comigo em inúmeros trabalhos solo, especialmente ajustando a parte gráfica dos álbuns e outros materiais visuais.

Sua carta começa, como era de se esperar, com uma introdução sobre o seu próprio processo de escrita — uma característica recorrente nas suas comunicações. Assim como o Ponderado, ele menciona que nenhuma descrição poderá me captar integralmente. Então, opta por recortar alguns tópicos e comentar a partir deles.

O primeiro ponto que traz é uma entrevista que dei a um site, e que lhe marcou especialmente pela maneira como descrevi todas as atividades artístico-culturais em que estava envolvido. Ele recorda que eu dizia que, ao final do dia, sentia como se o dia tivesse tido 48 horas — prazeroso, sim, mas exaustivo. E então ele diz:

...ainda tenho, talvez hoje muito mais do que naquela época -- essa dificuldade tremenda com o tempo, a sensação exatamente oposta -- ao dormir, quando muito, posso dizer que meu dia pareceu ter 12 horas... Talvez seja difícil acreditar, mas estou seguro de que não há nessa percepção e nessa memória nem um pingo de inveja (ia dizer que "certamente há um pingo de inveja" -- mas de fato não me sinto assim). Para mim, além do "choque de realidade", havia, e ainda há, um sentimento de admiração e de inspiração.

Uma das coisas recorrentes que noto nas minhas amizades é essa presença da mútua admiração. O ArgutoTardio tem um humor sofisticado e perspicaz e também uma característica muito particular: a sua difícil relação com o tempo. Ele menciona isso. Mas há algo

86 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

curioso: apesar da imensa dificuldade, ele raramente perde prazos. A sensação que tenho (e pode ser apenas uma ficção minha) é a de que ele se amarra a uma idealização de como as coisas deveriam ser feitas e, por isso, procrastina. Afinal, as condições ideais nunca existem. Mas quando decide fazer, faz muito bem. Seu compromisso com a entrega faz com que, no fim, consiga sempre.

O ArgutoTardio trabalha na sua área (Design Gráfico) mas sua verdadeira paixão é a banda desenhada (HQs - Quadrinhos - no Brasil). E justamente por essa relação complexa com o tempo, dedicar-se a isso se torna um desafio. Uma estratégia bastante inteligente que ele adota é criar compromissos e restrições, que o obrigam a produzir. Inscreve-se em *Comic Con* e festivais para se colocar em movimento. Esse gesto, por si só, já revela muito do seu modo de funcionar: ao criar um limite, ele contorna a própria dificuldade e cumpre.

A outra característica que ele destaca é o meu papel como amigo agregador. Conta que isso sempre lhe pareceu muito presente, e usa como exemplo o modo como recebi, à época, sua nova namorada: a Espontânea. Ele lembra que, desde o primeiro momento, fiz questão de integrá-la ao nosso grupo (que, de fato, era bastante próximo). Menciona também o meu “personagem” de *Marido da Ana* - sua ex-esposa - de quem me tornei amigo muito próximo e presente.

Mais adiante, ele comenta algo bastante interessante sobre a minha relação afetuosa e próxima com essas duas mulheres:

...Ainda mais considerando que teve um esboço de personagem "Zé" quase-quem-sabe-talvez-um-tantinho misógino... um que às vezes passava ideias como "mulheres nunca são boas instrumentistas" (ou apenas boas bateristas? já nem sei mais...) e algumas impressões nessa linha. Mas digo "esboço" porque na

prática nunca percebi de fato qualquer tipo de animosidade ou desrespeito real -- muito pelo contrário. E pode ser que essa percepção fosse mesmo completamente equivocada. De qualquer maneira, me parece que se houve esse personagem, eu na verdade presenciei o finalzinho dele, apenas a passagem da sombra de alguém que já não estava mais ali.

Quando li esse trecho, compreendi sua origem. Uma mistura entre ficções minhas e dos outros. Como cada um fala, porque fala e como o outro escuta (parafraseando a ideia que uso em *A Palavra e o Abismo*). É nesse entre — entre intenção e escuta, entre fato e projeção — que tantas interpretações se formam.

Antes de entrar no assunto, acho importante dizer que não se trata de algo que me tenha ferido. Mas achei essa contradição tão interessante e representativa que decidi me alongar um pouco.

Essa recepção aberta e afetuosa que o ArgutoTardio descreve realmente acontece com frequência num primeiro contato. Interesse-me pelas pessoas (independentemente de gênero), gosto de conhecer, perguntar, trocar. E quando há troca, posso me encantar rapidamente. Mas o oposto também acontece: posso não gostar, posso detestar.

É bastante comum que companheiros ou companheiras de amigos se tornem amigos meus. É o caso da Espontânea, que mesmo separada há anos do Arguto, segue em contato e se hospeda na minha casa. Ou da Nômada e da Sósia, que mantêm uma amizade independente de suas relações com o Prático e o SabeViver.

Mas há também os casos opostos. E, em algumas dessas situações, para evitar dizer "A fulana é insuportável", eu recorria a generalizações, como atribuir à mulher certas características que, na verdade, eram apenas da pessoa. Um recurso tolo, claro, e que

inevitavelmente reforça o preconceito estrutural. Nem sempre fui consciente disso. E sim, cometi essas gafes. Foi com esse grupo, ao longo do tempo, das conversas e das trocas, que fui afinando o olhar e desenvolvendo uma escuta mais atenta às sutilezas.

Lembro que o vocalista da banda (Electric Goat⁸⁷) me chamou de misógino duas vezes, entre nós, depois de algum comentário desse tipo. Aquilo me incomodou. Conversei com ele. Acho que, de algum modo, esse episódio ajudou a formar a percepção do ArgutoTardio de existir ali alguma faísca de misoginia. Entendo o que o Pedro quis apontar, mas discordo do termo. Ainda assim, foi útil. Desde então, passei a observar melhor esse tipo de generalização e a assumir responsabilidade por elas.

Acho que o mais importante nesse exemplo - e que ganha ainda mais força neste momento contemporâneo, tão marcado pela polarização - é reconhecer que há múltiplos componentes complexos em jogo. De um lado, existe o preconceito estrutural embutido em falas como “Mulher é assim”. Do outro, há também uma tendência a posicionamentos extremos, em que qualquer falha te desloca imediatamente de um título a outro.

O exemplo que trago não foi nada radical. Era uma conversa entre amigos. Mas é justamente esse tipo de reação — a rigidez na leitura do outro, a recusa em reconhecer gradações — que alimenta comportamentos como os cancelamentos, a expulsão de professores e outros processos em que a falha parece não ter lugar. Não se admite o erro, o desvio, o contexto.

87 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

Sim, existem falas misóginas. E existem pessoas misóginas. Mas uma pessoa misógina não se define apenas por uma frase ou deslize pontual. Misoginia é aversão, ódio, desprezo. É um termo grave e, sinceramente, nunca fez sentido em nenhum momento da minha vida.

Fui criado por mulheres fortes, independentes, determinadas — e as admirei desde sempre. Nunca vi o mundo por uma ótica machista. A presença constante de amigas mulheres, íntimas e próximas, reforça essa admiração e a centralidade delas na minha vida como parceiras, interlocutoras e presenças estruturantes.

O que escrevo serve, sobretudo, para mim. Também sou alguém que, por vezes, avalia o outro com base em uma única fala que me chama atenção. Ignoramos histórias inteiras de vida e comportamento quando nos fixamos numa expressão inadequada - que, sim, pode e deve ser corrigida. Mas talvez a correção possa vir por meio de uma intervenção mais afetiva e argumentativa, ao invés de um título — especialmente quando esse título carrega uma carga tão pesada quanto “misógino”.

Todos temos dificuldade em lidar com certos temas — ou, simplesmente, há temas que nunca passaram por nós, e por isso, ainda não os refletimos. Todos nós, em algum momento, repetimos ideias prontas, herdadas, mal digeridas. Isso vale inclusive para os mais engajados.

Não é raro ver um jovem envolvido com pautas ambientais ou de gênero referir-se a qualquer pessoa mais velha como ultrapassada, incapaz de contribuir com algo novo. Isso é etarismo. Mas, por ainda estarem distantes dessa experiência, muitos jovens ainda não desenvolveram sensibilidade para ela.

Com alguma frequência, vejo discursos que culpam as gerações anteriores pelo estado atual do mundo. Mas muitas vezes essas críticas partem de uma geração que consome intensamente, que está conectada o tempo inteiro, que pede comida por aplicativo, que viaja o mundo, que desfruta de um conforto sem precedentes. Muitas vezes suportados pelos pais — e que, em grande parte, espera que o mundo esteja pronto para recebê-los, oferecendo apenas o que lhes dá prazer. Afinal, fizemos com que acreditassem nisto desde o berço.

Cada geração, assim como cada indivíduo, age a partir da sua própria experiência, tentando oferecer aos seus aquilo que sentiu faltar. Mas não se trata de culpa. Somos, todos, simultaneamente, culpados e inocentes. É covarde se eximir da responsabilidade, mas também é cruel, indevido e inútil carregar uma culpa que paralisa. Estamos tentando fazer o melhor que podemos e precisamos aceitar que, às vezes, o melhor do outro nos parece pouco. Mas é o que ele tem. Cabe a nós seguir tentando, sempre, respeitando também os nossos próprios limites, dores e vivências.

Acredito que é preciso viver e sentir para nos tornarmos mais conscientes. É um processo que exige tempo — mas o tempo, por si só, não basta. É preciso também permeabilidade: ao outro, às suas histórias, às suas dores. Sem isso, o tempo apenas passa. A transformação exige escuta e relação.

Vivemos um momento político e social complexo: guerras, deslocamentos migratórios, discursos ideológicos em disputa. Mas em vez de buscarmos convergência, nos dividimos. Esquerda contra direita, fachos contra comunistas — sempre com um tom pejorativo, com tom de acusação, com pouca generosidade diante da trajetória do outro.

Acredito (e talvez seja ingenuidade) que 99% das pessoas gostariam que todos fossem felizes, a começar por si. O problema é que cada um acredita que esse caminho passa por rotas completamente distintas. E quanto mais tentamos convencer, menos escutamos. Não existem soluções simples para estruturas e problemas complexos e, no entanto, muitos parecem convencidos de que algumas medidas bastam. Nunca bastarão.

Não há certezas. O que há é a possibilidade — e a urgência — de navegarmos juntos. De aprendermos uns com os outros. De melhorarmos em conjunto.

Por mais utópico que pareça, a utopia é absolutamente necessária. Não como meta a ser alcançada, mas como horizonte que orienta o caminhar. A utopia funciona como bússola ética, como imagem do possível que ainda não é, mas que impulsiona. Sem ela, perdemos o norte. Ficamos presos ao presente imediato, à pragmática da sobrevivência, à desistência disfarçada de realismo. Como disse Fernando Pessoa no poema “D. Sebastião, Rei de Portugal”⁸⁸:

*Louco, sim, louco,
Porque quis grandeza
Qual a sorte a não dá.
Não coube em mim o sonho,
Como um monte em vulcão.
Quem sonha grandeza
Tem que a sentir,*

⁸⁸ Pessoa, F. (1934/2015). Mensagem (p. 37). Lisboa: Ática.

Tem que a não ter!

Não é senão louco

Quem mais que é dado quer ser.

Sem a loucura que é o homem

Mais que a besta sadia,

Cadáver adiado que procria?

Do mesmo modo, acredito que os extremos - ainda que incômodos - têm um papel importante na sociedade. São eles que tensionam os limites, que desafiam as zonas de conforto, que nos obrigam a enxergar com mais nitidez tanto os perigos quanto as potências de cada escolha. O problema não está na existência dos extremos, mas sim quando nos tornamos uma maioria polarizada. Quando os extremos deixam de ser margem crítica e passam a ocupar o centro da ação coletiva. A radicalização pode ser necessária como gesto de ruptura, mas torna-se perigosa quando substitui o diálogo, o pensamento e a escuta pois é nisto que reside a empatia e alteridade.

Agradeço ao ArgutoTardio por trazer à tona esses temas que me permitiram divagar livremente, como se estivéssemos lado a lado, num bar, conversando sem pressa. Retomar a sensação de que tudo pode ser dito, pensado e partilhado, sem amarras. Obrigado.

4.47. As Ausências

Ao longo deste processo, senti que seria importante refletir sobre as ausências. Algumas pessoas, infelizmente, não consegui alcançar. Enviei e-mails, mas não sei se foram sequer lidos. Outras se comprometeram a responder, mas não o fizeram. Enviei lembretes e,

ao final de novembro, encerrei esse ciclo de respostas para seguir em frente.

Esse movimento de reflexão sobre as ausências me trouxe à tona uma diversidade de sentimentos. Percebo que há uma parcialidade em como recebi essas faltas. Em muitos casos, a ausência não me afetou de forma significativa, e isso se deve a razões variadas, afinal, cada um tem uma representatividade distinta na minha história e seu próprio jeito de ser.

Alguns dos ausentes participaram da correspondência sonora, deixando de algum modo o rastro de sua presença e participação.

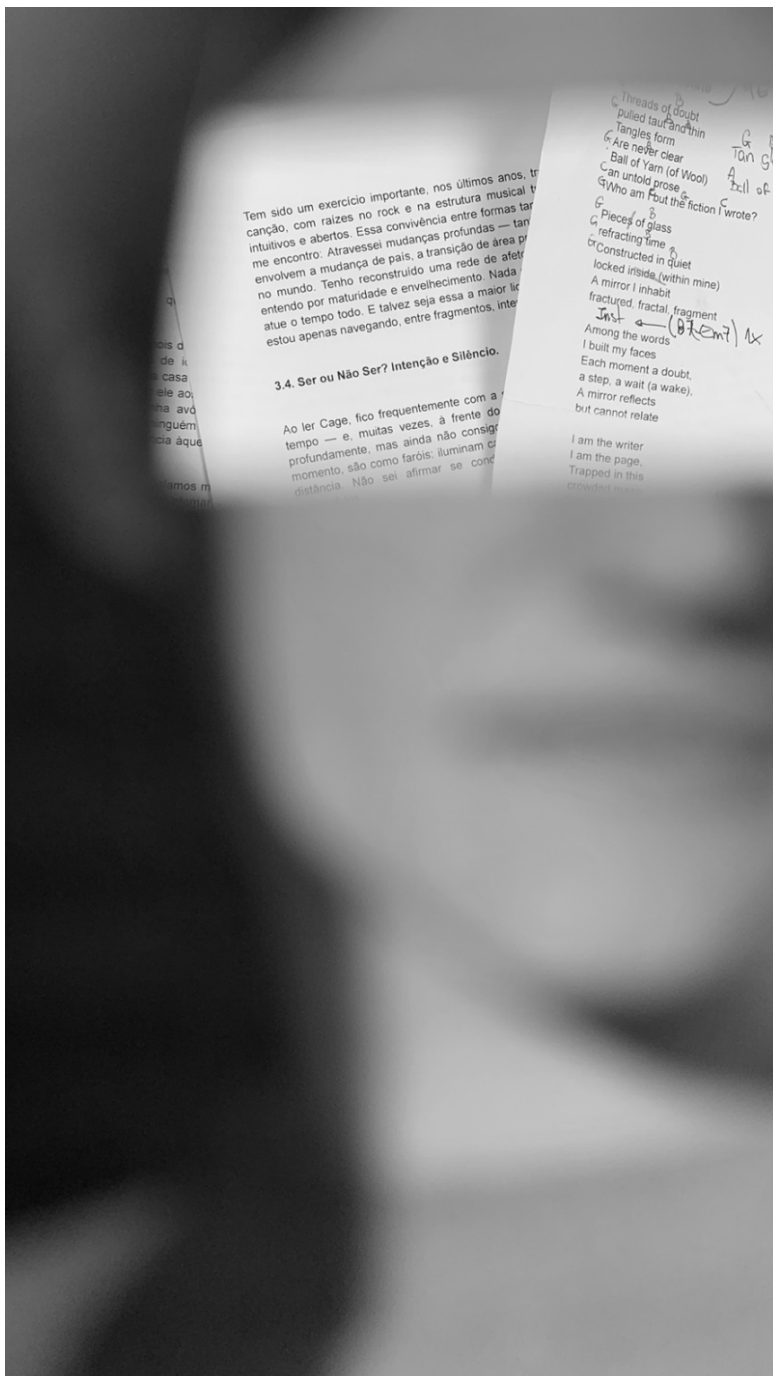
Fui profundamente impactado pela ausência de duas pessoas. Uma delas, uma amiga de longa data, especialmente importante para mim, e que, em um momento decisivo da minha mudança para Portugal, fez uma linda declaração sobre mim e despertou este desejo em saber quem posso ser perante o outro (algo diretamente relacionado com este trabalho). O outro, um amigo próximo, com quem mantive contato constante, mesmo já em Portugal, e que sempre me procurou para compartilhar suas questões. Ambas são figuras presentes na minha vida adulta. Com ele, ainda consegui envolvê-lo na correspondência sonora, mas com ela, nem isso.

Essa ausência me fez revisitar alguns pensamentos sobre a alteridade, especialmente a partir da leitura de *A Expulsão do Outro*, de Han⁸⁹. Um dos conceitos que me impactou foi a ideia de que a depressão está ligada à negação do outro e a um processo de introspecção excessiva.

89 Han, B.-C. (2022). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje* (L. Machado, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 2016)

Para mim estas duas ausências foram a expressão de um ensimesmamento profundo. O ser, tomado por suas próprias questões, que acaba não deixando espaço para o outro. Não é uma falta de afeto, mas uma dificuldade em olhar para fora de si mesmo. Constroem suas vidas ao redor de suas necessidades sem considerar a necessidade do outro. Relacionamentos são construções, processos que exigem algum esforço e presença. Quem vive exclusivamente para si, sem espaço para o outro, acaba por negligenciar as relações que, muitas vezes, mais importam.

Este trabalho, no qual estou imerso, gira em torno da alteridade, da presença do outro. É sobre cultivar relações e criar conexões verdadeiras. E, de repente, sinto que duas pessoas muito próximas, por opção ou negligência, não estiveram presentes. Senti-me desconsiderado e magoado. O sentir difere do saber racional. Racionalmente sei que as ausências falam sobre eles e não sobre mim. Mas sinto do mesmo modo.



Ficção do Olhar #5 – Colagem autoral. Zeh Antunes, 2025

Capítulo 5. Transdução como Gesto: Compor com o Tempo e o Outro

A transdução é, nas ciências, o processo de conversão de um tipo de energia ou sinal em outro. No campo da arte, essa ideia foi apropriada por obras como *Music for Solo Performer*⁹⁰, de Alvin Lucier, onde ondas cerebrais são convertidas em vibrações sonoras, ou *datamatics*⁹¹, de Ryoji Ikeda, que transforma dados numéricos em composições audiovisuais imersivas.

Ainda assim, nesses exemplos permanece um traço factual, uma transposição técnica e precisa. No meu caso, o que me interessa é outro tipo de transdução: menos mecânica, mais sensível. Não uma correspondência direta “de x para y”, mas um movimento intuitivo, orgânico, quase sináptico.

Ao longo da pesquisa, percebi que certos conceitos reverberavam em mim não como ideias fixas, mas como impulsos sonoros. O som tornava-se o lugar onde a teoria podia ser sentida. Essas transduções não são exatas, mas afetivas: acontecem por contaminação, por gesto, por acontecimentos, por memórias e por estado de escuta. São fragmentos, ecos, sugestões — e é assim que se fazem presentes no meu trabalho.

Quando iniciei esta pesquisa, o foco era a fragmentação da personalidade. Imaginava a transdução como algo diretamente relacionado às três personas que reconhecia em mim. Ainda sem um plano definido, cogitava associar sons a características, sensações,

90 Lucier, A. (1965). *Music for Solo Performer* [Obra sonora].

91 Ikeda, R. (2006). *datamatics* [Álbum]. Raster-Noton.

talvez até criar uma narrativa sonora para cada uma dessas figuras internas.

Nesse momento, já me preocupava em evitar associações musicais culturalmente marcadas — como a ideia de que tonalidades menores são tristes e maiores, alegres. Mas, mesmo tentando escapar, percebo que parte desses vínculos permanece. Nunca nos deixamos por completo.

Com o tempo, porém, o projeto foi se deslocando. As cartas recebidas mudaram o eixo. Trouxeram à superfície dois elementos que já estavam presentes, mas discretos: a alteridade e a rede de afetos. A transdução, então, deixou de ser um espelho interno e passou a ser atravessada pelo encontro, pela escuta do outro, pela relação.

5.1. Intuição, Presença, Improvisação e Camadas

Carreguei comigo o desejo de romper com os modos como sempre compus. Isso exigiu uma mudança no processo — tanto de gravação quanto de escuta.

Quis transduzir questões que talvez não estejam evidentes no resultado final, mas que são estruturantes do percurso. Uma delas é esse movimento que reconheço em mim: alguém que, por muito tempo, precisou se fechar para esconder sua sexualidade e se proteger dos preconceitos. Com o tempo, fui abrindo fendas, voz e escuta.

Escolhi iniciar as composições no espaço mais íntimo que tenho, meu quarto, em momentos de completa solidão. Apenas eu e os sons. Nenhuma presença externa.

A ideia era que, aos poucos, outros sons e outras pessoas passassem a habitar as músicas — culminando na faixa “Outridade” que é uma *soundscape* composta a partir dos sons recebidos na correspondência sonora poética que propus.

Quando pedi os sons, não fazia ideia do que faria com eles. Assim como aconteceu com as cartas, permiti que o material me conduzisse, deixando que o seu sentido emergisse. Cada som chegou com uma história, como aquela que descrevi no próprio pedido, e, ao escutá-los, eu era imediatamente transportado para o momento partilhado. Ficava ali por alguns minutos, imerso naquela experiência sonora, brincando mais uma vez com os deslocamentos no tempo e no espaço e com a ficção de criarmos uma história perante o que o outro diz.

Vieram histórias e momentos belíssimos. Estive no acordar da Sonhadora. Ouvei o ranger das tábuas do vizinho de cima da casa de Teresinha, que pela primeira vez vive sozinha. Para ela, aquele som é sinônimo de independência - pura poesia. Caminhei com o Sereno e seus cães pela sua fazenda, com Impulsivo pela Praia e com o Cadeado pisando em conchas. Estive com a Maternal em um passeio ventoso e chuvoso por Diemen. Recebi de Eugênio uma pequena canção feita especialmente para mim e, do Narrador, o cantarolar da melodia de baixo que compus para uma de nossas músicas. Poderia listar aqui as 17 situações, pois todas ficaram marcadas em mim.

E a única coisa que fez sentido foi, a partir desses fragmentos, criar uma paisagem sonora de lugares imaginários, onde diferentes realidades se cruzam e formam um encontro único de pura alteridade. Ali se encontram verão e inverno, natureza e urbanidade. Surgem lugares surreais onde todos estamos. “Outridade” foi a última faixa composta e é ela que encerra *EntreLugares*.

Essa abertura ao outro, exemplificada como ápice em “Outridade” foi acompanhada de uma abertura formal no processo: decidi não seguir um estilo ou estética única, como sempre fiz. Quis escutar-me de outros modos e nesta fase foi importante ter conhecido os trabalhos

de Sylvian e Blumberg como evidências de que se pode criar consistência através da diversidade.

Antes, meu processo de composição partia de melodias, progressões e riffs que colecionava com regularidade. Reunia ideias, selecionava, desenvolvia — tudo muito pautado por decisões estéticas e racionais.

Desta vez, comecei diferente: gravei *jams* sozinho, sem esboços prévios, sem mapa, sem estilos ou estéticas definidas e sem saber quantas obras farias e que formato teriam. Carregava as sensações de já ter lido, refletido e escrito sobre todo o material base do projeto. Dei início às obras sobrepondo camadas de um mesmo instrumento, criando multiplicidades dentro de uma só voz. Quis algo orgânico e improvisado, que emergisse da sonoridade daquele momento. Um convite ao desvio, ao acaso, à escuta e à intuição como elementos de construção.

Essa mudança no processo também foi, para mim, uma transdução: a teoria se converte em método, em prática e em corpo-sonoro que se abre.

Algumas faixas foram gravadas apenas com guitarra, outras apenas com baixo, uma apenas com synth, uma apenas com a NoiZeh Box⁹² (um instrumento construído por mim). Após cada sessão, voltava a escutá-las diariamente. Anotava, sentia, deixava os sons me atravessarem — e a partir disso, ajustava, retirava, acrescentava. Entrei num ciclo de escuta e transformação contínua, comum a tantos processos criativos, mas que aqui se intensificou como prática de afetação.

92 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

5.2. Fragmentos Sonoros: Memória, Voz e Afeto

A partir desse gesto, fui trazendo para as músicas sentimentos e temas que atravessam minha pesquisa. Da longa entrevista com meu tio-avô, selecionei fragmentos que ressoavam com três temas-chave da minha autoetnografia: a falta, o privilégio de gênero e a sexualidade.

Esses temas se tornaram som — não como tese, mas como presença. Na faixa “Lavadeiras”, repeti trechos da fala dele, que aos 95 anos carrega uma carga emocional única. Sua voz, os gaguejos, as sibilâncias e a textura do seu timbre constituíram uma espécie de dialeto afetivo. Fragmentos que sugerem uma outra forma de comunicação: aquela da dúvida, da imprecisão, do cuidado, do afeto, da dor. Uma subcamada de fala que diz sem dizer.

Na repetição, esses fragmentos adquiriram um caráter ritualístico, uma forma de convocar essa memória como presença. Transduzir, aqui, foi escutar no detalhe, deixar a memória se converter em matéria sensível.

Uma das falas do meu tio-avô sobre a mãe dele — minha bisavó, que passava os dias lavando roupa para sustentar os filhos, ecoou de imediato na história da minha avó (irmã dele), que também criou minha mãe lavando roupa. Daí nasceu o nome da faixa.

Pequenos fragmentos em *loops* ritmados representam uma relação com o tempo: ora acelerado, ora mais lento, mas sempre pulsando. Um tempo de luta, insistente, que marca o esforço constante de quem precisa sobreviver.

Durante a construção da faixa, surgiu uma melodia de piano. Clara, melancólica, insistente. Não havia motivo aparente para ela emergir, mas ali estava, forte e presente. Fiquei dias remoendo sua aparição.

Uma transdução sem mediação, vinda do corpo e da escuta, da herança, daquilo que me habita.

Minha mãe, mesmo sendo filha de lavadeira, teve a oportunidade de aprender piano quando criança. Uma senhora, cliente da minha avó, gostava muito dela e decidiu ensiná-la. Minha irmã comentou que ela chegou inclusive a cursar um conservatório. Mas, que eu me recorde, não tínhamos um piano em casa. Já adulta, quando eu tinha cerca de 12 anos, minha mãe ganhou um órgão elétrico, que tocava de vez em quando. O piano, esse instrumento, que de fato nunca ocupou um lugar na nossa casa, parece ter deixado, paradoxalmente, uma presença profunda em mim. Tenho um vínculo afetivo forte. Me transmite calma e melancolia. Talvez porque represente um pouco isso: a ausência, o quase, o que não chegou a ser, mas insiste em estar.

Foi a partir dessas lembranças e sensações que pedi a Catarina, uma amiga recente, porém bastante próxima, que gravasse a melodia que compus. Coincidentemente, ela também é taurina, como minha mãe - é o acaso a acenar. Há algo de mágico nesse gesto: uma melodia que atravessa o tempo e cria uma ponte entre duas mulheres e dois afetos importantes para mim em momentos diferentes da minha história.

Catarina recebeu a melodia que eu havia enviado, intencionalmente, sem qualquer contexto. Em estúdio, pedi a ela que a tocasse. Sem base, sem pulso, nada. No seu trabalho como compositora, ela cultiva uma relação muito particular com o tempo — sabe habitar o silêncio, deixar que o espaço sonoro respire, algo que admiro. Sabendo disso, pedi que improvisasse um pequeno enxerto a partir da melodia, e o resultado foi uma presença delicada, espaçada e forte. A música, que até então estava pronta apenas para acolher a linha principal, precisou ser reformulada, abrindo-se para esse novo

gesto. E assim, mais uma vez, entram no processo — em mim e na minha obra — o outro, o desvio, o improvisado, o acaso e tudo o que é incerto, mas pode nos enriquecer.

A presença do outro, aqui, não é apenas colaboração: é parte vital da transdução. É o passado sendo escutado no presente, e o presente sendo composto como gesto de resgate.

“Lavadeiras” também tapa um buraco emocional antigo. Tive um vínculo forte com minha avó, e reconheço muitas semelhanças entre nós. Mas seu modo severo de nos criar não deixou muito espaço para a saudade romântica e idealizada.

Envolver-me agora na ficção da vida dela, e poder transduzir isso em som, trouxe um conforto inesperado. Como se o som pudesse dar forma àquilo que só agora encontra espaço para emergir.

Outra ambiguidade que me chamou a atenção foi o fato de essa obra carregar o encontro entre dois homens privilegiados dentro da estrutura familiar: o irmão dela — o preferido da mãe — e eu, seu neto, também o preferido por ela. Percebi que, inconscientemente, ela repetiu o padrão que a limitou: a preferência pelo filho homem. Curiosamente, minha família é majoritariamente matriarcal. Cresci cercado delas, todas extremamente fortes e independentes, mas, culturalmente, o machismo demora a se diluir, mesmo na mão das mulheres.

Posteriormente, quando comecei a escrever letras, ainda sem ter plena consciência dessa repetição estrutural do masculino como voz central, escrevi “Lavadeiras II”. A ideia era recriar esta homenagem à minha avó, agora, pela voz do bisneto. Há cerca de quatro anos, Gustavo, em meio às suas pesquisas como ator, estava imerso nos cantos de trabalho afro-americanos, e lembro-me vividamente dele

cantar essas músicas com intensidade e presença. Aquilo ficou em mim como um gesto de força. Aqui em Portugal, através do trabalho do Coro de Música Popular⁹³ (de que faço parte há quatro anos) as canções ligadas ao trabalho ganharam uma nova dimensão para mim. Quando escrevi a letra, foi com Gustavo em mente, e com a intenção de que fosse cantada a capela com forte presença, como uma reverberação simbólica da nossa conexão a esta mulher forte e seu trabalho que semeou o caminho que hoje temos. Ao compor a partir disso, percebo: contar a história dela também é contar a minha. Ainda não a realizei em áudio, mas na esfera da concepção, já existe.

5.3. Do Efeito ao Significado: O Tempo como Matéria Sonora

Também entendo como transdução o modo como abordo a fragmentação, o tempo e seus efeitos. O uso de *delays*, *reverbs* e degradações tornou-se essencial nesse percurso.

Como “degradações” escolhi agrupar distorções e modulações sob um mesmo nome — um gesto mais interessado no efeito sensível do que na precisão técnica. O que me importa é a capacidade desses processamentos de transformar o sinal original, de desfigurá-lo, de fazê-lo dizer outra coisa.

Delay e *reverb*, para mim, não são apenas efeitos. São ferramentas de deslocamento — temporal, espacial, que servem perfeitamente à transmissão emocional dos temas que abordo. Com eles, conecto passado, presente e futuro dentro de um mesmo campo sonoro, onde tudo se mistura.

93 https://www.youtube.com/watch?v=wq_h3KnLmsA&ab_channel=AuditorioCCOP

O *delay* traz o passado de volta, mas no mesmo gesto, projeta uma expectativa de repetição. Gera continuidade, mas também espera; memória, mas também desejo.

O *reverb*, por sua vez, inscreve o som no espaço. Cria profundidade, reverberação, expansão sensorial. O som não se limita a um ponto: ele ocupa, vibra, permanece.

As degradações vão mais fundo. Elas falam daquilo que se perde, que se altera. São metáforas da escuta atravessada pelo tempo, pela experiência, pela interferência. O som que parte não é o som que chega — assim como a identidade que se expressa não é nunca a mesma que se forma. A degradação rompe com a ideia de pureza. Introduce o orgânico, o falho, o gasto. Tudo se transforma. Tudo se fragmenta. Tudo se decompõe, e é nessa decomposição que nasce outra forma de sentido.

Se o *delay* e o *reverb* trabalham com o espaço e o tempo para sugerir continuidade, resgate ou expansão, a degradação introduz ruído nessa linha: rompe, distorce, desvia. Coloca uma tensão sobre a clareza temporal e simbólica do som. O som que se degrada, que perde definição e tem suas características alteradas, espelha o funcionamento da memória: fragmentada, mutável, por vezes inventada. Ajuda-me a criar novas ficções. Obras como “Lavadeiras”, “No Fundo da Casa” e “Depois do Gesto” se valem deste recurso de modo bastante evidente.

Ao juntar essas três ferramentas (*delay*, *reverb* e degradação) posso criar uma espécie de narrativa sonora que transduz as transformações produzidas pelo tempo, pela experiência e pelas rupturas internas. Deixo uma paisagem em aberto para a interpretação de cada um.

Nas obras instrumentais, essa transdução se manifesta como sensação de transitoriedade: o som nunca está fixo. A paisagem está sempre em modificação e movimento sem indício claro de uma conclusão. O passado se insinua, o futuro é antecipado, o presente se desfaz. Como na memória, como na escuta, como na identidade: fragmentos que se sobrepõem sem formar um todo único, mas ainda assim nos dizem algo essencial.

5.4. O Acaso, Eu e o Outro

Em certo momento do processo, quando ainda pensava mais em uma instalação do que em um álbum, tinha certeza de que me afastaria da canção. Mas logo percebi que poderia transitar entre sonoridades distintas sem perder a consistência do que queria expressar.

Não foi uma escolha racional, foi uma permissão. Um gesto interno de deixar vir, de abrir espaço para navegar não apenas por mares já conhecidos, mas também por outros ainda pouco explorados. Abri-me a tudo o que aparecia como possibilidade: letras, poemas, ensaio literário, canções, colagens, *soundscaapes*, músico, técnico de gravação, mistura e masterização.

Fez sentido permitir que todas as partes de mim habitassem o processo. O intuitivo, o racional, o metódico, o improvisado. Todos coexistindo.

No fim, o processo se revelou coerente justamente por sua diversidade. Os fragmentos — que vinham sem aviso, sem direção — formaram uma paisagem dissonante, mas estranhamente fiel ao que sou neste momento. Coexistem com todas as minha ambiguidades, contradições e curiosidades. Falam sobre o que sou, o que não sei que sou e o que quero ser.

Essa fluidez entre formas e gestos também é uma transdução: da teoria em prática, da ideia em corpo, da escuta em linguagem. Fala sobre uma identidade como constante processo de construção.

Escolhi escrever as letras das músicas em inglês. Primeiro, por hábito de escuta, e por afinidade com a sonoridade desse idioma nas músicas que me formaram. Mas havia também uma outra razão: o inglês funciona, para mim, como uma camada de proteção.

Ao escrever nesse idioma, crio uma distância. As palavras não são imediatamente transparentes — dependem de tradução, de atenção. Isso me dá a sensação de que nenhuma frase será isolada do seu contexto. Se alguém se interessar pela letra, será por inteiro — ou a escutará de forma displicente, sem refletir sobre o que ali está exposto. Escrever em outra língua também me obriga a pesquisar, a escolher com mais cuidado, e acaba ativando um imaginário que não é exatamente o meu. Há um deslocamento nisso: estou a falar a partir de uma cultura que não me pertence completamente. Esse estranhamento me protege, mas também provoca — porque me força a sair de certos automatismos e a encontrar outras formas de dizer.

5.5. Entre Vozes: Poética da Escuta e do Desvio

Já os poemas, escritos em português, são mais diretos. Dois deles — “Final(idade)” e “A(À) partida” — foram interpretados pelo meu sobrinho Gustavo e integram o álbum em áudio.

Temos uma relação profunda de afeto, respeito e admiração mútua. Acompanhei sua trajetória, da Economia ao Teatro, e o desejo de fazermos algo juntos já existia. O mestrado foi o momento de concretizar essa parceria. Ele já havia participado com uma leitura na

instalação *Ode Machinal*⁹⁴, e o convidei novamente para interpretar esses textos.

Com vontade de experimentar, seguimos caminhos distintos em cada gravação como parte de um processo mais aberto.

“Final(idade)” aborda a racionalidade e o utilitarismo. Tenho a tendência imediata de definir utilidade para que as coisas, tenham então, sentido e valor. Tenho me reconstruído constantemente para permitir que sensações, emoções e subjetividades ganhem mais valor, independentemente de suas utilidades. Uma luta constante. Carrega ainda uma ambiguidade na escrita do título, onde a subdivisão sugerida da palavra remete tanto ao “final” quanto à “idade” - traçando um paralelo com o tempo. Essa ambiguidade sugere que a busca por finalidade é também, de algum modo, um confronto com limites. Assim, “Final(idade)” não se refere apenas à utilidade das coisas, mas também à forma como o tempo atravessa nossas experiências, marcando o valor que atribuímos a cada instante.

Convidei o Sérgio Vieira para gravar a bateria, mais uma vez, privilegiando o ambiente caseiro. Dei algumas diretrizes e referências e ele gravou o que quis. Mais uma vez, inspirado pelo desejo de me surpreender e de dar possibilidade ao outro - estando totalmente livre - de contribuir com sua própria voz. Escolhi a base que tinha um assento quase militar – fazia sentido trazer essa firmeza rítmica para figurar todo este lado pragmático e objetivo. Troquei algumas impressões com Gustavo Antunes para que ele fizesse a leitura. Chegamos a duas leituras com diferentes intenções. A ideia inicial era usar uma delas, mas, na edição, deixei as duas leituras sobrepostas.

94 https://linktr.ee/Zeh_Antunes

Acabei por ouvir um pedaço com as duas juntas, que, em tempos diferentes de execução, geraram um diálogo que deu nova dimensão ao poema.

O acaso e o desvio se fizeram presentes na sua melhor forma. Para além da dualidade do texto, da intenção das vozes (uma assertiva, outra sussurrada), o desalinhamento da leitura me mostrou ser possível explorar um diálogo do texto consigo. Fragmentos de si que dialogam e geram novo impacto. Desloquei as frases que falavam de sentir e pensar. Do lado esquerdo “para não pensar” e do lado direito “sentir”. fazendo uma alusão ao mito popular de que nosso hemisfério esquerdo do cérebro é mais analítico e o direito serve ao processamento das emoções.

O interessante deste resultado, que foi fruto de experimentação e algum grau de acaso, foi perceber como duas vozes, mesmo que digam a mesma coisa, podem gerar uma nova poética e mensagens ainda mais fortes através de um deslocamento no tempo e da escuta conjunta. Ouvir este comando duplo: “para não pensar” e “sentir” transformou a forma do poema que passou a existir de outro modo pela transposição da escrita para o áudio. Escrito, o poema é um, em áudio, outro: graças à escuta atenta e à permeabilidade de inclusão do outro e do desvio.

Fazendo um paralelo com o *phasing* de Steve Reich, é muito interessante ver como um mesmo recurso (o deslocamento) gera um outro significado, com resultado bastante diferente.

“A(À) partida” é o segundo poema. Responsável por abrir *Entre Lugares*, trata das questões existenciais do envelhecer, das contradições da vida e do que percebemos ao longo dela. Trata de pressupostos, mas também da partida. Sobre passarmos a vida a

buscar explicações até percebermos que não há. Trata da dificuldade de aceitar a incerteza, e da beleza que pode haver nesse gesto.

A leitura foi sugerida por Gustavo e, ao contrário do primeiro poema, pouco a retrabalhei. Para ela, criei a parte sonora usando a NoiZeh Box⁹⁵, um instrumento que construí. Reagi à leitura de forma intuitiva, compondo à medida que ouvia, sem planejamento prévio, sem uma narrativa fixa. Mais uma vez, usei camadas, efeitos, edição, mas a escolha dos sons vinha da associação imediata com o que eu ouvia.

Por ser um texto meu, reconheço os momentos-chave. Não de forma racional: é como se o corpo soubesse. Esse entrelaçamento entre consciência e intuição define muito bem a maneira como venho explorando a transdução, como um gesto sensível, que escuta e responde, sem precisar explicar, mas que também não consegue abandonar a memória de quem fui.

5.6. Linguagem, Ambiguidade e Escuta

O “A Palavra e o Abismo” trata da ambiguidade da comunicação, essa ferramenta essencial e, ao mesmo tempo, insuficiente na relação com o outro.

O que eu digo

O que eu penso que digo

O que você (tu) escuta(s)

Além da estrutura já ambígua do poema, as vozes múltiplas carregam outras camadas: as diferenças culturais (como o uso do “você” e do “tu” no mesmo idioma), as presenças de pessoas de

⁹⁵ https://linktr.ee/Zeh_Antunes

diferentes gêneros e sexualidades, tudo isso colore a escuta com significados múltiplos e subjetivos que podem escapar ao ouvinte.

Trabalhei a espacialização como metáfora: distribuí as frases nos canais direito e esquerdo, sugerindo que aquilo que dizemos e aquilo que pensamos que dizemos podem ocupar lugares distintos. Quando a mesma frase aparece simultaneamente nos dois canais, dita pela mesma voz, ela se destaca, como se a escuta plena (dos dois lados) permitisse maior presença da mensagem. Ainda assim, permanece o enigma: o que se escuta?

A estrutura da obra repete a sequência do poema em três arranjos diferentes. Ao fundo, desde o início, está presente uma paisagem sonora natural: o canto das aves, os insetos, o ambiente de uma floresta, lembrando que outros tipos de comunicação acontecem. Com o avanço das vozes, essa paisagem vai sendo encoberta. O excesso de mensagens (como o excesso de informação na sociedade contemporânea) dilui a escuta.

Interessante perceber que esta foi uma das obras mais racionais do processo. Ao contrário de outras peças mais intuitivas, aqui segui um método rígido, com intenções muito claras desde o momento que pedi para as pessoas gravarem a mensagem. Foi a única obra que nasceu pré-concebida. E, paradoxalmente, o tema da obra é justamente sobre aquilo que nos escapa ao controle: o sentido dado pelo outro, trazendo esta luta entre racional e intuitivo, mensagem e interpretação, intenção e desvio, eu e o outro. Trata da escuta como espaço partilhado onde o outro também cria sentido.

“A Palavra e o Abismo” me fez aceitar algo importante: não preciso me retirar da obra para ela ser honesta. Reconhecer meus próprios métodos — racionais ou intuitivos — é parte do processo. O álbum é,

no fundo, isso: uma conversa entre minhas virtudes e faltas. Entre o que fui, o que sou e o que pretendo ser. Penso que há sempre pretensão quando fazemos arte. Não no significado pejorativo da arrogância, mas do desejo e intenção de alcançar algo.

5.7. Canções: Voz, Falha e Intimidade

“Absence as My Skin” foi a primeira letra que escrevi. Logo depois, veio a melodia. Fala diretamente da ausência e de como ela nos molda.

É algo que sinto com força e que ficou ainda mais evidente durante esta pesquisa. Mesmo reconhecendo que algumas dessas dores talvez não façam mais sentido, elas me constituíram e, por isso, permanecem marcadas (como as cicatrizes invisíveis que Bowie canta em “Lazarus”).

Essa parecia ser a primeira canção do trabalho. Mas a parte sonora travou. A canção não avançou. E compreendi que esse bloqueio também dizia algo. Ela representa, talvez, a aceitação de um tempo novo: o tempo da escuta e da espera.

Em outro momento, eu teria forçado sua finalização. Mas agora entendo que ela ainda não está pronta. Percebo que a sensação que precisa estar contida nela não pode ser apressada. Não chegou seu momento.

“Absence as My Skin” entra neste trabalho como letra e como intenção. Como gesto de suspensão. Como convite. Uma canção futura — que ainda não compartilhei, mas que cada um pode imaginar ou recriar. Está aqui, presente na ausência, esperando sua materialização.

“Fiction I Wrote” é outra canção. Foi composta para piano e voz, com pequenos enxertos de guitarra. O piano, mais uma vez, evoca

minha infância — e pela primeira vez, gravei a voz sozinho. Foi um gesto simbólico importante de exposição e de vulnerabilidade.

Todas as vezes que a gravei (para a versão *Demo* e, posteriormente, em estúdio) estava absolutamente sozinho, tamanha a vergonha a insegurança que tenho na relação com a voz. Foi um desafio sem tamanho para o qual me preparei com algum esforço. Uma expressão de intimidade.

Na canção falo sobre os personagens que inventamos para sobreviver fazendo clara menção ao que atravessei no processo da sexualidade. Das máscaras que vestimos para sermos aceites. Dos fragmentos que nos compõem. Também trata da sensação, tão presente em mim, de que sem o outro, fechado em mim mesmo, falta o sentido.

*Constructed in quiet, locked within mine,
A mirror I inhabit, fractured, fractal, fragment...
A mirror reflects but cannot relate*

A versão demo, gravada em casa, me ofereceu um universo inesperado. Um espaço de fragilidade sonora, imperfeição e verdade. A sonoridade ali faz sentido como se fosse o reflexo mais honesto da ideia da canção. Por isso, resolvi incluí-la como um extra na sessão que chamei de “Reverberações”: ao final da fita cassete.

Esta canção é, para mim, uma transdução direta da identidade fraturada: não apenas no que diz, mas no modo como foi feita, no som que carrega e no modo como se mostra.

A sessão de gravação do piano manteve a mesma atmosfera de intimidade que permeia todo o projeto. Estávamos apenas eu e dois amigos recentes, mas bastante próximos nos últimos dois anos: Catarina, a pianista, e Sann, que fez alguns registros fotográficos.

Curiosamente, Catarina é taurina, como minha mãe e vários dos meus grandes amigos. Não que a astrologia tenha relevância, mas gosto de perceber esses acasos simbólicos no fato de ser ela a gravar esse piano que, de algum modo, também representa minha mãe.

A sessão foi linda. Começamos com a gravação da canção e, nos últimos minutos que restavam fomos improvisar livremente. Catarina ao piano, eu explorando o piano preparado — os sons de dentro do piano, produzidos com dedos, palhetas, bolas, baquetas e outros objetos — e Sann, contribuindo com toques na bateria. Foi mais um momento de escuta, intuição e presença. Não houve ensaio e tivemos um único take.

A interpretação que emergiu desta presença afetiva, acabou por se tornar parte inevitável do álbum — e também uma forma de trazer Sann para dentro do projeto como presença sonora. Assim nasceu “Fiction I Wrote (with 6 hands)” que completa a sessão “Reverberações” da cassete.

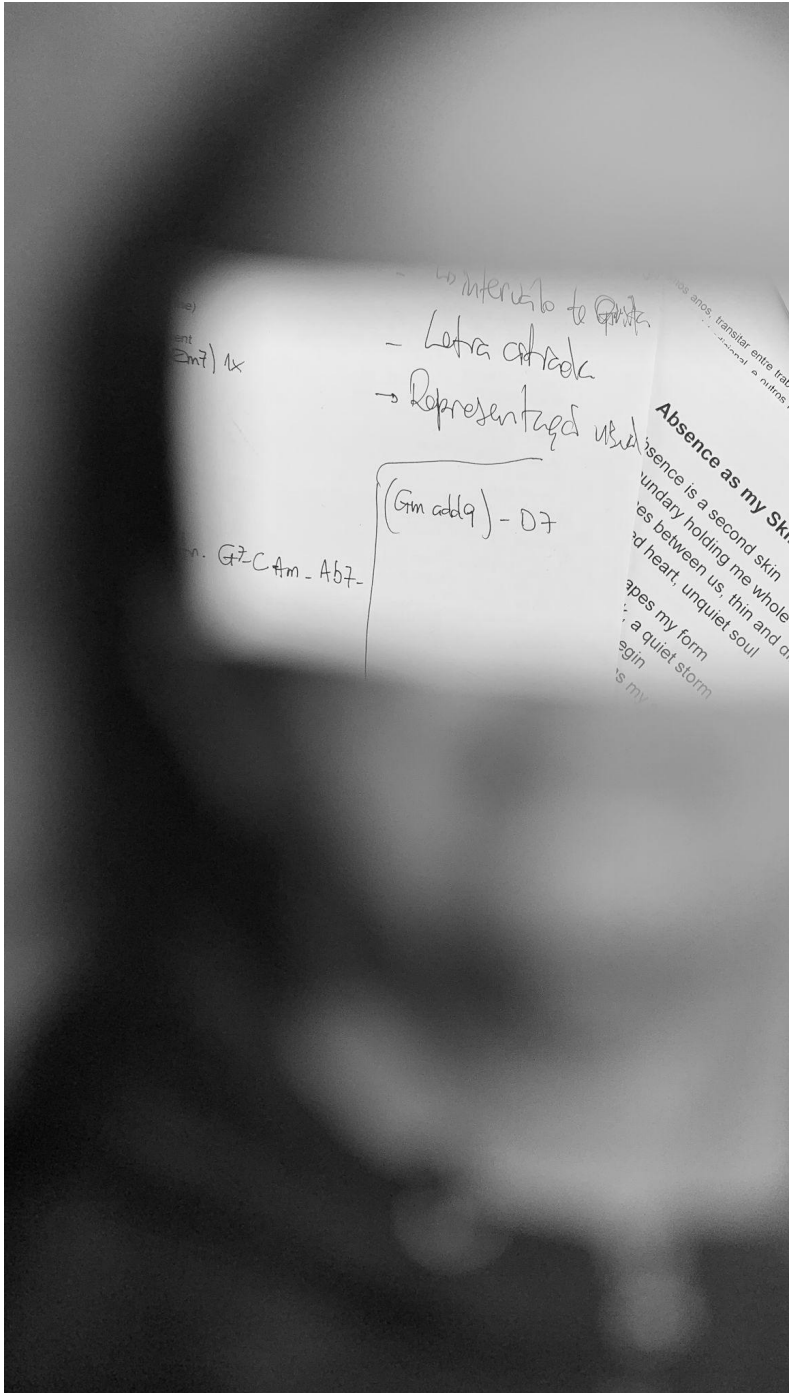
5.8. Transdução: Uma Linguagem Feita de Fragmentos

Falando de forma mais abrangente, percebo a transdução como a espinha dorsal de todo este processo, tanto no plano conceitual quanto na prática criativa. Ao invés de buscar traduções diretas entre ideias e sons, abracei um modo de composição que opera por deslocamentos, ecos, contaminações e escutas cruzadas. A transdução, nesse sentido, não foi uma ferramenta de representação, mas uma forma de existência do próprio trabalho. Ela se manifesta nas camadas, nos fragmentos, nas colagens e justaposições que não necessariamente procuram coerência linear, mas sim uma coerência sensível, feita de atravessamentos.

As obras carregam em si essa condição de transitoriedade, de não fixação. Estão em fluxo, assim como eu estive ao longo da criação. Cada peça surgiu de um lugar específico, de uma sensação, de uma memória, de uma ausência, de um gesto inesperado, de uma escuta alheia. E cada uma delas, mesmo que construída em um instante, parece aberta a continuar sendo — como se o tempo, o corpo e os encontros ainda pudessem tocá-las e transformá-las.

Aos poucos, fui compreendendo que essa multiplicidade de formas e estados não era ruído, mas linguagem. Uma linguagem feita de pedaços, de acasos, de materiais não hierarquizados. Uma linguagem onde a intuição e a reflexão, o íntimo e o coletivo, o presente e o passado, coexistem sem que um precise dominar o outro. Essa forma de construir, que se aproxima do modo como vivemos, lembramos, nos relacionamos, se tornou também uma forma de escuta. Escuta do outro, escuta do tempo, escuta do que não sei ainda nomear, mas que pulsa e se transforma em som.

Continuo a atuar como compositor. Mas agora entendo esse papel como alguém que organiza desordens, que acolhe o que emerge, que permite que as obras nasçam menos como resposta e mais como perguntas e, por vezes, como companheiras de algum caminho em que esteja a derivar. A transdução, para mim, é esse gesto: o de permitir que algo passe de um estado a outro, que uma ideia se torne vibração, que uma dor se transforme em forma, que uma ausência possa ser escutada. Não como explicação. Mas como presença.



Ficção do Olhar #6 – Colagem autoral. Zeh Antunes, 2025

Capítulo 6. Obras

6.1. Canções

6.1.1. Absence as My Skin

I wear absence as a second skin
A boundary holding me whole
The lines between us, thin and dim
A tethered heart, unquiet soul

Absence shapes my form
A stain in dusk, a quiet storm
In the hollow, I begin
To wear absence as my skin

In the glow of a fading flame
We find ourselves without a name
A line we cross but never break
Tracing ghosts we never named

Do you linger or am I blind
to the echoes we leave behind?
A touch dissolves, yet stays
Etched in the fabric of days

Absence shapes my form
A stain in dusk, a quiet storm
In the hollow, I begin
To wear absence as my skin

6.1.2. Fiction I Wrote

Threads of doubt
pulled taut and thin
Tangles form
Are never clear
Ball of Yarn (of Wool)
an untold prose
Who am I but the fiction I wrote?

Pieces of glass
refracting time
Constructed in quiet
locked within mine
A mirror I inhabit
fractured, fractal, fragment

Among the words
I built my faces
Each moment a doubt,
a step, a wait (a wake),
A mirror reflects
but cannot relate

I am the writer
I am the page,
Trapped in this
crowded maze

Through other's stare
I build my cage
A stranger face
a borrowed name
I drew a map
Of empty streets
and hidden faces

I am the anchor
I am the drift
A broken balance
A fragile shift
I am the writer
I am the page,
Trapped in this
crowded maze

6.1.3. Lavadeiras II (Working Song)

Morning breaks,
The day begins
Hauling water,
Laundry piled high.
Roll up the sleeves,
No time to rest
Still, we pray.

Backs that ache,
Hands that crack.
Soap and sweat,
Rubbing sorrow.
Praying time
Will wash us back.

Wash the sorrow,
Wash the pain.
Scrub the stain
Even if it stays the same.
Still we labor,
Still we pray,
That our children
Find their way.

Buckets empty,
White clothes hung.
Calloused fingers,
Unpaid debts.
But one day,
Some day

Wash the sorrow,
Wash the pain.
Scrub the stain.
Even if it stays the same.
Still we labor,
Still we pray,
That our children
Find their way.

6.1.4. Faded Identity

Glass in the bread again
Teeth grinding down to the bone
A taste of static, copper dust
Fingers scroll a dreamless glow

Eyes numbed, searching for
Names that never hold
A dial-tone prayer
No one answers
No one hangs up

Cold hands
Faded glow
One image
Blink and go
All mirrors became people
No faces left to wear

Everyone hums
A low buzz beneath the skin
Static sleeps under my tongue
A tremor in the eyelid
A pulse that snap

Cold hands
Faded glow
One image
Blink and go
All mirrors became people
No faces left to wear

6.2. Poemas

6.2.1. A(À) partida

Falo do passado

Sou novo

Falo do passado

Sei do presente

Que já foi futuro

Se parar de tentar, sinto

o fracasso

Se parar, sinto

o fracasso

A (À) partida, o tempo

não existe

Dilata

como nós

Encolhe

como nós

Sabemos

A (À) partida, sou outro

Sou novo

Sou velho

Sempre entre

um segundo atrás

e outro adiante

A (À) partida

não sabemos

A (À) partida, não sei

A (À) partida, sou eu

sou novo, velho

E o tempo...

não existe

Outro, talvez

O que fica

quando vou

Já senti-me mais velho

quando era mais novo

Já senti mais gravidade

ao meu redor

A (À) partida,

não sei,

não sou, só

sou

6.2.2. Final(idade)

Escrever em tempos de silêncio,
ler em tempos de guerra
criar mais fronteiras,
duvidar do sentido,
temer o vazio,
fazer de novo.

Para carregar um peso que ninguém vê,
confundi-lo com força
confundi-lo com fraqueza.

Para sentir a falta e o amor
reencontrar num sonho
e acordar incerto
contar os segundos entre o trovão e a luz.

Para recuar com um ruído repentino,
pensar no que poderia ter sido,
evitar certos caminhos,
pisar em todas as rachaduras

Para temer perder tempo,
desperdiçá-lo mesmo assim
Rever o tempo

já me senti pior
depois melhor.

Para se arrepende de uma frase
dizê-la de novo, de outro jeito
não dizê-la nunca, engolir
o pensamento

Para esquecer o que ia dizer
querer lembrar, mas não com clareza
querer esquecer, mas não por completo

Para querer chorar, sem transbordar
Para querer sentir, sem descontrolar
Para não transparecer
Para ficar partir dizer
ouvir sentir

Para aceitar e negar
Para ter vontade de ir embora e ficar parado
Para mudar de assunto,
Para não pensar (3x)
Para mudar de assunto e acabar voltando
ao mesmo lugar
Mudar de assunto e voltar
ao mesmo lugar

6.2.3. Onde Jaz

Onde a certeza, agora jaz,
multiplicam-se
os afagos
as trocas
gestos de nada
se fazem corpo
num instante

os olhos não fixam
tudo se move
mesmo parado
mesmo calado

Multiplicam-se os gestos
que não terminam
No meio das trocas
sou quase, sou pouco
sou resto, sou
pleno

A certeza jaz
no lugar onde fui
no intervalo da fala
Na busca do signo

Multiplico o que não sei

E tudo
jaz
incerto
como devia
como sempre
como agora

6.2.4. Oco

Pensar — só
uma parte vai
outra fica

Uma que é
outra que some

E penso

Às vezes continuo
contínuo
linha
margem
água, vento
coisa que passa

Sumo
um dia
e outras vezes
no meio do dia
num buraco

sem nome
sem som
sem chão

Então eu,
cada eu
passa

E o buraco...
fica
espreita
abre

eu fico
me acho
me enrolo
me perco

sumo
volto
revolto

e passo
de novo

6.2.5. Espelho

Coisas são.

Os. As.

A gente... pior.

Coisas — espelho.

Coisas que são.

Às vezes

só pra ver.

Espelho-homem.

Impaciente,
precisa do espelho.

Precisa ser.

Precisa ver que é...

Único?!?

... para?

Existe.

E... e?

Existe?

Somos a, o, x.

Vamos.

Fomos.

E...

Porque ama.

Porque é lento.

Porque é saudade.

Ver-se gente.

Ver-se quase.

Entender-se ser.

Rápido demais.

Tarde demais.

Sempre demais

Porque ser é assim:

falta

e excesso

6.2.6. Euoutro

Nunca sei
como fui
visto

talvez eco
talvez vulto
talvez tudo

um gesto
uma fala
um tropeço
um não que disse
sem pensar
uma saída de um jogo

nunca sei
o que fica
no outro

sou memória?
sou detalhe?
sou sobra?

às vezes
alguém diz
o que viu de mim

e eu nunca sei
se era eu
ou outro

não sei
se ainda sou
aquele
de ontem

às vezes o outro
me inventa
melhor
às vezes, pior

e tudo se move
a cada história contada
sem que eu saiba
sou um som
que ecoa em alguém
e fico diferente
retorno outro

sou invenção
sou leitura
sou reflexo
sou euoutro

6.3. Obras Sonoras

Ao final da produção, cheguei ao álbum *EntreLugares*, apresentado como objeto físico em fita cassete e também disponível em *streaming* por meio de um QR Code.

Lado A		Lado B	
1. A(À) partida	2:00	7. Final(idade)	2:33
2. O Tempo e a Margem	4:04	8. Depois do Gesto	6:27
3. Lavadeiras	10:02	9. Outridade	7:08
4. A Palavra e o Abismo	2:20	Reverberações – extras	
5. Fiction I Wrote	6:22	10. Fiction I Wrote (with 6 hands)	8:45
6. No Fundo da Casa	4:44	11. Fiction I Wrote (Demo)	4:34
A - Tempo Total	29:30	B - Tempo Total	29:37



6.4. Obras Visuais

Ao longo do projeto, desenvolvi uma série de colagens — tanto manuais quanto digitais — que se tornaram elementos da obra.

6.4.1. Série *Limites* (3 imagens)

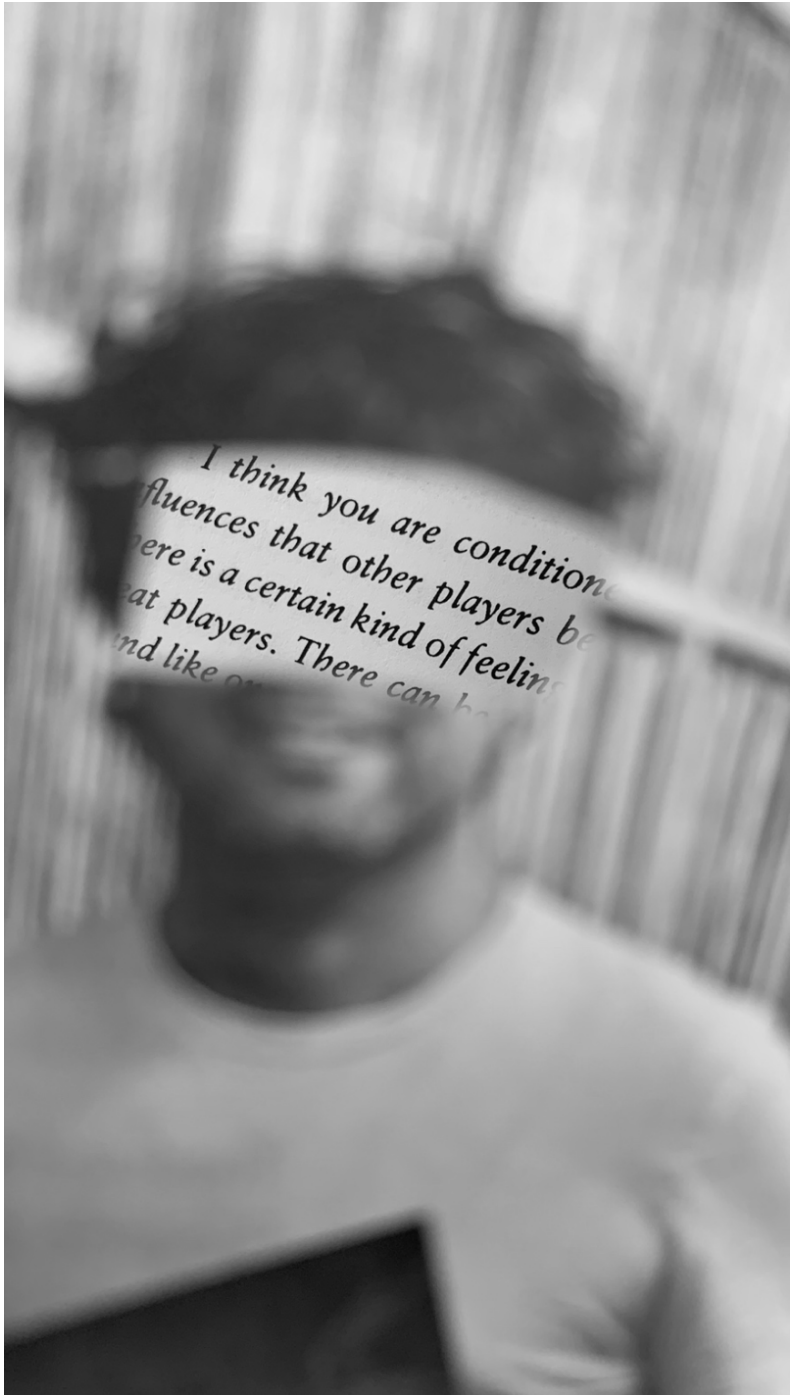
Colagem manual registrada em três momentos distintos, composta por uma multiplicidade de olhares recortados. O resultado integrou a capa, a contracapa do livro e a capa da fita cassete.

6.4.2. Série *Ficção do Olhar* (12 imagens)

Colagem manual criada a partir da sobreposição de imagens com os olhos removidos sobre trechos de livros utilizados na pesquisa, combinados a fragmentos textuais desenvolvidos durante o processo. Essas composições foram aplicadas nas divisões de capítulos do livro e na identidade visual da fita cassete.

6.4.3. Série *Personas* (11 imagens)

Colagem digital, produzida a partir de fotografias pessoais de arquivo, criando uma persona única para cada faixa sonora. As Personas — formadas por fragmentos meus e das pessoas que me cercam — são apresentadas impressas, como parte do objeto artístico final, cada uma com QR Code no verso que a vincula à respectiva obra em *streaming*. Essa abordagem materializa o intangível do universo virtual, reforçando a conexão entre objetos físicos e memórias afetivas.



Ficção do Olhar #7 – Colagem autoral. Zeh Antunes, 2025

Capítulo 7. Notas Finais de um Corpo em Trânsito

EntreLugares é um trabalho que habita zonas de passagem, de fronteira, de sobreposição. Nada aqui se fixa inteiramente. Trata-se de um percurso entre tempos, entre espaços, entre versões de mim e do outro. Uma travessia. *EntreLugares* não é apenas o nome, mas a própria condição de existência.

7.1. Alteridade, escuta e solidão no processo

As cartas, os depoimentos e os sons trocados abriram espaço para questões profundas, sobre mim, sobre o outro e sobre as relações que nos atravessam. Percebi que escrever e reinventar memórias é também uma forma de estar com alguém, de viver um tempo de atenção verdadeira, com qualidade afetiva. Ao mergulhar nessas trocas, compreendi que, mais do que refletir sobre o passado, eu estava exercitando outro modo de estar: atento, silencioso e envolvido.

Muitos sentimentos vieram à tona. Algumas amizades se redimensionaram, pelo reencontro, pelo silêncio, pela distância e pela ausência. Com cada pessoa, passei um tempo, um tempo de escuta, de leitura, de reflexão e de sensações. Também percebi o quanto é raro capturar a atenção de alguém no ritmo atual das vidas aceleradas. Dedicar-se genuinamente ao outro, sair de si e da própria rotina é raro. Exige escuta, exige afeto e generosidade. Porque quando doamos nosso tempo, estamos oferecendo algo realmente precioso. Por isso, sou imensamente grato pelas muitas respostas e participações que recebi.

Mesmo quando pensamos e criamos a partir da alteridade, com livros, obras e pensamentos que nos colocam diante de tantos “outros”, nada substitui o convívio direto com quem partilhamos a

vida: os amigos, a família e as relações que atravessam o cotidiano. Pensei como os músicos têm o privilégio de encontros imediatos, em que se toca junto, se reage e se escuta com o corpo. Há algo de mágico nessa comunhão sem palavras.

Também reconheço que os processos de reflexão intensa podem nos afastar de estar com o outro. Conheço mentes brilhantes, generosas no pensamento, que se transformam pelos livros e obras que os atravessam, mas, que no convívio cotidiano, não possuem escuta e, sem troca viva, sem a atenção mútua, o afeto empobrece. E, mesmo cercados de vozes, permanecem sós.

Fiquei a pensar como este processo de composição carrega em si uma forte tensão entre alteridade e solidão. Nos meus outros trabalhos a solo, era comum enviar rascunhos e ideias para alguns poucos amigos — geralmente o Ponderado e o ArgutoTardio — com quem trocava impressões ao longo do percurso. Já neste trabalho, percebo que não compartilhei quase nada durante o processo. Mesmo meus orientadores só tiveram acesso a versões bastante adiantadas das obras. Muitas das pessoas que participaram não sabiam exatamente no que aquilo resultaria, só conheceram o trabalho quando ele já estava finalizado.

Refleti sobre as possíveis leituras disso. Uma delas é que, talvez pela primeira vez, senti confiança suficiente na direção que tomei e no que buscava. Como se, por conta da profundidade e da personalidade deste processo, a “aprovação” do outro não fosse tão necessária.

Ao mesmo tempo, é curioso notar que este é justamente um projeto que trata da alteridade, em que ela está voluptuosamente presente no conteúdo. Há, portanto, um paradoxo: a alteridade é o tema, mas a composição se deu tendo uma profunda solidão no método. Percebo

que a presença do outro mudou de posição. Não é mais a que valida um resultado, mas a que gera insumos e vive dentro da composição.

Essa imagem me fez lembrar da linda e poética abordagem que aparece em reflexões sobre a condição insular que sublinham o mar como uma fronteira ambivalente: pouca terra e muito mar, espaço de separação e de contacto, de isolamento e de pertença coletiva. A metáfora do arquipélago que ressoa⁹⁶ carrega precisamente essa tensão: o mar é o que separa, mas também o que une — é o meio através do qual as ilhas trocam ressonâncias, experiências e dúvidas.

7.2. Corpo, som e composição

As obras instrumentais que compus neste projeto nasceram desse impulso: deixar que a intuição guiasse o gesto. Estar presente no ato, reagir ao que se ouve, sentir mais do que organizar. Já nas faixas com a palavra, emergiu inevitavelmente uma estrutura narrativa mais racional, mais arquitetada. Há aí uma dualidade que aceitei sem conflito — talvez porque evidencie minha própria constituição.

A pesquisa sobre fragmentação e a imersão neste processo tornou possível algo que antes me parecia incompatível: trabalhar com estéticas distintas dentro de um mesmo corpo de obra. O contínuo da racionalidade conviveu com os picos de improviso e com os ruídos e descobertas acidentais. O que me agrada no álbum é o conjunto, que se afirma pelo desequilíbrio, pelo desvio e pela falta. O projeto não apresenta uma identidade fixa, mas uma paisagem em trânsito, onde as obras, em vez de se somarem de forma linear, deslocam, friccionam e espelham umas às outras.

96 Fernando José Pereira. (2024). *O arquipélago que ressoa* (1ª ed.). Lisboa: Stolen Books

As narrativas instrumentais caminham por espaços íntimos, por afetos sem nome. São evocativas, não descritivas. Criam universos abstratos, mas permeáveis, como se alguém caminhasse por dentro de uma memória sem saber de quem ela é. A impossibilidade de repetição das obras é, nesse contexto, mais do que uma limitação técnica: torna-se uma metáfora viva. Nenhuma das faixas que compus, assim como nenhuma das versões de mim que habitei, pode ser integralmente reencenada. Mas todas seguem comigo, como camadas que se sobrepõem.

A escolha pela fita cassete tem um caráter essencialmente simbólico, que me conecta à infância. A imagem da parede do meu pequeno quarto, coberta por cassetes — descrita por Amélia de Beauvoir e reiterada em outras cartas que mencionam minha ligação com a música desde criança — foi suficientemente forte para me conduzir a esse formato.

A presença física do objeto também resgata algo que marcou minha história e que, para mim, carrega um valor distinto do *streaming*. Como comentei anteriormente, com base em Benjamin⁹⁷, relacionar-se com objetos e coleções é uma forma de construir sentido, memória e identidade a partir da materialidade.

Há ainda outro aspecto, que caminha na direção oposta à lógica da instantaneidade: a exigência de algum esforço para que o objeto seja desfrutado. Isso me remete ao tempo em que ia a locadoras para alugar CDs, copiava-os para cassetes e, só depois, podia escutá-los com calma.

97 Benjamin, W. (2009). Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação (M. V. Mazzari, Trad.) Duas Cidades:

Hoje, conseguir um reproduzidor de cassetes já não é tão simples e essa pequena dificuldade ativa uma relação diferente com a obra. Talvez mais demorada, mais íntima. Mesmo que a versão digital exista, o gesto de escutar a fita torna-se uma escolha que exige presença.

Ao final do processo, percebi que “Lavadeiras” foi a primeira música que compus para alguém. Embora tenha surgido com foco na minha avó, houve a clara presença da minha bisavó e da minha mãe. Mas acredito que o alcance da canção seja ainda maior.

É uma homenagem ao feminino, às mulheres fortes da minha família que, de diferentes formas, foram corresponsáveis pela pessoa que me tornei. Por isso, entendo que essa homenagem se estende também às minhas irmãs e às mulheres, em geral.

Outra mudança importante foi perceber o quanto este processo de composição, baseado em pesquisa, transformou meu modo de criar, ampliando imensamente as possibilidades de como compor.

7.3. A escrita, os afetos e o tempo por vir

Várias pessoas contaram que a experiência de vasculhar a memória e escrever foi mais significativa do que imaginavam. Para mim, esse processo foi tão rico que a escrita se tornou parte essencial do trabalho e, a pesquisa que se iniciou voltada para o som, acabou por resultar também neste ensaio. Descobri na escrita uma ferramenta para materializar intuições e dar forma às sensações. Escrever permite reler, repensar, ver por outros ângulos e habitar os contornos e nuances. É um exercício de cuidado, de escuta e de presença no sentido mais profundo.

Ao longo de todo o percurso, cito ambiguidades e contradições, e acredito que este tenha sido o grande desafio: enfrentá-las, reconhecê-

las e aprender a conviver com elas. Aprender a negociar e buscar equilíbrio entre os antagonismos que nos habitam. Como o pensar e o sentir, por exemplo.

Na reação à carta do Narrador (capítulo 4.42), conto a história de como aprendi a apreciar o carnaval a partir de uma palestra. Essa talvez seja a melhor ilustração de que o pensamento não precisa ser oposto à sensação e que, muitas vezes, é preciso aprender a sentir. Vivemos em uma sociedade tão controlada e em uma cultura tão enraizada em certas normas que acabamos distantes da corporalidade e das sensações. Aprendemos a pensar, mas não a sentir — como se sentir fosse apenas intuitivo, instintivo. Talvez seja hora de reconhecermos que sentir também se aprende.

Uma outra história: tenho uma conhecida que, de vez em quando, encontro em concertos. Sempre que o concerto se afasta do que podemos chamar de música convencional, ela me diz que não gostou. Em algumas situações, noto até certa indignação como, por exemplo, quando a encontrei no concerto de Phil Minton⁹⁸. Talvez, há vinte anos, eu também tivesse ficado indignado. Porque o que me sensibilizou a ponto de me permitir sentir algo em concertos mais experimentais, chegou até mim através da intelectualidade. Foi necessário ler, assistir palestras, ouvir e exercitar-me — mais uma vez — perante o outro, para que se criasse em mim uma abertura e uma nova dimensão de escuta.

Portanto, esse também foi um aprendizado importante. Cada pessoa chega a novos caminhos a partir da sua própria linguagem, daquilo que a toca. Não precisamos abandonar o pensamento ou a

98 <https://www.philminton.co.uk/>

lógica, mas podemos usá-los como ferramentas para acessar outros lugares. Foi isso que tentei fazer ao longo deste processo: usar-me como sou, com o que tenho, para trilhar novos caminhos. Por isso, o álbum traz canções, palavras e sons. Todos os fragmentos coexistem em mim.

Me chamou a atenção nas cartas, que mesmo entre amigos muito íntimos há muitas coisas que nunca foram ditas. Fica evidente que o que é dito é sempre menos do que aquilo que permanece em silêncio. Há camadas de silêncio que se mantêm por pudor, por hábito, por medo, por falta de ocasião. Talvez resida neste ensaio uma tentativa de nomear o que costuma permanecer oculto, o que fica suspenso no ar entre duas pessoas.

A escrita, neste contexto, tornou-se um gesto que não é apenas revelador de mim, mas também de quem está ao redor. Ao escrever sobre mim, exponho os contornos das relações. Com isso, permito que quem me conhece encontre aqui outras camadas do que sou, talvez nunca ditas. Mas o objetivo maior não é confessional. O que desejo é que esta exposição parcial, afetiva, construída em fragmentos, possa encontrar ressonância em outras pessoas que não me conheçam.

É neste ponto que acredito que a escrita encontra sua força: quando, ao falar de si, abre espaço para que o outro se veja. Ao revelar uma intimidade, oferecemos um espelho. Talvez esse seja o gesto capaz de criar passagens entre subjetividades. A empatia nesse percurso não surge da identificação plena, mas da escuta aberta, da possibilidade de acolher uma história que não é a nossa como se, por um instante, pudesse ser.

Ao escutar as obras já após a masterização, reparei em algo narrativo que se revela nas “Lavadeiras”. Em um trecho, meu tio-avô

diz: “... indiretamente, prejudiquei minha irmã.”. A princípio, pensei que talvez o termo mais adequado fosse “involuntariamente”, mas logo percebi que a escolha da palavra pouco alterava o essencial: muitas vezes carregamos responsabilidades que não são nossas. Ele não foi o responsável por ter sido favorecido por sua mãe, e tampouco ela foi a criadora de um sistema de privilégios. Ambos apenas reproduziram papéis marcados por uma estrutura social mais ampla, internalizada de forma quase automática. As desigualdades de gênero, como tantas outras formas de assimetria, não nascem nas decisões individuais, mas se reproduzem por meio delas. Mesmo sem intenção, atuamos dentro de um enredo que já vem escrito. É por isso que, muitas vezes, o sentimento de culpa é desproporcional ou mal direcionado — porque não conseguimos distinguir o que é nosso daquilo que herdamos. Talvez seja essa uma das tarefas mais difíceis e importantes: entender quais fardos nos foram impostos, reconhecer como os perpetuamos e encontrar maneiras de reinterpretá-los. Só assim podemos agir com mais consciência e presença, criando uma relação mais justa com os outros e conosco.

Sempre olhei para o mundo com curiosidade e isso faz com que minha vida seja cheia de graça. É um presente. Por vezes reconheço-me anestesiado em relação às sensações mais sutis. Vivemos numa cultura que valoriza a resposta imediata, a performance constante, e é fácil perder a conexão com os sinais mínimos do corpo, do espaço e do outro. Tento, aos poucos, resgatar a escuta, a presença, a contemplação — dimensões que não podem ser apressadas nem produzidas por força de vontade. O silêncio, por exemplo, que ainda não consigo habitar com naturalidade, acena como uma possibilidade. Não o silêncio absoluto, que sabemos ser irreal, e talvez nem mesmo

o silêncio de Cage. Mas o meu silêncio como campo de abertura e de acolhimento. Um lugar onde eu mesmo talvez possa me escutar com mais honestidade.

Talvez o movimento constante que venho habitando - geográfico, profissional, existencial - ainda me impeça de explorar plenamente o silêncio. Ou talvez, o plenamente não exista. É um lugar utópico que serve sobretudo para nos alimentar.

Desacelerar não apenas o fazer, mas o pensar é um objetivo. Um passo necessário para perceber a profundidade do que está por vir.

Sigo em busca de uma escuta que aceite o intervalo, o vazio, o não saber. Talvez eu precise calar muitas vozes internas para lá chegar. Vozes que julgam, que comparam, que exigem. Um convite para futuros mais contemplativos, mais atentos às pausas como um desdobramento natural de um percurso que reconhece a si mesmo em constante transformação.

Agradeço imensamente a todos que participaram por seu largo contributo e também aos que não participaram e que, na ausência e no seu silêncio, me deram outros tantos pensamentos, elaborações e certamente, muitas sensações e sentimentos.

Bibliografia

Barthes, R. (1984). *A câmara clara: Nota sobre a fotografia* (J. Guinsburg, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bailey, D. (1992). *Improvisation: Its nature and practice in music*. Da Capo Press.

Benjamin, W. (2009). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (M. V. Mazzari, Trad.). Duas Cidades: Editora 34.

Benjamin, W. (1985). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, Vol. 1; S. Paulo: Brasiliense). (Obras originais publicadas entre 1928 e 1940).

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).

Carmelo, L. (2022). *Respiração pensada*. Lisboa: Abysmo.

Cage, J. (2019). *Silêncio: conferências e escritos* (B. Bastos & I. Tirelli Neto, Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó. (Obra original publicada em 1961)

Crary, J. (2016). *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (L. S. L. de Oliveira, Trad.). Ubu Editora. (Obra original publicada em 2013).

Han, B.-C. (2015). *Sociedade do cansaço* (A. J. L. Dias, Trans.). Vozes. (Obra original publicada em 2010).

Han, B.-C. (2020). *Do desaparecimento dos rituais* (L. Leitão, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água. (Obra original publicada em 2019)

Han, B.-C. (2021). *Sociedade paliativa – A Dor Hoje* (L. Machado, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 2020).

Han, B.-C. (2022). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje* (L. Machado, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 2016).

Han, B.-C. (2023). *A crise da narração* (D. Guilhermino, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 2021).

Han, B.-C. (2023). *Vita contemplativa ou sobre a inatividade*. (L. Machado, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 2022).

Heidegger, M. (2002). *Ser e tempo* (F. Bezerra, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1927).

Louis, É. (2024). *Mudar: Método* (M. Scalzo, Trad.). São Paulo: Todavia

Louis, É. (2023). *Quem matou meu pai* (M. Scalzo, Trad.). São Paulo: Todavia

Louis, É. (2018). *O fim de Eddy* (F. Angiolillo, Trad.). São Paulo: Tusquets

Medina, J. (2024). *Deitar a cabeça no colo do tempo*. Editora Patuá.

Pessoa, F. (1934/2015). *Mensagem* (p. 37). Lisboa: Ática.

Rilke, R. M. (2007). *Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke* (U. Baer, Org.; M. C. Mota, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento* (K. S. Baptista, Trad.). Editora UNESP. (Obra original publicada em 2000).

Rubin, R. (2023). *O ato criativo: Uma forma de ser* (B. Medina, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante.

Salomão, W. (1996). "Carta aberta a John Ashbery" em *Algaravias: câmara de ecos*. Rio de Janeiro: Rocco.

Schafer, R. M. (1977). *The tuning of the world*. New York: Knopf.

Soares, B. (2006). *Obra Essencial de Fernando Pessoa - Livro do desassossego* (R. Zenith, Org.). Lisboa: Assírio & Alvim.

Szymborska, W. (2020). *Para o meu coração num domingo* (R. Przybycien & G. Borowski, Trads.). São Paulo: Companhia das Letras

Wardle, B. (2022). *Mark Hollis: A perfect silence*. London: Rocket 88.

Weil, P., Leloup, J.-Y., & Crema, R. (2011). *Normose: A patologia da normalidade*. Petrópolis: Vozes.

ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO
ARTES E TECNOLOGIAS DO SOM

EntreLugares:
Autoetnografia entre Memória, Presença e Alteridade
José Antunes Luzia Junior

